Diálogo dos Oradores:
a retórica da decadência

Victor Bernardo Chabu

3 de outubro de 2022
(versão corrigida)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C429d

Chabu, Victor
Diálogo dos Oradores: a retórica da decadência (versão corrigida) / Victor Chabu; orientador Adriano Scatolin - São Paulo, 2022.
170 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.

1. Diálogo dos Oradores. 2. Tácito. 3. retórica latina. 4. prosa imperial. 5. intertextualidade. I. Scatolin, Adriano, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): __Victor Bernardo Chabu_____

Data da defesa: __26___/_08____/_2022___

Nome do Prof. (a) orientador (a): _____Adriano Scatolin_____

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, __03__/__10___/__2022___

_____

(*Assinatura do (a) orientador (a*)

Resumo

Neste trabalho apresentamos uma tradução do *Diálogo dos Oradores*, de Tácito, que procura ser fluente, respeitadora do tom e das figuras do texto latino, atenta ao jargão da retórica e portadora de comentários e de um certo aparato crítico mínimo, permitindo ao leitor de língua portuguesa fruí-la não apenas em sua forma dialógica de estilo neociceroniano, mas também no fundo histórico e teórico em que se insere de debates retóricos e políticos do Principado do primeiro século. A tradução do *Diálogo* é precedida por uma introdução ao contexto de publicação da obra e a sua transmissão, bem como por uma revisão de sua fortuna crítica e do equipamento conceitual mobilizado. Ao final, analisamos a situação dramática e os discursos apresentados, e concluímos que Tácito se vale de estratégias intertextuais de criação de sentido, a fim de debater o exercício da retórica nos regimes políticos experimentados por Roma. Isso ele faz contrastando o conteúdo moral-programático da *Institutio Oratoria* de Quintiliano e do *De Oratore* de Cícero com o exemplo socrático dos diálogos platônicos, sobretudo do *Fedro*.

Palavras-chave: *Diálogo dos Oradores*; Tácito; retórica latina; prosa imperial; intertextualidade.

Abstract

In this work we present a translation of Tacitus' *Dialogus de Oratoribus* which seeks to be fluent, respectful of the pitch and figures of the Latin text, attentive to rhetorical jargon, and that contains some comments and a certain minimal critical apparatus, so as to allow the Portuguese-speaking reader to enjoy it not only in its neo-Ciceronian dialogical form, but also in the historical and theoretical background it is inserted in, regarding the rhetorical and political debates of the first century Principate. The translation of the *Dialogus* is preceded by an introduction to the work's context of publication and its transmission, as well as a review of its critical fortune and the conceptual toolkit it mobilizes. At the end, we analyze the dramatic setting and the speeches presented, and conclude that Tacitus uses intertextual strategies in order to create meaning, so as to debate the exercise of rhetoric within the political regimes experienced by Rome. He does so by contrasting the moral-programmatic content of Quintilian's *Institutio Oratoria* and Cicero's *De Oratore* with the Socratic example in the Platonic dialogues, especially in the *Phaedrus*.

Keywords: *Dialogus de Oratoribus*; Tacitus; latin rhetoric; imperial prose; intertextuality.

Sumário

Agradecimentos **11**

I Introdução **13**

1 O texto em contexto **15**

1.1 Roma, Tácito, o *Diálogo dos Oradores* e eu 15

1.2 *Status quaestionis* 22

1.2.1 Localizando a voz de Tácito 26

1.2.2 Os discursos do *Diálogo* enquanto declamações 27

1.2.3 Tendências mais recentes 32

2 O projeto **37**

2.1 Contribuições originais 37

2.1.1 Recepção do *Diálogo*: uma outra perspectiva 37

2.1.2 Tradução do *Diálogo*: uma outra versão 44

2.2 *Excessus* filológico: nosso fatiche 47

II Tradução **53**

3 Texto latino e tradução **55**

Notas **101**

3.1 Notas relativas ao texto latino 101

3.2 Notas explicativas da tradução 103

III Análise **107**

4 Os discursos de Apro **109**

4.1 Características formais 109

4.2 A deficiência sistemática da argumentação 111

4.2.1 Contraste com Quintiliano 116

4.2.2 Problema doutrinário do *Magnus Annus* 125

4.3 Tácito realiza um programa retórico 130

5 Questões abertas sobre Materno **137**

5.1 Materno, o sofista? 137

5.2 Testamento de Materno, testamento de Sócrates? 140

5.3 Materno falou com seu δαίμων? 148

5.4 A pedra angular 155

Conclusão e perspectivas **163**

Referências **164**

Agradecimentos

SILVIAE MAGISTRAE LVDI
QVAE GRADVM LIBRVM PRIMVM
PRIMA IN MANVS MEAS
TVLIT

O mais importante e mesmo urgente agradecimento que devo é às pessoas que contribuíram concretamente não apenas para o projeto, mas para minha formação geral em estudos clássicos e língua latina. Isso porque não segui a jornada usual do estudante de letras, mas, depois de já possuir alguma carreira em outra área e mesmo ter estado do lado oposto de uma banca de titulação, quis reorientar meu percurso acadêmico para um campo nem um pouco afeito a minha trajetória anterior. Não há caminho prévio traçado para tanto, e nisso acabamos dependendo sobremaneira da acolhida daqueles que, em especial no começo, reabrem-nos oficiosamente as portas da Universidade.

A Adriano Aprigliano e Marcelo Fernandes, portanto, meus professores de língua latina ao longo de ano e meio, os quais, mesmo eu ouvinte, trataram-me de modo absolutamente indistinto de seus alunos regulares. Igualmente, e sempre em meu benefício, fizeram numerosos outros docentes de língua e literatura latinas, aos quais estendo agradecimentos pelos conselhos e orientações que me guiaram à reentrada na pós-graduação, e pela disponibilidade que vários demonstraram em acompanhar minha eventual pesquisa. A Marly Matos, nominalmente, pelos convites espontâneos para os projetos mais inovadores, o que só fez incrementar meu sentimento de pertença à comunidade latinista.

A Adriano Scatolin, sobretudo, quem afinal cometeu a imprudência de aceitar um aluno até então sem o lastro de realizações que eu mesmo exigia de alunos meus, e quem esteve assiduamente presente quando solicitado, solicitamente distante quando a introspecção se fez necessária. Sua atenção e paciência apenas se reafirmaram face ao desafio de tocar grande parte dos trabalhos durante um período tão difícil. Ainda que restritos à correspondência eletrônica, e mesmo diante da imensa sensação de isolamento, senão do isolamento efetivo, sua prontidão em responder a despeito dos avanços da hora foi tal, que nunca me encontrei em desamparo, nesta época em que tantos colegas, por falta de expectativa e financiamento, são forçados a abandonar seus estudos.

Hoje não sugiro que algo bom sempre possa ser tirado das dificuldades, em respeito ao luto dos muitos que estão lidando com as perdas prematuras e as sequelas de mais de um mal que nos acometeu, mas lembro de um lugar-comum popular, inventado por Tolkien. Se não podemos escolher o momento histórico em que vivemos, resta-nos a decisão do que fazer com o tempo dado. Trabalhar em dobro, devolver à sociedade, em sua língua, a obra-prima que me ensinou a ler ao me dar a Universidade de São Paulo para frequentar – onde, aliás, há o privilégio de poder estudar com quem traduz os livros que citamos – só foi possível graças ao esforço dos funcionários da faculdade, de seus departamentos, das secretarias e, na medida do possível, mesmo da biblioteca, ao continuarem seus afazeres em modo remoto; em particular, dos docentes, que tempestivamente adaptaram ao novo formato cursos há muito estabelecidos na sala de aula. A todos esses.

Finalmente, aos membros da banca avaliadora, professores Isabella Tardin Cardoso, Pablo Schwartz Frydman e Renata Cazarini de Freitas, não somente pela disposição em escrutinar as centenas de páginas de uma dissertação, participar das várias horas de uma defesa e ainda ter que deliberar longamente sobre tudo, mas em primeiro lugar pelo rigor do critério com que leram este trabalho; leitura que tão profícua se revelou pelas valiosas sugestões que tanto me ajudaram a qualificá-lo, e rigor que, nos procedimentos da academia, não significa outra coisa senão respeito pelo autor e consideração pela obra.

Em tempo, acredito que um agradecimento, desses dos mais importantes, mesmo urgentes, não seria completo ou verdadeiro se também não fosse de todo público, e com isso quero dizer, além de conspícuo, irrefragavelmente claro.

A Sílvia Letícia, professora do ginásio, quem primeiro pôs em minhas mãos um manualzinho de latim.

Parte I

Introdução

Capítulo 1

O texto em contexto

1.1 Roma, Tácito, o *Diálogo dos Oradores* e eu

Tácito[1] iniciou sua vida pública como orador e, sendo um *homo nouus*, isto é, alguém sem pais ou ancestrais que tivessem exercido altos cargos políticos, subiu os degraus da carreira pública, o *cursus honorum*, impulsionado por seu talento oratório (e talvez com alguma ajuda de um bom casamento), até atingir o posto de cônsul sufecto em 97 d.C. Por esse tempo, Roma já vivia em um sistema político centralizado na figura do *princeps*, o imperador, havia 130 anos (Otaviano recebera o título de *princeps* em janeiro de 27 a.C.), e mesmo o cargo de cônsul já perdera muito da autoridade que tivera durante a República.

Também a importância simbólica do consulado, ainda relevante, sofria com a depreciação que lhe causavam as intervenções eivadas de favoritismo do imperador quando da indicação dos cônsules, outrora escolhidos em eleições extremamente acirradas; é famosa a anedota de que Calígula queria nomear cônsul seu cavalo Incitato (Suet. *Cal.*, 55: *Incitato equo [...] consulatum traditur destinasse*); isso talvez tenha sido uma piada de mau gosto de Calígula contra o Senado, talvez uma difamação de historiadores, como Suetônio, contra Calígula, mas de todo modo é um indicativo da crise de valores naquela sociedade. O próprio estabelecimento do consulado sufecto como cargo permanente[2], com o objetivo de aumentar o número anual de cônsules de 2 para 4 (um deles sendo sempre o imperador), já apontava para a relativização do prestígio desse posto, conforme pretendeu-se usá-lo para reacomodar a disputa por posições de uma elite emergente, oriunda das diversas províncias do império e dos povos que se romanizavam, cada vez mais frequentada por *homines noui* e sobrenomes estrangeiros à antiga elite republicana[3].

[1]Referências gerais para a introdução histórica dada neste capítulo: Van den Berg (2014b), Dominik e Hall (2007, Part II), Mayer (2001, Intr.), Nicolet (1976), Syme (1958).

[2]Na República, um cônsul sufecto somente seria escolhido se o cônsul fosse impedido de exercer o cargo, *e.g.* por morte; já no Principado, era comum os cônsules renunciarem a fim de vacarem o cargo para seus "vices", os cônsules sufectos.

[3]Syme (1958, cap. 9) explica como o processo de criação de novas elites emergidas a partir das

O próprio Tácito era, com toda probabilidade, de origem gaulesa, e apesar de sua jornada bem-sucedida de "*self made Roman*" – tendo inclusive chegado a um dos graus máximos da magistratura imperial, em 112 ou 133 d.C., o de procônsul da Ásia –, sua obra deixa transparecer certa desilusão, não tanto com as próprias realizações, mas com o que poderíamos chamar de realizações do talento, com a possibilidade de as capacidades e méritos de um indivíduo lhe renderem o devido reconhecimento. Sintoma disso está, por exemplo, na biografia que escreveu de seu sogro, Agrícola, conquistador e depois longevo governador da Britânia, que se afastou da vida pública e declinou o cargo de procônsul da África, diz Tácito, por interferência de Domiciano, em *tam saeua et infesta uirtutibus tempora*[4] (Tac. *Ag.*, 1.4); está também no *Diálogo*, na voz de um dos oradores, ao declarar, sobre o poder e influência de certos importantes oradores do Principado, que *tantum posse liberti solent*[5] (Tac. *Dial.*, 13.4), referindo-se às intrigas e maquinações de que os funcionários próximos ao poder seriam capazes.

Outro fator que certamente colaborou para esse pessimismo difuso da obra tacitiana foi a instabilidade política que acometeu Roma, de forma crônica, durante a maior parte do séc. I, e os seguidos períodos de transição de governo violenta, marcados por paranoia, perseguições e proscrições[6]. Por sinal, nas proscrições a oratória teve um papel determinante, pois como o regime imperial se fundava em uma propaganda de restauração da República e mantenimento da liberdade, não havia leis de censura ou específicas contra opositores políticos, de modo que os oradores a serviço do príncipe eram obrigados a processar os oponentes com base em acusações de conspiração, traição ou, muito comumente, corrupção, e portanto fazer um exercício retórico considerável para dar uma aparência de legalidade à opressão política.

Os *delatores*, como eram chamados, foram figuras tanto mais odiadas e temidas, quanto escolhiam como alvo cada vez menos apenas os opositores do regime, e cada vez mais desafetos pessoais ou indivíduos que, simplesmente, eram ricos (eles ficavam com um quarto dos bens dos proscritos). Winterbottom (1964) chega a defender que a grande razão de Quintiliano ter imprimido em sua *Institutio Oratoria* um caráter moral tão acentuado era prevenir que o treinamento retórico desse espaço para o surgimento de novos *delatores*, e, como veremos ao longo do texto, a sombra deles paira todo o tempo sobre os assuntos discutidos no *Diálogo*, uma obra a todo momento em intertexto com a *Institutio*.

---

províncias (ainda que muitas vezes de ancestralidade romana) esteve ativo por décadas antes, por assim dizer, do reconhecimento oficial dos fatos que veio pelas extensões da cidadania romana a diversos povos, no último século da República.

[4] *Tempos tão ferozes e infensos às virtudes.*

[5] *Poder isso tudo, libertos podem.* Os *liberti* eram escravos libertos, que não raro alcançavam altos postos na administração romana; ver Nota 20 da Seção 3.1, e Gudeman (1894, p. 104, 163).

[6] Condenação dos inimigos políticos à morte ou ao exílio, subsequente apreensão de todos seus bens, e repartição desses entre o imperador e seus aliados.

Um *delator* particularmente detestado por Tácito foi Marco Régulo, de quem seu amigo Plínio fala em várias cartas, sempre nos piores termos: *Regulus filium amisit, hoc uno malo indignus, quod nescio an malum putet*[7] (Plin. *Ep.*, IV.2.1). É notável, portanto, que um dos debatedores do *Diálogo* seja justamente irmão de Régulo, Vipstano Messala, fato que por si só demonstra as perigosas veredas por onde o autor sabia estar transitando. Entretanto, é verdade que o *Diálogo dos Oradores* foi publicado presumivelmente nos primeiros anos da década de 100 d.C.[8], quando se inaugurava uma época de estabilidade que dava a impressão de haver sepultado as antigas turbulências e os antigos malfeitores:

> *sed utcumque se habent ista, bene fecit Regulus quod est mortuus; melius, si ante. nunc enim sane poterat sine malo publico uiuere, sub eo principe sub quo nocere non poterat.*[9] (Plin. *Ep.*, VI.2.4)

Mas Tácito suspeitaria de que essa era de paz seria duradoura de um século? Poderia prever que à frente viriam 20 anos de Trajano, 20 de Adriano, 20 de Antonino, 20 de Marco Aurélio, o imperador-filósofo? Penso que não. Mesmo Plínio demonstrava consciência da estreiteza política da abertura que viviam – talvez apenas efetiva no tocante à segurança pessoal e patrimonial dos cidadãos –, uma situação que fomentava o debate sobre a possibilidade de a oratória voltar a exercer seu papel central no exercício do poder, como fora durante a República, ou sua definitiva relegação a atividades consideradas menores.[10]

> *haec tibi scripsi, primum ut aliquid novi scriberem, deinde ut non numquam de re publica loquerer, cuius materiae nobis quanto rarior quam veteribus occasio, tanto minus omittenda est. [...] sunt quidem cuncta sub unius arbitrio, qui pro utilitate communi solus omnium curas laboresque suscepit.*[11] (Plin. *Ep.*, III.20.10–12)

[7] *Régulo perdeu o filho, o único mal que não merece, e que não sei se considera um mal.* Na sequência da carta, Plínio explica como Régulo aproveitara a ocasião para se apropriar da grande herança materna do jovem, e como, apesar de velho, já pensava em novo casamento. *Incredibile, sed Regulum cogita. Incrível, mas pensa em Régulo* (Plin. *Ep.*, IV.2.2).

[8] Ver a discussão em Mayer (2001, Intr. Sec. 8).

[9] *Mas, do jeito que as coisas estão, fez bem Régulo por ter morrido; melhor faria, se antes. Pois agora é certo que teria podido viver sem o mal comum, em um principado sob o qual não teria podido causar danos.*

[10] É importante destacar que a advocacia em si não era uma atividade menor, mas sim a advocacia de causas privadas. As atividades dignas de um romano de alta extração eram tradicionalmente três: militar, senatorial, judicial (Mayer, 2001, p. 3); as últimas duas envolvem direta e principalmente a oratória. Se é certo que o discurso senatorial já não podia ser livre, para alguns estudiosos como Mayer (2001, p. 4) o escopo dos discursos judiciais também estaria reduzido à medida que as causas públicas mais importantes cada vez mais se decidiam diretamente pelo *princeps*. Por outro lado, em Dominik (2007, p. 334-336) podemos ver que tal afirmação deve ser matizada, dado que a oratória forense continuava podendo mobilizar uma multidão capaz de lotar o fórum por dias seguidos, suscitando a presença do imperador em pessoa. Sobre o assunto, ver Rutledge (2007) para uma discussão mais aprofundada.

[11] *Escrevi-lhe sobre isso, primeiro para escrever sobre algo novo, depois para falar de vez em quando de assuntos do interesse público, que devemos tanto menos negligenciar, quanto mais raro é o espaço que temos para eles em relação aos antigos. [...] Tudo, de fato, está sob o arbítrio de uma única pessoa, que, para o proveito comum, se encarregou sozinha das preocupações e dos problemas de todos.*

A geração de Tácito chegou à maturidade excessivamente marcada pelo rescaldo de governos do naipe de Calígula, Nero e outros que, se não ficaram tão famosos por participarem da categoria "tiranos dementes", não foram menos brutais. Ao invés de acenar para a esperança, a ação dramática do *Diálogo* é ambientada durante o reinado de Vespasiano, provavelmente em 75 d.C.[12], um intervalo de paz frágil e bastante tensa entre o pavoroso ano dos quatro imperadores e o governo de Domiciano, que acabou em violência. Os oradores do *Diálogo*, portanto, também acreditariam estar vivendo um período de estabilização, e em uma década ver-se-iam diante de novas proscrições; um deles, Curiácio Materno, aproveitou a suposta calma sob Vespasiano para, por assim dizer, falar com a antiga liberdade, *uti antiqua libertate* (Tac. *Dial.*, 27.3), e por conta disso teria acabado condenado à morte e executado[13], provavelmente em 91 d.C., após um demorado processo que, da acusação à sentença, teria paulatinamente piorado ao longo de 15 anos e 3 reinados de decepções.

É nesse ambiente que, por volta de 102 d.C., o *Diálogo* começa como uma carta de Tácito a Fábio Justo[14], continuando o que seria uma discussão frequente entre eles:

> *cur, cum priora saecula tot eminentium oratorum ingeniis gloriaque floruerint, nostra potissimum aetas deserta et laude eloquentiae orbata uix nomen ipsum oratoris retineat.*[15] (Tac. *Dial.*, 1.1)

À guisa de resposta, o autor se põe a rememorar um debate que teria ouvido décadas antes, entre oradores exímios, pelo menos para aquele tempo (Tac. *Dial.*, 1.2: *ut illis temporibus*); um deles, Materno, recitara sua tragédia *Catão* e com ela incomodara alguns poderosos (plausivelmente o próprio imperador, Tac. *Dial.*, 2.1: *offendisse potentium animos*), por isso seus amigos Júlio Segundo e Marco Apro foram-no visitar no dia seguinte, a fim de convencê-lo a amenizar o enredo e torná-la não necessariamente *meliorem* (melhor), mas pelo menos *securiorem* (mais segura, Tac. *Dial.*, 3.2). O esforço dá em nada, pois Materno não apenas não aceita retificar *Catão*, como promete ser ainda mais crítico em *Tiestes*, sua próxima tragédia (Tac. *Dial.*, 3.3: *si qua omisit Cato, sequenti recitatione Thyestes dicet*). Catão de Útica, não custa lembrar, foi a nêmesis de Júlio César e, por extensão, do que viria a ser o Principado; grande defensor da República, cometeu suicídio em 46 a.C. a fim de negar a César, já vencedor, o poder de absolvê-lo por aquilo que não considerava crime. Já Tiestes era uma personagem mitológica envolvida em problemas políticos oriundos de sucessões dinásticas (e canibalismo), o que dispensa comentário.

[12] Se entendermos como o "ano" a palavra *statio* em *sextam iam felicis huius principatus stationem qua Vespasianus rem publicam fouet* (Tac. *Dial.*, 17.3).

[13] Sobre a possível execução do Materno histórico, ver a discussão no Capítulo 5, Seção 5.1.

[14] Segundo Syme (1957, p. 135), Fábio Justo era amigo de Tácito e Plínio, uma pessoa cultivada, mas que abandonara a carreira oratória pela militar como forma de ascensão no *cursus honorum*.

[15] *Por que, tendo tido gerações anteriores que floresceram com o talento e o sucesso de tantos oradores de renome, é justamente a nossa época, estéril e orfanada dos méritos da eloquência, que quase não preserva nem mesmo a designação de orador.*

Independentemente do que realmente tenha ocorrido (até mesmo porque, como veremos na Seção 5.1, a identidade de Materno é incerta), e de qual fosse a posição de Tácito nos debates retóricos do séc. I (se é que alguma), certo é que se solidificou muito cedo na crítica moderna a ideia de que teria havido uma decadência da oratória romana durante o Principado, na verdade da própria literatura, a ponto de o séc. XIX ter chegado a referir-se a um "latim de prata", do tempo de Tácito, Plínio e Quintiliano, em contraste com o "latim de ouro" do séc. I a.C., de Cícero e Virgílio. Não se discute que esse tenha sido um tópico do próprio pensamento romano[16], sobre o qual estaríamos hoje muitíssimo mais bem informados, especulo, tivesse sobrevivido o tratado *De causis corruptae eloquentiae* de Quintiliano; mas devemos tomar à letra tudo o que se produzia e dizia nessa sociedade extremamente complexa, e de cultura altamente sofisticada, que era Roma?

Vejamos o que diz sobre o assunto uma das personagens do *Diálogo*:

> *"nam multum interest utrumne de furto aut formula et interdicto dicendum habeas an de ambitu comitiorum, de expilatis sociis et ciuibus trucidatis. quae mala, sicut non accidere melius est isque optimus ciuitatis status habendus est in quo nihil tale patimur, ita, cum acciderent, ingentem eloquentiae materiam subministrabant. crescit enim cum amplitudine rerum uis ingenii, nec quisquam claram et illustrem orationem efficere potest nisi qui causam parem inuenit.*[17]" (Tac. *Dial.*, 37.4-5)

Ela fala de oratória, ou de política? Em chave positiva, ou negativa? E se considerarmos sua outra fala:

> *"quid enim opus est longis in senatu sententiis cum optimi cito consentiant? quid multis apud populum contionibus cum de re publica non imperiti et multi deliberent, sed sapientissimus et unus?*[18]*"* (Tac. *Dial.*, 41.4)

Quem chega a alguma conclusão, leia de novo, pois essas são falas do mesmo Materno que arriscava o pescoço ao escrever tragédias para denunciar os vícios morais do poder romano, e ele ainda arremata (Tac. *Dial.*, 41.4): *quid uoluntariis accusationibus cum tam raro et tam parce peccetur? quid inuidiosis et excedentibus modum defensionibus cum clementia cognoscentis obuiam periclitantibus eat?*[19] Por que Tácito, sabendo que

[16] Sobre o tópico da decadência em Roma: Lévy (2003).

[17] *"Ora, há uma grande distância entre ter de discursar sobre um furto ou petições e despachos, ou sobre fraude eleitoral, saques contra aliados e massacres de cidadãos. Esses males, assim como é melhor que não aconteçam, e como o regime político ideal a manter é aquele em que não passamos por nenhum deles, conforme iam acontecendo, forneciam uma enorme matéria para a eloquência. Afinal, é com a envergadura do assunto que cresce a força do talento, e ninguém pode produzir um discurso iluminado, brilhante, a não ser que encontre uma causa parelha."*

[18] *"Afinal, para que servem os longos pareceres no Senado se os senadores prestamente entram em acordo? Para que as muitas assembleias populares se delibera sobre os assuntos públicos não uma multidão de ignorantes, mas um único e grande sábio?"*

[19] *Para que as acusações de iniciativa própria quando são tão raras e insignificantes as faltas? Para que as defesas sobremaneira maliciosas quando a clemência do inquiridor vai em socorro dos acusados?* A expressão *acusação de iniciativa própria* refere-se a acusações que um indivíduo faria contra um réu, sem no entanto ter sido incumbido dela pelo Senado ou pelo imperador (Gudeman, 1894, p. 378).

Materno arriscava acabar morto (se é que de fato não acabou), poria tais afirmações na boca dessa personagem – e no lugar reservado tradicionalmente à opinião mais autoritativa do debate, pois vem quase no fechamento do *Diálogo*? E, se partirmos da hipótese ingênua de que o autor realmente nada fez, senão relatar uma verdadeira conversa que ouvira, como conciliar a frase com outras palavras e atitudes de Materno, que mais cedo declarara ter abandonado o fórum (Tac. *Dial.*, 11.3: *me deiungere a forensi labore constitui*) justo por conta do *lucrosae huius et sanguinantis eloquentiae usus*[20] (Tac. *Dial.*, 12.2)? As interrogações não param por aí. Quanto mais íntimo se fica desse texto, mais se desconfia de que nada ali é o que parece, ou melhor, mais parece que tudo ali pode estar dizendo bem aquilo que o leitor quiser ouvir. E nem nisso Tácito nos dá sossego: no final das contas, o *Diálogo*, como obra unitária, significa mesmo alguma coisa, com tantas inconsistências e com a evasividade persistente da voz de quem o escreve?

Penso que sim. Penso até que a chave para compreender o *Diálogo* não está, como hoje a crítica especializada propõe, nas entrelinhas ou nos duplos sentidos, muito menos no conteúdo dos discursos, aliás muito próximos do que teria sido o senso comum da época[21]; ela está, em parte, na concretude do contexto histórico exposto[22], do qual Tácito agiu como curador, interessado, creio, em polemizar com aquilo que a teoria retórica tem de moral e politicamente idealista, conforme defende a *Institutio*. Proporei no Capítulo 4 que, ao invés de responder a essa obra ponto por ponto, com uma argumentação precisa, como se escrevesse um tratado filosófico – e na falta de uma câmera com que literalmente filmar um debate "real" de oradores –, Tácito (d)escreve uma conversa cujos desencontros ocorrem porque são inerentes à vida e aos ideias de personagens pretensamente de carne e osso, cuja prática cotidiana não consegue refletir sem certas "rugosidades" sua técnica teórica[23]. Não falta estratégia a essa curadoria pretensamente documental[24] (Tac. *Dial.*, 1.3: *non ingenio, sed memoria et recordatione opus est*), haja vista, por exemplo, dos discursos de Apro e Messala, os quais, somos levados a crer, ocorreram por volta de 75 d.C., mas fazem alusões das mais diretas e perceptíveis à *Institutio Oratoria*, publicada em 96 d.C[25].

[20] *Prática dessa eloquência lucrativa e sanguinolenta.*

[21] Revisitaremos alguma bibliografia sobre tais correntes hermenêuticas nas Seções 1.2, abaixo, e 2.1.1, no Capítulo 2.

[22] Sobretudo no tocante à prática e à função sociais da oratória; ver Rutledge (2007).

[23] Daremos sentido mais preciso a essas "rugosidades" no Capítulo 4 (em particular no parágrafo da linha 38, à página 113). Trata-se de limitações e relativizações que devem ser impostas aos preceitos da retórica, a fim de que ela se mantenha operacional no fórum romano do Principado. Por exemplo, quanto à remuneração do orador, ver nesse mesmo capítulo a discussão a partir da página 117, linha 34.

[24] Tampouco o gênero documentário, no cinema, é isento de *ingenium*. Sobre isso recomendamos o Capítulo 10 de Bordwell e Thompson (2013), em particular o contraste que faz sobre as formas retórica e categórica de documentário.

[25] No *Diálogo dos Oradores* há uma transitividade sistemática entre o tempo dramático e o tempo da publicação; ver Dressler (2013, p. 5) e nossa discussão na linha 36 da página 34 abaixo, e ainda, sobre a repercussão disso para o caso específico de Materno, as Seções 5.2 e 5.3 deste trabalho.

Por isso, se formos a fundo nos discursos das personagens (e iremos, na Parte III desta dissertação), encontraremos inúmeros outros exemplos de inconsistências, algumas internas à lógica dos discursos, outras em relação às ações dos oradores, e muitas em contraste ao próprio cenário do *Diálogo*. Talvez nenhuma delas seja maior que a de julgar a oratória decadente em discursos de altíssima qualidade retórica, coletados em uma carta que se inicia como busca para elucidar o desaparecimento dos grandes oradores, e termina sendo ela mesma prova da continuidade, na pessoa de seu autor, da presença deles[26].

Porém, em não menor parte, essa chave interpretativa que procuramos está no intertexto com diálogos de Platão e Cícero, notadamente com a díada *Fedro* e *De Oratore*. Tanto as semelhanças como as marcadas diferenças entre o *Diálogo* e o *De Oratore* já têm sido objeto de inúmeros trabalhos[27], e, ainda que em número mais modesto, outros pesquisadores fizeram o mesmo com relação aos textos platônicos[28]. De minha parte, pretendo mostrar ao longo do Capítulo 5 como, à luz do *exemplum* Socrático, o comportamento de Materno, ora parecendo ingênuo e idealista, ora derrotista, conformista, revela-se de um idealismo corajoso e, sobretudo, plenamente consciente. A título de exemplo, veremos na Seção 5.2 como uma de suas maiores inconsistências, à primeira vista – dizer que a *securitas* dos cidadãos é melhor resguardada pela inocência que pela eloquência (Tac. *Dial.*, 11.4: *securitatem [cuiusque] melius innocentia tuetur quam eloquentia*), dado o estado de coisas em Roma – tem seu sentido transformado e acaba transcrevendo uma grande coerência moral e resolutividade política. Para insistir na metáfora cinematográfica, é como se Materno fosse a imagem negativa de Sócrates: na imagem positiva a luz reflete e a revela tal como é; em um negativo, a revelação ocorre quando a luz passa pelo filme e é filtrada por ele, invertendo as áreas de claro e escuro do quadro capturado.

Assim é o *Diálogo dos Oradores*, um fractal de referentes instáveis, que por cada ângulo reflete uma verdade contrária, e consistentemente produz significado através das inconsistências que apresenta. Assim foi Tácito, um homem que navegou com excelência pelas marés traiçoeiras de uma época revolta e, sobrevivendo a ela, legou-nos essa obra-prima, também esse enigma, que há 1900 anos intriga e deleita aqueles que nele mergulham.

---

[26]Van den Berg (2014a, p. 305), em particular, defende que Tácito dispõe o enredo de modo a veicular uma série de interesses próprios, entre outros, apresentar a si mesmo como um novo lumiar da oratória, negando o que seria o próprio mote da obra; ver a citação à linha 10 da página 34).

[27]O próprio Mayer (2001) não deixa de apontá-las na seção de comentários; ver também um levantamento bastante completo em Keeline (2018).

[28]Em particular, Breitenbach (2010), ao afirmar que Tácito teria emulado no *Diálogo* a estrutura d'*O Banquete* a fim de afastar-se do ideal de orador estipulado por Cícero (e recuperado por Quintiliano na *Institutio*), que afinal emulara o *Fedro*. Diz já no resumo: *Cicero hatte sich für das Setting von* De Oratore *auf den* Phaidros *berufen; indem Tacitus unter Umgehung von Ciceros* De Oratore *auf das platonische* Symposion *zurückgreift, mindert er die Relevanz, die Ciceros Rednerideal [...] hat.* Embora eu não concorde com isso e, ao contrário, argumente na Seção 5.2 que também no *Diálogo* a personagem Materno emula o Sócrates do *Fedro*, esse artigo não deixa de apontar uma proximidade intrigante entre a estrutura do *Diálogo dos Oradores* e a d'*O Banquete*.

1.2 *Status quaestionis*

A fortuna crítica do *Diálogo dos Oradores* mudou radicalmente ao longo dos cinco séculos desde que o texto foi redescoberto, em 1425, em Hersfeld (Hesse, Alemanha), em um manuscrito[29] contendo também *Agricola* e *Germania*, o qual sabemos que em 1455 encontrava-se na Biblioteca Vaticana, porém sem a parte correspondente a *Agricola*, obra apenas reencontrada em Jesi (Ancona, Itália) em 1902 (Stuart, 1909, p. xxv-xxvi). O trecho de Jesi[30] traz uma provável cópia direta do *Agricola* do *codex Hersfeldensis*, datado do século IX, e é hoje o vestígio mais antigo conhecido dos *opera minora* de Tácito, visto que o restante do manuscrito de Hersfeld acabou por se perder uma vez mais.

Assim, o *Diálogo* é conhecido apenas por cópias de uma única fonte, ela mesma já em estado precário. Pior, os manuscritos disponíveis hoje sequer vêm diretamente do *codex Hersfeldensis*, mas são cópias de cópias humanistas já posteriores a 1455. Pelo manuscrito de Jesi, do *codex Aesinas*, vê-se que o texto já havia sido intensamente corrigido por um primeiro escriba medieval, e depois recebera correções suplementares e variantes de um segundo, também medieval; mesma coisa fizeram os humanistas que recopiaram o trabalho após o século XV, de modo que é difícil traçar as relações estemáticas entre os vários manuscritos nos quais se baseiam as presentes edições críticas[31].

Ora, as dificuldades filológicas envolvendo o *Diálogo* não são sem efeito para a sua crítica. Embora o tratamento que lhe dispensaram copistas e editores tenha deixado o texto, na maior parte, perfeitamente legível, restam dúvidas em relação a passagens cruciais para entender o posicionamento das personagens no debate que encetam. A principal é a lacuna a partir de Tac. *Dial.*, 35.5, presente em todos os manuscritos conhecidos (presumivelmente já no *Hersfeldensis*), de tamanho desconhecido (embora possivelmente pequena[32]), que é particularmente problemática, porque de imediato seguem-se a ela falas que com toda a probabilidade devem ser atribuídas a Materno, mas que à primeira vista opõem-se quase diametralmente a tudo que esse orador havia dito antes no *Diálogo*. A diferença é tão chocante, que autores como Gudeman (1894) chegam a defender que o discurso em Tac. *Dial.*, 36.1-41.5 não poderia ser da personagem de Materno, mas sim da de Segundo, hipótese extrema que depende de admitirmos a existência de uma outra lacuna após Tac. *Dial.*, 41.5, da qual não teria sobrado traço na história filológica do texto.

[29] *Codex Hersfeldensis*, desaparecido.

[30] Incorporado no *codex Aesinas Latinus 8*, hoje renomeado *codex Vittorio Emanuele 1631*.

[31] Principalmente os *codices Vaticanus 1862*, *Vaticanus 1518*, *Neapolitanus IV c21*, *Ottobonianus 1455*, *Leidensis Perizonianus XVIII Q 21*, *Marcianus 4266*, *Vindobonensis s.n. 2960* e *Bruxellensis 9145*. Para mais detalhes, ver Heubner (1983) e Winterbottom e Olgivie (1975).

[32] Murgia (1979). Para a visão contrária, Häussler (1986).

A favor de um discurso desaparecido de Segundo é que ele é a única das personagens a não discursar em momento algum, embora esteja em cena desde o começo da obra[33]. Logo no início do *Diálogo*, Materno externara seu desejo de que uma terceira parte ouvisse e desse um veredito sobre quem tinha razão na infindável discussão *retórica* × *poética* que vinha tendo com Apro[34]; Segundo pondera que, por não ser imparcial, retirar-se-ia do caso, como fazem os juízes decentes[35], mas não sabemos se essa recusa foi de fato aceita pelos companheiros, pois em Tac. *Dial.*, 5.4 Apro diz, segundo o texto estabelecido, *quatenus arbitrum litis huius †inueniri†*, literalmente: *já que um juiz deste caso ser encontrado.* Tanto parece que ou o verbo está mal conjugado, ou falta parte de uma locução verbal (ou ambos), que todos os editores sugerem nos aparatos críticos diversas emendas ao trecho.

Se algo falta, o contexto faz suspeitar que o que falte seja um termo de negação, como a solução adotada por Mayer (2001), †⟨*non*⟩ *inuenimus*†, dando *já que* <u>*não encontramos*</u> *um juiz deste caso*, o que explicaria o silêncio de Segundo: sua opinião já é conhecida, é a de Materno, ele é parcial e portanto vai se abster de julgar. Mais tarde, em Tac. *Dial.*, 16.3, o próprio Materno corroborará a tese de coincidência de opiniões ao prometer, pelos dois, que completariam no que julgassem necessário o discurso de Messala contra os posicionamentos de Apro[36]; nesse caso, faltará também explicar por que, afinal, o *et ego et Secundus* de Tac. *Dial.*, 16.3 (Nota 36) teria se tornado, na prática, um "*et ego et ego ipse*" ao fim do *Diálogo*. Ao contrário, se a passagem se resolve, por exemplo, em *já que* <u>*pudemos*</u> *encontrar um juiz*[37], também não seria de esperar que em algum ponto Segundo externasse seu veredito? Onde melhor para isso que perto do fechamento da obra, talvez mesmo como último discurso? Como nenhuma das duas soluções parece satisfatória, o debate sobre o passo continua em aberto (Murgia, 1978; Possanza, 1995; Güngerich, 1980).

Voltando ao problema da identidade do orador em Tac. *Dial.*, 36.1-41.5, embora vários tenham sido os candidatos propostos[38], há um consenso crescente de que se trata

[33]Evidência que, devemos convir, é fraca, pois no primeiro dia do *De Oratore* de Cícero, do trio Crasso, Antônio e Cévola, esse último tampouco discursa no âmbito do debate sobre a melhor formação do orador (embora participe, de forma menos extensa, de outros pontos da conversa); fora que, em muitos aspectos, Apro parece ser uma emulação de Antônio, e Materno, de Crasso, assim que sobraria a Cévola nosso enigmático Segundo; ver *e.g.* Keeline (2018).

[34]Tac. *Dial.*, 4.2: *laetor magis oblatum nobis iudicem qui [...] uersus facere uetet uel [...] compellat ut [...] sanctiorem illam et augustiorem eloquentiam colam.*

[35]Tac. *Dial.*, 5.1: *faciam quod probi et modesti iudices solent, ut in iis cognitionibus ⟨se⟩ excusent in quibus manifestum est alteram apud eos partem praeualere.*

[36]Tac. *Dial.*, 16.3: *pro duobus [...] promitto, nam* <u>*et ego et Secundus*</u> *exsequemur eas partes quas [...] te [...] nobis reliquisse; Aprum enim solere dissentire [...] satis manifestu[m] est.*

[37]Güngerich (1980) aponta que Apro diz *arbitrum* <u>*litis huius*</u>, *juiz* <u>*deste caso*</u> particular entre ele e Materno, não o caso geral envolvendo a oratória e a poesia; isso poderia afastar a desculpa da parcialidade, considerando que, se, no geral, Segundo prefere a última, no particular seria igualmente próximo a Apro e a Materno. Ademais, Apro continua sua fala como se mimetizasse a de um orador no fórum, como se de alguma forma a brincadeira tivesse sido aceita e alguém estivesse no papel de juiz.

[38]Bons resumos da controvérsia encontram-se em Gillis (1972) e Gudeman (1894).

mesmo de Materno; em particular, as três edições críticas nas quais este estudo se baseia (Mayer, 2001; Heubner, 1983; Winterbottom e Olgivie, 1975) consideram que há uma única lacuna no *Diálogo*, e que, com efeito, Segundo não discursa. Creio que um dos mais fortes argumentos em prol dessa hipótese seja o incômodo fato de que nos cumprimentos finais, em Tac. *Dial.*, 42, a presença de Segundo é sumamente ignorada; o indecoro da desfeita não terá ocorrido se, no meio da lacuna, nosso Júlio Segundo tenha se sentido cansado, ou se lembrado de afazeres prementes, e tenha se retirado do *Diálogo*. Foi isso mesmo que Cévola fez ao final do livro I do *De Oratore*, e sabemos por declarações do próprio Cícero que tal ocorreu para emular a partida da personagem Céfalo, que não tinha mais idade para participar de todas as rodadas de conversa d'*A República*, de Platão, e em todo caso queria ir fazer outras coisas[39]:

> *quod in iis libris quos laudas personam desideras Scaeuolae, non eam temere dimoui sed feci idem quod in Πολιτείᾳ deus ille noster Plato. cum in Piraeum Socrates uenisset ad Cephalum, locupletem et festiuum senem, quoad primus ille sermo habetur, adest in disputando senex, deinde cum ipse quoque commodissime locutus esset, ad rem diuinam dicit se uelle discedere, neque postea reuertitur. credo Platonem uix putasse satis commodum fore si hominem id aetatis in tam longo sermone diutius retinuisset. multo ego magis hoc mihi cauendum putavi in Scaeuola, qui et aetate et ualetudine erat ea qua eum esse meministi, et iis honoribus, ut uix satis decorum uideretur eum pluris dies esse in Crassi Tusculano.*[40] (Cic. *Att.*, 4.16.3)

Isso, contudo, rende-nos o ônus de explicar as aparentes inconsistências entre o primeiro e o (de acordo com a hipótese doravante assumida) segundo discurso de Materno. Embora de partida os aspectos ditos contraditórios nesses discursos pareçam inusitados, há razões literárias ponderáveis para sua existência (ver Seção 1.2.3), sobretudo em uma leitura intertextual da obra de Tácito, o que será explorado no Capítulo 5 deste trabalho. Por ora, lembremos apenas que no *Fedro*, de Platão, Sócrates também faz dois discursos *in utramque partem*, e por um motivo bastante prosaico: primeiro, fala contra o amor, mas apenas para exemplificar como Lísias (com cujas ideias não concorda) poderia ter melhor construído seu próprio discurso sobre o tema; em seguida, fala a favor (que é o

[39] Também porque não seria conveniente ele estar presente na conversa de cunho mais técnico do restante dos diálogos (Cic. *Att.*, 4.16.3: *huic [τεχνολογίᾳ] senum illum [...] interesse sane nolui*).

[40] *Quanto a sentires falta da personagem Cévola nos volumes que citas, não a removi levianamente, mas fiz o mesmo que o nosso gênio Platão, n'*A República. *Tendo Sócrates ido a ter no Pireu com Céfalo, um rico e agradável ancião, enquanto ocorre a primeira rodada de conversa, o ancião fica presente no debate, e então, tendo também ele falado de maneira muitíssimo adequada, diz querer ir embora para algum afazer divino, e depois disso não volta. Acredito que Platão dificilmente teria considerado que seria conveniente se um homem daquela idade se detivesse por mais tempo em uma conversa tão longa. Em muito maior grau considerei que deveria atentar a isso no tocante a Cévola, que era daquela idade e daquele estado de saúde de que te lembras, e de tal posição, que dificilmente pareceria decoroso ele ficar por mais dias na vila de Crasso em Túsculo.*
Texto latino estabelecido por Bailey (1987).

que realmente pensa). Tivéssemos perdido os trechos do texto contendo o desenrolar da conversa[41], estaríamos igualmente na dúvida se não teria sido Fedro – que em *Fedro* tampouco discursa – o primeiro orador, interpretação estritamente compatível com o fato de que ele a princípio se deixara convencer por Lísias, e com o hábito platônico de sempre dar a Sócrates a última palavra (com a qual demolir os argumentos contrários).

Não estou sugerindo que a explicação para as inconsistências de Materno seja assim simples. Para dizer a verdade, ainda que *inconsistência* seja quase um elemento estruturante do *Diálogo*, as referências acima ao *De Orator* e ao *Fedro* não ocorreram por acaso: ao longo do Capítulo 5, e em especial da Seção 5.4, veremos como à luz dessas obras os discursos de Materno podem se tornar complementares e adquirir um sentido não contraditório, mas unificado contra o que poderíamos chamar (por ora sem entrar em detalhes) de regimes políticos baseados em retórica, não em verdade. Uma das conclusões deste trabalho será justamente que essa tal grande incompatibilidade entre os dois discursos pode ter sido, antes, um grande efeito de óptica (mais uma vez o cinema) ocasionado pela tentativa da recepção moderna de forçar os pontos de vista dos oradores do *Diálogo* em paradigmas orientados pela dicotomia *democracia* × *autoritarismo*, ou, paralelamente, *República* × *Principado*, que são importantes para a sensibilidade dos leitores modernos, mas talvez não tenham sido de igual relevância pela perspectiva dos antigos.

Naturalmente, uma conclusão como essa – que levanta questões de enorme pertinência sobre recepção – dificilmente teria sido derivada da hipótese de que Segundo discursa no lugar de Materno, assim que o *Diálogo dos Oradores* é, de fato, um ótimo exemplo de como a filologia e a hermenêutica de um texto antigo andam lado a lado. Por isso mesmo, se acabamos de ver os problemas filológicos cruciais ligados ao texto (outros pontos serão tratados na Seção 3.1, em notas sobre o estabelecimento do texto latino aqui utilizado, apresentado na Parte II da dissertação), falta comentar as principais correntes hermenêuticas que nortearam minha própria pesquisa. É o que faremos a seguir.

Por fim, com relação a essas questões de recepção, em grande parte elas fogem ao escopo do trabalho. No entanto, quero ao menos tangenciá-las, no excurso da Seção 2.2 do Capítulo 2; afinal, esta dissertação *é* uma forma de recepção do *Diálogo*, e entendo ser mais produtivo assumi-la como tal e avaliar as implicações disso sobre os resultados que anuncio como tais, do que pretender abordar uma peça literária sem guardar qualquer traço de minha subjetividade moderna. Como diz Cardoso (2020, p. 137): *produtivos anacronismos desse tipo hoje não são mais necessariamente tabu, mas sim tratados mais sistematicamente em reflexões epistemológicas.*

[41] Van den Berg (2014b) dedica todo seu Capítulo 3 a realçar a importância de incluir nas análises sobre o *Diálogo* não apenas o conteúdo dos discursos, mas também seus interstícios, as conversas dos oradores entre suas elocuções principais; é exatamente o que faremos na Seção 5.3 do Capítulo 5, ainda que de uma forma distinta da sugerida nessa obra.

1.2.1 Localizando a voz de Tácito

Recordemos rapidamente como se desenvolve o enredo do *Diálogo*:

- Por volta do ano 100 d.C., Fábio Justo pergunta (e eu parafraseio):

  Por que não se fazem mais oradores como antigamente?

  À guisa de resposta, Tácito rememora um debate que ouvira décadas antes (Tac. *Dial.*, 1.1-2).

- Em 75 d.C., **Materno**, ex-orador, irritara alguns poderosos com sua tragédia *Catão*.

  Apro e **Segundo**, exímios oradores, tentem convencê-lo a atenuar a peça; Apro tenta convencê-lo a voltar a exercer sua aptidão retórica no fórum (Tac. *Dial.*, 2.1-5.2).

- Apro discursa (Tac. *Dial.*, 5.3-10.8), Materno replica (Tac. *Dial.*, 11.1-13.6) (veremos os argumentos logo abaixo).

  Entrementes, chega **Messala** e critica a oratória da época (Tac. *Dial.*, 14.1-15.3).

- Apro treplica (Tac. *Dial.*, 16.4-23.6), Messala, a pedido de Materno e Segundo, discursa (Tac. *Dial.*, 24.1-35.5).

  Há uma brecha nos manuscritos em que não sabemos o que ocorre. O texto termina com um discurso de Materno (Tac. *Dial.*, 36.1-41.5).

Relembremos agora os argumentos, resumidamente, que avança cada orador:

- **Apro** (Tac. *Dial.*, 5.3-10.8): tudo bem fazer poesia por lazer, mas o orador deve se empenhar em sua carreira forense. A oratória supera a poesia em *utilidade*.

- **Materno** (Tac. *Dial.*, 11.1-13.6): a oratória virou um *dirty business*, e serviço melhor pode ser ofertado pela poesia, por sua função profética e denunciativa, como era "antigamente".

- **Apro** (Tac. *Dial.*, 16.4-23.6): a poesia é parte da oratória, e os antigos não distam tanto dos modernos. No mais, a oratória forense mantém um espaço legítimo (e seguro) de crítica. Volte para o fórum!

- **Messala:** a oratória contemporânea é decadente, e a razão é a decadência dos costumes e da educação. Bom mesmo era no tempo de Cícero.

- Hipotético **Materno** (Tac. *Dial.*, 36.1-41.5): no tempo de Cícero havia grandes discursos porque havia grandes debates; hoje o imperador decide tudo sozinho, cabe-nos gozar da paz e da tranquilidade assim como os antigos gozaram da fama.

Apesar da fluidez dos argumentos e de sua correição factual e lógica aparentes (mas nem sempre efetivas, *vide* a Seção 4.2.2), as dificuldades hermenêuticas oriundas das inconsistências do *Diálogo* levaram os primeiros intérpretes modernos dessa obra a esmiuçarem os raciocínios das personagens a fim de identificar na boca de alguma delas – daquela que possuísse a argumentação mais perfeita – a voz de Tácito. Todos os três oradores que discursam no texto tiveram seus defensores, mas nenhuma análise a favor de um deles resiste aos apontamentos que fazem os que são a favor de outra personagem; um resumo de tais controvérsias encontra-se em Van den Berg (2014a).

Esse tipo de abordagem não apenas não conseguiu encontrar qual seria o *ponto de vista* de Tácito sobre a decadência da oratória, como nem sequer pôde mostrar claramente que ele *tinha* algum posicionamento, ou que a obra teria uma unicidade temática, *i.e.*, se esse posicionamento seria sobre política, sobre estilo retórico, ou ainda sobre a factualidade mesmo da suposta decadência.

1.2.2 Os discursos do *Diálogo* enquanto declamações

Em propostas de análise literária mais sofisticadas, porém, não é o mero rigor lógico dos argumentos que importa; há que considerar a questão estilística, e mesmo uma questão sociológica. Ambas coexistem em uma relação de subordinação do estilo à função social da oratória, e por outro lado a crítica ao estilo muitas vezes encapsula um desconforto com uma prática determinada ou com um contexto político ao qual deve se adaptar a oratória. É o que vemos na *Institutio Oratoria* de Quintiliano quanto à declamação:

> *pauca mihi de ipsa declamandi ratione dicenda sunt, quae quidem ut ex omnibus nouissime inuenta, ita multo est utilissima. nam et cuncta illa de quibus diximus in se fere continet et ueritati proximam imaginem reddit. ideoque ita est celebrata, ut plerisque uideretur ad formandam eloquentiam uel sola sufficere; neque enim uirtus ulla perpetuae dumtaxat orationis reperiri potest quae non sit cum hac dicendi meditatione communis. eo quidem res ista culpa docentium reccidit, ut inter praecipuas quae corrumperent eloquentiam causas licentia atque inscitia declamantium fuerit. sed eo quod natura bonum est bene uti licet.*[42] (Quint. *Inst.*, II.10.1-3)

[42] *Devo dizer algumas coisas sobre a própria técnica da declamação, que, assim como todos creem ser a última novidade, é de fato extremamente útil. Pois tanto ela contém em si mesma quase tudo aquilo de que falamos, como fornece uma ideia próxima da realidade. Por esse motivo ela foi a tal ponto praticada, que muitos acharam que ela sozinha seria suficiente para a formação da eloquência; e, com efeito, não se pode encontrar nenhuma outra virtude, pelo menos no que concerne a um discurso contínuo, que não seja partilhada por esse tipo de preparação oratória. É por isso que recai na culpa dos professores o fato de, dentre as principais causas que desvirtuaram a oratória, terem estado a licenciosidade e a incultura dos praticantes da declamação. No entanto, daquilo que é bom por natureza convém fazer um bom uso.* Texto latino extraído de Reinhardt e Winterbottom (2006).

Parafraseando, a oratória do tempo de Quintiliano sofreria desses vícios principais, a licenciosidade e, é claro, a incultura[43], não por outro motivo senão pelo tipo de ocasião em que estava sendo praticada e o tipo de objetivo que se pretendia conseguir com ela, primeiro nas escolas de retórica como mero treino, depois em eventos dedicados exclusivamente à declamação, que estava virando uma forma de entretenimento para as elites romanas ao longo do séc. I.

Cabem algumas explicações sobre a *declamatio*, já que seu reconhecimento pela crítica moderna provocou uma guinada na recepção do *Diálogo*. Na época de Cícero, essa palavra poderia significar um conjunto de exercícios vocálicos para melhorar a dicção e a potência da voz, mas já passara a denominar um tipo de treinamento escolar em que o estudante representava o papel de conselheiro de alguma figura histórica ou mítica diante de um dilema, ou, no estágio mais avançado, representava o papel de advogado em uma causa jurídica fictícia. A crítica de Quintiliano à declamação é que temas tratados nela, em sua época, fugiam à realidade dos tribunais, assim como, por conseguinte, as estratégias de argumentação: de nada valiam os discursos sobre bruxos, pestes, madrastas más e oráculos na hora de falar sobre cauções ou disputas patrimoniais (Quint. *Inst.*, II.10.5: *magos et pestilentiam et responsa et saeuiores tragicis nouercas [..] frustra inter sponsiones et interdicta*).

Ocorre que a declamação tornara-se em considerável medida um fim em si mesma, e ainda por cima um fim lúdico. Bloomer (2007) afirma que *declamation is the first major literary movement of the Roman empire*, em seguida diz como ela assumiu o papel que a antiga oratória republicana tinha no fórum ou nas assembleias enquanto espaço de relativa liberdade de expressão política. Em palavras que não poderiam ser mais claras:

> *Declamation continued some of the social function of Roman oratory by forecasting the stars of the coming generation and by ranking and re-ranking professional speakers. But beyond these aspects of display and evaluation that animated an expert community, declamation continued another, arguably more important function of the older oratory. Themes of good and bad government were essayed, with a particularly familial cast: the father figures more prominently than the tyrant. [...] The historian may well lay these developments at the feet of Augustus, the great manipulator of media, for whom the crushing of civil wars and the creation of a new order were the duty of a loyal son for a murdered father and the act of a public servant who is not emperor but* pater patriae *("father of the nation"). [...] Whether or not this stance stems directly from the new imperial articulation of power [...], it allowed a treatment of themes and problems at the heart of what it was to be a Roman citizen.* (Bloomer, 2007, p. 298)

[43]Em particular a efeminização, o excesso de floreios e a falta de rigor argumentativo, voltaremos a eles à página 120 adiante; ver também Quint. *Inst.*, II.5.

Beard (1993) vai mais longe e defende que a declamação teria adquirido uma função social equivalente à do mito na Grécia, isto é, ser uma ferramenta não apenas de educação do jovem, mas também um ritual de discussão, reelaboração e reafirmação dos valores e da própria identidade daquela sociedade a partir de uma atividade coletiva lúdica. Seja como for, à maneira de jogos e esportes, a declamação era bastante codificada, dividida em dois gêneros: suasórias (os aconselhamentos fictícios) e controvérsias (as causas fictícias). Sêneca, na obra *Rhetorum et oratorum sententiae diuisiones colores*, apresenta uma coletânea crítica de *controuersiae* e *suasoriae* dos declamadores que considerava mais relevantes; disso se depreendem também alguns vocábulos típicos da retórica senecana, aliás já presentes no título acima, como 'cor', 'divisão' e 'sentença'.

Como sói acontecer com o vocabulário técnico da retórica em latim, essas palavras não são entendidas de maneira uniforme nem pelos modernos, nem pelos antigos (Hess, 1900). Neste trabalho, no entanto, nos ateremos às definições de Fairweather (1981), em especial à sua seção III.1. A autora adota a mesma definição de *sententia* que Quintiliano, essencialmente uma frase de efeito contendo algum raciocínio notável, uma ideia brilhante; para usar as palavras do rétor (Quint. *Inst.*, VIII.5.2: *lumina [...] in clausulis posita*), um lampejo intelectual (OLD, *s.v.* **lumen** 10b) posto em frase, encerrando-a.

Quanto a *diuisio* e *color*, são duas partições do que na retórica ciceroniana era a *inuentio*, a pesquisa por argumentos a serem utilizados no discurso. A *diuisio* é a identificação do âmago da questão tratada e a estruturação do discurso a partir desses pontos cruciais; já o *color* é a caracterização que o orador dá às ações do réu fictício de uma controvérsia, geralmente a fim de atenuar sua culpa. Isso é um pouco como a qualificação de um crime no direito moderno, mas não precisava decorrer de uma argumentação lógica ou rigorosa; vem à mente aquela expressão idiomática para quando alguém relata uma situação amenizando-a, "fulano cobriu com tons pasteis", ou o contrário, quando se exagera, "carregou nas tintas". Os *colores* eram também uma questão de ênfase, de viés. Por fim, ainda que, na prática, divisão e cor acabassem se emaranhando, didaticamente podemos correr o risco de uma simplificação talvez indevida, mas ilustrativa, de dizer que na *diuisio* o orador aplicaria a teoria dos estados de causa[44], enquanto, para o *color*, ele se concentraria no estado *quale sit*, bem como na teoria tópica[45].

É nesse contexto de mudança do papel social e do estilo da oratória, percebida e debatida pelos contemporâneos de Tácito, que surge o *Diálogo dos Oradores*, que não por

[44]Resumidamente, a teoria de *status causae* era uma sistematização de todas as causas judiciais possíveis em quatro categorias: *an sit* (saber se os fatos alegados realmente ocorreram), *quid sit* (em que crime esses fatos se enquadram segundo a lei), *quale sit* (em que circunstâncias esse crime ocorreu, se para evitar outro pior, se em defesa própria, etc.), e questões formais de adequação de foro (Montefusco, 1986; Gunderson, 2009).

[45]A *topica* é uma derivação simplificada da teoria dos estados de causa que auxilia o orador a encontrar argumentos para seu discurso a partir de um conjunto organizado de perguntas e considerações: o que fez, quem fez, quando fez, com que instrumento fez, com que propósito, etc. (Reinhardt, 2003).

acaso às vezes parece discutir política a pretexto de falar de oratória, e às vezes parece mencionar a política justamente para aprofundar o debate sobre a oratória; como vimos na Seção 1.2.1, essa aparente inconstância temática pautou o debate crítico sobre a obra até recentemente.

Ocorre que, ao longo do séc. XX, inconsistências de toda ordem passaram a ser percebidas no enredo do *Diálogo*: contradições entre os argumentos do mesmo orador em um ou outro trecho do texto, pontos levantados por um orador que não são respondidos por outro, até mesmo incongruências das falas dos oradores com o argumento dramático, como Materno dizendo que buscava a poesia para fugir à sanguinolência da oratória forense e, justamente por tê-la recitado em público, estar correndo risco de vida. Além disso, o texto de Tácito difere de outros diálogos da Antiguidade, no que ele é menos uma conversa entre as personagens e mais uma série de discursos monolíticos que se intercalam. Há poucas interrupções, nenhuma troca de ideias, quase nada de contestação, nenhum dos oradores muda de opinião, não fazem concessões uns aos outros, nem sequer como hipótese para investigar alguma linha de raciocínio. Percebendo-o, Luce (1993, p. 28) afirma mesmo que não há progressão dialética, e no final nada se conclui de nada; ainda segundo ele, nos diálogos de Platão pelo menos se chegava a um esboço de teoria, e o *De oratore* efetivamente crava certas conclusões.

Esse autor propõe interpretar o *Diálogo* como um conjunto de declamações, em que os oradores estariam menos interessados em fazer análises rigorosas do que em proferir o discurso mais eficaz possível em favor dos pontos de vista que ora defendem. Haveria então dois níveis de leitura a que os discursos do *Diálogo* se prestam, o primeiro sendo o da forma retórica, que deve ser agradável e sedutora, coesa e coerente, e verossímil (*probabilis*), e o segundo sendo o do conteúdo atinente à verdade; este pode ser escamoteado ou exagerado em função das necessidades retóricas daquele, a tensão entre verdade e verossimilhança, em latim *probabilitas*, não sendo nem um pouco problemática. Com efeito, não era estranho ao ambiente intelectual da época que a verdade fosse manipulada em prol da própria verdade (vide a Nota 65, na página 122 da Seção 4.2.1).

Tais são observações pertinentes, dado que já no preâmbulo Tácito declara que responderia ao questionamento de seu amigo Fábio Justo relatando-lhe o diálogo entre os seus tutores, *cum singuli diversas [quidem]*[46] *sed* <u>*probabiles causas*</u> *afferrent, dum formam sui quisque et animi et ingenii redderent*[47] (Tac. *Dial.*, 1.3). Ora, na Seção 4.2 exploraremos como o proêmio do *Diálogo* parece fornecer chaves de leitura essenciais para a compre-

[46] Mayer (2001), Winterbottom e Olgivie (1975). Heubner (1983) traz *uel easdem*, "talvez as mesmas".

[47] *Que individualmente avançavam* <u>*causas*</u> *opostas sim, mas* <u>*plausíveis*</u>*, até que cada um delineasse o seu estado de espírito e de intelecto.* Aqui, "causas plausíveis" pode se entendido tanto no sentido filosófico técnico de "causas provável" (ver Nota 1 da Seção 3.2), como, prosaicamente, "explicação que faz sentido, verossímil".

ensão do caráter das personagens; por sinal, Ambrosio (2005, p. 63) faz a interessante discussão sobre o papel do exórdio de uma obra escrita, que pode ser lida a qualquer tempo e em qualquer lugar, enquanto substituto (em um tempo em que não havia filmadoras) do contexto preciso de um discurso oral, que é tempestivo. Isso reforça a tese de que a fala inicial de Tácito no *Diálogo* já nos estaria dando a sugestão de entender a conversa dos oradores como algo próximo a uma série de declamações, não como a busca filosófica pela verdade típica do gênero dialógico.

Luce (1993, p. 37) afirma que o bom ouvinte de uma declamação, ou o bom leitor do *Diálogo*, tendo à disposição um cardápio de argumentos, todos eles persuasíveis, teria a consciência de caber a si próprio a seleção das ideias mais afeitas a seu gosto e a suas inclinações, visando a formar um juízo autônomo sobre a questão em tela. Com efeito, tal predisposição à curadoria por parte do leitor era um componente integrante do *habitus*[48] oratório do período, do que podemos esperar, no mínimo, que essas inconsistências, mesmo quando percebidas, não tenham sido um entrave à apreciação da obra por seus contemporâneos, e nos obrigamos a reconhecer que sua efetividade na "destruição" dos sentidos internos aos discursos do *Diálogo* ficava prejudicada. Em outras palavras, seria improvável que o público do *Diálogo dos Oradores* entendesse que Tácito se manifesta contra um tópico, somente porque nele uma de suas personagens comete deslizes sutis ou escamoteia a realidade dos fatos, enfraquecendo, às vezes de propósito, seus argumentos.

No entanto, Tácito aparenta querer realçar as inconsistências dos discursos, e neste trabalho veremos como elas não surgem apenas incidentalmente, como seria esperado – por óbvio, a incongruência na declamação não era obrigatória, apenas permissível, caso útil –, mas de forma sistemática e, em certos momentos, retoricamente contraprodutiva, por exemplo quando enfraquecem o argumento sem acrescentar nada à sua *probabilitas* ou ao efeito persuasivo (ver a duração precisa do Grande Ano, à Seção 4.2.2; das várias cifras à disposição, Apro escolhe justamente aquela que compromete o raciocínio).

> *Luce argued that the Roman reader would evaluate the speeches "on two levels, as a connoisseur who appreciates rhetorical expertise and ingenuity, and as a critic who is able to size up the underlying strengths and weaknesses of a case". But Messalla's case, when examined for its persuasive effect, cannot stand up to scrutiny. It is not simply that his exaggerations are too pointed; rather, Tacitus preemptively wrests the right of judgment from even the most astute critic of rhetorical argument. The rhetorical effects are not at all those of* persuasion*, but rather the assertion of Tacitus' authority and literary enterprise through the dramatic mechanisms of the work.* (Van den Berg, 2014a, p. 314)

[48]No sentido de Bourdieu, ou seja, o conjunto de regras não escritas, nem mesmo necessariamente conscientes, que os atores sociais seguem a fim de atingirem seus objetivos.

A proatividade do leitor do *Diálogo* para a produção de sentidos não ganha importância apenas pela avaliação dos raciocínios dos oradores. Tácito aproveita-os para "vazar informações sensíveis", ou relembrar seu leitor de fatos incômodos que, a despeito do papel que cumpram no discurso do orador, podem ter efeitos bastante autônomos nas conclusões a que os leitores chegam.

A maior evidência desse procedimento talvez seja o trecho do primeiro discurso de Apro em Tac. *Dial.*, 8.1-3, em que, querendo exemplificar o quanto a oratória tem o poder de enaltecer indivíduos de origem simples, acaba dizendo que Éprio Marcelo e Víbio Crispo eram provincianos de origem miserável, abjeta, de famílias desimportantes, desprovidos de recursos (materiais como intelectuais), moral duvidosa, e um deles ainda por cima era muito feio[49]. O efeito cômico que decorre dessa invectiva encapsulada em elogio é digno do gênero pastelão! E o que a eloquência lhes rendeu? Duzentos ou trezentos milhões de sestércios[50]; quando se calcula a equivalência disso como 200 ou 300 mil vezes a renda anual de um legionário romano da mesma época[51], não é difícil concluir que se trata de uma riqueza inusitada (para não dizer suspeita), independentemente de quão escorreita ou pertinente seja a argumentação de Apro.

1.2.3 Tendências mais recentes

A sistematicidade dos defeitos argumentativos, e mesmo retóricos, põe em xeque a interpretação do *Diálogo* como uma mera coletânea de declamações; de fato, ela dá corpo à estratégia, se não peso à mão de Tácito, que age ao longo de todo o texto, a despeito de sua promessa, no preâmbulo, de que se limitaria a rememorar com exatidão, passo por passo, o que o outros disseram e ele apenas ouvira, sem aventar explicações por assim dizer "autorais" sobre a decadência da oratória. Para efeito de comparação, Sêneca, no prefácio das *Controuersiae*, faz exatamente o contrário: ele anuncia que apresentará uma coletânea de declamações para fruição crítica do leitor, e não obstante alerta que os discursos relatados poderiam aparecer diferentes do que haviam sido originalmente, em razão de possíveis falhas de sua memória, que no entanto havia sido prodigiosa[52].

Acredito que a contribuição de Luce (1993) mais profícua tenha sido a de atentar que Tácito teria escrito o *Diálogo* consciente de que o texto não conteria sentidos *per se*, mas dependeria, para produzi-los, da decodificação que lhe dariam seus leitores. Sem nenhuma

[49] Tac. *Dial.*, 8.1-3: *Capuae aut Vercellis, ubi nati dicuntur [...] sordidius et abiectius nati sunt [...] notabilior paupertas et angustiae rerum [...] sine commendatione natalium, sine substantia facultatum, neuter moribus egregium, alter habitu quoque corporis contemptus.*

[50] Tac. *Dial.*, 8.1: *alterius bis, alterius ter milies sestertium [...] eloquentiae beneficio uenisse.*

[51] Ver o cálculo com mais detalhes (e referências bibliográficas) à linha 28 da página 117.

[52] Sen. *Con.*, I praef. 2-3: *hanc [memoriam] aliquando in me floruisse, ut non tantum ad usum sufficeret sed in miraculum usque procederet, non nego [...] nunc iam aetate quassata et longa desidia [...] eo perducta est, ut, etiamsi potest aliquid praestare, non possit promittere.*

dúvida, a moderna teoria literária sabe que todo texto funciona assim, mas a constatação de que um autor em particular tivesse clareza desse fato muda a interpretação que se faz de seus textos, à medida que esse autor poderia então tentar manipular de maneira mais fina, ou controlar de modo mais preciso, os sentidos de uma obra sua para um ou outro público, coisa que nem todos podem fazer. O próprio Materno é um desses autores talvez um pouco ingênuos, talvez excessivamente corajosos, que não teme a maledicência, as más interpretações das pessoas sobre o que escreve (Tac. *Dial.*, 3.2), e crê que, se algo não ficou claro, então basta dizê-lo com mais ênfase para que se faça jus ao autor (Tac. *Dial.*, 3.3). E tudo indica que ele acabou mal.

A partir da década de 1990, portanto, a fortuna crítica do *Diálogo* passou por uma renovação, conforme foi-se desistindo de encontrar os posicionamentos do autor escondidas no jogo lógico dos argumentos dos oradores, mesmo no enredo da obra (que por vezes se chama de argumento dramático), e passou-se a pesquisar pelos possíveis sentidos que o texto poderia render para seu público. Nas palavras de Van den Berg:

> *Lately scholars have come to recognize correspondences among the speeches [...]. Yet to focus on the speeches alone is to neglect the significance of what lies outside them. An alternative approach can be put in slightly – yet significantly – different terms: 'the artistic unity to which the whole work adds up*[53]*'. The more inclusive idea, for all its New Critical baggage, stresses the contribution to the larger argument made in all parts of the dialogue, including the dramatic sections.*
>
> *In many passages outside the speeches Tacitus directs the process of evaluation, modifying arguments or delivering metacritical commentary on the values and the argumentation in the text.* (Van den Berg, 2014a, p. 301)

Um exemplo simples desse tipo de análise é a feita por Reitz-Joosse (2014). Ali, a pesquisadora se debruça sobre a produção de humor na interlocução final dos oradores, em que prometem se denunciar (*criminari*) mutuamente, Materno delatando Apro aos poetas (*poetis*) e Messala aos antiquários (*antiquariis*), e Apro fazendo o mesmo com Materno e Messala, aos rétores e seus frequentadores (*rhetoribus et scholasticis*, Tac. *Dial.*, 42.2). Ela identifica a passagem como sendo não apenas jocosa, mas irônica segundo um conceito bem definido[54], e conclui que naquele ambiente hostil, em que mesmo conversas privadas dentro de um cubículo restrito poderiam resultar em uma *criminatio*, uma denunciação para figuras tão desempoderadas quanto poetas e professores de escola somente poderia ser entendida como absurda, dada sua total inutilidade, em contraste com as consequências lúgubres de denúncias que caíssem em mãos de *delatores*. Como a autora enxerga Materno

[53](Brink, 1993, p. 338)

[54]Encontrado em Köhnken (1973, p. 33): *dass der Schriftsteller mit seiner Aussage für den aufmerksamen Leser deutlich erkennbar einen ganz anderen Sinn intendiert, als der Wortlaut auf den ersten Blick zu besagen scheint.*

em perigo, particularmente por conta de Apro (que, afinal, defendera em seu primeiro discurso a carreira de dois *delatores* dos mais temidos), entende essa troca de ameaças jocosa como se Materno estivesse buscando por garantias dos outros oradores, dizendo "vocês entenderam que nada disso que falei foi sério de verdade, *certo?*" Como Apro compra a brincadeira, sua denúncia para os rétores soaria então como uma promessa de confidencialidade, significando "não se preocupe, de minha parte nossa conversa não terá maiores consequências, aliás, tudo o que falamos foi sobre oratória, *não é mesmo?*"

Do mesmo modo, ao notar o engrandecimento que o *Diálogo* faz das novas gerações de oradores (e, em particular, de seu próprio autor):

> *[T]his understanding of the* Dialogus *cannot be derived from the opinion that Messalla holds; indeed, it runs counter to the basic tenets of his positions. [...] The intratext contributes to our understanding of the* Dialogus *not through Messalla's* opinion*, that is, not through his credibility as a speaker or the strict plausibility of his arguments, but rather through the* function *of those arguments within the meaningful structures of the work* (Van den Berg, 2014a, p. 306)

Adicionalmente, se alguns trabalhos concentraram-se primariamente no funcionamento de aspectos linguísticos do texto, outros ultrapassaram-no, buscando compreender como as condições sociológicas e psicológicas de circulação e recepção literárias poderiam se refletir nos significados que os leitores extrairiam do *Diálogo*.

Cito Dressler (2013). Ele nota, como outros anteriormente, que Tácito não ri ao final da conversa, mas, ao contrário de intérpretes mais tradicionais, vê nesse não riso um elemento produtor de significado. O *Diálogo* é encerrado com a frase *cum arrisissent, discessimus*, "tendo eles rido, fomos embora" (Tac. *Dial.*, 42.2), uma mudança brusca da terceira para a primeira pessoa. Gudeman (1894), diz ele, vira nisso apenas uma fineza literária: Tácito, então um adolescente, entra no cubículo de Materno porque está acompanhando seus tutores, e sua participação na cena se resume a testemunhá-la, o que pontua dizendo *intrauimus [...] deprehendimus*, "entramos [...] surpreendemos" (Tac. *Dial.*, 3.1). A partir daí o foco narrativo passa a mirar exclusivamente nos oradores mais experientes, e a agência do jovem Tácito desaparece por completo, assim como a primeira pessoa, até ser recuperada pelo "fomos embora", que ao mesmo tempo marcaria o fim do relato e nos relembraria da presença do autor como testemunha do episódio. Ademais, sendo ele apenas um estudante na época, não lhe caberia interagir de outro modo em uma conversa entre seus tutores, de forma que o *arrisissent* em terceira pessoa poderia simplesmente ser um sinal de deferência, demarcando uma distância respeitosa entre mestre e aprendiz.

Há outra possibilidade, afirma Dressler (2013). Escrevendo por volta de 102 d.C., o desfecho da história já havia ocorrido, e visto em perspectiva, aquele chiste feito nos anos 70 d.C. talvez não mais parecesse a Tácito nem um pouco engraçado[55]. Tal projeção de

[55] Curiácio Materno é o mesmo Materno executado em 91 d.C. por seus discursos? Teria sido a tragédia

um reflexo do Tácito de 102 d.C. sobre a cena de 75 d.C. (e muitos outros fatores com que o artigo trabalha) exporia de modo contumaz que a separação entre vida e arte estava borrada[56], pondo em dúvida a autoridade do escritor sobre seu texto. Mais do que isso, à medida que suas personagens são agentes quase autônomos dentro do texto, também a autoridade deles sobre o que eles próprios dizem estaria em xeque.

> *[...] Tacitus in the* Dialogus *allows the authorial crisis to affect not only the speaker of the work, but also every speaker in the work. In contrast with Juvenal, Tacitus does not use this instability of discourse against himself and his characters as outsiders, but rather shows this discursive instability to be operative at the heart of elite discourse, and perhaps even to be the condition of its possibility.* (Dressler, 2013, p. 5)

Não se trata meramente de duplo sentido, nem apenas de que os autores não podem ter controle da transmissão e da futura recepção de seus textos. É um problema de fundo, sobre a extensão em que uma voz pode ser autoral dentro de um ambiente ideológico:

> *[...] such interpretive positions are based in the belief that "in saying* A *a speaker says* B *[...], but [...] the ordinary structures for understanding* A *would not disclose to a hearer that* B *is also being said: nor is the speaker at all aware that he is saying* B*, meaning as he does only to be saying* A*".* (Dressler, 2013, p. 6)

Há boas razões, afirma, para crer que estavam dadas as condições sociais em que se pressupõe que os agentes dizem mais do que aparentam, de propósito ou não, o que faria surgir uma *hermenêutica da suspeita*, em especial nos momentos mais propensos à paranoia, como o séc. I de Roma. Concomitantemente, autores que desenvolvessem uma percepção desse fenômeno, para quem o *ludus*, no sentido de Bourdieu (ver Nota 57 adiante), se revelasse de modo nítido, poderiam operá-lo de modo a comunicar significado independentemente da intenção pretendida por quem fala, gerando uma *poética da conspiração*[57], com a função dupla de garantir aquilo que no mundo anglófono se chama

Catão o estopim dos processos que o condenaram? Teria um daqueles oradores traído sua confiança e o denunciado? Foi Messala, que não entrara na brincadeira e era meio-irmão do pior dos *delatores*? A suspeita sobre Messala é por minha conta, outros pesquisadores desconfiam mais de Apro.

[56] Sem necessariamente quebrar a quarta parede, aquela que separa o mundo das personagens em cena, no palco, do "mundo real" onde está a plateia, no teatro. "Eles rindo" não significa que eu não tenha rido junto, assim o Tácito de 102 d.C. poderia ter escolhido apenas escamotear que em 75 d.C. ele também rira porque, conhecendo o destino supostamente trágico de Materno, teria querido expressar seu diferendo com o que viria a ocorrer.

[57] *The counterpart to conspiracy is collusion (>*ludus*): not in the form of conscious agreement between social agents, but in a form consistent with the hermeneutics of suspicion and the occlusion of consciousness to itself that it presumes; such collusion is strongest when the social agents who constitute it are least aware of it [...]* (Dressler, 2013, n. 56). Para Bourdieu, o *ludus* é a convenção não percebida, o auto-convencimento entre os atores sociais de que seus objetivos são válidos e valem a pena ser perseguidos.

plausible deniability, e ao mesmo tempo despertar a atenção do público para certas reflexões e questionamentos proibidos, explorando as fissuras da crosta ideológica que reveste a realidade sem correr o risco de sofrer censura ou represália ao tentar adentrá-la por meio de mensagens positivas.

Contudo, evidentemente a escolha do que revelar ou não de uma cena reservada para o público amplo não é uma intervenção menos autoral, artificiosa, que a introdução de elementos não diegéticos no texto ou a escolha dos argumentos a pôr na boca de cada personagem. O artigo em questão não desconsidera esse fato. Ao contrário, já que no mundo romano a quarta parede não poderia mesmo ser muito sólida, não apenas os textos, mas as ações dos indivíduos prestar-se-iam a interpretação (suponho eu, a própria ação de publicar o *Diálogo*).

> *[... T]hese reflexive, "artificial" moments of the* Dialogus *[are] inconsistencies in Tacitus' fiction that the work is "real" or somehow "unconstructed". But this artifice or constructedness, rather then working to vitiate the verisimilitude of the dialogue, works to affirm the verisimilitude of constructedness, which is to say, the naturalness of artifice in the lives of its characters. [... S]uch inconsistencies indicate the degree to which "literary" Romans opened themselves to textuality, in the sense that they invested any given social performance with the need for interpretation, if not textual supplementation...* (Dressler, 2013, p. 12)

Em Dressler (2013) encontram-se conceitos típicos da sociologia de Bourdieu, como o *ludus* ou, mesmo se não nomeado, o *habitus*. Ora, essa escola sociológica é criticada justamente por seu aspecto um tanto determinista, dando pouco espaço à ação espontânea, autoral, criativa, própria dos agentes sociais; mesmo assim, repara o pesquisador que *reflexivity on the part of social agents may complicate otherwise tenable sociological explanations of their action and motivation.* Há aplicações pertinentes da sociologia de Bourdieu ao campo dos estudos literários (ver e.g. Inghilleri (2005)), mas igualmente há quem critique o excessivo determinismo dessa teoria; uma alternativa mais centrada em teorias da agência aplicadas à literatura (no caso, à Teoria da Tradução, por certo adaptável a estudos interpretativos) é Buzelin (2005), que trata de conceitos sociológicos desenvolvidos por Latour.

Serão justamente algumas dessas ideias de Latour que nos interessarão no excurso do Capítulo 2, Seção 2.2, particularmente seu conceito de *fatiche* (Latour, 2021), o qual motivará tanto a discussão que teremos acerca da recepção de um texto antigo enquanto estabelecimento de crenças modernas sobre um povo não moderno, como também nos ajudará a melhor compreender o que poderia ser a crença romana em sua própria decadência. No primeiro tópico, vamos nos beneficiar também do estudo de Cardoso (2020) sobre como a filologia cria seu próprio objeto de estudo, e as maneiras de como o faz.

Capítulo 2

O projeto

2.1 Contribuições originais

2.1.1 Recepção do *Diálogo*: uma outra perspectiva

Apesar dos muitos frutos que as tendências hermenêuticas mais recentes trouxeram à crítica do *Diálogo dos Oradores*, uma dificuldade a esta altura já deve estar evidente: muito rápido elas se tornam excessiva, se não exclusivamente especulativas, afastando-se do objeto de estudo filológico que é o texto – por mais que esse seja estabelecido pela própria filologia[1] – e o ambiente social e psicológico em que ele foi publicado e em que circula. A título de exemplo, não possuímos informações concretas nem sequer para afirmar que o Materno que se reporta executado em 91 d.C. foi o nosso Materno, embora Kragelund (2012) apresente argumentos persuasivos o suficiente para que, aqui, essa seja uma hipótese de trabalho[2], a qual deverá nos ajudar a olhar *para* o enredo, não só além dele. Um dos riscos de uma abordagem sociológica ou psicológica que, por assim dizer, não se atenha aos dados e ao ferramental teórico que essas disciplinas fornecem para interpretá-los é o perigo de projetarmos sobre Tácito e as personagens do *Diálogo* impressões idiossincráticas nossas *sem nos darmos conta*[3]. Aproveitando palavras de Cardoso (2020), de que ler já deve ser uma forma de dialogar com o texto[4], esse é o mesmo risco e aporta os mesmos prejuízos de, em uma conversa, acabarmos falando sozinhos.

[1] A imitação (em particular a *imitatio auctorum*) não é apenas objeto de estudo da filologia, mas também o seu método; ver Cardoso (2020, p. 128).

[2] Ver Seção 5.1 do Capítulo 5.

[3] Particularmente, acho muito bem-vindos trabalhos de adaptação e ensaios cultos que reflitam sobre a modernidade a partir de um texto antigo; apenas temo que essas reflexões se tornem redutoras à medida que confundamos o outro conosco mesmos, fora o desrespeito do amálgama. Temo, novamente, que quem pode ser reducionista face a povos de outros tempos também o possa face aos de outros lugares.

[4] Cardoso (2020, p. 137): *Na esteira das teorias de recepção e do "reader response criticism", vem-se valorizando o papel do recipiente na produção dos sentidos de um texto [...] o "ato de leitura" será concebido como um diálogo entre textos.*

Incide nesse perigo Strunk (2010), ao qualificar Apro como um "agente imperial" (*imperial agent*, p. 249) que teria ido "dar um recado" a Materno (*not-so-subtle warning*, p. 250); ele entende o fato de o discurso de Apro ter sido premeditado como sinal de que deveria ser intimidatório, e que Apro indica ser um "homem do regime" (*regime's man*, p. 256) por conta de *his acceptance of imperial ideology, namely the Augustan propaganda that there was no discontinuity between the Republic and the Principate* (p. 256). Ora, então que dizer do elogio que Materno faz a Virgílio, dando como prova de seu sucesso o favor que teve da parte de Augusto (Tac. *Dial.*, 13.1: *neque apud diuum Augustum gratia caruit*), e a acolhida, da parte do povo, como se fosse Augusto (Tac. *Dial.*, 13.2: *Vergilium [populus] ueneratus est sic quasi Augustum*)? Não deveríamos supor que Materno é tão homem do regime quanto Apro, por citar em chave positiva um autor cuja ambiguidade teria dado tanto espaço à propaganda augustana[5]?

Esse pesquisador não justifica a caracterização que faz de Apro em nenhuma base positiva, com a pena de suas conclusões serem tão fluídas quanto as impressões particulares que depreende do texto. Fosse para insistir no campo das meras impressões, a minha é a de que Apro era um amigo verdadeiro de Materno e tinha seu discurso pronto, pois eles já vinham debatendo o assunto havia tempos (difícil pensar que um agente do regime teria a paciência de ficar tentando convencer os dissidentes na base da conversa), a ponto de Materno não se incomodar mais com aquela irritação típica de um amigo (Tac. *Dial.*, 4.1: *perturbarer hac tua seueritate, nisi [...] in consuetudinem uertisset*) que vê seu companheiro enveredar pelo caminho "errado" (Tac. *Dial.*, 10.5: *errare mauis*) sem dar ouvidos a seus alertas (Tac. *Dial.*, 10.5: *in leuioribus subsistis*). Se a intenção de Apro fosse abafar uma voz rebelde, e não aconselhar o colega sobre um perigo iminente, não haveria razão para querer ajudar a inventar as desculpas que poderiam salvar a pele de Materno (Tac. *Dial.*, 10.7: *sentio quid responderi possit [...]; tolle igitur [...]excusationem*), muito menos insistir que sua atividade crítica poderia encontrar vazão por meios legitimáveis, como a oratória forense (Tac. *Dial.*, 10.8: *pro periclitante amico [...] offendere, et probata sit fides et libertas excusata*). Também parece estranho que Júlio Segundo, em sua visita à casa de Materno, tivesse se deixado acompanhar por Apro[6], a não ser em termos amigáveis. Ou desconfiamos até de Segundo, a despeito da passividade com que se deixa aliciar por Materno para dissentir de Apro (Tac. *Dial.*, 16.3: *pro duobus [...] promitto [...]; ego et Secundus exsequemur eas partes [...]; Aprum solere dissentire*

[5]Há pesquisadores que tendem a ver a *Eneida* de Virgílio como contra ou pró-augustana. Grebe (2004) reconhece a ambiguidade e fornece referências para ambas as partes da controvéria, mas ainda assim argumenta favoravelmente à ideia de que Virgílio teria ajudado a legitimar o poder de Augusto.

[6]A intenção de Segundo é dissuadir Materno de publicar uma versão tão ácida de *Catão* para que ele não comprometa sua segurança, observando que o que pode pô-lo em risco são justamente pessoas mal-intencionadas (Tac. *Dial.*, 3.2: *nihilne te [...] fabulae malignorum terrent*). Teria ele sido assim explícito caso Apro, ali de seu lado, fosse uma dessas pessoas?

[...]; hanc nostram concordiam)? Autorizada a simples intuição dos intérpretes, discordo de Strunk (2010) também no que tange a Messala e à ameaça que representaria[7].

Assim, esse artigo, que partira de um questionamento sobre a razão pela qual Materno teria, pelo menos na aparência, mudado tão radicalmente de posição entre seu primeiro e segundo discursos, conclui que o motivo foi ele ter passado a se sentir cada vez mais ameaçado, primeiro com a presença de Apro e a reafirmação da ideologia imperial em seus discursos, depois com a chegada de Messala e seu demonstrado incômodo ante a críticas a seus parentes; por tais razões ele teria recorrido a uma estratégia de duplo sentido. No fechamento do trabalho pontua:

> *At the end of the dialogue, Maternus' dissident language and behavior are no less critical, but infinitely more difficult to challenge. His speech is effective in delivering the critique and protecting the critic. Tacitus'* Dialogus *thus functions as a manual on how to offend the authorities under an autocratic regime.* (Strunk, 2010, p. 265)

Mas Tácito não era, ele mesmo, uma autoridade de um regime autocrático? Era, e depois de publicar o *Diálogo* continuou subindo na carreira. A tendência de ver nesse texto uma obra essencialmente política[8], e não retórica, não resiste à discussão feita pelos autores que citamos na Seção 1.2.3, os quais evidenciam a que ponto o trabalho de Tácito é *de fato* sobre oratória[9]. Creio que conclusões como a de Strunk (2010), partícipes dessa tendência, devam-se sobretudo à hipótese de que os indivíduos adotam ou recusam autônoma e conscientemente um conjunto dado de valores e visões de mundo, como se não fossem ao mesmo tempo produto e produtores dele, e como se essa decisão redundasse em dois polos claramente dicotomizados: os "homens do regime", por livre arbítrio inteiramente adesistas, e os "dissidentes", convictos opositores do poder. Ora, mesmo sem teoria, a experiência de vida[10] sob uma constituição política autoritária muitas vezes basta para constatar que poucos têm um entendimento analítico do estado de coisas em que estão imersos e dos mecanismos de poder que de um lado beneficiam uns, de outro oprimem outros, e não raro beneficiam e oprimem os mesmos ao mesmo tempo, a depender do prisma por que se considera a relação das pessoas com esse poder.

[7]Com efeito, diz o autor (p. 258) que *with regard to Aper, Maternus must avoid direct critique of the regime [...]; with regard to Messalla, he must avoid personally attacking a family member.* Eu, por outro lado, tenderia a desconfiar mais da postura quase reacionária de Messala, de achar que "antes era tudo melhor que hoje", e me parece que há um quê de assustador em ele ter aparecido de repente no cubículo, logo após o discurso mais duro de Materno. Chegadas inesperadas indicam *tensão* no gênero dialógico (ver os apontamentos à página 150 da Seção 5.3, a partir da linha 53).

[8]E mesmo dentro do debate político, vê-la como focada exclusivamente na crítica ao autoritarismo.

[9]Por isso mesmo, não admira que o texto traga também uma discussão política bastante profunda, pois a oratória esteve historicamente ligada à participação política, e mesmo no Principado ainda orbitava de perto o centro do poder, como nos informa o próprio *Diálogo*.

[10]Aluno de alunos de Paulo Freire, eu me eduquei não apenas na presença de sua obra teórica – em especial o *Pedagogia do Oprimido*, que mais interessa ao ponto da discussão –, mas prática, meus professores, cujas vidas (além da de todos os adultos a meu redor) se haviam dado sob um regime militar.

É uma simplificação, portanto, arregimentar as personagens de Tácito, mesmo o próprio Tácito, para lados bem definidos, antagônicos, de uma disputa que não surge claramente do enredo, mas é o intérprete quem realça. Não digo que Apro ou Messala não tivessem introjetados valores e pontos de vista propalados pelo regime imperial, mas sim que Materno também poderia tê-los (ou professá-los publicamente, segundo seu próprio interesse[11]), e isso não o impediria de polemizar com Apro, com Messala, com os poderosos de Roma, com quem fosse, acerca de questões que tivessem um fundo político; inversamente, não é porque ele polemiza, que se inscreve em um desses campos que o intérprete demarca. O que digo, e nisso tanto me inspiro como me afasto da crítica existente, é que devemos identificar o campo que a própria personagem demarca para si, o paradigma a partir do qual ela organiza sua relação com os demais elementos do enredo, e então averiguarmos quais sentidos a obra permite produzir a partir dele.

Será, então, a noção de decadência da oratória esse paradigma?

Antes de responder, é importante notar que tivemos, face aos romanos, uma tendência de tomá-los como análogos antigos de nós, modernos; um pouco como modernos mais velhos. Afinal, eles foram ao longo da história nossos modelos intelectuais, não objeto de estudos científicos, antropológicos. Daí a atitude passiva com que, até meados do séc. XX, muitos trabalhos acadêmicos aceitaram a decadência da oratória como fato, somente por ela ter sido dita, melhor, ter sido escrita por autores "sérios", como Tácito, um cônsul e senador, e Quintiliano, que se insistia em ver como um professor "universitário" muito parecido com aqueles que estavam lendo seus textos.

Por um lado, essa é uma postura hoje ultrapassada; nas últimas décadas instalou-se uma grande preocupação com não incidir em anacronismos e não amalgamar a cultura romana a nossa própria. Por outro, quando se passa a enxergar os romanos pelo mesmo ângulo com que olhamos para outros povos não modernos, surgem os riscos inerentes à *crença na crença ingênua* desses povos, algo de que Latour (2021) extensamente trata, e a que voltaremos no excurso da Seção 2.2 abaixo. Pondera-se de que maneira devem ser tomados os lamentos romanos quanto à decadência – talvez mero decadentismo, uma crendice de achar que antes era tudo melhor que agora, com efeito traço típico de uma

[11] Materno de fato usa da ideia de continuidade entre República e Principado, mas em sentido negativo, da continuidade dos males políticos (Tac. *Dial.*, 41.1: *quod superest antiquis oratoribus forum non emendatae nec [...] compositae ciuitatis argumentum est*). Não é questão de saber se ele intimamente partilha dessa visão ou se apenas a instrumentaliza, o importante é notar como seu discurso produz uma crítica ao Principado a partir de uma ideia cultivada pelo próprio Principado. Com efeito, Ibbetson (2015, p. 31) aponta que, até meados do séc. II e início do III, juristas como Gaio e Ulpiano viam a necessidade de justificar persuasivamente o poder legislativo do imperador a partir de um primeiro princípio válido desde a República: a *lex* promulgada pelo povo romano. Um decreto do príncipe tinha força de *lex*, pois ele recebera seu *imperium* do próprio povo, por meio de uma *lex* (a chamada lei régia, que o entronizava). Assim, a autoridade imperial ficava retoricamente assentada nas fontes legais republicanas, como se o novo regime tivesse sido juridicamente derivado delas.

sociedade "conservadora" como a romana – e se discute sobre o quanto a decadência seria inevitável nas novas condições sociais e politicas do Principado; chega-se mesmo a falar de uma crise autoral, ou da impossibilidade de os autores produzirem significados para além daqueles socialmente determinados nos processos hermenêuticos do público leitor[12].

Esses são precisamente os dois momentos da crítica moderna sobre a crença não moderna, como explica Latour (2021) na metade inicial do ensaio. O primeiro deles é o de denunciar a ingenuidade que se atribui ao não moderno, ao pensarmos que ele acredita ontologicamente, como seres efetivos e autônomos, naquilo que é antes fabricação do próprio homem, como os fetiches[13]. O segundo momento é voltar atrás, dar-se conta de todos os fatos antropológicos e sociológicos que ora impulsionam ora constrangem os indivíduos, e denunciar a impossibilidade da agência humana individual sobre eles, que acabam assemelhando-se a entidades tão autônomas e tão fantasmagóricas (o *habitus* e a *illusio*, as "mentalidades", o "sistema", o "capital") quanto aquelas em que, desde o princípio, o não moderno já acreditava a seu modo.

Ocorre que as crenças não modernas não são, como os modernos as tomam, teorias de mundo, metanarrativas, mas sim narrativas eficientes, verdadeiras à medida e na medida em que servem à prática e produzem resultados. A essa fusão de natureza e crença, de fato e fetiche, deu-se o nome de *fatiche* (Latour, 2021, p. 44). Eis o que melhor explica o conteúdo das crenças e como elas devem ser compreendidas: sobretudo, o não moderno sabe que o fatiche não deve ser levado "muito a sério", pois não é a realidade total que deve caber nele, mas ele ser útil para alguma coisa dentro dessa realidade. Se concordarmos com a afirmação de Latour (p. 76) de que, mesmo com toda a diversidade de povos modernos e não modernos com que já nos deparamos, não há exemplos que comprovem a existência de crenças verdadeiramente ingênuas[14], torna-se natural pensar que a insistência romana em sua própria decadência tenha sido, na verdade, um fatiche mais que uma opinião estética formal.

Não sou o primeiro, todavia, a questionar o quão a sério devemos tomar tão romano tópico como a decadência. Por um caminho distinto e de forma independente, Dressler (2013) analisa a possibilidade de que:

> *[...] Tacitus may be experimenting with the actual possibilities of his own literary culture and with its ongoing vitality, in a form of dialogue that, like Romans in their own conception of themselves in general, understands itself as always already in decline, without actually taking its own decline very "seriously".* (Dressler, 2013, p. 5)

[12]Ver a discussão iniciada à linha 38 da página 34, Seção 1.2.3.

[13]Objetos de culto típicos de religiões africanas, geralmente estatuetas esculpidas em madeira, que representam entidades espirituais e aos quais se atribuem poderes mágicos.

[14]No entanto, indivíduos ingênuos existem, os quais acreditam ingenuamente em suas crenças, isto é, que tomam o fatiche apenas em sua dimensão de fato, ignorando o que tem de fabricado; ver Latour (2021, p. 76).

Esse autor também aponta a possibilidade de a "crença" na decadência ter uma função mais prática, produtiva, do que teórica, explicativa:

> *In this space between presumed excellence of tradition and the "decline" of contemporary thought and expression, the masters of elite discourse discover the pragmatics and improvisation that constitute freedom even in, if not because of, literary and cultural "authoritarianism"*[15]. (Dressler, 2013, p. 5)

Atentando a esse aspecto, não será difícil entender o conteúdo prático do suposto fatiche. Suspeito que a crença romana na decadência seja exatamente o contrário do lamento de uma sociedade conservadora, que seja, na realidade, um impulso ou uma bússola para a enorme criatividade de uma sociedade inovadora. Consideremos Materno, no enredo do *Diálogo*: "convencido" da decadência da oratória forense, no mínimo "acreditando" que o papel do orador encontrava-se diminuído, o que ele fez? Ele *inventou* e continuou avidamente *reinventando* maneiras novas de exercer o papel de crítica que fora do orador, tomando por base uma idealização do tempo em que os poetas banqueteavam com os deuses e exprimiam suas vontades (Tac. *Dial.*, 12.4: *apud deos, quorum proferre responsa et interesse epulis ferebantur*). Tamanha energia criativa de Materno não passou despercebida:

> *"adeo te tragoediae istae non satiant", inquit Aper, "quo minus [...] omne tempus modo circa Medeam, ecce nunc circa Thyestem consumas, cum te tot amicorum causae, tot coloniarum et municipiorum clientelae in forum vocent, quibus uix suffeceris etiam si non nouum tibi ipse negotium importasses, ut Domitium et Catonem, id est nostras quoque historias et Romana nomina, Graeculorum fabulis aggregares.*[16] *"* (Tac. *Dial.*, 3.4)

Nesse excerto, o tom de Apro pode levar a crer que ele fosse um conservador e detestasse a inovação, encarando-a como um aviltamento de *nostras historias et Romana nomina*. Contudo, a leitura completa do *Diálogo* revela que Apro é o único dentre as personagens a defender a modernização da oratória como ocorrera no séc. I. O que ele critica em Materno é a direção de sua inovação, por considerá-la pouco romana; para ele, romano era o fórum, o que explica sua apreciação dos novos oradores e sua adesão aos debates retóricos que visavam ao aperfeiçoamento deles (curiosamente, muitos romanos considerariam esses debates como outra das *Graeculorum fabulae* importadas). Vemos então que

[15] *[...] "authoritarian" in the sense of being characterized by a strong emphasis on the author's intervention [...] in his discourse* (Dressler, 2013, p. 7). Ver sobre isso: C. Korsgaard: Personal identity and the unity of agency: a Kantian response to Partif. *Philosophy and Public Affairs* 18.2 (1989), pp. 101–132.

[16] *"A tal ponto não te bastam essas tragédias", Apro fala, "que [...] gastas todo o tempo ora com Medeia, eis agora que com Tiestes, enquanto te convocam ao fórum tantas causas implicando amigos, tantos protegidos das colônias e dos municípios, a quem dificilmente corresponderias de todo, ainda que não te tivesses importado essa novidade de ficares associando Domício e Catão, ou seja, narrativas históricas nossas, tanto como personalidades romanas, a essas fantasias, essas greguices."*

o valor atribuído a uma romanidade original, imaculada, da qual a Roma concreta em que essas pessoas viviam seria uma continuação decaída, era um ideal a ser atingido e pelo qual elas se empenhavam vigorosamente, não uma situação de perda histórica a ser pranteada ou mesmo reparada. O próprio Quintiliano escreve a *Institutio Oratoria* fixando um ideal de orador no passado, na idealização da pessoa de Cícero (Quint. *Inst.*, XII.11.28: *transeundi spes non sit [...] iam Cicerone arcem tenente eloquentiae*), mas afirmando que o orador ideal somente poderia ser constituído no futuro, utilizando as realizações do passado como embasamento e motivação[17], não desculpa para saudosismos[18].

Voltemos agora à questão: será a noção de decadência da oratória o paradigma que organiza a relação de Materno e dos outros oradores do *Diálogo* com os demais elementos do enredo?

Sim, é ela, desde que entendida como *fatiche*.

Em outras palavras, desde que compreendamos que as personagens não estão mais ou menos interessadas em *provar* a factualidade ou não da decadência do que em *definir* a oratória como decadente ou não por razões outras, as quais veremos ao longo da Parte III. Não admira, portanto, a falta de critérios e exemplos concretos atinentes à técnica oratória contemporânea nos discursos de Apro e Materno. O único que crê ingenuamente, no sentido de Latour (2021), em decadência é Messala. Talvez por isso Materno o incite com tanta veemência a falar das causas da suposta decadência (ver Seção 5.3, em que analisamos o *ingenium* das falas intersticiais desse orador; em especial, a Nota 44), a fim de fazê-lo cair na armadilha de querer explicar com fatores positivos um fenômeno que não estaria sendo positivamente observado[19].

Para encerrar, ilustro a discussão com um achado dos mais oportunos, que é encontrar no início do próprio *Fedro*, diálogo tão importante para a leitura que faremos dos discursos de Materno, um embrião de atitude fatichista por parte de Sócrates. Enquanto ele e Fedro passeiam pela natureza buscando um lugar para se recostarem, o filósofo aponta para um determinado local em que haveria um altar a Bóreas (Plat. *Phaedrus*, 229c);

[17] Quint. *Inst.*, I praef 19: *qualis [orator] fortasse nemo adhuc fuerit; sed non ideo minus nobis ad summa tendendum est; quod fecerunt plerique ueterum qui, etsi nondum quemquam sapientem repertum putabant, praecepta tamen sapientiae tradiderunt.*
Em português: *[Um orador] desses talvez até hoje não tenha havido; mas não é por isso que devemos nos esforçar menos para chegar ao topo; isso fizeram muitos dos antigos, os quais, ainda que achassem que até então não tinham encontrado ninguém de sábio, legaram os preceitos da sabedoria.*

[18] Quint. *Inst.*, XII.11.27: *ut nemo se meliorem fore eo qui optimus fuisset arbitraretur, ii ipsi qui sunt optimi non fuissent.*
Traduzido: *se ninguém acreditasse que viria a ser melhor do que quem já tenha se tornado o melhor, esses mesmos que são os melhores não o teriam sido.*

[19] Infelizmente, uma análise tanto da psicologia de Messala como de seu discurso não coube nesta monografia. Em uma publicação futura pretendo argumentar como ele, justamente por causa da crença ingênua na decadência romana, tornara-se também reacionário; haja vista que ele não entrou na brincadeira da denúncia mútua em Tac. *Dial.*, 42.2, talvez ele deva até ser indiciado pela morte de Materno.

Fedro lhe pergunta se ele acredita no mito (τὸ μυθολόγημα πείθῃ ἀληθὲς εἶναι); Sócrates então ironiza os sábios (σοφοί) que elaboram explicações "científicas" para a mitologia[20], procurando retirar-lhe o caráter fantástico e reduzi-la ao verossímil (Plat. *Phaedrus*, 229e: ἀτοπία[ς] τερατολόγων [...] τις ἀπιστῶν προσβιβᾷ κατὰ τὸ εἰκ[ό]ς); quanto a essas explicações, completa:

> ἐμοὶ δὲ πρὸς τὰ τοιαῦτα οὐδαμῶς ἐστι σχολή· τὸ δὲ αἴτιον, ὦ φίλε, τούτου τόδε. οὐ δύναμαί πω κατὰ τὸ Δελφικὸν γράμμα γνῶναι ἐμαυτόν· γελοῖον δή μοι φαίνεται τοῦτο ἔτι ἀγνοοῦντα τὰ ἀλλότρια σκοπεῖν. ὅθεν δὴ χαίρειν ἐάσας ταῦτα, πειθόμενος δὲ τῷ νομιζομένῳ περὶ αὐτῶν, ὅ νυν δὴ ἔλεγον, σκοπῶ οὐ ταῦτα ἀλλ' ἐμαυτόν, ἔιτε τι θηρίον τυγχάνω Τυφῶνος πολυπλοκώτερον καὶ μᾶλλον ἐπιτεθυμμένον, ἔιτε ἡμερώτερόν τε καὶ ἁπλούστερον ζῷον, θείας τινὸς καὶ ἀτύφου μοίρας φύσει μετέχον.[21] (Plat. *Phaedrus*, 229e-230a)

Se Sócrates não leva os mitos gregos a sério o suficiente para querer explicá-los de modo "científico", mas tampouco os descarta, entendendo que lhe fornecem meios para pensar sobre si mesmo ao comparar-se a eles, quem somos nós para fazer diferente com as crenças romanas?

2.1.2 Tradução do *Diálogo*: uma outra versão

Feitas essas reflexões, o objetivo que designei para a tradução do *Diálogo dos Oradores* neste trabalho foi vertê-lo de forma a resultar em um texto que permita ao leitor de língua portuguesa usufruir da obra não apenas em sua forma dialógica de estilo neociceroniano, mas também no fundo em que se insere de debates retóricos do período imperial, e de suas relações com uma discussão mais ampla, sobre o contexto cultural, político e institucional da sociedade romana de então.

Para isso, quis ressaltar seu aspecto emulativo em relação aos diálogos *De Oratore*, de Cícero, e *Fedro*, de Platão (cuja influência faz-se sentir nas falas de Materno), e as numerosas alusões à *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, buscando uma tradução ao mesmo tempo em português fluente, erudita (no sentido de tanto quanto possível respeitadora do tom e das figuras do texto latino) e acadêmica, *i.e.*, atenta ao jargão técnico da retórica e portadora de um certo aparato exegético, com notas mínimas sobre o estabelecimento

[20] Orítia não foi sequestrada por Bóreas, mas despencou de um desfiladeiro empurrada pelo vento boreal; como morreu e não voltou, disseram que foi "sequestrada" (Plat. *Phaedrus*, 290c-d).

[21] *Eu, no entanto, não tenho de maneira nenhuma tempo livre para esse tipo de coisa; e a culpa disso, meu caro, é esta: ainda não pude seguir a inscrição em Delfos e conhecer a mim mesmo; e de fato, parece-me ridículo ir examinar coisas alheias enquanto o ignore. Eis que as deixo estar e, permitindo-me levar pelo que se acredita acerca delas, falava-o há pouco, examino não a elas, mas a mim mesmo, se não acontece de eu ser alguma fera mais inextricável e mais enfurecida que Tífon, ou um animal mais dócil e simples, cuja natureza compartilhe de um destino despretensioso e algo divino.*
Texto grego extraído da edição de Yunis (2011).

do texto latino. Não poderíamos, portanto, ter adotado uma postura parafrástica, explicativa, muito menos ter enveredado por propostas adaptativas ou transcriadoras; nem tampouco partir do extremo oposto, o da tradução literal, concreta, à medida que o texto resultante, propositadamente exótico, obscureceria uma das principais características do *Diálogo*, que, conforme veremos na Parte III desta monografia, é essencial para sua interpretação: a excelência retórica dos oradores que dele participam.

Do ponto de vista metodológico, a estratégia primária utilizada foi identificar a função de cada elemento da elocução latina e vertê-lo ao português respeitando sua função linguística, entendida no esquema sumarizado em Jakobson (1960)[22]. Ademais do campo linguístico, o critério de versão para elementos da cultura que existiam no mundo romano e não encontram análogo contemporâneo foi pragmático: quando se trata de um referente a algo preciso, simples, que possua verbete em dicionários escolares, optamos pelo termo aportuguesado, como *latus clauus*, vertido em "laticlavo"; termos referentes a conceitos, rituais, ou instituições mais complexos, como a *salutatio*, foram vertidos por perífrases, observada a condição de serem curtas e de não destacar, no português, o que não está destacado no latim; a elas acompanham explicações em notas ao fim do texto.

Com relação a ornamento e linguagem, o *Diálogo* apresenta numerosos dubletos, repetições de palavras quase sinônimas, como *nouus et recens*, traço característico do estilo ciceroniano que as personagens emulam. Apesar disso, o dubleto em português soa menos fluente, pois o latim possuía diversas partículas que se substituíam à junção *et*, evitando que o texto ficasse repetitivo; muitas vezes deu-se a solução de transformar os dubletos em gradações: *novo, moderno.* Outra característica recorrente do estilo é o poliptoto[23], o que, no latim, diversifica a elocução; no português isso geraria o efeito contrário, de monotonia, razão pela qual escolhemos variar às vezes entre sinônimos, *causas... processos*, às vezes entre classes, *processo... processar.*

[22]Vejamos dois exemplos práticos: **1.** a expressão *hercle* aparece no *Diálogo dos Oradores* sempre desprovida de seu sentido referencial, de invocação a Hércules, mas na função de marcador de espanto, admiração, ou decisão, certeza; esse esvaziamento semântico ocorre também em conectivos como *enim*, *nam*, os quais frequentemente perdem o sentido lógico de "pois", "portanto", e assumem função fática, garantindo a atenção do ouvinte durante o encadeamento das ideias, como as palavras "então", "assim", "afinal"; **2.** a suposição errada de que, em latim, a ordem das palavras é livre faz com que muitas vezes as inversões sintáticas latinas sejam compreendidas como mero embelezamento do texto. Ora, desde Marouzeau (1922–53) e, mais recentemente, Devine e Stephens (2006), sabemos que também em latim a ordem dos termos em uma oração pode ou não estar subordinada a questões de sentido e, sobretudo, ênfase. Além disso, apesar de ser uma obra escrita, o *Diálogo* imita uma prática de proferimento oral de discursos, ainda mais por estar em jogo a destreza de oradores. Todavia, de um lado o leitor contemporâneo não está acostumado a textos ao mesmo tempo formais e falados e, de outro, muito do que em latim se marca na sintaxe, no português se faz na intonação e nas marcas textuais. Por isso, foram introduzidos na tradução sinais como travessões e parênteses mesmo dentro de falas, e usamos de alguns recursos para amaciar inversões, como as estruturas "é que...", "é ... que ...".

[23]Repetição de uma mesma palavra em diversas flexões, como em *causa... causas... causarum.*

Ademais, o jargão retórico que aparece no texto é todo de extração ciceroniana e, como é sabido (Causeret, 1886), não goza de uniformidade ou de definições rigorosas, mas se caracteriza pelo emprego preferencial de certos campos semânticos para descrever, por metáfora, características e estilos de discursos. São muito comuns os termos militares e ligados às lutas esportivas (ainda hoje não se fala em *discursos combativos* e, menos modernamente, *esgrimir argumentos*?), as palavras ligadas ao corpo, à saúde em contraste com a doença, e à urbanidade contrastada à ruralidade. Não se intentou sistematizar esse vocabulário dito técnico, nem harmonizá-lo com outras traduções existentes de retórica latina, pois tal uniformidade não existiu nem mesmo dentro da obra do próprio Cícero; buscou-se apenas preservar as escolhas de campo semântico. Senão, algumas palavras de uso comum adquirem um significado próprio na retórica, como *cogito*, que ganha o sentido de *elaborar*; já *cura*, no uso idiossincrático de Tácito, pode significar *obra literária*.

A questões filológicas mais intrincadas foi dada a devida atenção, inclusive com uso de bibliografia especializada. A mais interessante delas é, possivelmente, o uso de *contenta fuerit* em Tac. *Dial.*, 40.3. Em latim, *contentus* enquanto adjetivo significa exclusivamente *contente* (TLL, IV 679.42), mas, como particípio passado, é *contido*, de *contineo*, *conter* (TLL, IV 712.45); já *fuerit* é o verbo *sum*, *ser*, no subjuntivo perfeito. Aceitando o estilo neociceroniano, temos uma dupla leitura para a passagem. Uma como *adjetivo + verbo no perfeito*: *tenha sido contente* ou, o que é mais corrente, *tenha se contentado*; mas também outra, com a construção *particípio passado + verbo no perfeito* enquanto subjuntivo perfeito da voz passiva[24]. Embora menos usual, essa possibilidade tem a seu favor o uso em narração histórica (Ernout e Thomas, 1951, §249) e resulta em *tenha sido contida*.

Ora, isso tudo em um trecho em que Materno está falando bem de uma nação que *contenta fuerit* com um governo fixo (entenda-se: autocrático). Então, mesmo que Tácito esteja positivamente escrevendo sobre um povo que viveu feliz sob tal regime, é verossímil pensar que, no subtexto, ele possa estar falando de povos que foram subjugados por seus governos; no mínimo, é plausível concluir, pela semelhança das construções, que esse significado passaria pela cabeça dos leitores, e portanto estamos diante de um duplo sentido ou de uma ambiguidade, algo a que a tradução precisou atentar[25].

Por fim, o texto latino usado como base foi estabelecido a partir das edições críticas de Heubner (1983), Mayer (2001) e Winterbottom e Olgivie (1975); as diferenças entre elas são pequenas, e virão sempre indicadas nas notas da Seção 3.1. No mais, o texto latino aqui apresentado teve a pontuação adaptada ao usual do português[26]; a única alteração

[24]Para exprimir a voz passiva no subjuntivo perfeito, *tenha sido contido*, o latim clássico geralmente usaria o verbo no subjuntivo presente, *contentus sit*.

[25]Outras questões filológicas são tratadas nas notas adjuntas ao texto, na Parte II desta dissertação.

[26]Com exceção de Tac. *Dial.*, 32.2, a pontuação não causa diferença de leitura em relação às edições

minha face ao conjunto das edições críticas que julgo digna de comentar é a dúvida sobre *ualetudinis suae* em Tac. *Dial.*, 20.1, explicada na Nota xvii; trechos cuja supressão é recomendada pelos editores geralmente não foram traduzidos, ainda que mantidos no latim, entre colchetes. Texto latino, tradução, notas e comentários constituem a Parte II da monografia, estando as versões em latim e em português lado a lado, no Capítulo 3. A fim de manter a fluência da leitura, optou-se por apresentar as notas e os comentários em separado, ao fim do texto, aquelas numeradas com algarismos romanos, estes, com arábicos.

Para o esclarecimento do léxico latino, utilizamos o *Thesaurus Linguae Latinae* (TLL) e o *Oxford Latin Dictionary* (OLD); quando houve dúvidas sobre a utilização das palavras em português para além do idioleto próprio do tradutor, consultou-se o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, organizado pela Academia Brasileira de Letras, de 2008 (DELP). Outras referências foram mobilizadas para a elucidação de questões filológicas e históricas, o que será indicado oportunamente, em especial Causeret (1886) para o vocabulário retórico de Cícero, recuperado pelos oradores do *Diálogo*.

O cotejamento com outras traduções foi bastante limitado, para não dizer inexistente. Em parte porque o texto, quando incorrupto, é quase sempre claro, em parte porque as traduções disponíveis em inglês (Page e Rouse, 1914) e francês (Bornecque e Goelzer, 1906) são excessivamente parafrásticas (e mesmo assim nem sempre convincentes), característica menos pronunciada na italiana Arici (1959). Em língua portuguesa, citamos da Silva (1974) e, mais recente, Avellar e Rezende (2014), que traz uma proposta de tradução, sempre que possível, palavra por palavra. Eventualmente, também consultamos a versão em espanhol (Requejo, 1981).

2.2 *Excessus* filológico: nosso fatiche

Neste excurso, discutiremos algumas ideias oriundas das ciências humanas que contribuem para a recepção dos textos literários. O aporte que essas disciplinas trazem à crítica literária, por vezes chamada de *nova crítica*, certamente não substitui, mas complementa as análises textuais mais formalistas, centradas nas convenções de gênero adotadas ou transgredidas pelos autores, e os estudos relativos ao contexto literário preexistente a uma publicação. Nada disso falta ao *Diálogo dos Oradores*, mas, como vimos no Capítulo 1, o *Diálogo* possui um caráter peculiar; eis que para essa obra as contribuições da *velha crítica* já parecem se encontrar exaustivamente exploradas, na mesma medida em que as possibilidades interpretativas abertas pela *nova* mostraram-se particularmente úteis; aliás, *útil* é, sem dúvida, a palavra mestra da discussão que faremos a seguir.

críticas; ver Nota xxviii da Seção 3.1.

Uma das grandes dificuldades associadas à leitura do *Diálogo* é fato de ele ter se nos revelado aquilo que Vasconcellos (2001, p. 13) chama de *literatura de segundo grau*, ou seja, uma forma literária que, em grande medida, busca produzir sentidos próprios a partir da reelaboração dos elementos de uma literatura primária, por meio de procedimentos como a alusão, a citação, a emulação, etc. Vasconcellos promove um estudo sistemático desses procedimentos – e de seus efeitos – na obra épica de Virgílio, explicando como leituras intertextuais do poema revelam sentidos diferentes, complementares ou, até mesmo, opostos ao que indicava a leitura da *Eneida* enquanto literatura primária. Neste trabalho mesmo, no Capítulo 5, veremos como os discursos de Materno podem dar margem a uma interpretação da personagem como conformista, ou idealista ingênua, se o *Diálogo* for lido como obra de primeiro grau, ou, muito ao contrário, como um idealista consciente, se o lermos em intertexto com o *Fedro*, de Platão, e o *De Oratore*, de Cícero.

Ocorre que uma literatura desse tipo exigiria um *leitor culto*, no sentido de possuir um conhecimento dos elementos da literatura primária que seja desenvolto o bastante para entender, na leitura corrente, as referências feitas a ela pela obra de segundo grau. Mais do que isso: somente uma leitura, por assim dizer, coletiva de um texto de tamanha essência alusiva pode dar conta de todos os seus possíveis significados, uma vez que não se espera que um indivíduo leitor, sozinho, dentro de uma ampla tradição cultural e literária, possa ter tido o mesmo nível de contato com precisamente as mesmas obras de referência que o indivíduo autor, portanto não é razoável supor que autor e leitor compartilharão exatamente a mesma base de elementos primários aos quais aludir e perceber a alusão. O problema se resolve quando a obra, sendo lida e publicamente comentada por muitos, revela a cada um as alusões possíveis dentro da intersecção dos conhecimentos do autor com cada leitor, e, a partir da soma das experiências dos muitos leitores com o texto, forma-se em redor dele um consenso crítico sobre seus significados mais ou menos prováveis. Assim, mais do que um leitor culto, é necessário para avaliar a obra todo um *ambiente culto*, a fim de tentar apreciá-la integralmente[27].

Para os romanos, os textos das tradições grega e latina eram matéria da escola básica, na qual o *grammaticus* não apenas os lia, mas explicava, repassava os comentadores e indicava como haviam sido recebidos por autores posteriores. Dessa forma, o ambiente culto de que falamos em boa medida orbitava os espaços escolares, assim como *surg[ia] uma poesia culta, paralelamente à figura do filólogo erudito, exegeta dos textos da tradição* (Vasconcellos, 2001, p. 23). É-nos muito instigante notar como em Roma, pelo menos

[27]Mal comparando, é como quando, hoje, após assistir a um filme novo no cinema, entramos em um fórum na *internet* e tanto descobrimos nos milhares de comentários referências e efeitos mais ou menos plausíveis que nos haviam escapado, como não raro notamos a ausência de comentários sobre um ou outro tópico que nós mesmos notamos. Via de regra, após esse processo, tende a ser mais prazeroso, e certamente mais enriquecedor, assistir ao filme uma segunda vez.

no tocante à poesia[28], a produção de uma literatura original se assemelhava ao trabalho filológico de reviver textos que já eram antigos, afinal, mais do que transparece da objetividade da linguagem acadêmica, o trabalho da filologia moderna também tem uma componente inseparável de recriação, portanto de autoria, dos textos que depois a própria filologia analisará.

Essa questão é, a meu ver, tratada de modo profícuo por Cardoso (2020), que compara a filologia (mais geralmente, toda ciência) a um conjunto de procedimentos de *imitatio*, seja *imitatio auctorum*, seja *imitatio naturae*; assim, ao estabelecer uma edição crítica, uma tradução anotada ou um comentário, o filólogo baliza suas decisões e conclusões pelo critério de tentar reproduzir, com a máxima verossimilhança, o que teria sido "originalmente" o texto com o qual trabalha. Ele faz imitação do autor, ao tentar reconstruir quem esse foi, em que contexto viveu, o que, nessas condições, seria factível ter ou não escrito, e com quais objetivos; faz imitação do "texto original" (do manuscrito autógrafo) conforme tenta interpolar ou deletar passagens dos manuscritos supérstites considerando a lógica interna do texto, o estilo do autor, os usos linguísticos, etc.; faz imitação do público, imaginando, justamente, como teria sido a recepção de um texto tal e tal, e como esse texto precisaria ter sido redigido para produzir os efeitos tais e tais. O produto final, um pouco como a literatura latina ou helenística, fica a meio caminho entre o rigor da ciência, da filologia, e a produção criativa e voluntariosa do artista[29].

Ora, mesmo que os manuscritos autógrafos tivessem sobrevivido (como é o caso quase único dos assiriologistas, dentre os estudiosos de texto antigo[30]), ainda assim precisaríamos lidar com o desaparecimento de parte da tradição e, sobretudo, do ambiente culto em que as obras produziam seus sentidos. Por conta disso, ficamos em uma posição irremediavelmente prejudicada para avaliá-los, principalmente em relação àquelas obras que, como o *Diálogo*, não se prestam à extração de um sentido único, ou mesmo de um sentido proeminente sobre os demais possíveis:

> *O leitor implícito se torna decifrador ativo não de uma fórmula matemática, mas de sentidos tênues que vêm revestir a leitura linear: necessariamente, pairará sempre um quê de mistério, atormentador se não renunciarmos a solicitar do texto uma única e completa resposta precisa que supostamente o desvende definitivamente. [...] Por outro lado, admitir nossa incapacidade de compreender o sentido de uma dada alusão é não apenas demonstração de cautela, mas fatalidade de uma operação que lida com um vastíssimo contexto cultural em parte obscuro a nós, apesar dos esforços dos filólogos através de tantos séculos.* (Vasconcellos, 2001, p. 32)

[28]Mas também na prosa, como ficará claro depois da análise feita na Parte III desta dissertação.

[29]Poderíamos dizer que o filólogo também é um autor de pleno direito e originalidade, porém em uma literatura de terceiro grau? Pela argumentação que encaminharei no resto do excurso, digo que não, a menos que consideremos o filólogo "autor" não de uma obra, mas de um *fatiche*.

[30]Em latim, subsistem autógrafos antigos nas inscrições em pedra, em algumas centenas de tabuletas de cera que tratam de negócios, em *graffittis* nas paredes de Pompeia, e em papiros recuperados no Egito.

É claro que, diante dessa fatalidade, tentamos recompor não apenas os textos clássicos, mas também algum ambiente onde eles possam circular e revelar seus sentidos múltiplos, ambiente que se rematerializa, por exemplo, nos departamentos universitários de estudos clássicos. Todavia, cabe perguntar: até onde vale a pena tamanho rigor e esforço que resultam em um produto – sabemos – inerentemente artificial, e em que ponto não seria melhor desistirmos da recriação filológica e simplesmente "roubarmos" para nossa própria tradição literária esse peça de ficção moderna que constituímos, recriando-a de uma maneira mais livre para apenas fruí-la, até mesmo como obra, para nós, primária[31]? Em outras palavras, até onde vale a pena tentar preservar a qualidade de *fato* desses objetos de estudo, os quais já agregam tanto de *feito* pelo próprio estudioso?

A resposta vai no sentido da de Vasconcellos, sobre por que ler a *Eneida* no segundo grau: porque é uma leitura necessariamente mais rica. Exemplifico. Todos os manuscritos conhecidos trazem, para a fala de Apro em Tac. *Dial.*, 20.1, referindo-se a Messala Corvino, a lição unânime: *quis nunc feret oratorem de infirmitate ualetudinis suae praefantem*[32]. Otto Zwierlein (1997), filólogo, parte de uma reconstrução de Tácito e Apro para afirmar que o primeiro não poderia ter lido Quintiliano tão errado a ponto de confundir a lembrança que o rétor faz da costumeira declaração de Corvino de que não estava à altura das causas que defenderia (*infirmitas* em sentido retórico) com uma reclamação sobre seu estado de saúde (*infirmitas* enquanto fraqueza do corpo), nem poderia ter posto na boca da personagem Apro o vocábulo com o registro propositalmente trocado, como maneira de ironizar Corvino (caso estivesse bem consciente do sentido com que Quintiliano o usa), pois isso resvalaria em uma fanfarronice da parte de Apro, indigna de um orador de sua posição; partindo de uma reconstrução do contexto, ele avalia que uma crítica contra a desculpa convencional pela *infirmitas* retórica encaixa-se na argumentação geral de Apro, e que ela já seria um ataque suficiente, para o público leitor do *Diálogo*. Disso, Zwierlein conclui – e de maneira bastante persuasiva – que *ualetudinis* não teria feito parte do texto "original", tendo sido uma glossa para *infirmitas*, ainda por cima uma glossa errada, que se intrometera no texto pelas mãos do copista descuidado de algum manuscrito anterior aos que conhecemos.

No entanto, por tudo que veremos no Capítulo 4, não apenas é possível que Tácito esteja, sim, inserindo no discurso de Apro uma divergência em relação a Quintiliano, como talvez nem seja a primeira fanfarronice na qual esse orador incide. Independentemente desse trecho, o *Diálogo* como o possuímos, já um texto reconstituído, retrata Apro com perfeita ambiguidade, assim que a conclusão de Zwierlein, bem fundamentada e em total

[31] O próprio Vasconcellos nota (p. 13, n. 1) que toda obra pode, em alguma medida, ser lida como de segundo grau; de primeiro grau absoluto é apenas aquilo cujas fontes desapareceram por completo do registro histórico, não nos deixando outra alternativa senão lê-lo como tal.

[32] *Hoje, quem vai aguentar um orador que começa falando da sua própria debilidade de saúde.*

coerência com o que entendemos do resto do texto, quando posta diante da evidência contrária e inquestionável dos manuscritos, apenas acrescenta à ambiguidade[33] e nos motiva a investigar mais, e não menos possíveis sentidos da obra. Em geral, pensamos que, conforme os textos vão sendo danificados pela passagem do tempo, necessariamente perdemos algo, mas se um dia houve no qual Tácito levantou pela manhã e deu seu retoque final em um manuscrito intitulado *Dialogus de Oratoribus*, se logo em seguida, objetivando fazer pairar a dúvida sobre seus leitores, ele tivesse voltado ao escritório e rasurado esse mesmo manuscrito bem em Tac. *Dial.*, 20.1, não teria obtido um resultado melhor.

Com efeito, aceitar a dupla característica dos textos com que trabalhamos, sua qualidade de fatiche, dado natural[34] tanto quanto produto manufaturado, conscientiza-nos não apenas do que se perde na filologia, mas também do que se ganha. A necessidade de "manter o figurino", a fim de que continue sendo "acreditável" nossa "crença" de que o texto com que trabalhamos não ecoa nem parafraseia, mas *é* o "original" que o autor escreveu, leva-nos a uma sofisticação analítica singular[35], ao passo que, por sabermos que a crença "não deve ser levada muito a sério"[36], também não chegamos ao extremo de nos impedirmos de explorar possibilidades interpretativas, somente porque não possuamos "dados" necessários; exemplo disso é o Capítulo 5, que foi escrito, mesmo sem termos certeza da execução de Materno em 91 d.C.

Para encerrar, Cardoso (2020) recupera uma imagem do cientista em geral, e do filólogo em particular, como um diretor de teatro, cujo afazer é encenar uma peça que represente o mundo; a encenação é a montagem de um experimento, e na filologia esse experimento é, ele mesmo, um texto (p. 128). Ora, essa ideia vem ao encontro da definição que demos a nosso objeto de estudo, e penso, enfim, que aí está a deixa para enfatizar o caráter laboratorial deste trabalho, emergido apenas a partir do momento em que entendi que o texto antigo, hoje, somente existe como fatiche. Aqui, não buscarei por uma descrição teórica do *Diálogo dos Oradores*, o que ele é e o que significa, mas antes vou ensaiá-lo como um corpo de prova, para entender como se comporta – que significados produz e com quais probabilidades – ao ser confrontado com a tradição retórica que o precedeu.

[33]Será que essa ambiguidade já não terá sido uma ilusão criada pelas primeiras reconstituições do *Diálogo*? Ou pelo fato de que perdemos a tradição com a qual, se contrastado, ele nos revelaria um sentido assertivo?

[34]A princípio, os achados filológicos são objetos sobre os quais não incidiu nenhuma ação do filólogo moderno; nesse sentido, esses textos lhe parecessem tão naturais quanto, para o paleontólogo, os fósseis que escava na rocha.

[35]Parte dessa sofisticação analítica vem não de outro lugar que das práticas científicas: leitura e pareceres pelos pares, avaliação por bancas, o vaivém dos artigos nos periódicos, apresentações em congressos, etc., trâmites de que geralmente os ensaios literários, publicados em colunas de jornal ou em livros de editoras não científicas, ficam isentos, por mais cultos que sejam.

[36]"Não levar a crença muito a sério" no sentido de Latour (2021), ou seja, de não a entendermos como uma narrativa totalizante, mas útil, que se presta a fins práticos sem a pretensão de ser uma teoria completa sobre o mundo.

Parte II

Tradução

Capítulo 3

Texto latino e tradução

1 1.1 Saepe ex me requiris, Iuste Fabi, cur, cum priora saecula tot eminentium oratorum ingeniis gloriaque floruerint, nostra potissimum aetas deserta et laude eloquentiae orbata uix nomen ipsum oratoris retineat. neque enim ita appellamus nisi antiquos, horum autem temporum diserti causidici et aduocati et patroni et quiduis potius quam oratores uocantur. 1.2 cui percontationi tuae respondere et tam magnae quaestionis pondus excipere, ut aut de ingeniis nostris male existimandum ⟨sit⟩, si idem assequi non possumus, aut de iudiciis, si nolumus, uix hercule auderem, si mihi mea sententia proferenda ac non disertissimorum, ut nostris temporibus, hominum sermo repetendus esset, quos eandem hanc quaestionem pertractantes iuuenis admodum audiui.

1.3 ita non ingenio, sed memoria et recordatione opus est, ut quae a praestantissimis uiris et excogitata subtiliter et dicta grauiter accepi, cum singuli diuersas †quidem†[i], sed probabiles causas afferent, dum formam sui quisque et animi et ingenii redderent, iisdem nunc numeris iisdemque rationibus persequar, seruato ordine disputationis.

1 1.1 Você sempre me pergunta, Fábio Justo, por que, considerando que as gerações anteriores floresceram com o talento e o sucesso de tantos oradores de renome, é justamente a nossa época, estéril e orfanada dos méritos da eloquência, que quase não preserva nem mesmo a designação de orador. Vê que não denominamos assim a não ser os antigos, enquanto nos dias atuais quem discursa com destreza é chamado de advogado, de defensor, de patrono, de tudo o mais antes que de orador. 1.2 A essa sua indagação eu decididamente não ousaria responder, nem assumir o fardo da enorme contenda de vir a culpar os nosso talentos, se não podemos estar à mesma altura, ou os gostos, se não queremos –, fosse para falar por mim mesmo, e não para retomar uma conversa de homens extremamente fluentes, ao menos para os dias de hoje, que ouvi, ainda bem jovem, tratando em detalhes desse mesmo problema.

1.3 Assim, não será necessário inventividade, mas memória e retrospecto para que eu agora percorra com os mesmos passos e com os mesmos argumentos, mantendo a ordem do debate, tudo que ouvi, elaborado de modo analítico, bem como proferido de modo solene, por tão destacados homens, que individualmente avançavam causas opostas †sim†, mas plausíveis[1],

1.4 neque enim defuit qui diuersam quoque partem susciperet ac, multum uexata et irrisa uetustate, nostrorum temporum eloquentiam antiquorum ingeniis anteferret.

2 2.1 nam postero die quam Curiatius Maternus *Catonem* recitauerat, cum offendisse potentium animos diceretur, tamquam in eo tragoediae argumento sui oblitus tantum Catonem cogitasset, eaque de re per urbem frequens sermo haberetur, uenerunt ad eum M. Aper et Iulius Secundus, celeberrima tum ingenia fori nostri, quos ego utrosque non modo in iudiciis studiose audiebam, sed domi quoque et in publico assectabar mira studiorum cupiditate et quodam ardore iuuenili, ut fabulas quoque eorum et disputationes et arcana semotae dictionis penitus exciperem, quamuis maligne plerique opinarentur nec Secundo promptum esse sermonem et Aprum ingenio potius et ui naturae quam institutione et litteris famam eloquentiae consecutum. 2.2 nam et Secundo purus et pressus et, in quantum satis erat, profluens sermo non defuit, et Aper omni eruditione imbutus contemnebat potius litteras quam nesciebat, tamquam maiorem industriae et laboris gloriam habiturus, si ingenium eius nullis alienarum artium adminiculis inniti uideretur.

3 3.1 igitur ut intrauimus cubiculum Materni, sedentem ipsum, quem pridie recitauerat librum inter manus habentem, deprehendimus. 3.2 Tum Secundus "nihilne te," inquit, "Materne, fabulae malignorum ter-

até que cada um delineasse o seu estado de espírito e de intelecto.

1.4 Afinal, também não faltou quem tomasse um partido diferente e, depois de muito fustigar e escarnecer o velho estilo, preferisse a eloquência do nosso tempo aos talentos de antigamente.

2 2.1 Pois bem, no dia seguinte àquele em que Curiácio Materno recitara *Catão*, dado que estavam dizendo que ele tinha afrontado gente poderosa, como se, absorto no enredo daquela tragédia, se tivesse preocupado apenas com Catão[2] – e isso virou assunto pela cidade toda –, foram ter com ele Marco Apro e Júlio Segundo, então das mentes mais brilhantes do nosso fórum, os quais eu ouvia com atenção não apenas durante os julgamentos, mas acompanhava também a ambos em casa e em público, com um extraordinário desejo de aprender e com um certo entusiasmo juvenil, a fim de inteirar-me por completo inclusive das suas conversas, dos debates e dos segredos do que diziam em privado[3], por mais que muitos fossem da opinião maldosa de que a fala de Segundo não seria desenvolta, e de que Apro teria conseguido a reputação de eloquente mais pelo talento, também pela sua têmpera natural, do que com uma formação literária. 2.2 Ora, tanto não faltava uma fala limpa e sucinta a Segundo e, no que bastasse, fluida, quanto Apro, imbuído de todo tipo de erudição, mais desprezava que desconhecia as letras, como se o seu esmero e o seu suor fossem obter maior glória se o seu talento não parecesse se apoiar no suporte de nenhuma técnica externa.

3 3.1 Foi assim que, quando entramos no quarto de Materno, surpreendemo-lo sentado, segurando nas mãos o texto que recitara na véspera. 3.2 Então diz Segundo: "Materno, por acaso a maledicência das pessoas não lhe dá nem um pouco de medo de se divertir com

rent quominus offensas Catonis tui ames? an ideo librum istum apprehendisti, ut diligentius retractares et, sublatis si qua pravae interpretationi materiam dederunt, emitteres Catonem non quidem meliorem, sed tamen securiorem?"

3.3 tum ille: "leges tu quid Matenus sibi debuerit, et agnosces quae audisti. quod si qua omisit Cato, sequenti recitatione Thyestes dicet. hanc enim tragoediam disposui iam et intra me ipse formaui. atque ideo maturare libri huius editionem festino, ut dimissa priore cura nouae cogitationi toto pectore incumbam."

3.4 "adeo te tragoediae istae non satiant", inquit Aper, "quominus omissis orationum et causarum studiis omne tempus modo circa Medeam, ecce nunc circa Thyestem consumas, cum te tot amicorum causae, tot coloniarum et municipiorum clientelae in forum vocent, quibus uix suffeceris etiam si non nouum tibi ipse negotium importasses, ⟨ut⟩ Domitium et Catonem, id est nostras quoque historias et Romana nomina, Graeculorum fabulis aggregares."

4 4.1 et Maternus: "perturbarer hac tua seueritate, nisi frequens et assidua nobis contentio iam prope in consuetudinem uertisset. nam nec tu agitare et insequi poetas intermittis et ego, cui desidiam aduocationum obicis, cotidianum hoc patrocinium defendendae aduersus te poeticae exerceo. 4.2 quo laetor magis oblatum nobis iudicem qui me uel in futurum uetet uersus facere uel, quod iam pridem opto, sua quoque auctoritate compellat ut, omissis forensium causarum angustiis, in quibus mihi satis superque sudatum est, sanctiorem illam et augustio-

as afrontas do seu Catão? Ou você tem na mão esse texto para o retrabalhar com mais cuidado e, depois de cortar o que deu pretexto a interpretações deturpadas, publicar uma versão da peça não digo melhor, mas mais segura?"

3.3 E ele: "Você vai ler algo que Materno devia a si mesmo, e vai reconhecer aquilo que ouviu. E se Catão omitiu alguma coisa, no próximo recital Tiestes é quem dirá. Essa tragédia, eu já a estruturei e a tenho formada na minha imaginação, e é por isso que estou me apressando para acabar a edição deste volume, para, uma vez despachada a primeira obra, mergulhar de cabeça na elaboração da nova."

3.4 "A tal ponto não lhe bastam essas tragédias", Apro fala, "que você se esquece dos compromissos relativos aos discursos e aos processos judiciais e gasta todo o tempo ora com Medeia, eis agora que com Tiestes, enquanto o convocam ao fórum tantas causas implicando amigos, tantos protegidos das colônias e dos municípios, a quem dificilmente corresponderia de todo, ainda que você não se tivesse importado essa novidade de ficar associando Domício e Catão, ou seja, narrativas históricas nossas e também personalidades romanas, a essas fantasias, essas greguices."

4 4.1 Daí Materno: "Eu me incomodaria muito com essa sua rispidez, se a nossa velha querela de sempre já não tivesse virado quase um hábito. Ora, você não deixa de atormentar e perseguir os poetas, eu, a quem acusa de desleixo para com a advocacia, advogo cotidianamente para defender, de você, a poesia. 4.2 Por isso me alegro que estejamos diante de um juiz que ou me proíba de fazer versos no futuro, ou – e isso desejo já há tempos – que me estimule até mesmo com a sua autoridade a esquecer as restrições relativas aos processos judiciais – aos quais, aliás, esforço mais que suficiente foi por mim envidado – e cultivar aquela mais pura e

rem eloquentiam colam."

5 5.1 "ego uero," inquit Secundus, "antequam me iudicem Aper recuset, faciam quod probi et modesti iudices solent, ut in iis cognitionibus ⟨se⟩ excusent in quibus manifestum est alteram apud eos partem gratia praeualere. 5.2 quis enim nescit neminem mihi coniunctiorem esse et usu amicitiae et assiduitate contubernii quam Saleium Bassum, cum optimum uirum, tum absolutissimum poetam? porro, si poetica accusatur, non alium uideo reum locupletiorem."

5.3 "securus sit", inquit Aper, "et Saleius Bassus et quisquis alius studium poeticae et carminum gloriam fouet, cum causas agere non possit. 5.4 ego enim, quatenus arbitrum litis huius †inueniri†[ii], non patiar Maternum societate plurium defendi, sed ipsum solum apud uos[iii] arguam, quod natus ad eloquentiam uirilem et oratoriam, qua parere simul et tueri amicitias, asciscere necessitudines, complecti prouincias possit, omittit studium quo non aliud in ciuitate nostra uel ad utilitatem fructuosius, ⟨uel ad uoluptatem dulcius⟩, uel ad dignitatem amplius, uel ad urbis famam pulchrius, uel ad totius imperii atque omnium gentium notitiam illustrius excogitari potest."

5.5 "nam si ad utilitatem uitae omnia consilia factaque nostra dirigenda sunt, quid est tutius quam eam exercere artem qua semper armatus praesidium amicis, opem alienis, salutem periclitantibus, inuidis uero et inimicis metum et terrorem ultro feras, ipse securus et uelut quadam perpetua potentia ac potestate munitus? 5.6 cuius uis et utilitas, rebus prospere fluentibus, aliorum perfugio et tutela intellegitur. Sin proprium periculum increpuit, non hercule lorica et gla-

elevada eloquência."

5 5.1 "Eu, por outro lado", diz Segundo, "antes que Apro me rejeite como juiz, farei o que é costume de juízes honestos e ponderados, que é afastarem-se daqueles inquéritos em que fica evidente que uma das partes tenha preferência entre eles. 5.2 Afinal, quem não sabe que ninguém me é mais íntimo, tanto na relação de amizade como na constância da convivência, que Saleio Basso, já um homem excelente, e ainda um poeta consumado? Ademais, se acusam a poesia, não conheço outro réu de maiores recursos."

5.3 "Deixemos em paz", diz Apro, "tanto Saleio Basso como qualquer outro que cultive a dedicação aos versos e a glória da poesia, não podendo atuar em processos. 5.4 Eu, por minha vez, já que um árbitro para este caso †ser encontrado†[4], não vou aceitar que Materno seja defendido por uma equipe de várias pessoas, mas demonstrarei para vocês que ele, em especial, é culpado; por ter nascido inclinado a uma eloquência viril e própria do orador – com a qual se pode criar e junto resguardar amizades, contrair laços sociais, abraçar a causa das províncias – é que ele se omite em um trabalho face ao qual nada na nossa sociedade pode ser concebido de mais frutífero para a vida prática, ⟨de mais prazeroso para o indivíduo⟩, de mais importante para o prestígio, de mais nobre para a reputação de Roma, ou de mais lustroso para a notoriedade de todo o império e de todos os seus povos."

5.5 "Ora, se é para a utilidade prática do dia-a-dia que todos os nossos desígnios e atos devem ser dirigidos, o que é menos arriscado que exercer aquele ofício com cujas armas se pode dar proteção aos amigos, assistência aos estrangeiros, segurança aos acusados e, ademais, incutir nos desafetos e nos inimigos medo e terror, estando o próprio imune e como que

dius in acie firmius munimentum quam reo et periclitanti eloquentia, praesidium simul ac telum, quo propugnare pariter et incessere siue in iudicio siue in senatu siue apud principem possis. 5.7 quid aliud infestis patribus nuper Eprius Marcellus quam eloquentiam suam opposuit, qui accinctus et minax disertam quidem, sed inexercitatam et eius modi certaminum rudem Heluidii sapientiam elusit?"

"plura de utilitate non dico, cui parti minime contra dicturum Maternum meum arbitror."

guarnecido por um quê constante de influência e autoridade? 5.6 O seu poder e utilidade, tudo transcorrendo favoravelmente, manifesta-se pelo refúgio e pela guarida dada aos outros. E se soa o alarme do risco para si mesmo, uma couraça e um gládio certamente não serão equipamento mais robusto em uma batalha do que a eloquência para um réu pronunciado a júri, proteção ao mesmo tempo que arma, com que se pode defender bem como atacar, seja no tribunal, seja no senado, seja perante o imperador. 5.7 Que outra coisa, não faz muito, Éprio Marcelo contrapôs aos senadores rivais senão a sua eloquência, ele que, de prontidão e ameaçador, esquivou-se da sabedoria[5] de Helvídio, articulada, é bem verdade, mas sem treino e inexperiente em confrontos do tipo?"

"Não falo mais sobre a utilidade, ponto contra o qual acredito que o meu amigo Materno pouco ou nada irá dizer."

6 6.1 "ad uoluptatem oratoriae eloquentiae transeo, cuius iucunditas non uno aliquo momento, sed omnibus prope diebus ac prope omnibus horis contingit. 6.2 quid enim dulcius libero et ingenuo animo et ad uoluptates honestas nato quam uidere plenam semper et frequentem domum suam concursu splendidissimorum hominum? idque scire non pecuniae, non orbitati, non officii alicuius administrationi, sed sibi ipsi dari? ipsos quin immo orbos et locupletes et potentes uenire plerumque ad iuuenem et pauperem, ut aut sua aut amicorum discrimina commendent? 6.3 ullane tanta ingentium opum ac magnae potentiae uoluptas quam spectare homines ueteres et senes et totius orbis gratia subnixos in summa rerum omnium abundantia confitentes id quod optimum sit se non habere? 6.4 iam uero qui togatorum comitatus et egressus! quae

6 6.1 "Passo para o prazer que dá a eloquência de um orador, cuja felicidade irrompe não em um único momento determinado, mas em quase todos os dias e quase que em todas as horas. 6.2 O que é, no fim das contas, mais satisfatório para um espírito de homem livre, nascido livre[6] e predisposto a prazeres sadios, do que ver a sua casa sempre cheia, lotada pela afluência das mais ilustres pessoas, e saber que isso se dá não pelo dinheiro, não por uma herança, não pela gestão de algum cargo público, mas por si próprio? E ainda por cima serem quase sempre os próprios herdeiros, os ricos e os poderosos que vêm a um jovem, a um jovem pobre, a fim de lhe confiarem processos que são decisivos, para si ou para os seus amigos? 6.3 Há prazer maior em ter grande influência e enormes riquezas do que em assistir a homens já maduros, anciões, que desfrutam da estima de todo mundo, confessarem, do alto da sua abundância em todo tipo de bens, que não

in publico species! quae in iudiciis ueneratio! quod illud gaudium consurgendi assistendique inter tacentes et in unum conuersos! coire populum et circumfundi coram et accipere affectum quemcumque orator induerit!"

6.5 "uulgata dicentium gaudia et imperitorum quoque oculis exposita percenseo; illa secretiora et tantum ipsis orantibus nota maiora sunt. siue accuratam meditatamque profert orationem, est quoddam sicut ipsius dictionis, ita gaudii pondus et constantia; siue nouam et recentem curam non sine aliqua trepidatione animi attulerit, ipsa sollicitudo commendat euentum et lenocinatur uoluptati. 6.6 sed extemporalis audaciae atque ipsius temeritatis uel praecipua iucunditas est, nam ⟨in⟩[iv] ingenio quoque, sicut in agro, quamquam alia diu serantur atque elaborentur, gratiora tamen quae sua sponte nascuntur."

7 7.1 "equidem, ut de me ipso fatear, non eum diem laetiorem egi quo mihi latus clauus oblatus est, uel quo homo nouus et in ciuitate minime fauorabili natus quaesturam aut tribunatum aut praeturam accepi, quam eos quibus mihi pro mediocritate huius quantulaecumque in dicendo facultatis aut reum prospere defendere aut apud centumuiros causam aliquam feliciter orare aut apud principem ipsos illos libertos et procuratores principum tueri et defendere datur. 7.2 tum mihi supra tribunatus et praeturas et consulatus ascendere uideor, tum habere quod si non †in animo†[v] oritur, nec codicillis datur nec cum gratia uenit."

possuem aquilo que há de melhor? 6.4 De fato, que séquito de togados quando se sai de casa pela manhã[7]! Que imagem pública! Que veneração nos tribunais! Que prazer de levantar e tomar posição, os demais em silêncio e voltados a uma só pessoa! A população se reunir, se aglomerar em redor e ser tomada de qualquer emoção que o orador incitar!"

6.5 "Estou esquadrinhando a satisfação evidente de quem exerce a oratória, exposta à vista inclusive dos leigos; aquela mais íntima, conhecida apenas da própria pessoa que discursa, é maior. Se se profere um discurso meticuloso e bem preparado, há uma certa persistência, um lastro para a satisfação, assim como para o discurso em si; se se apresenta, não sem um certo frio na barriga, um trabalho original, inovador, a própria ansiedade valoriza o resultado e incrementa o prazer. 6.6 No entanto, o maior deleite talvez esteja na ousadia improvisada e na própria impetuosidade, pois também em relação ao intelecto, assim como no campo, ainda que algo seja semeado e cultivado durante muito tempo, no fim o que é mais gratificante é o que brota espontaneamente."

7 7.1 "E com efeito, para falar do meu próprio caso, não passei um dia mais feliz quando me foi concedido o laticlavo, ou então, sendo um homem-novo[8] nascido em uma sociedade nem um pouco acolhedora, quando recebi a questura, o tribunato, ou a pretura, do que quando me é dado – segundo a modéstia desta habilidade de discursar, por menor que seja – ou defender um réu a contento, ou sustentar com êxito alguma causa perante os centúnviros, ou proteger e defender perante o imperador aqueles conhecidos libertos e funcionários imperiais[9]. 7.2 Fico tanto com a impressão de me elevar acima dos tribunatos, das preturas e do consulado, como com a de possuir algo que, se não desponta †na alma†, também não é dado

7.3 "quid? fama et laus cuius artis cum oratorum gloria comparanda est? †qui illustriores sunt†[vi] in urbe non solum apud negotiosos et rebus intentos, sed etiam apud iuuenes et adulescentes, quibus modo recta est indoles et bona spes sui? 7.4 quorum nomina prius parentes liberis suis ingerunt? quos saepius uulgus quoque imperitum et tunicatus hic populus transeuntes nomine uocat et digito demonstrat? aduenae quoque et peregrini iam in municipiis et coloniis suis auditos, cum primum in urbem attigerunt, requirunt ac uelut agnoscere concupiscunt."

8 8.1 "ausim contendere Marcellum hunc Eprium, de quo modo locutus sum, et Crispum Vibium – libentius enim nouis et recentibus quam remotis et oblitteratis exemplis utor – non †minus notos†[vii] esse in extremis partibus terrarum quam Capuae aut Vercellis, ubi nati dicuntur. 8.2 nec hoc illis ⟨alterius bis⟩, alterius ter milies sestertium praestat, quamquam ad has ipsas opes possunt uideri eloquentiae beneficio uenisse, ⟨sed⟩ ipsa eloquentia, cuius numen et caelestis uis multa quidem omnibus saeculis exempla edidit ad quam usque fortunam homines ingenii uiribus peruenerint."

"sed haec, ut supra dixi, proxima et quae non auditu cognoscenda, sed oculis spectanda haberemus. 8.3 nam quo sordidius et abiectius nati sunt quoque notabilior paupertas et angustiae rerum nascentes eos circumsteterunt, eo clariora et ad demonstrandam oratoriae eloquentiae utilitatem illustriora exempla sunt, quod sine commenda-

por procuração nem se arranja por meio de favores."

7.3 "Ora! A reputação e o prestígio de qual ciência podem se comparar à glória dos oradores? †Quem é mais conhecido† em Roma, não apenas entre homens de negócios preocupados com os seus afazeres, mas também entre rapazes jovens, pelo menos entre os que têm uma índole correta e geram boas expectativas? 7.4 Os nomes de quem os pais preferem dar aos seus filhos? Quem, ao andar na rua, também o público leigo e este povo em túnicas[10] fica com mais insistência chamando pelo nome e apontando com o dedo? Mesmo os estrangeiros e os imigrantes, àqueles que já ouviram nos seus municípios e colônias, assim que põem os pés em Roma, procuram-nos como que desejando reconhecê-los."

8 8.1 "Eu ousaria afirmar que aquele Éprio Marcelo de quem falei há pouco e Víbio Crispo – gosto mais de usar exemplos recentes, modernos, do que os distantes e esquecidos – não são †menos conhecidos† nos confins do império que em Cápua ou Vercelas, onde parece que nasceram. 8.2 Isso o que lhes vale não são os duzentos milhões de sestércios ⟨de um⟩, os trezentos do outro, ainda que possam aparentar ter chegado a tal nível de riqueza graças à eloquência, ⟨mas⟩ a própria eloquência, cujo feitiço e poder divino forneceram, em todas as épocas, de fato muitos exemplos de quanta fortuna os homens puderam alcançar com a força do intelecto."

"Acontece que essas coisas, como disse antes, são familiares, algo que deveríamos não ter ouvido dizer, mas visto com os próprios olhos. 8.3 Pois quanto mais ignóbil e abjeta a condição em que nasceram, e quanto mais impressionante a pobreza e as restrições materiais que os cercavam no nascimento, tanto mais claros e explícitos são os exemplos que ilustram a utilidade da oratória; pois sem um berço nobre, sem

tione natalium, sine substantia facultatum, neuter moribus egregius, alter habitu quoque corporis contemptus, per multos iam annos potentissimi sunt ciuitatis ac, donec libuit, principes fori, nunc principes in Caesaris amicitia agunt feruntque cuncta atque ab ipso principe cum quadam reuerentia diliguntur, quia Vespasianus, uenerabilis senex et patientissimus ueri, bene intellegit ceteros quidem amicos suos iis niti quae ab ipso acceperint quaeque ipsi accumulare et in alios congerere promptum est, Marcellum autem et Crispum attulisse ad amicitiam suam quod non a principe acceperint nec accipi possit."

8.4 "minimum, inter tot ac tanta, locum obtinent imagines ac tituli et statuae, quae neque ipsa tamen negleguntur, tam hercule quam diuitiae et opes, quas facilius inuenies qui uituperet quam qui fastidiat. his igitur et honoribus et ornamentis et facultatibus refertas domos eorum uidemus qui se ab ineunte adulescentia causis forensibus et oratorio studio dederunt."

9 9.1 "nam carmina et uersus, quibus totam uitam Maternus insumere optat – inde enim omnis fluxit oratio –, neque dignitatem ullam auctoribus suis conciliant neque utilitates alunt; uoluptatem autem breuem, laudem inanem et infructuosam consequuntur. 9.2 licet haec ipsa et quae deinceps dicturus sum aures tuae, Materne, respuant: cui bono est si apud te Agamemnon aut Iason diserte loquitur? quis ideo domum defensus et tibi obligatus redit? quis Saleium nostrum, egregium poetam uel, si hoc honorificentius est, praeclarissimum ua-

disporem[11] de recursos[12], nenhum dos dois de comportamento destacado, um deles inclusive de conformação física desprezível, eles têm sido já por muitos anos as pessoas mais poderosas de Roma, enquanto quiseram fizeram e desfizeram soberanos no fórum, agora soberanos no entorno do césar, e o soberano em pessoa os estima com especial cuidado, pois Vespasiano, um ancião venerável, bastante capaz de encarar a verdade, entende bem que, por um lado, os seus demais favoritos dependem daquilo que tenham recebido de si próprio e que lhe é fácil amontoar e descarregar sobre os outros, porém que Marcelo e Crispo trouxeram para o seu círculo algo que não receberiam do imperador e que nem há como receber."

8.4 "É mínimo, entre tantas e tão importantes coisas, o espaço que ocupam os bustos, as inscrições, as estátuas, algo que, enfim, também não se menospreza, assim como, óbvio, as riquezas e a opulência, diante das quais se encontra mais facilmente quem critique do que quem desgoste. Por isso vemos abarrotadas com essas honrarias, decorações e confortos as casas daqueles que se dedicaram aos processos judiciais e à prática da oratória desde o começo da vida adulta."

9 9.1 "Ademais, os poemas e os versos, com os quais Materno deseja desperdiçar a sua vida inteira – de onde, aliás, emanou a nossa conversa –, nem granjeiam prestígio algum aos seus autores, nem provêm a fins práticos; por outro lado, alcançam um prazer efêmero e um renome vazio e infrutífero. 9.2 Pode ser, Materno, que os seus ouvidos rechacem isto mesmo e o que estou para dizer em seguida, mas para que serve que nos seus textos Agamenão e Jasão falem com destreza? Quem é que em razão disso volta para casa em débito com você por ter sido defendido? Quem é que vai de manhã esperar à porta, cumprimentar e acompanhar ao fórum

tem, deducit aut salutat aut prosequitur?"

9.3 "nempe si amicus eius, si propinquus, si denique ipse in aliquod negotium inciderit, ad hunc Secundum recurret aut ad te, Materne, non quia poeta es neque ut pro eo uersus facias. hi enim Basso domi nascuntur, pulchri quidem et iucundi, quorum tamen hic exitus est: ut cum toto anno, per omnes dies, magna noctium parte unum librum excudit et elucubrauit, rogare ultro et ambire cogatur ut sint qui dignentur audire. et ne id quidem gratis, nam et domum mutuatur, et auditorium exstruit et subsellia conducit et libellos dispergit. 9.4 et, ut beatissimus recitationem eius euentus prosequatur, omnis illa laus intra unum aut alterum diem, uelut in herba uel flore praecerpta, ad nullam certam et solidam peruenit frugem, nec aut amicitiam inde refert aut clientelam aut mansurum in animo cuiusquam beneficium, sed clamorem uagum et uoces inanes et gaudium uolucre."

9.5 "laudauimus nuper ut miram et eximiam Vespasiani liberalitatem, quod quingenta sestertia Basso donasset; pulchrum id quidem, indulgentiam principis ingenio mereri. quanto tamen pulchrius, si ita res familiaris exigat, se ipsum colere, suum genium propitiare, suam experiri liberalitatem! 9.6 adice quod poetis, si modo dignum aliquid elaborare et efficere uelint, reliquenda conuersatio amicorum et iucunditas urbis, deserenda cetera officia utque ipsi dicunt in nemora et lucos, id est in solitudinem secedendum est."

10 10.1 "ne opinio quidem et fama, cui

o nosso amigo Saleio, um poeta excepcional e mesmo, se for mais honroso, um ilustríssimo vate?"

9.3 "Se um amigo dele, se um parente, enfim se ele mesmo se meter em algum problema, na certa é a este Segundo que vai recorrer, ou a você, Materno, não por ser um poeta e nem porque vá fazer poemas em seu favor. Esses nascem com Basso, bonitos, de fato, e graciosos, mas cujo desfecho é este: quando no espaço de um ano inteiro, ao longo de todos os dias, durante grande parte das noites, tiver composto, burilado à luz da lamparina um único livro, ele ainda é obrigado a pedir por favor e ir atrás de quem se digne a ouvir. E nem mesmo isso sai de graça, já que ele aluga um local, monta o auditório, arranja os assentos e distribui os programas. 9.4 E, ainda que o recital dele seja seguido de um enorme sucesso, todo aquele enaltecimento restrito a só um ou dois dias, como se colhido ainda em rama ou em flor, não resulta em nenhum fruto certo e substancioso, e nem amigos ele tira daí, nem protegidos, nem uma benevolência capaz de permanecer no coração de alguém, mas um aplauso vago, comentários vazios e uma satisfação passageira."

9.5 "Falávamos há pouco como é admirável e extraordinária a liberalidade de Vespasiano, de presentear Basso com meio milhão de sestércios; é bom, sem dúvida, merecer pelo talento uma indulgência imperial. No entanto, quanto não seria melhor, se a situação familiar assim vier a exigir, cuidar de si mesmo, adular o seu próprio deus[13], experimentar a sua própria liberalidade! 9.6 Fora que os poetas, se ao menos quiserem compor e publicar algo digno, devem deixar a convivência dos amigos e os prazeres da cidade, abandonar os demais deveres e, como eles mesmos dizem, recolher-se a florestas e bosques sagrados, isto é, à solidão."

10 10.1 "Nem mesmo a reputação e a fama –

soli seruiunt et quod unum esse pretium omnis laboris sui fatentur, aeque poetas quam oratores sequitur, quoniam mediocris poetas nemo nouit, bonos pauci. 10.2 quando enim rarissimarum recitationum fama in totam urbem penetrat, nedum ut per tot prouincias innotescat? quotus quisque, cum ex Hispania uel Asia, ne quid de Gallis nostris loquar, in urbem uenit, Saleium Bassum requirit? atque adeo si quis requirit, ut semel uidit, transit et contentus est, ut si picturam aliquam uel statuam uidisset."

10.3 "neque hunc meum sermonem sic accipi uolo, tamquam eos quibus natura sua oratorium ingenium denegauit deterream a carminibus, si modo in hac studiorum parte oblectare otium et nomen inserere possunt famae. 10.4 ego uero omnem eloquentiam omnesque eius partes sacras et uenerabiles puto; nec solum coturnum uestrum aut heroici carminis sonum, sed lyricorum quoque iucunditatem et elegorum lasciuias et iamborum amaritudinem ⟨et⟩ epigrammatum lusus et quamcumque aliam speciem eloquentia habeat anteponendam ceteris aliarum artium studiis credo."

10.5 "sed tecum mihi, Materne, res est quod, cum natura tua in ipsam arcem eloquentiae ⟨te⟩ ferat, errare mauis et, summa adeptus, in leuioribus subsistis. ut si in Graecia natus esses, ubi ludicras quoque artis exercere honestum est, ac tibi Nicostrati robur ac uires di dedissent, non paterer immanes illos et ad pugnam natos lacertos leuitate iaculi aut iactu disci uanescere, sic nunc te ab auditoriis et theatris in forum et ad causas et ad uera proelia uoco, cum praesertim ne ad illud quidem confugere possis quod plerisque patrocinatur, tamquam mi-

norte do qual são escravos e o que confessam ser a única recompensa de todo o seu esforço – acompanham a poetas e a oradores da mesma forma, já que ninguém conhece os poetas medianos, e os bons, poucos. 10.2 Afinal, quando é que comentários de recitais tão esporádicos se espalham por toda a cidade, ou menos ainda, repercutem por várias províncias? Quão poucas pessoas, chegando em Roma da Hispânia ou da Ásia, para não falar da nossa Gália, procuram Saleio Basso? Tanto que, se alguém procura, logo que o vê uma única vez se contenta e segue adiante, como se tivesse visto alguma pintura ou estátua."

10.3 "E não quero que estas minhas palavras sejam tomadas assim, como se eu estivesse desencorajando de fazer poesia aqueles a quem a sua própria natureza negou o talento oratório, se somente com essa arte podem gozar do tempo livre e inserir o nome na rubrica da fama. 10.4 Eu, na verdade, considero toda eloquência e todas as suas disciplinas sagradas e veneráveis; creio que não apenas o palco trágico[14] de vocês ou a sonoridade do verso heroico, mas também a graça dos líricos, as licenciosidades dos elegíacos, a acidez dos iambos, as brincadeiras dos epigramas e qualquer outra forma que a eloquência tenha deva ser preferida à prática dos demais ramos do conhecimento."

10.5 "Mas cá entre nós, Materno, o problema é que mesmo com a sua natureza levando-o ao cume da eloquência, você prefere se dispersar e, tendo atingido o mais elevado, insiste no mais insignificante. Se tivesse nascido na Grécia, onde até praticar esportes é tido por decente, e se os deuses lhe tivessem dado a robustez e a força de um Nicóstrato, da mesma forma que eu não deixaria que aqueles bíceps gigantescos, feitos para a luta, murchassem com a leveza do dardo ou no lançamento de disco, eu agora o convoco dos auditórios e dos teatros para o fórum, para os processos e para os combates de

nus obnoxium sit offendere poetarum quam oratorum studium."

10.6 "efferuescit enim uis pulcherrimae naturae tuae, nec pro amico aliquo, sed, quod periculosius est, pro Catone offendis, nec excusatur offensa necessitudine officii aut fide aduocationis aut fortuitae et subitae dictionis impetu. meditatus uideris elegisse †[viii] personam notabilem et cum auctoritate dicturam. 10.7 sentio quid responderi possit: hinc ingentis †exis⟨tere⟩†[ix] assensus, haec in ipsis auditoriis praecipue laudari et mox omnium sermonibus ferri."

"tolle igitur quietis et securitatis excusationem cum tibi sumas aduersarium superiorem. 10.8 nobis satis sit priuatas et nostri saeculi controuersias tueri, in quibus †[x] si quando necesse sit pro periclitante amico potentiorum aures offendere, et probata sit fides et libertas excusata."

verdade, sobretudo porque você não está podendo recorrer nem sequer àquilo que protege a maioria, como se afrontar por zelo poético fosse menos comprometedor do que por zelo oratório."

10.6 "Ora, o vigor da sua excelente natureza arde em fogo, e você não faz afrontas em prol de algum amigo, mas, o que é mais perigoso, em prol de Catão, e a afronta nem se justifica por dever do ofício, por lealdade advocatícia, ou pelo impulso de uma fala fortuita e repentina. Parece que você planejou escolher uma personalidade notável, que se manifestaria com autoridade. 10.7 Creio que isto possa ser dito em resposta: que †todos sabem muito bem† que essas coisas são mencionadas mais nos auditórios mesmo, e que depois é que caem na boca do povo."

"Chega, então, da desculpa da tranquilidade e da segurança quando for tomar um adversário mais forte. 10.8 A nós basta que cuidemos de litígios privados e contemporâneos, nos quais †, se em algum momento for necessário afrontar a sensibilidade dos poderosos em prol de algum amigo acusado, tanto será aceitável a lealdade, como a liberdade ficará justificada."

11 11.1 quae cum dixisset Aper acrius ut solebat et intento ore, remissus et subridens Maternus "parantem", inquit, "me non minus diu accusare oratores quam Aper laudauerat – fore enim arbitrabar ut, a laudatione eorum digressus, detrectaret poetas atque carminum studium prosterneret – arte quadam mitigauit, concedendo iis qui causas agere non possent ut uersus facerent!"

11.2 "ego autem, sicut in causis agendis efficere aliquid et eniti fortasse possum, ita recitatione tragoediarum. et ingredi famam auspicatus sum cum quidem †imperante Nerone†[xi] improbam et studiorum quoque

11 11.1 Tendo Apro discursado de modo bastante incisivo, como era de hábito, e com o rosto sério, um Materno descontraído e sorridente diz: "Estava me preparando para atacar os oradores por não menos tempo do que Apro elogiou – afinal eu achava que ele partiria da apologia a eles para derrubar os poetas e subjugar o gosto pelos versos –, e ele me aplaca com o particular artifício de conceder que façam poemas aqueles que não sejam capazes de defender uma causa!"

11.2 "Quanto a mim, como posso ter algum sucesso e talvez me destacar na defesa de uma causa, assim é com a recitação de tragédias. Tanto comecei a me tornar famoso quando, por

sacra profanantem Vatinii potentiam fregi, ⟨et⟩ hodie si quid in nobis notitiae ac nominis est, magis arbitror carminum quam orationum gloria partum. 11.3 ac iam me deiungere a forensi labore constitui, nec comitatus istos et egressus aut frequentiam salutantium concupisco, non magis quam aera et imagines, quae etiam me nolente in domum meam irruperunt."

11.4 "nam statum cuiusque ac securitatem melius innocentia tuetur quam eloquentia, nec uereor ne mihi umquam uerba in senatu nisi pro alterius discrimine facienda sint."

12 12.1 "nemora uero et luci et secretum ipsum, quod Aper increpabat, tantam mihi afferunt uoluptatem, ut inter praecipuos carminum fructus numerem quod non in strepitu nec sedente ante ostium litigatore nec inter sordes ac lacrimas reorum componuntur, sed secedit animus in loca pura atque innocentia fruiturque sedibus sacris. 12.2 haec eloquentiae primordia, haec penetralia! hoc primum habitu cultuque commoda mortalibus in illa casta et nullis contacta uitiis pectora influxit. sic oracula loquebantur."

"nam lucrosae huius et sanguinantis eloquentiae usus recens et ex malis moribus natus atque, ut tu dicebas, Aper, in locum teli repertus. 12.3 ceterum, felix illud et, ut more nostro loquar, aureum saeculum, et oratorum et criminum inops, poetis et vatibus abundabat qui bene facta canerent, non qui male admissa defenderent. 12.4 nec ullis aut gloria maior aut augustior honor, primum apud deos, quorum proferre responsa et interesse epulis ferebantur, deinde apud illos

sinal, rompi com a influência nefasta de Vatínio †durante o governo de Nero†, profanadora mesmo do que há de puro nos lazeres[15], como hoje, se temos um nome de alguma reputação, foi ganho, acredito, mais pelo sucesso dos poemas que dos discursos. 11.3 Já estou decidido a me desvencilhar do trabalho jurídico, e não desejo essas comitivas me esperando sair de manhã para me cumprimentarem[16], não mais do que estátuas de bronze e bustos de cera, os quais, mesmo eu não querendo, invadiram a minha casa."

11.4 "Ora, a posição e a segurança das pessoas são mais bem resguardadas pela inocência que pela eloquência, e não receio que algum dia tenha que fazer um discurso no Senado que não seja no julgamento de terceiros."

12 12.1 "Para ser franco, os bosques, as florestas sagradas e o próprio isolamento de que Apro estava resmungando dão-me tanto prazer, que eu enumeraria como uma das principais recompensas da poesia o fato de que ela não é composta no tumulto, com um litigante sentado diante do pórtico, entre os andrajos e as lágrimas dos réus, mas que o espírito se distancia para lugares imaculados, inocentes, e desfruta de moradas santas. 12.2 Eis a origem da eloquência, eis o seu âmago! Isso foi o que primeiro incutiu naqueles corações puros dos mortais, intocados pelo vício, benefícios em termos do comportamento e do modo de vida. Assim é que os oráculos falavam."

"Já a prática recente dessa eloquência lucrativa e sanguinolenta nasceu dos maus costumes e, como você, Apro, dizia, encontrou-se no lugar das armas. 12.3 De resto, aquela geração fecunda, o século de ouro, como costumamos dizer, desprovida tanto de oradores como de acusações, abundava em poetas e vates que cantassem as boas ações, não que defendessem as admitidas a contragosto. 12.4 A

dis genitos sacrosque reges, inter quos neminem causidicum, sed Orphea et Linum ac, si introspicere altius uelis, ipsum Apollinem accepimus."

12.5 "uel, si haec fabulosa nimis et composita uidentur, illud certe mihi concedes, Aper, non minorem honorem Homero quam Demostheni apud posteros, nec angustioribus terminis famam Euripidis aut Sophoclis quam Lysiae aut Hyperidis includi. 12.6 plures hodie reperies qui Ciceronis gloriam quam qui Vergilii detrectent, nec ullus Asinii aut Messallae liber tam illustris est quam *Medea* Ouidii aut Varii *Thyestes*."

13 13.1 "ac ne fortunam quidem uatum et illud felix contubernium comparare timuerim cum inquieta et anxia oratorum uita. licet illos certamina et pericula sua ad consulatus euexerint, malo securum et quietum Vergilii secessum, in quo tamen neque apud diuum Augustum gratia caruit neque apud populum Romanum notitia. 13.2 testes Augusti epistulae, testis ipse populus, qui, auditis in theatro Vergilii uersibus, surrexit uniuersus et forte praesentem spectantemque Vergilium ueneratus est, sic quasi Augustum. 13.3 ne nostris quidem temporibus Secundus Pomponius Afro Domitio uel dignitate uitae uel perpetuitate famae cesserit."

13.4 "nam Crispus iste et Marcellus, ad quorum exempla me uocas, quid habent in hac sua fortuna concupiscendum? quod timent, an quod timentur? quod, cum cotidie aliquid rogentur, ii quibus ⟨non⟩ praestant

ninguém maior glória ou honras mais elevadas, primeiro junto aos deuses, de quem, se dizia, anunciavam os oráculos e tomavam parte nos banquetes, depois junto àqueles reis consagrados, filhos de deuses, dentre os quais não ouvimos falar de nenhum advogado, mas de Orfeu e Lino e, se quisermos olhar mais a fundo, do próprio Apolo."

12.5 "Senão, caso essas coisas pareçam por demais fabulosas e inventadas, certamente Apro vai concordar comigo que a posteridade não tem em menor conceito Homero que Demóstenes, e que a reputação de um Eurípides ou de um Sófocles não se confina a limites mais estreitos que a de Lísias ou Hipérides. 12.6 Hoje, encontra-se mais gente que diminua a grandiosidade de Cícero que a de Virgílio, e nenhuma publicação de Asínio ou de Messala[17] é tão reconhecida quanto a *Medeia* de Ovídio, ou, de Vário, *Tiestes*."

13 13.1 "Eu não temeria comparar sequer a fortuna dos poetas e o seu fecundo círculo com a vida irrequieta e aflita dos oradores. Pode até ser que os seus embates e julgamentos os arrastem ao consulado, prefiro o distanciamento seguro e tranquilo de Virgílio, no qual, entretanto, nem lhe faltou favor da parte do divino Augusto, nem reconhecimento da parte do povo romano. 13.2 São testemunhas as cartas de Augusto, é testemunha o próprio povo, que se levantou em bloco após ouvir no teatro os versos de Virgílio, e reverenciou Virgílio – o qual por acaso assistia em pessoa – como se fosse Augusto. 13.3 Nem mesmo nos nossos tempos Pompônio Segundo teria ficado atrás de Domício Afro[18], seja em termos do prestígio atingido em vida, seja da continuidade da sua fama."

13.4 "Pois bem, esse tal de Crispo e esse Marcelo, a cujo exemplo me exortam, o que possuem nessa sua dita fortuna que se há de desejar? Que eles têm medo, ou que têm medo

indignantur? quod alligati cum adulatione nec imperantibus umquam satis serui uidentur, nec nobis satis liberi? quae haec summa eorum potentia est? tantum posse liberti solent."

13.5 "*me uero dulces*, ut Vergilius ait, *Musae*, remotum a sollicitudinibus et curis et necessitate cotidie aliquid contra animum faciendi, in illa sacra illosque fontis ferant. nec insanum ultra et lubricum forum famamque †fallacem†[xii] trepidus experiar, 13.6 non me fremitus salutantium nec anhelans libertus excitet, nec incertus futuri testamentum pro pignore scribam, nec plus habeam quam quod possim cui uelim relinquere quandoque [enim fatalis et][xiii] meus dies ueniet, statuarque tumulo non maestus et atrox, sed hilaris et coronatus, et pro memoria mei nec consulat quisquam nec roget."

14 14.1 uixdum finierat Maternus, concitatus et uelut instinctus, cum Vipstanus Messalla cubiculum eius ingressus est, suspicatusque ex ipsa intentione singulorum altiorem inter eos esse sermonem, "num parum tempestiuus", inquit, "interueni, secretum consilium et causae alicuius meditationem tractantibus?"

14.2 "minime, minime," inquit Secundus, "atque adeo uellem maturius interuenisses, delectasset enim te et Apri nostri accuratissimus sermo, cum Maternum ut omne ingenium ac studium suum ad causas agendas conuerteret exhortatus est, et Materni pro carminibus suis laeta, utque poetas defendi decebat, audentior et poetarum quam ora-

deles? Que, conforme todo dia lhes forem pedir algo, amealham o ressentimento daqueles a quem ⟨não⟩ correspondem? Que, enredados pela adulação, não parecem nunca servis o suficiente para os que estão no poder, nem livres o suficiente para nós? Que enorme influência é essa, a deles? Poder isso tudo, libertos podem."

13.5 "*A mim, porém, as doces musas*[19], como diz Virgílio, levem às suas grutas e aos seus santuários, afastado das atribulações, das preocupações e da necessidade de todo dia fazer algo a contragosto. E mais: que eu não me afobe a provar do fórum doentio e traiçoeiro e da fama †enganadora†, 13.6 que nem o alarido matinal dos clientes nem um secretário[20] ofegante me venham acordar, que por incerteza do futuro eu não escreva um testamento com garantias[21], que eu não possua mais que aquilo que possa deixar a quem quiser no momento em que chegar a minha hora [fatal], que no túmulo minha estátua não seja pesarosa nem severa, mas alegre e enfeitada, e pela minha memória que ninguém proponha nem vote homenagens públicas."

14 14.1 Apenas terminara Materno, exaltado e como que inspirado, quando Vipstano Messala entrou no seu quarto e, suspeitando pela própria circunspecção de cada um que houvesse entre eles uma discussão mais profunda, diz: "Por acaso apareci em uma hora ruim, tratavam de alguma deliberação privada e da preparação de algum processo?"

14.2 "Não, de jeito nenhum", diz Segundo, "e até gostaria que tivesse aparecido mais cedo, pois o teriam deleitado tanto a fala muitíssimo pertinente do nosso Apro, que exortava Materno a redirecionar toda a sua inteligência e o seu esforço à defesa de causas judiciais, como o discurso de Materno em favor dos seus poemas, um discurso alegre, como convém para defender um poeta, bastante ousado e mais parecido

torum similior oratio."

14.3 "me uero", inquit, "[et] sermo iste infinita uoluptate affecisset, atque id ipsum delectat quod uos, uiri optimi et temporum nostrorum oratores, non forensibus tantum negotiis et declamatorio studio ingenia uestra exercetis, sed eius modi etiam disputationes assumitis quae et ingenium alunt et eruditionis ac litterarum iucundissimum oblectamentum cum uobis, qui ista disputatis, afferunt, tum etiam iis ad quorum aures peruenerint."

14.4 "itaque hercule non minus probari uideo in te, Secunde, quod Iuli Africani uitam componendo spem hominibus fecisti plurium eius modi librorum, quam ⟨improbari⟩ in Apro quod nondum ab scholasticis controuersiis recessit et otium suum mauult nouorum rhetorum more quam ueterum oratorum consumere."

15 15.1 tum Aper: "non desinis, Messalla, uetera tantum et antiqua mirari, nostrorum autem temporum studia irridere atque contemnere. nam hunc tuum sermonem saepe excepi, cum oblitus et tuae et fratris tui eloquentiae neminem hoc tempore oratorem esse contenderes †parem antiquis†[xiv], eo, credo, audacius, quod malignitatis opinionem non uerebaris, cum eam gloriam quam tibi alii concedunt ipse tibi denegares."

15.2 "neque illius", inquit, "sermonis mei paenitentiam ago, neque aut Secundum aut Maternum aut te ipsum, Aper, quamquam interdum in contrarium disputes, aliter sentire credo. ac uelim impetratum ab aliquo uestrum ut causas huius infinitae differentiae scrutetur ac reddat, quas mecum ipse plerumque conquiro. 15.3 et quod quibusdam solacio est, mihi auget quaestionem,

com o dos poetas que com o de um orador."

14.3 "A mim, de fato", diz ele, "essa conversa me teria enchido de imensa satisfação, tanto como deleita-me o próprio fato de vocês, homens excelentes e oradores do nosso tempo, não estarem exercitando os seus talentos apenas com questões judiciais e com a prática da declamação, mas de se engajarem também em debates do tipo que nutrem a inteligência e proporcionam o enorme prazer da cultura literária, a vocês mesmos, que debatem, e ainda mais àqueles a cujos ouvidos eles chegarem."

14.4 "Sem dúvidas é por isso que não considero menos elogiável em você, Segundo, que, ao escrever a biografia de Júlio Africano, tenha gerado no público a expectativa de mais publicações do gênero, do que acho ⟨criticável⟩ em Apro que ainda não se tenha retirado das controvérsias escolares e que goste mais de gastar o seu tempo livre ao modo dos rétores modernos do que ao dos antigos oradores."

15 15.1 E então Apro: "Você nunca desiste, Messala, de admirar apenas o antigo e o passado, e por outro lado de zombar e desprezar as aspirações do nosso tempo. Ora, eu já ouvi várias vezes essa sua conversa, em que você se esquece tanto da sua eloquência como da do seu irmão, e insiste que ninguém na atualidade seja um orador † à altura dos antigos†, e com mais audácia, penso, porque não receia a pecha de maldoso, já que você mesmo recusa essa glória que outros lhe concedem."

15.2 "Não me arrependo disso que digo", responde, "e acho que nem Segundo, nem Materno, nem você mesmo, Apro, ainda que de vez em quando discuta em contrário, pensem de outro modo. Gostaria que algum de vocês examinasse e fornecesse as razões dessa enorme diferença, nas quais geralmente fico pensando eu comigo mesmo. 15.3 E o que para alguns é motivo de consolo, para mim aumenta o pro-

quia uideo etiam Graiis accidisse ut longius absit ⟨ab⟩ Aeschine et Demosthene Sacerdos iste Nicetes, et si quis alius Ephesum uel Mytilenas concentu scholasticorum et clamoribus quatit, quam Afer aut Africanus aut uos ipsi a Cicerone aut Asinio recessistis."

blema, porque vejo que até com os gregos aconteceu de esse Nicetas Sacerdos – e quem mais for atarantar Éfeso ou Mitilene com a ladainha e a barulheira das escolas de retórica – estar mais afastado de Ésquines e Demóstenes, do que Áfer ou Africano, ou mesmo do que vocês retrocederam de Cícero ou de Asínio."

16 16.1 "magnam", inquit Secundum, "et dignam tractatu quaestionem mouisti. sed quis eam iustius explicabit quam tu, ad cuius summam eruditionem et praestantissimum ingenium cura quoque et meditatio accessit?"

16.2 et Messalla "aperiam", inquit, "cogitationes meas si illud a uobis ante impetrauero, ut uos quoque sermonem hunc nostrum adiuuetis."

16.3 "pro duobus", inquit Maternus, "promitto, nam et ego et Secundus exsequemur eas partes quas intellexerimus te non tam omisisse quam nobis reliquisse. Aprum enim solere dissentire et tu paulo ante dixisti et ipse satis manifestus est iam dudum in contrarium accingi, nec aequo animo perferre hanc nostram pro antiquorum laude concordiam."

16.4 "non enim", inquit Aper, "inauditum et indefesum saeculum nostrum patiar hac uestra conspiratione damnari. sec hoc primum interrogabo: quos uocetis antiquos, quam oratorum aetatem significatione ista determinetis. 16.5 ego enim, cum audio 'antiquos', quosdam ueteres et olim natos intellego, ac mihi uersantur ante oculos Vlixes et Nestor, quorum aetas mille fere et trecentis annis saeculum nostrum antecedit. uos autem Demosthenem et Hyperidem profertis, quos satis constat Philippi et Alexandri temporibus floruisse, ita tamen ut utrique

16 16.1 "Levantou-se", Segundo fala, "uma questão relevante e merecedora de estudo. Mas quem a tratará mais apropriadamente que você, a cujo refinamento supremo e tão extraordinário talento juntou-se ainda cuidado e preparação?"

16.2 E Messala diz: "Eu posso compartilhar as minhas reflexões, se antes conseguir que vocês também contribuam com esta nossa discussão."

16.3 "Prometo por nós dois", Materno fala, "já que tanto eu como Segundo vamos desenvolver as partes que entendermos não que você omitiu, mas que deixou para nós. E que Apro costuma discordar, tanto você acabou de dizer, como ele mesmo deixou bastante claro que há tempos se pôs de prontidão para o contraditório, e que não vai ficar suportando impassível esta nossa união em favor dos méritos dos antigos."

16.4 "Ora," diz Apro, "eu não vou aceitar que a nossa geração seja condenada por vocês, por unanimidade, sem que tenha sido ouvida e defendida. Mas vamos ao meu primeiro interrogatório: a quem se chama de antigos, a qual período da oratória se circunscreve com essa expressão? 16.5 Eu, afinal, quando ouço 'antigos', entendo pessoas nascidas há muito tempo, e passam-me pela cabeça Ulisses e Nestor, cuja época antecede o nosso século por uns mil e trezentos anos. Vocês, no entanto, citam Demóstenes e Hipérides, que floresceram, sabemos bem, nos tempos de Filipe e Alexandre, tendo pelo menos sobrevivido ambos a eles."

superstites essent."

16.6 "ex quo apparet non multo plures quam trecentos annos interesse inter nostram et Demosthenis aetatem. quod spatium temporis si ad infirmitatem corporum nostrorum referas, fortasse longum uideatur; si ad naturam saeculorum ac respectum immensi huius aeui, perquam breue et in proximo est. 16.7 nam si, ut Cicero in *Hortensio* scribit, is est magnus et uerus annus quo eadem positio caeli siderumque quae cum maxime est rursum existet, isque annus horum quos nos uocamus annorum duodecim milia nongentos quinquaginta quattuor complectitur, incipit Demosthenes †uester†[xv], quem uos ueterem et antiquum fingitis, non solum eodem anno quo nos, sed etiam eodem mense extitisse."

16.6 "Disso fica claro que não muito mais que trezentos anos se interpõem entre a nossa época e a de Demóstenes. Esse intervalo de tempo, se comparamos à debilidade do corpo humano, talvez pareça longo; se ao curso dos séculos e à perspectiva desta imensa eternidade, como fica curto e recente! 16.7 Ora, se existe, como Cícero escreve em *Hortênsio*, um verdadeiro ano platônico no qual as estrelas do céu voltarão a aparecer na mesma posição em que estão neste exato momento, e se esse ano abarca doze mil, novecentos e cinquenta e quatro desses que nós chamamos anos[22], esse Demóstenes †de vocês†, que vocês fazem passar por antigo e ancestral, passa a ter surgido não apenas no mesmo ano que nós, mas também no mesmo mês."

17 17.1 "sed transeo ad Latinos oratores, in quibus non Menenium, ut puto, Agrippam, qui potest uideri antiquus, nostrorum temporum disertis anteponere soletis, sed Ciceronem et Caesarem et Caelium et Caluum et Brutum et Asinium et Messallam, quos quid antiquis temporibus potius adscribatis quam nostris non uideo."

17.2 "nam ut de Cicerone ipso loquar, Hirtio nempe et Pansa consulibus, ut Tiro libertus eius scripsit, VII idus ⟨Decembres⟩ occisus est, quo anno diuus Augustus in locum Pansae et Hirtii se et Q. Pedium consules suffecit. 17.3 statue sex et quinquaginta annos, quibus mox diuus Augustus rem publicam rexit, adice Tiberii tres et uiginti et prope quadriennium Gai, ac bis quaternos denos Claudii et Neronis annos, atque illum Galbae et Othonis et Vitellii longum et unum annum, ac sextam iam felicis huius principatus stationem qua Vespasianus rem

17 17.1 "Mas passo para os oradores latinos, dentre os quais se costumam preferir aos modernos que falam com desenvoltura não um Agripa Menênio (se não me engano), que até pode parecer antigo, mas um Cícero, um César, um Célio, um Calvo, um Bruto, um Asínio e um Messala, os quais não vejo por que se atribuem aos tempos antigos e não aos nossos."

17.2 "Afinal, para falar do próprio Cícero, ele foi morto, como sabemos, no consulado de Hírcio e Pansa, em 7 ⟨de dezembro⟩, segundo escreveu o seu liberto Tirão, ano em que o divino Augusto nomeou cônsules a si mesmo e a Quinto Pédio, no lugar de Pansa e Hírcio. 17.3 Fixem os cinquenta e seis anos seguintes em que o divino Augusto governou Roma, juntem os vinte e três de Tibério e o quase quadriênio de Gaio, mais duas vezes os catorze anos de Cláudio e Nero cada, e aquele único, porém longo ano de Galba, Otão e Vitélio, mais o já sexto termo deste frutuoso reinado em que Vespasiano governa o Estado. Até o dia de

publicam fouet. centum et uiginti anni ab interitu Ciceronis in hunc diem colliguntur, unius hominis aetas, 17.4 nam ipse ego in Britannia uidi senem qui se fateretur ei pugnae interfuisse qua Caesarem inferentem arma Britanni arcere litoribus et pellere aggressi sunt. ita si eum, qui armatus C. Caesari restitit, uel captiuitas uel uoluntas uel fatum aliquod in urbem pertraxisset, aeque idem et Caesarem ipsum et Ciceronem audire potuit et nostris quoque actionibus interesse."

17.5 "proximo quidem congiario ipsi uidistis plerosque senes qui se a diuo quoque Augusto semel atque iterum accepisse congiarium narrabant. 17.6 ex quo colligi potest et Coruinum ab illis et Asinium audiri potuisse, nam Asinius in medium usque Augusti principatum, Coruinus paene ad extremum durauit."

"ne diuidatis saeculum et antiquos ac ueteres uocitetis oratores quos eorundem hominum aures agnoscere ac uelut coniungere et copulare potuerunt."

18 18.1 "haec ideo praedixi, ut si qua ex horum oratorum fama gloriaque laus temporibus acquiritur, eam docerem in medio sitam et propiorem nobis quam Seruio Galbae aut C. Carboni quosque alios merito antiquos uocauerimus. sunt enim horridi et impoliti et rudes et informes et quos utinam nulla parte imitatus esset Caluus uester aut Caelius aut ipse Cicero. 18.2 agere enim fortius iam et audentius uolo, si illud ante praedixero: mutari cum temporibus formas quoque et genera dicendi. sic, Catoni seni comparatus C. Gracchus plenior et uberior; sic, Graccho politior et ornatior Crassus; sic, utroque distinctior et urbanior et altior Cicero; Cicerone mitior Coruinus et dulcior et

hoje somam-se cento e vinte anos desde o falecimento de Cícero, a idade de uma pessoa, 17.4 pois eu mesmo vi na Britânia um velho que declarava ter participado da batalha em que os bretões intentaram conter a invasão de César no litoral e repelir o seu exército. Desse modo, se ele, que fez resistência armada a Júlio César, tivesse sido trazido à capital seja em cativeiro, seja por vontade própria ou por algum acaso do destino, teria podido ouvir tanto ao próprio César e a Cícero, como igualmente estar presente até mesmo nos nossos processos judiciais."

17.5 "E de fato, no último congiário[23] vocês mesmos viram inúmeros anciãos que ficavam a toda hora contando terem recebido um congiário também do divino Augusto. 17.6 Daí se pode concluir que tanto Corvino como Asínio puderam ter sido ouvidos por eles, pois Asínio viveu até metade do principado de Augusto, e Corvino quase até o fim."

"Não dividam uma época nem fiquem chamando de antigos e arcaicos oradores que os ouvidos das mesmas pessoas puderam conhecer e, por assim dizer, conectar, unir."

18 18.1 "Isso tudo disse pelo seguinte: para esclarecer que, se há um período que acumula algum prestígio pela reputação e pelo sucesso dos seus oradores, ele se situa a meio caminho e mais perto de nós que de Sérvio Galba, Caio Carbão e outros que, merecidamente, chamaríamos de antigos. Esses, afinal, são rústicos, brutos, sem acabamento, xucros, e quisera eu que em nenhum aspecto os tivesse emulado Calvo, ou Célio, ou mesmo Cícero. 18.2 Pretendo já prosseguir com mais vigor e ousadia, mas não sem antes dizer: também as formas e os estilos de discurso mudam com o tempo. Assim, comparado ao velho Catão, Caio Graco é mais robusto e profícuo; a Graco, Crasso é mais refinado e adornado; comparado a ambos, Cícero é mais ornado, sofisticado e gran-

in uerbis magis elaboratus."

18.3 "nec quaero quis disertissimus, hoc interim probasse contentus sum, non esse unum eloquentiae uultum, sed in illis quoque quos uocatis antiquos plures species deprehendi, nec statim deterius esse quod diuersum est, uitio autem malignitatis humanae uetera semper in laude, praesentia in fastidio esse."

18.4 "num dubitamus inuentos qui pro Catone Appium Caecum magis mirarentur? satis constat ne Ciceroni quidem obtrectatores defuisse quibus inflatus et tumens nec satis pressus, sed supra modum exsultans et superfluens et parum Atticus uideretur. 18.5 legistis utique et Calui et Bruti ad Ciceronem missas epistulas, ex quibus facile est deprehendere Caluum quidem Ciceroni uisum exsanguem et attritum, Brutum autem otiosum atque diiunctum; rursusque Ciceronem a Caluo quidem male audisse tamquam solutum et eneruem, a Bruto autem, ut ipsius uerbis utar, tamquam fractum atque elumbem. 18.6 si me interroges, omnes mihi uidentur uerum dixisse."

"sed mox ad singulos ueniam, nunc mihi cum uniuersis negotium est."

19 19.1 "nam quatenus antiquorum admiratores hunc uelut terminum antiquitatis constituere solent, ⟨ego Casssium Seuerum⟩[xvi] – quem reum faciunt, quem primum affirmant flexisse ab ista uetere atque directa dicendi uia – non infirmitate ingenii nec inscitia litterarum transtulisse se ad illud dicendi genus contendo, sed iudicio et intellectu. 19.2 uidit namque, ut paulo ante dicebam, cum condicione temporum et diu-

diloquente; e a Cícero, Corvino é mais brando, suave e mais elaborado no tocante às formulações."

18.3 "Eu nem me pergunto quem seria o que fala melhor, por enquanto me contento em ter demonstrado que a eloquência não possui uma única face, mas que mesmo entre aqueles que vocês chamam de antigos encontram-se vários estilos, e que não é sistematicamente pior o que é diferente, embora, para o vício da maldade humana, as coisas antigas suscitem sempre aplauso, e as atuais, aversão."

18.4 "Acaso duvidamos que, diante de um Catão, haja quem tenha mais admiração por Ápio Cego? É bem sabido que nem sequer a Cícero faltaram detratores que o achassem inchado e excessivo, não suficientemente preciso, mas sobremaneira expansivo e prolixo, pouco aticista. 18.5 Em particular, temos as cartas que Calvo e Bruto escreveram a Cícero, das quais é fácil depreender, por um lado, que Calvo parecia a Cícero anêmico e insosso, já Bruto, supérfluo e disperso; por outro lado, em contrapartida, que Cícero era reputado por Calvo como desconexo e modorrento, e por Bruto, para usar as palavras dele próprio, irregular e claudicante. 18.6 Se me perguntarem, acho que todos eles tinham razão."

"Mas retorno em breve a cada um individualmente, agora quero tratar deles em conjunto."

19 19.1 "Ora, dado que que os admiradores dos antigos costumam estabelecer como que um limiar da antiguidade em ⟨Cássio Severo, eu⟩ defendo que ele – a quem acusam afirmando ter sido o primeiro a se desviar do método oratório arcaico e direto – não transitou para o novo tipo de discurso por fraqueza do talento ou por despreparo cultural, mas por vontade e discernimento próprios. 19.2 O fato é que ele viu, como eu dizia agora há pouco, que também a forma e o estilo da oratória precisam mudar

ersitate aurium formam quoque ac speciem orationis esse mutandam."

"facile perferebat prior ille populus, ut imperitus et rudis, impeditissimarum orationum spatia, atque id ipsum laudabat, si dicendo quis diem eximeret. 19.3 iam uero longa principiorum praeparatio et narrationis alte repetita series et multarum diuisionum ostentatio et mille argumentorum gradus et quidquid aliud aridissimis Hermagorae et Apollodori libris praecipitur in honore erat. quod si quis odoratus philosophiam uideretur atque ex ea locum aliquem orationi suae insereret, in caelum laudibus ferebatur. 19.4 nec mirum, erant enim haec noua et incognita, et ipsorum quoque oratorum paucissimi praecepta rhetorum aut philosophorum placita cognouerant."

19.5 "at hercule, peruulgatis iam omnibus, cum uix in cortina quisquam assistat quin elementis studiorum, etsi non instructus, at certe imbutus sit, nouis et exquisitis eloquentiae itineribus opus est, per quae orator fastidium aurium effugiat, utique apud eos iudices qui ui et potestate, non iure aut legibus, cognoscunt, nec accipiunt tempora, sed constituunt, nec exspectandum habent oratorem dum illi libeat de ipso negotio dicere, sed saepe, ultro, admonent atque alio transgredientem reuocant, et festinare se testantur."

20 20.1 "quis nunc feret oratorem de †infirmitate [ualetudinis] sua[e]†[xvii] praefantem? qualia sunt fere principia Coruini. quis quinque in Verrem libros exspectabit? quis de

segundo as circunstâncias do momento e a diferença dos gostos."

"O público daquela época[24], leigo e pouco refinado que era, suportava facilmente o sem-fim dos discursos mais intrincados, e é isso mesmo que apreciava, que alguém passasse o dia inteiro discursando. 19.3 E com efeito, estavam em voga as longas introduções preparatórias, as séries de relatos exaustivos, a apresentação das muitas partes do discurso, os mil passos argumentativos, e qualquer outra coisa que fosse prescrita pelos tão áridos livros de Hermágoras e Apolodoro. E se alguém aparentasse exalar alguma filosofia e dela enxertasse algum tópico no seu discurso, aí é que era mesmo idolatrado. 19.4 Não admira, pois esses eram elementos novos e desconhecidos, e pouquíssimos, mesmo dentre os próprios oradores, tinham tido contato com preceitos retóricos ou com máximas filosóficas."

19.5 "Agora, por favor, com tudo isso já completamente vulgarizado, quando dificilmente alguém assiste a um julgamento sem estar pelo menos ciente dos rudimentos escolares, ainda que não seja instruído neles, fazem-se necessárias direções novas e requintadas para a eloquência, com as quais o orador evite a aversão dos ouvintes, sobretudo quando se trata daqueles juízes que decidem com base no poder e na autoridade, não no direito e nas leis, que não acatam prazos regimentais[25], mas os estabelecem, que não consideram que se deva aguardar o orador enquanto lhe aprouver discursar sobre o ponto em questão, mas que ainda por cima ficam sempre advertindo e chamando à ordem quem faça digressões por outros temas, deixando clara a sua pressa."

20 20.1 "Hoje, quem vai aguentar um orador que começa falando da sua própria debilidade [de saúde][26]? Eram mais ou menos assim as introduções de Corvino. Quem vai ouvir até o

exceptione et formula perpetietur illa immensa uolumina quae pro M. Tullio aut Aulo Caecina legimus? 20.2 praecurrit hoc tempore iudex dicentem et nisi aut cursu argumentorum aut colore sententiarum aut nitore et cultu descriptionum inuitatus et corruptus est, auersatur †[xviii]."

20.3 "uulgus quoque assistentium et affluens et uagus auditor assueuit iam exigere laetitiam et pulchritudinem orationis, nec magis perfert in iudiciis tristem et impexam antiquitatem quam si quis in scaena Rosci aut Turpionis Ambiuii exprimere gestus uelit. 20.4 iam uero iuuenes et in ipsa studiorum incude positi, qui profectus sui causa oratores sectantur, non solum audire, sed etiam referre domum aliquid illustre et dignum memoria uolunt, traduntque in uicem ac saepe in colonias ac prouincias suas scribunt siue sensus aliquis arguta et breui sententia effulsit, siue locus exquisito et poetico cultu enituit."

20.5 "exigitur enim iam ab oratore etiam poeticus decor, non Accii aut Pacuuii ueterno inquinatus, sed ex Horatii et Vergilii et Lucani sacrario prolatus. 20.6 horum igitur auribus et iudiciis obtemperans, nostrorum oratorum aetas pulchrior et ornatior extitit, neque ideo minus efficaces sunt orationes nostrae, quia ad aures iudicantium cum uoluptate perueniunt."

20.7 "quid enim, si infirmiora horum temporum templa credas quia non rudi caemento et informibus tegulis exstruuntur, sed marmore nitent et auro radiantur?"

21 21.1 "equidem fatebor uobis simpliciter

final os cinco livros contra Verres? Quem vai ter paciência para aqueles calhamaços imensos com protestos e petições que lemos nas defesas de Marco Túlio ou de Aulo Cecina? 20.2 Hoje em dia o juiz se adianta a quem discursa e, se não acaba entretido e seduzido pela sequência dos argumentos, ou pela nuance das frases de efeito[27], ou pelo brilho e pelo capricho das descrições, tem repulsa †."

20.3 "Também a massa de frequentadores e o ouvinte de passagem, ocasional, já se habituaram a pedir por vivacidade e beleza nos discursos e não toleram as chatices toscas da antiguidade em um julgamento mais do que no teatro, se alguém resolver imitar o gestual de Róscio ou Ambívio Turpião[28]. 20.4 Na realidade, os jovens dos bancos escolares, que para o seu próprio proveito estão sempre acompanhando um orador, não querem apenas ouvir, mas ainda levar para casa algo de inspirador, que valha a pena memorizar. Eles por sua vez, ao escreverem frequentemente para as suas colônias e províncias, transmitem seja algum sentido que transpareceu de uma frase de efeito breve e penetrante, seja um tópico que despontou em uma roupagem requintada e poética."

20.5 "Já se exige do orador, portanto, até mesmo um adorno poético, não algo degradado pelo mofo de Ácio ou de Pacúvio, mas extraído do altar de Horácio, de Virgílio, de Lucano. 20.6 Eis que, atendendo ao bom gosto dos ouvidos, a nossa geração de oradores saiu mais bela e adornada, e nem por isso os nossos discursos são menos eficazes, pois chegam com deleite aos ouvidos de quem julga."

20.7 "Assim, que fazer se se consideram os templos de hoje mais frágeis por não serem construídos de pedra bruta e sem revestimento, mas brilharem com o mármore e reluzirem a ouro?"

21 21.1 "De minha parte, vou lhes confessar

me in quibusdam antiquorum uix risum, in quibusdam autem uix somnum tenere. nec unum de populo, Canuti⟨um⟩ aut Atti⟨cum dico, ne quid loquar⟩[xix] de Furnio et Toranio quique alii in eodem ualetudinario haec ossa et hanc maciem probant."

"ipse mihi Caluus, cum unum et uiginti, ut puto, libros reliquerit, uix in una aut altera oratiuncula satis facit. 21.2 nec dissentire ceteros ab hoc meo iudicio uideo. quotus enim quisque Calui *in Asicium* aut *in Drusum* legit? at hercule, in omnium studiosorum manibus uersantur accusationes quae *in Vatinium* inscribuntur, ac praecipue secunda ex his oratio. est enim uerbis ornata et sententiis, auribus iudicum accommodata, ut scias ipsum quoque Caluum intellexisse quid melius esset, nec uoluntatem ei quo⟨minus⟩ sublimius et cultius diceret, sed ingenium ac uires defuisse."

21.3 "quid? ex Caelianis orationibus nempe eae placent, siue uniuersae ⟨siue⟩ partes earum, in quibus nitorem et altitudinem horum temporum agnoscimus. 21.4 sordes autem †illae†[xx] uerborum et hians compositio et inconditi sensus redolent antiquitatem, nec quemquam adeo antiquarium puto ut Caelium ex ea parte laudet qua antiquus est."

21.5 "concedamus sane C. Caesari ut, propter magnitudinem cogitationum et occupationes rerum, minus in eloquentia effecerit quam diuinum eius ingenium postulabat, tam hercle quam Brutum philosophiae suae relinquamus, nam in orationibus minorem esse fama sua etiam admiratores eius fatentur. 21.6 nisi forte quisquam aut Caesaris pro De⟨ci⟩dio Samnite aut Bruti pro Deiotaro rege ceterosque eiusdem lentitudinis ac

que com alguns dos antigos eu simplesmente mal consigo conter o riso, e com outros, o sono. E não estou me referindo a qualquer um, a ⟨Canútio ou Ático, para não falar de⟩ Fúrnio, Torânio e de outros no mesmo barco[29] que chancelam esse estilo esquálido e raquítico."

"O próprio Calvo, ainda que tenha deixado vinte e um livros, se bem me lembro, satisfaz-me apenas em um ou outro discurso menor. 21.2 Tampouco me parece que outros discordem dessa minha opinião. Afinal, quão pouca gente lê os discursos *Contra Asício* ou *Contra Druso* de Calvo? Mas vejam, todos os estudantes têm em mãos as acusações intituladas *Contra Vatínio*, principalmente o segundo desses discursos. É que esse é incrementado pelas formulações e frases de efeito, é acomodado aos ouvidos dos juízes, de modo a reconhecermos que mesmo o próprio Calvo entendia o que era melhor, e que não lhe faltava vontade para discursar de maneira mais apurada e culta, mas talento e energia.

21.3 "Ora! Dentre os discursos de Célio, os mais interessantes são, seguramente, aqueles nos quais reconhecemos a altivez e o lustro modernos, seja na totalidade, ⟨seja⟩ em suas partes. 21.4 Mesmo assim, †aquelas† impurezas no vocabulário, a composição truncada e os raciocínios desordenados cheiram ao estilo antigo, e não acredito que haja quem quer que seja tão entusiasta da antiguidade que preze Célio justo naquilo que tem de antigo."

21.5 "Relevemos, é claro, a Caio César[30], que, por conta da grandeza dos seus planos e das suas preocupações administrativas, tenha produzido menos em eloquência do que demandava o seu talento divino; da mesma forma, sem dúvida, deixemos Bruto para a sua filosofia, pois mesmo os seus admiradores admitem que ele fica aquém da sua reputação no tocante aos discursos. 21.6 A não ser, talvez, alguém que tenha lido os escritos de César em favor de

teporis libros legit, nisi qui et carmina eorundem miratur. fecerunt enim et carmina et in bibliothecas rettulerunt! non melius quam Cicero, sed felicius, quia illos fecisse pauciores sciunt."

21.7 "Asinius quoque, quamquam propioribus temporibus natus sit, uidetur mihi inter Menenios et Appios studuisse. Pacuium certe et Accium non solum tragoediis, sed etiam orationibus suis expressit, adeo durus et siccus est. 21.8 oratio autem, sicut corpus hominis, ea demum pulchra est in qua non eminent uenae nec ossa numerantur, sed temperatus ac bonus sanguis implet membra et exsurgit toris, ipsosque neruos rubor tegit et decor commendat."

21.9 "nolo Coruinum insequi, quia †non†[xxi] per ipsum stetit quominus laetitiam nitoremque nostrorum temporum exprimeret, et uidemus †enim quam†[xxii] iudicio eius uis aut animi aut ingenii suffecerit."

22 22.1 "ad Ciceronem uenio, cui eadem pugna cum aequalibus suis fuit quae mihi uobiscum est. illi enim antiquos mirabantur; ipse suorum temporum eloquentiam anteponebat, nec ulla re magis eiusdem aetatis oratores praecurrit quam iudicio."

22.2 "primus enim excoluit orationem, primus et uerbis delectum adhibuit et compositioni artem, locos quoque laetiores attentauit et quasdam sententias inuenit, utique in iis orationibus quas senior iam et iuxta finem uitae composuit, id est, postquam magis profecerat usuque et experimentis didicerat quod optimum dicendi genus esset. 22.3 nam priores eius orationes non carent uitiis antiquitatis: lentus est in principiis, lon-

Decídio Samnita, ou de Bruto em favor do rei Dejótaro e os seus outros escritos maçantes e mornos, a não ser quem aprecie até os poemas deles. Pois tanto eles escreveram poemas, como os reuniram em coleções! Não melhor do que Cícero, mas com mais proveito, já que menos gente sabe que eles o fizeram."

21.7 "E também Asínio, ainda que tenha nascido em um período mais recente, para mim parece que foi à escola junto com Menênio e com Ápio. Ele emulou Pacúvio e Ácio não apenas nas tragédias, mas também nos seus discursos, a tal ponto é duro e seco. 21.8 Um discurso, no entanto, assim como o corpo humano, é belo na medida em que as suas veias não se destacam nem se percebem os ossos, mas o seu sangue, equilibrado e saudável, preenche os membros envolvendo a musculatura, um bronzeado recobre os tendões, e a elegância os enaltece."

21.9 "De Corvino não quero ir atrás, já que †não† foi por sua culpa que não emulou a vivacidade reluzente do nosso tempo, e vemos, †enfim, o quanto† a sua força de vontade e de intelecto teriam bastado para o seu bom gosto."

22 22.1 "Passo a Cícero, que tinha com os seus pares a mesma briga que tenho com vocês. Eles, afinal, admiravam os antigos; ele priorizava a oratória do seu próprio tempo, e em nenhum aspecto ficou mais à frente dos oradores da sua época que no bom gosto."

22.2 "Pois ele foi o primeiro a refinar o discurso, o primeiro a selecionar as palavras e aplicar técnica à composição, e também a ousar abordagens mais vívidas e a conceber alguns tipos de frase de efeito, principalmente naqueles discursos que compôs já maduro, perto do fim da vida, ou seja, depois da maior parte da sua produção e de ter aprendido com a prática e com a tentativa e erro qual seria o melhor estilo oratório. 22.3 Ora, nos seus primeiros discursos não faltam defeitos dos antigos: é ar-

gus in narrationibus, otiosus circa excessus, tarde commouetur, raro incalescit, pauci sensus apte et cum quodam lumine terminantur. nihil excerpere, nihil referre possis, et uelut in rudi aedificio firmus sane paries et duraturus, sed non satis expolitus et splendens."

22.4 "ego autem oratorem, sicut locupletem ac lautum patrem familiae, non eo tantum uolo tecto tegi quod imbrem ac uentum arceat, sed etiam quod uisum et oculos delectet, non ea solum instrui supellectile quae necessariis usibus sufficiat, sed sit in apparatu eius et aurum et gemmae, ut sumere in manus et aspicere saepius libeat.

22.5 quaedam uero procul arce⟨a⟩ntur, ut iam oblitterata et olentia. nullum sit uerbum uel⟨ut⟩ rubigine infectum; nulli sensus tarda et inerti structura in morem annalium componantur; fugitet foedam et insulsam scurrilitatem; uariet compositionem, nec omnes clausulas uno et eodem modo determinet."

23 23.1 "nolo irridere 'rotam Fortunae' et 'ius uerrinum' et illud tertio quoque sensu in omnibus orationibus pro sententia positum 'esse uideatur', nam et haec inuitus rettuli et plura omisi quae tamen sola mirantur atque exprimunt ii qui se antiquos oratores uocant. 23.2 neminem nominabo, genus hominum significasse contentus, sed uobis utique uersantur ante oculos isti qui Lucilium pro Horatio et Lucretium pro Vergilio legunt, quibus eloquentia Aufidii Bassi aut Seruilii Noniani ex comparatione Sisennae aut Varronis sordet, qui rhetorum nos-

rastado na introdução, demorado nos relatos, supérfluo nas digressões, é devagar para pegar ritmo, quase nunca se acalora, e poucas frases são delineadas adequadamente, com algum floreio. Não se consegue extrair nada, reaproveitar nada, é como as paredes de um edifício rústico, firmes, com certeza, feitas para durar, mas não suficientemente lisas e brilhantes."

22.4 "Eu, no entanto, não quero que um orador, assim como um pai de família rico e elegante, se abrigue sob um abrigo que apenas afaste a chuva e o vento, mas também sob um teto que encha os olhos, e não somente que esteja equipado de uma mobília que baste para o uso essencial, mas que tenha utensílios de ouro e pedras preciosas, para dar gosto de pegar nas mãos e ficar contemplando.

22.5 Em todo caso, algumas coisas devem ser descartadas, por já estarem desusadas e rançosas. Por assim dizer, nenhuma palavra deve estar coberta de ferrugem; nenhuma das frases deve ser formulada com construções tediosas e sem técnica, ao modo dos anais; deve-se evitar a fanfarronice de baixo nível e de mau gosto; a composição deve ser variada, e nem todas as cláusulas serem estruturadas de uma mesma e única maneira."

23 23.1 "Não quero escarnecer da *rota Fortunæ*[31], do *ius verrinum*[32] e daquele *esse videatur*[33] empregado em todos os discursos no fim de cada tricólon, pois tanto me referi a essas coisas contrariado, como omiti outras tantas que, no entanto, só os que se intitulam oradores antigos apreciam e imitam. 23.2 Não vou citar nomes, contento-me em indicar o tipo de pessoa, mas é diante dos olhos de vocês, principalmente, que desfilam esses que leem Lucílio no lugar de Horácio e Lucrécio no lugar de Virgílio, para os quais a eloquência de Aufídio Basso e de Servílio Noniano empalidece em comparação com a de Sisena ou de Varrão, que

trorum commentarios fastidiunt, [oderunt], Calui mirantur. 23.3 quos more prisco apud iudicem fabulantes non auditores sequuntur, non populus audit, uix denique litigator perpetitur, adeo maesti et inculti illam ipsam quam iactant sanitatem non firmitate, sed ieiunio consequuntur."

23.4 "porro, ne in corpore quidem ualetudinem medici probant quae animi anxietate contingit. parum est aegrum non esse, fortem et laetum et alacrem uolo; prope abest ab infirmitate in quo sola sanitas laudatur."

23.5 "uos uero, ⟨uiri⟩ disertissimi, ut potestis, ut facitis, illustrate saeculum nostrum pulcherrimo genere dicendi. 23.6 nam et te, Messalla, uideo laetissima quaeque antiquorum imitantem, et uos, Materne ac Secunde, ita grauitati sensuum nitorem et cultum uerborum miscetis, ea electio inuentionis, is ordo rerum, ea quotiens causa poscit ubertas, ea quotiens permittitur breuitas, is compositionis decor, ea sententiarum planitas est, sic exprimitis affectus, sic libertatem temperatis, ut etiam si nostra iudicia malignitas et inuidia tardauerit, uerum de uobis dicturi sint posteri nostri."

24 24.1 quae cum Aper dixisset, "agnoscitisne" inquit Maternus "uim et ardorem Apri nostri? quo torrente, quo impetu saeculum nostrum defendit! quam copiose ac uarie uexauit antiquos! quanto non solum ingenio ac spiritu, sed etiam eruditione et arte ab ipsis mutuatus est per quae mox ipsos incesseret! 24.2 tuum tamen, Messalla, promissum immutasse non debet, neque enim defensorem antiquorum exigimus

menosprezam, [detestam] os nossos tratados de retórica e veneram os de Calvo. 23.3 A esses que ficam falando de modo arcaico perante o juiz, os ouvintes não acompanham, a população não ouve, e quase nem o litigante suporta até o fim, a tal ponto eles, que são deploráveis e incultos, não alcançam com robustez, mas com magreza, a própria saúde estilística da qual se gabam."

23.4 "Além disso, nem mesmo o bem-estar físico tem a aprovação dos médicos quando provoca inquietude na alma. Não basta não estar enfermo, quero estar forte, alegre e animado; não está longe da doença aquele em que somente a saúde merece elogio."

23.5 "Vocês, no entanto, homens da maior facúndia, abrilhantem a nossa geração da forma que sabem, da forma que fazem, com o mais belo dos estilos oratórios. 23.6 Também você, Messala, vejo-o emular tudo o que há de mais interessante nos antigos, e vocês, Materno e Segundo, tanto adicionam à seriedade o lustro do fraseado e o cultivo do vocabulário, tal é a escolha dos tópicos, tal é a ordenação dos assuntos, tal a abundância sempre que a causa pede, tal a brevidade sempre que possível, tal a elegância da composição, tal a clareza das ideias, de tal modo expressam as emoções e acomodam a liberdade, que, mesmo se a malícia e a inveja obstruírem o nosso julgamento, a posteridade há de falar a verdade sobre vocês."

24 24.1 Feito o discurso de Apro, fala Materno: "Percebem a virulência e o ardor do nosso amigo? Com que voragem, com que ímpeto defendeu a nossa geração! De que forma tão rica e variada demoliu os antigos! Com quanto não apenas engenho e inspiração, mas também com quanta erudição e técnica tomou-lhes emprestado os meios com que depois os tomaria de assalto! 24.2 Contudo, o que combinamos, Messala, não precisa mudar, afinal não solicitamos um defensor dos antigos, nem compa-

nec quemquam nostrum, quamquam modo laudati sumus, iis quos insectatus est Aper comparamus. ac ne ipse quidem ita sentit, sed more ueteri et a nostris philosophis saepe celebrato sumpsit sibi contra dicendi partes. 24.3 igitur exprome nobis non laudationem antiquorum – satis enim illos fama sua laudat –, sed causas cur in tantum ab eloquentia eorum recesserimus, cum praesertim centum et uiginti annos ab interitu Ciceronis in hunc diem effici ratio temporum collegerit."

25 25.1 tum Messalla: "sequar praescriptam a te, Materne, formam. neque enim diu contra dicendum est Apro, qui primum, ut opinor, nominis controuersiam mouit, tamquam parum proprie antiqui uocarentur quos satis constat ante centum annos fuisse. 25.2 mihi autem de uocabulo pugna non est, siue illos antiquos, siue maiores, siue quo alio mauult nomine appellet, dum modo in confesso sit eminentiorem illorum temporum eloquentiam fuisse."

"ne illi quidem parti sermonis eius repugno †quominus fatear†[xxiii] plures formas dicendi etiam iisdem saeculis, nedum diuersis extitisse. 25.3 sed quo modo inter Atticos oratores primae Demostheni tribuuntur, proximum autem locum Aeschines et Hyperides et Lysias et Lycurgus obtinent, omnium tamen concessu haec oratorum aetas maxime probatur, sic apud nos Cicero quidem ceteros eorundem temporum disertos antecessit, Caluus autem et Asinius et Caesar et Caelius et Brutus iure et prioribus et sequentibus anteponuntur. 25.4 nec refert quod inter se specie differunt, cum genere consentiant; adstrictior Caluus, neruosior Asinius, splendidior Caesar, amarior

ramos qualquer um de nós, ainda que tenhamos sido elogiados há pouco, àqueles que Apro esteve perseguindo. Nem mesmo ele pensa desse jeito, apenas tomou para si o velho hábito tantas vezes praticado pelos nossos filósofos de discursar pela parte contrária. 24.3 Por isso, exponha-nos não um elogio aos antigos – a fama deles já os elogia o suficiente –, mas as causas de termos nos afastado em tão larga medida da sua eloquência, dado sobretudo que na contagem do tempo passaram-se cento e vinte anos desde a morte de Cícero até o presente dia."

25 25.1 Então Messala: "Vou seguir o roteiro que Materno prescreveu. Também não será preciso muito tempo para contradizer Apro, quem, penso eu, foi o primeiro a levantar o debate terminológico de que seria pouco apropriado chamar de antigos aqueles que, sabe-se bem, viveram há mais de cem anos. 25.2 Para mim, no entanto, não há querela quanto ao vocábulo, defina-os ele como antigos, como ancestrais, ou com qualquer outro termo que prefira, contanto que fique bem estabelecido que a eloquência daquela época foi mais elevada."

"Não objeto sequer àquela parte da sua fala em que †reconheço† a existência de diversos estilos de discurso já em uma mesma época, quanto mais em diferentes. 25.3 Agora, do mesmo modo que na oratória ática o protagonismo é atribuído a Demóstenes, o segundo lugar sendo ocupado por Ésquines, Hipérides, Lísias e Licurgo – enfim, todos concordam que é desse período a oratória mais apreciada –, entre nós é de fato Cícero quem se sobressaiu ante os demais homens que, no seu tempo, falavam com destreza; Calvo, Asínio, César, Célio e Bruto sendo merecidamente preferidos tanto aos seus predecessores como aos seus sucessores. 25.4 E pouco importa que difiram entre si no estilo[34], conquanto concordem no gênero;

Caelius, grauior Brutus, uehementior et plenior et ualentior Cicero. omnes tamen eandem sanitatem eloquentiae ⟨prae se⟩ ferunt, ut si omnium pariter libros in manum sumpseris, scias, quamuis in diuersis ingeniis, esse quandam iudicii ac uoluntatis similitudinem et cognationem."

25.5 "nam quod inuicem se obtrectauerunt et sunt aliqua epistulis eorum inserta ex quibus mutua malignitas detegitur, non est oratorum uitium, sed hominum. 25.6 nam et Caluum et Asinium et ipsum Ciceronem credo solitos et inuidere et liuere et ceteris humanae infirmitatis uitiis affici. solum inter hos arbitror Brutum non malignitate nec inuidia, sed simpliciter et ingenue iudicium animi sui detexisse. an ille Ciceroni inuideret, qui mihi uidetur ne Caesari quidem inuidisse?"

25.7 "quod ad Seruuim Galbam et C. Laelium attinet et si quos alios antiquiorum agitare ⟨Aper⟩ non destitit, non exigit defensorem, cum fatear quaedam eloquentiae eorum ut nascenti adhuc nec satis adultae defuisse."

26 26.1 "ceterum si omisso optimo illo et perfectissimo genere eloquentiae eligenda sit forma dicendi, malim hercle C. Gracchi impetum aut L. Crassi maturitatem quam calamistros Maecenatis aut tinnitus Gallionis, adeo melius est orationem uel hirta toga induere quam fucatis et meretriciis uestibus insignire. 26.2 neque enim oratorius iste, immo hercle ne uirilis quidem cultus est, quo plerique temporum nostrorum actores ita utuntur, ut lasciuia uerborum et leuitate sententiarum et licentia compositiones histrionales modos exprimant. 26.3 quodque

Calvo é mais sucinto, Asínio mais substancioso, César mais reluzente, Célio mais ácido, Bruto mais sério, Cícero mais incisivo, mais vigoroso e mais escorreito. Todos, no entanto, apresentam a mesma boa forma em termos de eloquência, assim que, se pegarmos igualmente textos de todos, saberemos que há uma certa semelhança, um certo parentesco de gosto e de intenção, por mais que em talentos distintos."

25.5 "Ora, o fato de que eles se detratavam mutuamente e de que há nas cartas deles alguns trechos nos quais se revela uma malícia recíproca não é um defeito dos oradores, mas dos homens. 25.6 Afinal, creio que tanto Calvo como Asínio e o próprio Cícero estavam acostumados a invejar, a cobiçar e a sofrer dos demais defeitos da fraqueza humana. Acho que Bruto foi o único dentre eles que revelava as suas convicções direta e francamente, sem malícia ou inveja. Ou teria inveja de Cícero alguém que, me parece, não invejou nem mesmo a César?"

25.7 "No que tange a Sérvio Galba, a Caio Lélio e a outros dos mais antigos que ⟨Apro⟩ não deixou de espezinhar, não se demanda defensor, embora eu conceda que algo faltou à eloquência deles, por ser nascente e nunca madura o bastante."

26 26.1 "Além disso, desconsiderando esse gênero excelente e tão bem acabado da eloquência, se fosse para escolher uma forma de expressão, eu certamente preferiria o ímpeto de um Caio Graco ou a maturidade de um Lúcio Crasso aos floreios de Mecenas ou os tinidos de Galião, a tal ponto é melhor revestir um discurso até de uma toga rústica[35], do que enfeitá-lo com as roupas coloridas do meretrício. 26.2 Ora, não é algo próprio de um orador, aliás não é nem mesmo algo próprio de um homem essa afetação que a maioria dos modernos advogados usa, de tal modo, que acabam por emular trejeitos teatrais com a licenciosi-

uix auditu fas esse debeat, laudis et gloriae et ingenii loco plerique iactant cantari saltarique commentarios suos. unde oritur illa foeda et praepostera, sed tamen frequens †[xxiv] exclamatio, ut oratores nostri tenere dicere, histriones diserte saltare dicantur."

26.4 "equidem non negauerim Cassium Seuerum, quem solum Aper noster nominare ausus est, si iis comparetur qui postea fuerunt, posse oratorem uocari, quamquam in magna parte librorum suorum plus b⟨il⟩is habeat quam sanguinis. primus enim contempto ordine rerum, omissa modestia ac pudore uerborum, ipsis etiam quibus utitur armis incompositus et studio feriendi plerumque deiectus, non pugnat, sed rixatur."

26.5 "ceterum, ut dixi, sequentibus comparatus et uarietate eruditionis et lepore urbanitatis et ipsarum uirium robore multum ceteros superat, quorum neminem Aper nominare et uelut in aciem educere sustinuit. 26.6 ego autem exspectabam, ut incusato Asinio et Caelio et Caluo aliud nobis agmen produceret plurisque uel certe totidem nominaret, ex quibus alium Ciceroni, alium Caesari, singulis deinde singulos opponeremus. 26.7 nunc detrectasse nominatim antiquos oratores contentus neminem sequentium laudare ausus est nisi in publicum et in commune, ueritus credo ne multos offenderet si paucos excerpsisset. 26.8 quotus enim quisque scholasticorum non hac sua persuasione fruitur ut se ante Ciceronem numeret, sed plane post Gabinianum?"

"at ego non uerebor nominare singulos, quo facilius propositis exemplis appareat quibus gradibus fracta sit et deminuta eloquentia."

dade do vocabulário, a leviandade das frases de efeito e os excessos da composição. 26.3 E muitos, em lugar do mérito, da grandeza e do talento, gabam-se daquilo que nem deveria ser permitido escutar, que os seus apontamentos pessoais ficam sendo cantarolados e mimetizados. Daí surge aquele ditado horroroso e distorcido, no entanto comum †, de que os oradores romanos são delicados nos discursos, e os atores, loquazes nas pantomimas."

26.4 "De minha parte, eu não negaria que Cássio Severo, o único que o nosso Apro ousou nomear, se comparado àqueles que vieram depois, possa ser chamado de orador, ainda que na maior parte dos seus livros haja mais bile que conteúdo. Ao desprezar a ordem dos assuntos, ao negligenciar a boa medida e o decoro das formulações, e ao desorganizar mesmo as próprias armas que usa, muitas vezes se rebaixando pelo desejo de ferir, ele foi o primeiro a não sair à luta, mas a brigas de rua."

26.5 "Além disso, como ia dizendo, comparado aos sucessores, ele supera em muito os demais, tanto pela riqueza da sua erudição e pela graça da sua urbanidade, como pela robustez das suas próprias forças; desses, Apro não bancou nomear, nem, por assim dizer, arregimentar ninguém. 26.6 Eu, por outro lado, esperava que, depois de acusar Asínio, Célio e Calvo, ele nos apresentaria um outro contingente e nomearia a maior parte, quem sabe até em mesma quantidade, dos quais um oporíamos a Cícero, outro a César, e então indivíduo a indivíduo. 26.7 Agora, contente por ter aviltado os oradores antigos nominalmente, ele não ousou nomear nenhum dos subsequentes, a não ser coletivamente e em termos gerais, creio que receoso de ofender a muitos se selecionasse a poucos. 26.8 Afinal, quão ínfimo é o número de estudiosos da retórica que não se beneficiam da convicção acerca de si, de se ranquearem à frente de Cícero, mas muito atrás de Gabini-

27 27.1 "parce" inquit Maternus "et potius exsolue promissum. neque enim hoc colligi desideramus, disertiores esse antiquos, quod apud me quidem in confesso est, sed causas exquirimus quas te solitum tractares paulo ante ⟨aisti⟩, plane mitior et eloquentiae temporum nostrorum minus iratus, antequam te Aper offenderet, maiores tuos lacessendo."

27.2 "non sum" inquit "offensus Apri mei disputatione, nec uos offendi decebit, si quid forte aures uestras perstringat, cum sciatis hanc esse eius modi sermonum legem, iudicium animi citra damnum affectus proferre."

27.3 "perge" inquit Maternus "et cum de antiquis loquaris, utere antiqua libertate, ⟨a⟩[xxv] qua uel magis degenerauimus quam ab eloquentia."

28 28.1 et Messalla: "non reconditas, Materne, causas requiris nec aut tibi ipsi aut huic Secundo uel huic Apro ignotas, etiam si mihi partes assignatis proferendi in medium quae omnes sentimus. 28.2 quis enim ignorat et eloquentiam et ceteras artes desciuisse ab illa uetere gloria non inopia hominum, sed desidia iuuentutis et neglegentia parentum et inscientia praecipientium et obliuione moris antiqui? quae mala primum in urbe nata, mox per Italiam fusa, iam in prouincias manant. 28.3 quamquam uestra uobis notiora sunt, ego de urbe et his propriis ac uernaculis uitiis loquar, quae natos statim excipiunt et per singulos aetatis gradus cumulantur, si prius de seueritate ac

ano[36]?"

"Eu, porém, não vou ter receio de nomear indivíduos, a fim de que transpareça mais facilmente dos exemplos dados em que grau está debilitada e diminuída a eloquência."

27 27.1 "Poupe-nos," diz Materno, "e antes cumpra o que foi combinado. Também não precisamos chegar à conclusão de que os antigos falavam com mais destreza, o que pelo menos para mim está bem estabelecido, mas estamos examinando causas que ainda agora você ⟨disse⟩ estar habituado a tratar, claramente mais brando e menos irritado com a eloquência atual antes de Apro o ofender atacando os seus ancestrais."

27.2 "Não me ofendi", diz, "com a discussão do meu Apro querido, e não lhes convirá deixar-se ofender se por acaso algo crispar os seus ouvidos, já que vocês sabem que a norma em conversas deste tipo é proferir as suas convicções a despeito do dano às sensibilidades."

27.3 "Prossiga," diz Materno, "e quando falar dos antigos, use da antiga liberdade, da qual decaímos talvez mais do que da eloquência."

28 28.1 E Messala: "Não se estão procurando causas ocultas, Materno, nem desconhecidas de você, deste Segundo, ou mesmo deste Apro, ainda que vocês me atribuam o papel de falar publicamente coisas que todos pensamos. 28.2 Afinal, quem ignora que tanto a eloquência como as demais disciplinas se apartaram daquela antiga grandeza não por incapacidade das pessoas, mas por desinteresse da juventude, negligência dos pais, despreparo dos instrutores e pelo esquecimento das antigas tradições? Esses males, que primeiro nasceram em Roma e logo se difundiram pela Itália, já extravasam para as províncias. 28.3 E como os seus assuntos lhes são melhor conhecidos, da minha parte vou falar dos problemas típicos próprios da capital, os quais arrebatam já os recém-nascidos e

disciplina maiorum circa educandos formandosque liberos pauca praedixero."

28.4 "nam pridem suus cuique filius, ex casta parente natus, non in cellula emptae nutricis, sed gremio ac sinu matris educabatur, cuius praecipua laus erat tueri domum et inseruire liberis. eligebatur autem maior aliqua natu propinqua, cuius probatis spectatisque moribus omnis eiusdem familiae suboles committeretur, coram qua neque dicere fas erat quod turpe dictu neque facere quod inhonestum factu uideretur. 28.5 ac non studia modo curasque, sed remissiones etiam lususque puerorum sanctitate quadam ac uerecundia temperabat. sic Corneliam Gracchorum, sic Aureliam Caesaris, sic Atiam Augusti [matrem][xxvi] praefuisse educationibus ac produxisse principes liberos accepimus."

28.6 "quae disciplina ac seueritas eo pertinebat ut sincera et integra et nullis prauitatibus detorta unius cuiusque natura toto statim pectore arriperet artes honestas et, siue ad rem militarem siue ad iuris scientiam siue ad eloquentiae studium inclinasset, id solum ageret, id uniuersum hauriret."

29 29.1 "at nunc natus infans delegatur Graeculae alicui ancillae, cui adiungitur unus aut alter ex omnibus seruis, plerumque uilissimus nec cuiquam serio ministerio accomodatus; horum fabulis et erroribus †uirides†[xxvii] statim et rudes animi imbuuntur, nec quisquam in tota domo pensi habet quid coram infante domino aut dicat aut faciat. 29.2 quin etiam ipsi parentes non probitati neque modestiae paruulos assue-

se acumulam por cada uma das faixas etárias; mas antes direi algumas coisas sobre o rigor disciplinar dos pais em relação à formação e à educação dos filhos."

28.4 "Pois antigamente toda e qualquer criança nascida em uma família de bem era criada não no quartinho de uma ama de leite comprada, mas no colo e entre os braços da mãe, cuja principal qualidade era cuidar do lar e devotar-se aos filhos. Não obstante, escolhia-se uma parenta mais velha, a cujos modos atestados e aprovados toda a progenitura de uma mesma família seria delegada, em presença de quem[37] não era permitido dizer o que fosse feio de dizer, nem fazer o que parecesse indigno de fazer. 28.5 Ela moderava com algo de integridade e de respeito não apenas os estudos e os cuidados, mas os divertimentos também e as brincadeiras das crianças. Sabemos que foi assim que Cornélia conduziu a educação dos Gracos, Aurélia a de César, Ácia a de Augusto, e formaram filhos exemplares."

28.6 "O objetivo dessa disciplina rigorosa era que a natureza de cada um, pura e intocada, não transviada por nenhuma deturpação, desde o começo abraçasse de peito aberto os ofícios decentes e, se se inclinasse fosse à carreira militar, fosse à ciência jurídica, fosse ao estudo da oratória, somente nisso trabalhasse, tudo disso extraísse."

29 29.1 "Hoje, porém, o bebê nasce e é entregue a alguma empregadinha grega, a quem se junta um ou dois de todos os outros escravos, geralmente o mais barato e que não se adéqua a qualquer tarefa importante; a conversa mole e as asneiras deles logo permeiam as †tenras† e imaturas mentes, e ninguém na casa inteira considera digno de ponderação o que for falar ou fazer na frente do jovem amo. 29.2 Não é por menos! Os próprios pais não acostumam os pequenos à retidão nem à moderação, mas à

faciunt, sed lasciuiae et dicacitati, per quae paulatim impudentia irrepit et sui alienique contemptus."

29.3 "iam uero propria et peculiaria huius urbis uitia paene in utero matris concipi mihi uidentur: histrionalis fauor et gladiatorum equorumque studia. quibus occupatus et obsessus animus quantulum loci bonis artibus relinquit? quotum quemque inuenies qui domi quicquam aliud loquatur? quos alios adulescentulorum sermones excipimus, si quando auditoria intrauimus? 29.4 ne praeceptores quidem ullas crebriores cum auditoribus suis fabulas habent, colligunt enim discipulos non seueritate disciplinae nec ingenii experimento, sed ambitione salutationum et illecebris adulationis."

30 30.1 "transeo prima discentium elementa, in quibus et ipsis parum laboratur nec in auctoribus cognoscendis nec in euoluenda antiquitate nec in notitia uel rerum uel hominum uel temporum satis operae insumitur. 30.2 sed expetuntur quos rhetoras uocant; quorum professio quando primum in hanc urbem introducta sit, quamque nullam apud maiores nostros auctoritatem habuerit, statim dicturus, referam necesse est animum ad eam disciplinam qua usos esse eos oratores accepimus quorum infinitus labor et cotidiana meditatio et in omni genere studiorum assiduae exercitationes ipsorum etiam continentur libris."

30.3 "notus est uobis utique Ciceronis liber, qui *Brutus* inscribitur, in cuius extrema parte – nam prior commemorationem ueterum oratorum habet – sua initia, suos gradus, suae eloquentiae uelut quandam educationem refert: se apud Q. Mucium ius ciuile

licenciosidade e ao deboche, pelos quais paulatinamente se vai insinuando a falta de vergonha e de respeito por si e pelos outros."

29.3 "Na realidade, parece-me que os problemas específicos próprios desta cidade são praticamente concebidos no útero da mãe: o apreço pelo teatro e a mania por gladiadores e corridas de cavalo. Com a mente ocupada, tomada por essas coisas, que espaço mínimo sobra para os estudos sadios? Quão pouca gente se encontra que fale de outra coisa em casa? De que outros assuntos escutaremos os adolescentes falando se em algum momento entrarmos em uma sala de aula? 29.4 Nem mesmo os preceptores falam de temas mais densos com os seus ouvintes, pois eles amealham alunos não pelo rigor da disciplina nem pela demonstração do talento, mas pela bajulação nos cumprimentos matinais e por adulações insidiosas."

30 30.1 "Passo os primeiros elementos do aprendizado, nos quais também pouco se trabalha, não se dando atenção suficiente nem para descobrir os clássicos, nem para desvendar o passado, nem para o conhecimento dos fatos, das personalidades ou dos momentos históricos. 30.2 Porém, há uma enorme demanda pelos chamados rétores; deixando para falar em breve de quando a atuação deles foi primeiro introduzida em Roma, e de como não teve nenhuma influência entre os nossos antepassados, é necessário que eu volte a atenção para a disciplina que sabemos terem adotado aqueles oradores cujo ilimitado esforço, cotidiana reflexão e constante prática em todos os domínios do conhecimento ainda se conservam nos seus próprios livros."

30.3 "É conhecido de vocês sobretudo a obra de Cícero intitulada *Bruto*, em cujo trecho final – antes ele faz uma rememoração dos antigos oradores – aponta como parte do desenvolvimento da sua eloquência os seus passos iniciais: aprender direito civil com Quinto Múcio,

didicisse, apud Philonem Academicum, apud Diodotum Stoicum omnes philosophiae partes penitus hausisse, neque iis doctoribus contentum, quorum ei copia in urbe contigerat, Achaiam quoque et Asiam peragrasse, ut omnem omnium artium uarietatem complecteretur."

30.4 "itaque hercule in libris Ciceronis deprehendere licet non geometriae, non musicae, non grammaticae, non denique ullius ingenuae artis scientiam ei defuisse. ille dialecticae subtilitatem, ille moralis partis utilitatem, ille rerum motus causasque cognouerat."

30.5 "ita est enim, optimi uiri, ita ex multa eruditione et plurimis artibus et omnium rerum scientia exundat et exuberat illa admirabilis eloquentia. neque oratoris uis et facultas sicut ceterarum rerum angustis et breuibus terminis cluditur, sed is est orator, qui de omni quaestione pulchre et ornate et ad persuadendum apte dicere pro dignitate rerum, ad utilitatem temporum, cum uoluptate audientium possit."

31 31.1 "hoc sibi illi ueteres persuaserant, ad hoc efficiendum intellegebant opus esse non ut in rhetorum scholis declamarent nec ut fictis nec ullo modo ad ueritatem accedentibus controuersiis linguam modo et uocem exercerent, sed ut iis artibus pectus implerent in quibus de bonis ac malis, de honesto et turpi, de iusto et iniusto disputatur; haec enim est oratori subiecta ad dicendum materia. 31.2 nam in iudiciis fere de aequitate, in deliberationibus ⟨de utilitate, in laudationibus⟩ de honestate disserimus, ita ⟨tamen⟩ ut plerumque haec ipsa

explorar em profundidade todos os ramos da filosofia com Filão, o acadêmico, com Diodoto, o estoico, e não contente com esses mestres, com muitos dos quais já tivera contato em Roma, peregrinar pela Aqueia e também pela Ásia, a fim de abarcar toda a diversidade de todos os ramos do conhecimento."

30.4 "Sem dúvida é assim que se pode depreender dos escritos de Cícero que não lhe faltou conhecimento de geometria, nem de música, nem de literatura, nem, por fim, de quaisquer outras artes liberais. Ele aprendeu a exatidão da lógica, aprendeu a utilidade da filosofia moral, aprendeu os movimentos e as causas dos fenômenos."

30.5 "Assim que é, senhores, assim que é com base em muita erudição, nas mais variadas ciências e no conhecimento de todo tipo de assunto que sobra e sobeja aquela admirável eloquência. O poder e a capacidade de um orador não se encerram em limites apertados, estreitos como os das demais matérias, mas é orador aquele que possa discursar bela e ornadamente sobre toda questão, de maneira apta a persuadir de acordo com a elevação do assunto, segundo a conveniência das circunstâncias, e com o prazer dos ouvintes."

31 31.1 "Os antigos estavam convencidos disso e entendiam que para realizá-lo era necessário não declamar em escolas de retórica nem fazer exercícios apenas de língua e de voz com controvérsias artificiais e de modo algum atinentes à realidade, mas encher o espírito das disciplinas nas quais se debata sobre o bem e o mal, o honroso e o degradante, o justo e o injusto; esses, enfim, são os temas sobre os quais o orador deve discursar. 31.2 Ora, em geral dissertamos nos tribunais sobre a equidade, nas assembleias ⟨sobre a utilidade, nos elogios⟩ sobre a honradez, mas de tal maneira, que quase sempre essas coisas acabam se misturando. Nin-

in uicem misceantur. de quibus copiose et uarie et ornate nemo dicere potest nisi qui cognouit naturam humanam et uim uirtutum prauitatemque uitiorum et intellectum eorum quae nec in uirtutibus nec in uitiis numerantur. 31.3 ex his fontibus etiam illa profluunt ut facilius iram iudicis uel instiget uel leniat qui scit quid ira, et promptius ad miserationem impellat qui scit quid sit misericordia et quibus animi motibus concitetur."

31.4 "in his artibus exercitationibusque uersatus orator, siue apud infestos, siue apud cupidos, siue apud inuidentes, siue apud tristes, siue apud timentes dicendum habuerit, tenebit uenas animorum et, prout cuiusque natura postulabit, adhibebit manum et temperabit orationem, parato omni instrumento et ad omnem usum reposito. 31.5 sunt apud quos astrictum et collectum et singula statim argumenta concludens dicendi genus plus fidei meretur; apud hos dedisse operam dialecticae proficiet. alios fusa et aequalis et ex communibus ducta sensibus oratio magis delectat; ad hos permouendos mutuabimur a Peripateticis aptos et in omnem disputationem paratos iam locos. 31.6 dabunt Academici pugnacitatem, Plato altitudinem, Xenophon iucunditatem, ne Epicuri quidem et Metrodori honestas quasdam exclamationes assumere iisque, prout res poscit, uti alienum erit oratori."

31.7 "neque enim sapientem informamus neque Stoicorum comitem, sed eum qui quasdam artes haurire, omnes libare debet. ideoque et iuris ciuilis scientiam ueteres oratores comprehendebant et grammatica, musica, geometria imbuebantur. 31.8 incidunt enim causae, plurimae quidem ac paene om-

guém pode discursar sobre isso tudo de forma rica, diversificada e ornada, a não ser que tenha travado conhecimento da natureza humana, do significado das virtudes e da corrupção dos vícios, e do entendimento daquilo que não se classifica nem como virtude nem como vício. 31.3 É dessas fontes que emana também aquilo com que instigará ou aplacará mais facilmente a ira de um juiz quem saiba o que é ira, e levará mais prontamente à comiseração quem saiba o que é misericórdia, e com quais sentimentos se há de provocar comoção."

31.4 "Um orador versado nessas técnicas e práticas, ao ter de discursar para um público hostil ou parcial ou invejoso ou severo ou temeroso, tomará o pulso dos ânimos e, dependendo do que a natureza de cada um demandar, administrará a dose e moderará o discurso, com todo o instrumental preparado e pronto para toda aplicação. 31.5 Há quem dê mais crédito a um estilo de oratória sucinta, compacta, que encaixa sistematicamente cada linha de raciocínio; com esses, valerá ter-se aplicado à lógica. A outros, agrada mais um discurso fluido, uniforme, desenvolvido a partir do bom senso; para atingi-los, tomaremos emprestado aos peripatéticos lugares-comuns adequados e já preparados para todo tipo de debate. 31.6 Os acadêmicos fornecerão a combatividade, Platão a nobreza, Xenofonte o encanto, e não será estranho ao orador pegar nem mesmo certos ditos decentes de Epicuro ou de Metrodoro e utilizá-los na medida em que a situação demanda."

31.7 "Afinal, não estamos formando um filósofo, nem tampouco um correligionário dos estoicos, mas alguém que deve explorar algumas disciplinas, e degustar de todas. É por isso que os antigos oradores se apropriavam tanto de conhecimentos de direito civil como se incutiam de noções de literatura, música e geometria, 31.8 pois surgem processos – de fato os mais nume-

nes, quibus iuris notitia desideratur, plerumque autem in quibus haec quoque scientia requiritur."

32 32.1 "nec quisquam respondeat sufficere ut ad tempus simplex quiddam et uniforme doceamur. primum enim aliter utimur propriis, aliter commodatis, longeque interesse manifestum est possideat quis quae profert an mutuetur. deinde ipsa multarum artium scientia etiam aliud agentes nos ornat atque ubi minime credas eminet et excellit. 32.2 idque non doctus modo et prudens auditor, sed etiam populus intellegit ac statim ita laude prosequitur, ut legitime studuisse, ut per omnes eloquentiae numeros isse, ut denique oratorem esse fateatur quem non posse aliter existere nec extitisse umquam confirmo nisi eum qui, tamquam in aciem omnibus armis instructus, sic in forum omnibus artibus armatus exierit[xxviii]."

32.3 "quod adeo neglegitur ab horum temporum disertis, ut in actionibus eorum ⟨hu⟩ius quoque cotidiani sermonis foeda ac pudenda uitia deprehendantur, ut ignorent leges, non teneant senatus consulta, ius ciuitatis ultro derideant, sapientiae uero studium et praecepta prudentium penitus reformident. 32.4 in paucissimos sensus et angustas sententias detrudunt eloquentiam uelut expulsam regno suo, ut quae olim omnium artium domina pulcherrimo comitatu pectora implebat, nunc circumcisa et amputata, sine apparatu, sine honore, paene dixerim sine ingenuitate, quasi una ex sordidissimis artificiis discatur."

32.5 "†ego†[xxix] hanc primam et praecipuam causam arbitror cur in tantum ab eloquentia antiquorum oratorum recesserimus. si testes desiderantur, quos potiores nomi-

rosos, quase todos – aos quais faz falta o domínio do direito; aliás, neles, geralmente também essa ciência está em debate."

32 32.1 "E que ninguém venha retrucar que é suficiente aprendermos de ocasião, em resumos simplificados. Primeiro, porque usamos do que é nosso de um jeito, e do que é emprestado de outro, e manifestamente há uma enorme diferença se alguém possui ou toma emprestado o que exibe. Depois, o próprio conhecimento em várias disciplinas nos equipa mesmo para defendermos causas diversas e, onde menos se esperaria, aparece e se destaca. 32.2 Percebe-o não apenas o ouvinte estudado e especialista, mas também o povo, que logo passa a acompanhar com tal aprovação, que acaba por reconhecer que realmente estudou, que passou por todas as áreas da eloquência, que é, enfim, um orador quem não poderia revelar-se de outro jeito – e reforço que nem jamais se revelou – senão como alguém que tenha ido para o fórum armado de todas as artes, como se, para a guerra, equipado de todas as armas."

32.3 "A tal ponto isso é negligenciado pelos que, hoje, têm desenvoltura para falar, que nos seus processos judiciais encontram-se mesmo os defeitos deploráveis e vergonhosos deste tipo de conversação cotidiana, de ignorarem as leis, não se aterem aos decretos do Senado, além de zombarem do direito romano[38] e mesmo de torcerem com força o rosto para o estudo da filosofia e os preceitos dos sábios. 32.4 Esses relegam a eloquência a pouquíssimos períodos e a estreitas frases de efeito, como se expulsa do seu reino, de modo que aquela que outrora, senhora de todas as ciências, preenchia os espíritos com o seu belíssimo séquito, aprende-se agora amputada, castrada, sem pompa, sem honra, diria quase que sem berço, como só mais uma dentre as mais baixas ocupações."

32.5 "†Eu† acredito que essa seja a primeira

nabo quam apud Graecos Demosthenem, quem studiosissimum Platonis auditorem fuisse memoriae proditum est? 32.6 et Cicero his, ut opinor, uerbis refert quicquid in eloquentia effecerit, id se non *rhetorum* ⟨*officinis*⟩, sed *Academiae spatiis* consecutum."

32.7 "sunt aliae causae magnae et graues quas a uobis aperiri aequum est, quoniam quidem ego iam meum munus expleui et, quod mihi in consuetudine est, satis multos offendi quos, si forte haec audierint, certum habeo dicturos me, dum iuris et philosophiae scientiam tamquam oratori necessariam laudo, ineptiis meis plausisse."

33 33.1 et Maternus "mihi quidem" inquit "susceptum a te munus adeo peregisse nondum uideris ut inchoasse tantum et uelut uestigia ac liniamenta quaedam ostendisse uidearis. 33.2 nam quibus ⟨artibus⟩ instrui ueteres oratores soliti sint dixisti differentiamque nostrae desidiae et ⟨in⟩scientiae aduersus acerrima et fecundissima eorum studia demonstrasti; cetera exspecto, ut quem ad modum ex te didici quid aut illi scierint aut nos nesciamus, ita hoc quoque cognoscam: quibus exercitationibus iuuenes iam et forum ingressuri confirmare et alere ingenia sua soliti sint. 33.3 neque enim solum arte et scientia, sed longe magis facultate et ⟨usu⟩ eloquentiam contineri nec tu puto abnues et hi significare uultu uidentur."

33.4 deinde cum Aper quoque et Secundus idem adnuissent, Messalla quasi rursus incipiens: "quoniam initia et semina ueteris eloquentiae satis demonstrasse uideor docendo quibus artibus antiqui oratores institui erudirique soliti sint, persequar nunc exercita-

e a principal causa de por que nos afastamos tanto da eloquência dos antigos oradores. Se se desejam testemunhas, quem melhor indicarei que Demóstenes, entre os gregos, que ficou lembrado como o mais atento ouvinte de Platão? 32.6 E Cícero, se não me engano, recorda com estas palavras que, tudo que tenha realizado na eloquência, não o obteve ⟨*nas oficinas*⟩ *dos rétores*, mas *nas caminhadas da Academia*[39]."

32.7 "Há outras causas de grande importâncias, as quais é justo que vocês exponham, dado que eu já cumpri o meu dever e, o que me é de hábito, já choquei a muitos que, se acaso ouvirem tais coisas, tenho certeza que dirão que eu, ao citar o estudo do direito e da filosofia como necessários ao orador, os atordoo com as minhas insanidades."

33 33.1 E fala Materno: "Para mim, tanto você não parece até agora ter cumprido o dever que assumiu, que dá a impressão de apenas ter começado e como que esboçado alguns traços e contornos. 33.2 Ora, foi dito em quais ⟨áreas⟩ os antigos oradores costumavam se preparar, e demonstrada a diferença do nosso desleixo e ⟨ignorância⟩ face aos tão árduos e tão fecundos estudos deles; estou aguardando algo mais: do modo como aprendi com você o que eles sabiam e o que nós não sabemos, quero entender também com quais exercícios os jovens já a ponto de ingressarem no fórum costumavam fortalecer e nutrir os seus talentos. 33.3 Afinal, que não é somente de técnica e conhecimento, porém muito mais de capacidade e ⟨prática⟩ que a eloquência depende, penso que você não negará, bem como estes aqui aparentam estar indicando com o rosto."

33.4 Então, assim que Apro e também Segundo assentiram, Messala, como se recomeçando: "Já que aparentemente eu expus o bastante sobre os primórdios e as sementes da antiga eloquência ao mostrar em quais áreas os

tiones eorum. 33.5 quamquam ipsis artibus inest exercitatio, nec quisquam percipere tot tam reconditas, tam uarias res potest nisi ut scientiae meditatio, meditationi facultas, facultati usus [eloquentiae][xxx] accedat; per quae colligitur eandem esse rationem et percipiendi quae proferas et proferendi quae perceperis. 33.6 sed si cui obscuriora haec uidentur isque scientiam ab exercitatione separat, illud certe concedet: instructum et plenum his artibus animum longe paratiorem ad eas exercitationes uenturum quae propriae esse oratorum uidentur."

34 34.1 "ergo apud maiores nostros iuuenis ille qui foro et eloquentiae parabatur, imbutus iam domestica disciplina, refertus honestis studiis, deducebatur a patre uel a propinquis ad eum oratorem qui principem in ciuitate locum obtinebat. 34.2 hunc sectari, hunc prosequi, huius omnibus dictionibus interesse siue in iudiciis siue in contionibus assuescebat, ita ut altercationes quoque exciperet et iurgiis interesset utque, sic dixerim, pugnare in proelio disceret. 34.3 magnus ex hoc usus, multum constantiae, plurimum iudicii iuuenibus statim contingebat in media luce studentibus atque inter ipsa discrimina, ubi nemo impune stulte aliquid aut contrarie dicit quominus et iudex respuat et aduersarius exprobret, ipsi denique aduocati aspernentur."

34.4 "igitur uera statim et incorrupta eloquentia imbuebantur et, quamquam unum sequerentur, tamen omnes eiusdem aetatis patronos in plurimis et causis et iudiciis cognoscebant, habebantque ipsius populi diuersissimarum aurium copiam ex qua facile de-

antigos oradores costumavam se educar e refinar, vou agora seguir para os exercícios que faziam. 33.5 Embora o exercício não seja parte das ciências em si, ninguém pode aprender tantos e tão herméticos, tão variados assuntos, a não ser que ao conhecimento se acrescente a reflexão, à reflexão a capacidade, à capacidade a prática [da eloquência]; por aí se conclui que o método para aprender aquilo de que se deve tratar é o mesmo que para tratar daquilo que se tiver aprendido. 33.6 Ainda que alguém o considere um tanto obscuro e que separe o conhecimento da prática, certamente vai concordar que uma mente equipada e inteirada dessas ciências chegará muito melhor preparada aos exercícios vistos como propriamente de oratória."

34 34.1 "Assim, entre os nossos antepassados, o jovem que se preparava para a oratória forense, já imbuído da educação doméstica e bem dotado de cultura literária, era levado pelo pai ou por parentes ao principal orador que havia na comunidade 34.2 e passava a segui-lo, acompanhá-lo, presenciar todas as suas elocuções, seja nos tribunais, seja nas assembleias populares, de maneira a também assistir aos debates legais e presenciar as pequenas causas[40], para que aprendesse, digamos assim, a guerrear fazendo a guerra. 34.3 Disso, logo advinha uma enorme prática, muito autocontrole e o máximo de senso crítico aos jovens já atuando na vida pública, em meio aos acontecimentos importantes, em que ninguém diz impunemente coisas estúpidas ou contraditórias sem causar o repúdio do juiz e o protesto do adversário, e no fim a aversão dos próprios defensores."

34.4 "Por isso, eles logo se imbuíam de uma eloquência genuína e impoluta e, ainda que seguissem a um só, acabavam por conhecer nos vários processos e julgamentos todos os patronos da mesma geração, e tinham uma panó-

prehenderent quid in quoque uel probaretur uel displiceret. 34.5 ita nec praeceptor deerat, optimus quidem et electissiumus, qui faciem eloquentiae, non imaginem praestaret, nec aduersarii et aemuli ferro, non rudibus, dimicantes, nec auditorium semper plenum, semper nouum ex inuidis et fauentibus, ut nec bene ⟨nec male⟩ dicta dissimularentur. scitis enim magnam illam et duraturam eloquentiae famam non minus in diuersis subselliis parari quam suis, inde quin immo constantius surgere, ibi fidelius corroborari."

34.6 "atque hercule sub eius modi praeceptoribus iuuenis ille de quo loquimur, oratorum discipulus, fori auditor, sectator iudiciorum, eruditus et assuefactus alienis experimentis, cui cotidie audienti notae leges, non noui iudicum uultus, frequens in oculis consuetudo contionum, saepe cognitae populi aures, siue accusationem susceperat siue defensionem, solus statim et unus cuicumque causae par erat. 34.7 nono decimo aetatis anno L. Crassus C. Carbonem, uno et uigesimo Caesar Dolabellam, altero et uicesimo Asinius Pollio C. Catonem, non multum aetate antecedens Caluus Vatinium iis orationibus insecuti sunt, quas hodieque cum admiratione legimus."

35 35.1 "at nunc adulescentuli nostri deducuntur in scholas istorum qui rhetores uocantur, quos paulo ante Ciceronis tempora extitisse nec placuisse maioribus nostris ex eo manifestum est quod a Crasso et Domitio censoribus cludere, ut ait Cicero, *ludum impudentiae* iussi sunt. 35.2 sed ut dicere institueram, deducuntur in scholas ⟨in⟩[xxxi] qui-

plia diversíssima de gostos próprios do público, do que facilmente podiam depreender o que em cada caso teria aprovação ou desagradaria. 34.5 Assim, nem faltava um preceptor – por sinal o melhor e mais seleto – que exibisse a face da eloquência, não uma sombra, nem adversários e rivais com espadas de ferro, não com as de treino, de madeira, nem uma audiência sempre cheia, sempre renovada de apoiadores e opositores, de sorte que nem as coisas bem ⟨nem as mal⟩ colocadas passariam despercebidas. Sabemos, enfim, que uma grande e duradoura reputação de eloquente não se granjeia menos nos assentos da oposição que nos seus próprios, e sobretudo de onde mais resoluta ela se levanta, aí é que mais firme se finca."

34.6 "E quem diria, com preceptores desse nível, aquele jovem de que falamos – discípulo de oradores, ouvinte do fórum, adepto de julgamentos, refinado e familiarizado com a experiência alheia, para quem, sempre atento, as leis são conhecidas, o rosto dos juízes não é novo, a frequência assídua nas assembleias é evidente, o gosto do povo sempre discernido –, assumisse ele a acusação ou a defesa, prontamente ficava, sozinho e por conta própria, à altura de qualquer causa. 34.7 Aos dezenove anos de idade, Lúcio Crasso investiu contra Caio Carbão; aos vinte e um, César contra Dolabela; aos vinte e dois, Asínio Polião contra Caio Catão; Calvo, não muito mais velho, contra Vatínio, com discursos tais que ainda hoje lemos com admiração."

35 35.1 "Agora, contudo, os nossos adolescentes são levados às escolas desses chamados rétores, os quais surgiram pouco antes da época de Cícero e tão claramente não agradavam aos nossos antepassados, que os censores Crasso e Domício lhes ordenaram fechar esses *colégios de sem-vergonhices*[41], segundo conta Cícero. 35.2 Mas, como estava falando, eles são levados a

bus non facile dixerim utrumne locus ipse an condiscipuli an genus studiorum plus mali ingeniis afferant. 35.3 nam in loco nihil reuerentiae est in quem nemo nisi aeque imperitus intrat, in condiscipulis nihil profectus, cum pueri inter pueros et adulescentuli inter adulescentulos pari securitate et dicant et audiantur; ipsae uero exercitationes magna ex parte contrariae."

35.4 "nempe enim duo genera materiarum apud rhetoras tractantur, suasoriae et controuersiae. ex his suasoriae †quidem tamquam†[xxxii] plane leuiores et minus prudentiae exigentes pueris delegantur, controuersiae robustioribus assignantur, quales per fidem et quam incredibiliter compositae! sequitur autem ut materiae abhorrenti a ueritate declamatio quoque adhibeatur. 35.5 sic fit ut tyrannicidarum praemia aut uitiatarum electiones aut pestilentiae remedia aut incesta matrum aut quicquid in schola cotidie agitur, in foro uel raro uel nunquam ingentibus uerbis prosequantur. cum ad ueros iudices uentum..."

escolas nas quais não é fácil dizer se é o próprio lugar, se são os colegas, se são os tipos de estudo que mais fazem mal aos talentos. 35.3 Afinal, não há nada de deferência em um lugar no qual ninguém entra sem ser igualmente inexperiente, nada de vantagem quanto aos colegas, já que discursam e são ouvidos com igual segurança meninos em meio a meninos e rapazes em meio a rapazes; na verdade, os próprios exercícios são, em grande parte, prejudiciais."

35.4 "Como se sabe, são dois os gêneros de matéria tratados pelos rétores, as suasórias e as controvérsias. Deles, as suasórias, †por serem† bem mais leves e exigirem menos ciso, são deixadas para os meninos; por outro lado, as controvérsias são delegadas aos mais velhos, e misericórdia! Como elas se tornam inverossímeis! Resulta, ademais, que também a declamação acaba aplicada a assuntos avessos à realidade. 35.5 É assim que acontece de recompensas para tiranicidas, dilemas de moças violentadas[42], remédios para a peste, incestos maternos e tudo o mais de que se fala todo dia na escola, no fórum raramente ou nunca ser elaborado com grande palavrório. Quando se chega a juízes de verdade..."

Neste ponto os manuscritos conhecidos encontram-se irremediavelmente danificados. Não se sabe quanto do texto foi perdido, assim que a numeração daqui por diante é meramente indicativa. Quem fala no trecho logo abaixo é Materno.

36 36.1 "... rem cogitare, nihil abiectum, nihil humile eloqui poterat. magna eloquentia, sicut flamma, materia alitur et motibus excitatur et urendo clarescit; eadem ratio in nostra quoque ciuitate antiquorum eloquentiam prouexit. 36.2 nam etsi horum quoque temporum oratores ea consecuti sunt quae composita et quieta et beata re publica tribui fas erat, tamen illa perturbatione ac licentia plura sibi assequi uidebantur, cum

36 36.1 "...refletir sobre o assunto, não podia proferir nada simples, nada modesto. Uma grande oratória, assim como uma chama, nutre-se de matéria, se aviva com a agitação e reluz queimando; o mesmo pensamento impeliu a eloquência dos antigos inclusive na sociedade romana. 36.2 Pois mesmo que também os oradores dessa época tenham chegado àquilo que era legítimo imputar a uma sociedade organizada, serena e afortunada, ainda assim achavam que alcançariam mais resultados para si

mixtis omnibus et moderatore uno carentibus tantum quisque orator saperet quantum erranti populo persuaderi poterat. 36.3 hinc leges assiduae et populare nomen, hinc contiones magistratuum paene pernoctantium in rostris, hinc accusationes potentium reorum et assignatae etiam domibus inimicitiae, hinc procerum factiones et assidua senatus adversus plebem certamina."

36.4 "quae singula etsi distrahebant rem publicam, exercebant tamen illorum temporum eloquentiam et magnis cumulare praemiis uidebantur, quia quanto quisque plus dicendo poterat, tanto facilius honores assequebatur, tanto magis in ipsis honoribus collegas suos anteibat, tanto plus apud principes gratiae, plus auctoritatis apud patres, plus notitiae ac nominis apud plebem parabat. 36.5 hi clientelis etiam exterarum nationum redundabant, hos ituri in prouincias magistratus reuerebantur, hos reuersi colebant, hos et praeturae et consulatus uocare ultro uidebantur. hi ne priuati quidem sine potestate erant, cum et populum et senatum consilio et auctoritate regerent."

36.6 "quin immo sibi ipsi persuaserant neminem sine eloquentia aut assequi posse in ciuitate aut tueri conspicuum et eminentem locum. 36.7 nec mirum, cum etiam inuiti ad populum producerentur, cum parum esset in senatu breuiter censere nisi quis ingenio et eloquentia sententiam suam tueretur, cum in aliquam inuidiam aut crimen uocati sua uoce respondendum haberent, cum testimonia quoque in ⟨iudiciis⟩ publicis non absentes nec per tabellam dare, sed coram et praesentes dicere cogerentur."

36.8 "ita ad summa eloquentiae praemia magna etiam necessitas accedebat, et quo

próprios com a conflagração e a anarquia que houve, quando, estando todos engalfinhados e carecendo de um poder moderador, cada orador valia pelo tanto que podia persuadir o povo à deriva. 36.3 Daí a legiferação constante e o prestígio dos populistas[43], daí as assembleias com magistrados praticamente pernoitando na tribuna, daí os processos contra réus poderosos e as inimizades instaladas até mesmo dentro dos lares, daí as facções da elite e as constantes disputas do Senado contra a plebe."

36.4 "Cada um desses fatores, mesmo que desmantelassem a sociedade, ainda assim desenvolviam a oratória daquela época e pareciam cumulá-la com grandes recompensas, porque quanto mais hábil cada um fosse para discursar, tanto mais facilmente alcançava cargos públicos, tanto mais superava os seus colegas nos próprios cargos, tanto mais granjeava favores entre os poderosos, mais autoridade perante os senadores, mais prestígio e popularidade perante a plebe. 36.5 Eles se atarefavam até mesmo com a proteção a povos estrangeiros, admiravam-nos os magistrados de partida para as províncias, cortejavam-nos os regressados, e ainda pareciam chamá-los tanto as preturas como o consulado. Eles não ficavam fora do poder nem mesmo quando não exerciam cargos públicos, à medida que com o seu discernimento e a sua autoridade guiavam o povo bem como o Senado."

36.6 "Realmente, eles se convenceram a si mesmos de que, sem a eloquência, ninguém podia nem alcançar nem manter uma posição social de visibilidade e destaque. 36.7 Nem admira, em um tempo em que poderiam ser trazidos a público mesmo contra a vontade, em que não bastaria dar brevemente um parecer no Senado, exceto quem defendesse a sua opinião com engenho e eloquência, em que havia a obrigação de responder com as próprias palavras se intimados em algum processo ou intriga, em

modo disertum haberi pulchrum et gloriosum, sic contra mutum et elinguem uideri deforme habebatur."

que mesmo em ⟨julgamentos⟩ públicos seriam compelidos a prestar testemunho, não ausentes nem por escrito, mas presencialmente, discursando em pessoa."

36.8 "Assim, às maiores recompensas da eloquência acrescentava-se ainda uma grande necessidade, e do modo como ter a sua fala considerada desenvolta era tido por algo belo e glorioso, parecer mudo e inarticulado, ao contrário, era degradante."

37 37.1 "ergo non minus rubore quam praemiis stimulabantur, ne clientulorum loco potius quam patronorum numerarentur, ne traditae a maioribus necessitudines ad alios transirent, ne tamquam inertes et non suffecturi honoribus aut non impetrarent aut impetratos male tuerentur."

37.2 "nescio an uenerint in manus uestras haec uetera quae et in antiqu⟨ari⟩orum bibliothecis adhuc manent et cum maxime a Muciano contrahuntur ac iam undecim, ut opinor, Actorum libris et tribus Epistularum composita et edita sunt. 37.3 ex his intellegi potest Cn. Pompeium et M. Crassum non uiribus modo et armis, sed ingenio quoque et oratione ualuisse, Lentulos et Metellos et Lucullos et Curiones et ceteram procerum manum multum in his studiis operae curaeque posuisse, nec quemquam illis temporibus magnam potentiam sine aliqua eloquentia consecutum."

37.4 "his accedebat splendor reorum et magnitudo causarum quae et ipsa plurimum eloquentiae praestant. nam multum interest utrumne de furto aut formula et interdicto dicendum habeas, an de ambitu comitiorum, de expilatis sociis et ciuibus trucidatis. 37.5 quae mala sicut non accidere melius est isque optimus ciuitatis status ha-

37 37.1 "Portanto, a vergonha os incitava não menos que as recompensas, a fim de que não caíssem no lugar de meros clientes ao invés do de patronos[44], para que os laços de amizade herdados dos pais não passassem a outros, para que não deixassem de pleitear cargos públicos ou não exercessem mal os pleiteados, como se ineptos e incompetentes para tal."

37.2 "Não sei se chegaram às mãos de vocês essas antiguidades que até hoje permanecem nas bibliotecas dos ⟨antiquários⟩ e que neste exato momento estão sendo reunidas por Muciano, já consistindo, creio, de onze volumes publicados de atas e três de correspondências. 37.3 Delas se pode depreender que Cneu Pompeu e Marco Crasso não eram valorosos apenas pela força e pelas armas, mas também pelo talento e pelo discurso, e que um Lêntulo, um Metelo, um Luculo, um Curião e o restante batalhão de grandes homens investiram muita dedicação e cuidado nesses estudos, e que nenhuma pessoa, naquela época, alcançaria uma grande influência sem alguma eloquência."

37.4 "A isso somava-se a notoriedade dos réus e a importância das causas, o que por si mesmo colabora enormemente para a eloquência. Ora, há uma grande distância entre ter de discursar sobre um furto ou petições e despachos, ou sobre fraude eleitoral, saques contra aliados e massacres de cidadãos. 37.5 Esses males, assim como é melhor que não aconteçam, e como

bendus est in quo nihil tale patimur, ita cum acciderent, ingentem eloquentiae materiam subministrabant. crescit enim cum amplitudine rerum uis ingenii, nec quisquam claram et illustrem orationem efficere potest nisi qui causam parem inuenit."

37.6 "non, opinor, Demosthenem orationes illustrant quas aduersus tutores suos composuit, nec Ciceronem magnum oratorem P. Quinctius defensus aut Licinius Archias faciunt; Catilina et Milo et Verres et Antonius hanc illi famam circumdederunt. non quia tanti fu⟨er⟩it[xxxiii] rei publicae malos ferre ciues ut uberem ad dicendum materiam oratores haberent, sed, ut subinde admoneo, quaestionis meminerimus sciamusque nos de ea re loqui quae facilius turbidis et inquietis temporibus existit."

37.7 "quis ignorat utilius ac melius esse frui pace quam bello uexari? plures tamen bonos proeliatores bella quam pax ferunt; similis eloquentiae condicio. 37.8 nam quo saepius steterit tamquam in acie quoque plures et intulerit ictus et exceperit quoque maiores aduersarios acrioresque pugnas sibi ipsa desumpserit, tanto altior et excelsior et illis nobilitata ⟨dis⟩criminibus in ore hominum agit, quorum ea natura est, ut †securi ipsi spectare aliena pericula uelint†[xxxiv]."

38 38.1 "transeo ad formam et consuetudinem ueterum iudiciorum, quae etsi nunc aptior est ueritati, eloquentiam tamen illud forum magis exercebat, in quo nemo intra paucissimas horas perorare cogebatur, et liberae comperendinationes erant, et mo-

o regime político ideal a manter é aquele em que não passamos por nenhum deles, conforme iam acontecendo, forneciam uma enorme matéria para a eloquência. Afinal, é com a envergadura do assunto que cresce a força do talento, e ninguém pode produzir um discurso iluminado, brilhante, a não ser que encontre uma causa parelha."

37.6 "Penso que não são os discursos que Demóstenes compôs contra os seus tutores que o tornaram reconhecido, e não são as defesas de Públio Quíncio ou Licínio Árquias que fazem de Cícero um grande orador; foram Catilina, Milão, Verres e Antônio que o cobriram com tal fama. Não que tenha valido a pena para a República suportar maus cidadãos a fim de que os oradores tivessem uma matéria profícua para os seus discursos, mas, como sempre advirto, lembremo-nos do problema e saibamos que estamos falando de algo que surge mais facilmente em tempos turbulentos e irrequietos."

37.7 "Quem não sabe que é melhor e mais proveitoso desfrutar da paz do que ser atormentado pela guerra? No entanto, as guerras produzem bons combatentes em maior número que a paz; semelhante é o caráter da eloquência. 37.8 Pois quanto mais frequente ela tiver estado como se em batalha, quanto mais numerosos golpes tiver tanto infligido como sofrido, e quanto maiores os adversários e mais árduas as lutas que ela se tiver arranjado, tanto mais elevada, mais sublime e enobrecida por esses ⟨desafios⟩ aparece aos olhos das pessoas, cuja natureza é, †estando elas próprias em segurança, querer assistir aos outros em perigo†."

38 38.1 "Passo para o costume e a forma dos antigos julgamentos, a qual, se agora é mais propícia para a verdade, para a eloquência havia mais fomento em um fórum em que ninguém era obrigado a concluir dentro de pouquíssimo tempo, os adiamentos[45] eram livres, cada

dum dicendo sibi quisque sumebat, et numerus neque dierum neque patronorum finiebatur."

38.2 "primus haec tertio consulatu Cn. Pompeius astrinxit imposuitque ueluti frenos eloquentiae, ita tamen ut omnia in foro, omnia legibus, omnia apud praetores gererentur. apud quos quanto maiora negotia olim exerceri solita sint!, quod maius argumentum est quam quod causae centumuirales, quae nunc primum obtinent locum, adeo splendore aliorum iudiciorum obruebantur, ut neque Ciceronis neque Caesaris neque Bruti neque Caelii neque Calui, non denique ullius magni oratoris liber apud centumuiros dictus legatur, exceptis orationibus Asinii quae *pro heredibus Vrbiniae* inscribuntur, ab ipso tamen Pollione mediis diui Augusti temporibus habitae, postquam longa temporum quies et continuum populi otium et assidua senatus tranquilitas et maxima principis disciplina ipsam quoque eloquentiam sicut omnia †depacauerat†[xxxv]."

39 39.1 "paruum et ridiculum fortasse uide⟨bi⟩tur quod dicturus sum; dicam tamen, uel ideo ut rideatur. quantum humilitatis putamus eloquentiae attulisse paenulas istas quibus astricti et uelut inclusi cum iudicibus fabulamur? quantum uirium detraxisse orationi auditoria et tabularia credimus in quibus iam fere plurimae causae explicantur? 39.2 nam quo modo nobiles equos cursus et spatia probant, sic est aliquis oratorum campus, per quem nisi liberi et soluti ferantur, delibitatur ac frangitur eloquentia."

39.3 "ipsam quin immo curam et diligentis

um se arrogava a medida do próprio discurso, e não se delimitava nem a quantidade de dias, nem a de advogados."

38.2 "O primeiro a restringir esses aspectos e, por assim dizer, pôr rédeas na eloquência, foi Cneu Pompeu, em seu terceiro consulado, mas ainda de modo a que se resolvesse tudo no fórum, tudo pelos regulamentos, tudo perante os pretores. Antigamente, quão maiores processos não costumavam tramitar perante eles!, antes por ser mais relevante o assunto do que por estarem as causas centunvirais, hoje em destaque, a tal ponto soterradas pelo brilho dos outros juizados, que não se lê de Cícero, nem de César, nem de Bruto, nem de Célio, nem de Calvo, nem, por fim, de nenhum outro grande orador um único texto proferido para os centúnviros, com exceção dos discursos de Asínio intitulados *Em defesa dos herdeiros de Urbínia*, embora proferidos por esse mesmo Polião em meados da época do divino Augusto[46], depois que um longo tempo de calmaria, um contínuo sossego popular, uma constante tranquilidade do Senado e uma conduta extremamente rigorosa do imperador †sobrepacificou†[47] até mesmo a eloquência, assim como tudo."

39 39.1 "Talvez pareça tolo e ridículo o que estou para dizer, mas direi assim mesmo, nem que para ser ridicularizado. Quanto rebaixamento, pensamos, causaram à eloquência essas capas grossas[48] com que, presos e como que amarrados, ficamos de conversa com os juízes? Quanto vigor não achamos que subtraíram ao discurso os auditórios e os escritórios em que já mais ou menos todos os processos se desenrolam? 39.2 Pois da mesma forma como cavalos de boa raça gostam de corridas e de espaços abertos, também há uma espécie de campo para os oradores, pelo qual se não vararem livres e sem amarras, a eloquência se debilita e definha."

39.3 "Em particular, sentimos que o próprio

stili anxietatem contrariam experimur, quia saepe interrogat iudex quando[xxxvi] incipias – et ex interrogatione eius incipiendum est – frequenter probationibus et testibus silentium †[xxxvii] indicit. unus inter haec dicenti aut alter assistit, et res uelut in solitudine agitur."

39.4 "oratori autem clamore plausuque opus est, et uelut quodam theatro. qualia cotidie antiquis oratoribus contingebant, cum tot pariter ac tam nobiles forum coartarent, cum clientelae quoque ac tribus et municipiorum etiam legationes ac pars Italiae periclitantibus assisteret, cum in plerisque iudiciis crederet populus Romanus sua interesse quid iudicaretur. 39.5 satis constat C. Cornelium et M. Scaurum et T. Milonem et L. Bestiam et P. Vatinium concursu totius ciuitatis et accusatos et defensos, ut frigidissimos quoque oratores ipsa certantis populi studia excitare et incendere potuerint."

"itaque hercule eius modi libri extant ut ipsi quoque qui egerunt non aliis magis orationibus censeantur."

40 40.1 "iam uero contiones assiduae et datum ius potentissimum quemque uexandi atque ipsa inimicitiarum gloria, cum se plurimi disertorum ne a P. quidem Scipione aut Sulla aut Cn. Pompeio abstinerent et ad incessendos principes uiros, ut est natura inuidiae, †populi quoque ut histriones auribus uterentur†[xxxviii], quantum ardorem ingeniis, quas oratoribus faces admouebant!"

40.2 "non de otiosa et quieta re loquimur et quae probitate et modestia gaudeat; sed

cuidado e a preocupação de um escrever diligente são contraproducentes, porque o juiz fica perguntando quando se vai começar – e deve-se começar a partir da pergunta dele – e frequentemente impõe † silêncio às testemunhas e às demonstrações. Em meio a isso, um ou outro presta assistência a quem estiver discursando, e a coisa se passa como que na solidão."

39.4 "O orador, no entanto, precisa de aclamação e aplauso, e até diria de um certo teatro. Fatores do tipo sucediam cotidianamente aos oradores antigos, conforme pessoas tão numerosas quanto importantes lotassem o fórum, conforme mesmo protegidos e tribos, também delegações dos municípios e boa parte da Itália assistissem os acusados, conforme o povo romano considerasse que era do seu interesse o que seria decidido na maioria dos julgamentos. 39.5 É bem sabido que Caio Cornélio, Marco Escauro, Tito Milão, Lúcio Béstia e Público Vatínio foram processados e defendidos diante da afluência de toda Roma, assim que mesmo os oradores de maior tibieza teriam podido despertar e incendiar um real entusiasmo popular na contenda."

"É por isso, sem dúvida, que textos como esses permanecem, tais que não é por outros discursos que quem os proferiu seja mais reconhecido."

40 40.1 "Na realidade, em um tempo em que a maioria das pessoas hábeis no discurso não se conteria frente nem mesmo a Público Cipião, Sula, ou Cneu Pompeu, e para atacar os homens mais poderosos, como é da natureza da inveja, †lançariam mão, como atores, até mesmo dos ouvidos do povo†[49], quanto ardor não forneciam aos talentos, quanto combustível aos oradores as constantes assembleias, o direito conferido de vilipendiar todo e qualquer poderoso e a própria glória das inimizades!"

40.2 "Não estamos falando de algo tranquilo,

est magna illa et notabilis eloquentia alumna licentiae quam stulti libertatem uocant, comes seditionum, effrenati populi incitamentum, sine obsequio, sine seueritate, contumax, temeraria, arrogans, quae in bene constitutis ciuitatibus non oritur. 40.3 quem enim oratorem Lacedaemonium, quem Cretensem accepimus? quarum ciuitatum seuerissima disciplina et seuerissimae leges traduntur! ne Macedonum quidem ac Persarum aut ullius gentis quae certo imperio contenta fuerit eloquentiam nouimus. Rhodii quidam, plurimi Athenienses oratores extiterunt, apud quos omnia populus, omnia imperiti, omnia, ut sic dixerim, omnes poterant."

40.4 "nostra quoque ciuitas, donec errauit, donec se partibus et dissensionibus et discordiis confecit, donec nulla fuit in foro pax, nulla in senatu concordia, nulla in iudiciis moderatio, nulla superiorum reuerentia, nullus magistratuum modus, tulit sine dubio ualentiorem eloquentiam, sicut indomitus ager habet quasdam herbas laetiores. sed nec tanti rei publicae Gracchorum eloquentia fuit, ut pateretur et leges, nec bene famam eloquentiae Cicero tali exitu pensauit."

41 41.1 "sic quoque quod superest antiquis oratoribus forum non emendatae nec usque ad uotum compositae ciuitatis argumentum est. 41.2 quis enim nos aduocat nisi aut nocens aut miser? quod municipium in clientelam nostram uenit, nisi quod aut uicinus populus aut domestica discordia agitat? quam prouinciam tuemur nisi spoliatam uexatamque? 41.3 atqui melius fuisset non

à-toa, que se alegra com a correção e a boa medida; ao contrário, essa grandiosa e notável eloquência é aluna da licenciosidade a que os tolos chamam liberdade, é companheira de sedições, incitamento de uma população desenfreada, sem comprometimento, sem rigor, insolente, inconsequente, arrogante, que não brota em sociedades bem constituídas. 40.3 Ora, de qual orador espartano ouvimos falar? De qual cretense? Fala-se dessas sociedades do severíssimo regime e das severíssimas leis! Não ficamos sabendo de oratória nem mesmo dos macedônios e dos persas, ou de outros povos que se tenham havido[50] com um governo fixo. Houve alguns oradores ródios, e vários atenienses, entre os quais a população podia tudo, os leigos podiam tudo, diria até que todo mundo podia tudo."

40.4 "Também a nossa sociedade, enquanto não tinha rumo, enquanto se desmembrava em partidos[51], dissensões e discórdias, enquanto não havia nenhuma paz no fórum, nenhuma concórdia no Senado, nenhuma moderação nos tribunais, nenhum respeito pelos superiores, nenhum controle sobre os magistrados, suportou sem hesitação uma eloquência mais vigorosa, assim como no campo selvagem há certas plantas mais vicejantes. Porém, nem a eloquência dos Gracos foi de tanta valia para a República que lhe justificasse tolerar até mesmo as suas leis, nem Cícero compensou direito a reputação da sua eloquência com o fim que teve."

41 41.1 "Do mesmo modo, o fórum sobreviver aos antigos oradores não é sinal de um sociedade perfeita e, até onde se queira, organizada. 41.2 Afinal, quem nos procura senão os culpados ou os desgraçados? Que município fica sob a nossa proteção senão um atormentado por um povo vizinho ou pela discórdia interna? De que província cuidamos senão das espoliadas e devastadas? 41.3 Ainda assim, melhor seria não

queri quam uindicari."

"quod si inueniretur aliqua ciuitas in qua nemo peccaret, superuacuus esset inter innocentes orator sicut inter sanos medicus. quo modo tamen minimus usus minimumque profectus ars medentis habet in iis gentibus quae firmissima ualetudine ac saluberrimis corporibus utuntur, sic minor oratorum honor obscuriorque gloria est inter bonos mores et in obsequium regentis paratos."

41.4 "quid enim opus est longis in Senatu sententiis cum optimi cito consentiant? quid multis apud populum contionibus cum de re publica non imperiti et multi deliberent, sed sapientissimus et unus? quid uoluntariis accusationibus cum tam raro et tam parce peccetur? quid inuidiosis et excedentibus modum defensionibus cum clementia cognoscentis obuiam periclitantibus eat?"

41.5 "credite, optimi et in quantum opus est disertissimi uiri, si aut uos prioribus saeculis aut illi quos miramur his nati essent, ac deus aliquis uitas ac [uestra] tempora repente mutasset, nec uobis summa illa laus et gloria in eloquentia neque illis modus et temperamentum defuisset. nunc, quoniam nemo eodem tempore assequi potest magnam famam et magnam quietem, bono saeculi sui quisque citra obtrectatione alterius utatur."

42 42.1 finierat Maternus, cum Messalla: "erant quibus contra dicerem, erant de quibus plura dici uellem, nisi iam dies esset exactus."

"fiet", inquit Maternus, "postea arbitratu tuo, et si qua tibi obscura in hoc meo sermone uisa sunt, de iis rursus conferemus."

ter de ir à justiça a ser compensado."

"Caso se encontrasse alguma sociedade na qual ninguém delinquisse, um orador seria desnecessário entre pessoas inocentes do mesmo jeito que, entre pessoas saudáveis, um médico. Então, da forma como é de uma utilidade mínima e de um proveito mínimo a medicina para os povos que gozam de uma saúde firme ao extremo e de corpos saudáveis ao extremo, assim é menor a importância dos oradores e menos clara a sua proeminência em meio a costumes bons e ao comprometimento com o governante."

41.4 "Afinal, para que servem os longos pareceres no Senado se os senadores prestamente entram em acordo? Para que as muitas assembleias populares se delibera sobre os assuntos públicos não uma multidão de ignorantes, mas um único e supremo sábio? Para quê as acusações de iniciativa própria[52] se são tão raras e insignificantes as faltas? Para quê as defesas sobremaneira maliciosas se a clemência do inquiridor vai em socorro aos acusados?"

41.5 "Acreditem, homens excelentes e, à medida do necessário, perfeitamente articulados, se vocês tivessem nascido nos séculos passados, ou se aqueles que admiramos tivessem nascido neste, e se algum deus de repente trocasse as suas vidas e épocas, nem lhes teria faltado todo aquele mérito e glória na eloquência, nem a eles moderação e equilíbrio. Agora, dado que ninguém pode buscar ao mesmo tempo uma grande fama e um grande sossego, que cada um usufrua das oportunidades da sua geração sem detratar a do outro."

42 42.1 Terminara Materno, quando Messala: "Há algumas coisas que eu retrucaria, outras das quais gostaria que fosse falado mais, se o dia já não se tivesse esvaído."

"Muito bem", diz Materno, "depois, quando quiser, e se algumas coisas lhe pareceram obscuras nesta minha fala, voltaremos a conversar

42.2 ac simul assurgens et Aprum complexus, "ego", inquit, "te poetis, Messalla autem antiquariis criminabimur."

"at ego uos rhetoribus et scholasticis" inquit.

cum arrisissent, discessimus.

sobre elas."

42.2 E de um lance se levantando e abraçando Apro, diz: "Eu o denunciarei para os poetas, já Messala, para os antiquários."

"E eu a vocês, para os rétores e os seus frequentadores", diz.

Tendo eles rido, fomos embora.

Notas

3.1 Notas relativas ao texto latino

[i] **1.3 quidem.** Mayer (2001). Heubner (1983) e Winterbottom e Olgivie (1975) dão *uel easdem.*

[ii] **5.4 inueniri.** Heubner e Winterbottom e Olgivie. Mayer fornece ⟨*non*⟩ *inuenimus.*

[iii] **5.4 uos.** Mayer. Heubner: *omnes*; Winterbottom e Olgivie: *eos.*

[iv] **6.6 in.** Adição de Mayer.

[v] **7.2 in animo.** Mayer. Em Heubner está *in alieno*; em Winterbottom e Olgivie, *in alio.*

[vi] **7.3 qui illustriores sunt.** Mayer. Heubner: *quid? non illustres* ⟨*sunt*⟩ *et*; Winterbottom e Olgivie: *quin illustres sunt.*

[vii] **8.1 minus notos.** Mayer e Winterbottom e Olgivie. Em Heubner está *minoris nominis.*

[viii] **10.6 elegisse † personam.** Os três editores fornecem *aut*, e os três sugerem deletá-lo.

[ix] **10.7 exis⟨tere⟩.** Texto incerto, *hinc ingentes †ex his† assensus* (Mayer e Winterbottom e Olgivie). Mayer explica que *ex his* talvez seja uma glossa explicativa para *hinc* que se misturou ao texto e passou a ser conjecturada como uma corrupção de *existere*, lição dada por Heubner.

[x] **10.8 quibus † si.** Os editores trazem *expressis* e sugerem deletá-lo.

[xi] **11.2 imperante Nerone.** Mayer. Em Heubner e Winterbottom e Olgivie: *in Nerone*, o que Bornecque e Goelzer (1906) traduz como "em [na peça] *Nero*". Esse texto se desconhece, se é que existiu. Há também, nos aparatos dos editores, *in Neronem*, que, em sintagma com *potentiam*, dá "influência sobre Nero", conforme Gudeman (1894).

[xii] **13.5 fallacem.** Mayer. Heubner e Winterbottom e Olgivie dão *pallentem.*

[xiii] **13.6 enim fatalis et.** Os editores dão *quandoque enim fatalis et meus dies.* Zwierlein (1997, n. 15) considera *enim fatalis et* uma glossa intrusiva. Como *meus dies* é uma expressão comum para "a minha hora", isto é, a hora fatal, suprimi a suposta glossa da tradução.

[xiv] **15.1 parem antiquis.** Os editores dão *antiquis*, mas seus aparatos críticos apontam *parem antiquis* como a solução de Júlio Lípsio para o trecho; Valente Acidálio sugere apenas deletar *antiquis.*

[xv] **16.7 uester.** Heubner. Mayer e Winterbottom e Olgivie: *uidetur.* Zwierlein (1997, n. 16) indica que *uidetur* seria uma glossa; de resto, *incipio* com infinitivo pretérito pode ter sentido de decorrência lógica, como aqui o caso é registrado em TLL, VII, 920.29.

[xvi] **19.1 ego Cassium Seuerum.** Heubner. Mayer e Winterbottom e Olgivie: †*qui usque ad Cassium*†.

[xvii] **20.1 infirmitate [ualetudinis] sua[e].** Os três editores dão *infirmitate ualetudinis suae.* No entanto, Zwierlein (1997) é bastante convincente de que *ualetudinis* não apenas é uma glossa, mas uma glossa errada para *infirmitas*, e sugere *infirmitate sua.*

[xviii] **20.2 auersatur.** Os editores trazem *dicentem* e são unânimes em sugerir que seja desnecessário.

[xix] **21.1 Canuti⟨um⟩ aut Atti⟨cum dico, ne quid loquar⟩.** Heubner, aceitei *exempli gratia.* Mayer e Winterbottom e Olgivie: †*ganuti aut atti de furnio et coranio*†.

[xx] **21.4 illae.** Mayer. Heubner e Winterbottom e

Olgivie trazem *regulae*; Gudeman (1894) sugere *reliquae*.

[xxi] **21.9 non.** Mayer e Winterbottom e Olgivie. Heubner: *nec*.

[xxii] **21.9 enim quam.** Mayer e Winterbottom e Olgivie. Heubner: *in quantum*.

[xxiii] **25.2 quominus fatear.** Heubner; em seu aparato há ainda *quin omnes fatemur*, proposta de Acidálio. Mayer sugere *qua fatetur*, e Winterbottom e Olgivie traz *si cominus fatetur*.

[xxiv] **26.3 frequens † exclamatio.** Os editores dão *sicut his clam et*, todos sugerindo deletar.

[xxv] **27.3 a.** Inserção de Mayer e Winterbottom e Olgivie.

[xxvi] **28.5 matrem.** Heubner e Winterbottom e Olgivie leem *matrem*, mas Mayer duvida, indicando que pode se tratar de uma glossa intrusiva.

[xxvii] **29.1 uirides.** As edições críticas dão *[et] uirides [teneri]*; ver a discussão de Mayer sobre o passo.

[xxviii] **32.2 fateatur ... exierit.** Leio as edições críticas de modo a implicar uma pontuação que difere sensivelmente da adotada pelos próprios editores. Nessa leitura, *eum* é predicativo do sujeito acusativo *quem* de *posse existere* (para *existo* como verbo de ligação, ver OLD, *s.v.* **exsisto** 2). Já *quem* é o condensado de dois sujeitos acusativos: *populus fateatur oratorem esse ⟨eum⟩ quem confirmo non posse aliter existere*. O que os editores dão é, em suma: *populus [...] oratorem esse fateatur. quem non posse aliter existere [...] confirmo nisi eum qui [...]*. Gudeman (1894, p. 307) nota que a omissão do demonstrativo *eum* nesse passo é coerente com o estilo de Tácito alhures.

[xxix] **32.5 ego.** Heubner. Mayer e Winterbottom e Olgivie: *ergo*.

[xxx] **33.5 eloquentiae.** Mayer sugere deletar *eloquentiae*, já que no caso parece claro que se trata de uma observação geral sobre o aprendizado. Heubner e Winterbottom e Olgivie mantêm.

[xxxi] **35.2 in.** Adição de Mayer e Winterbottom e Olgivie.

[xxxii] **35.4 quidem tamquam.** Os três editores concordam nessa lição, mas essa leitura ignora um *etsi* transmitido nos manuscritos. Ver a discussão sobre o passo em Mayer.

[xxxiii] **37.6 fu⟨er⟩it.** Ver em Mayer a discussão entre *fuit* e *fuerit*.

[xxxiv] **37.8 securi ipsi spectare aliena pericula uelint.** Trecho corrompido; a emenda foi aceita por Heubner a título de exemplo. Gudeman (1894) propõe *ut secura uelint, periculosa extollant*, "que desejem o seguro e exaltem o perigoso". Mayer e Winterbottom e Olgivie trazem apenas a lacuna, *ut secura uelint ⟨...⟩*.

[xxxv] **38.2 depacauerat.** Heubner e Mayer. Winterbottom e Olgivie traz *pacauerat*.

[xxxvi] **39.3 quando.** Heubner e Winterbottom e Olgivie trazem *quando*, Mayer sugere *antequam*. No primeiro caso, além da tradução fornecida, a passagem poderia significar que o juiz fica perguntando quando é que se vai começar; no segundo, a tradução correta seria que o juiz fica pondo questões antes que se comece o discurso do orador.

[xxxvii] **39.3 silentium † indicit.** Os três editores anotam *patronus*, mas duvidam.

[xxxviii] **40.1 populi quoque ut histriones auribus uterentur.** Heubner. Mayer e Winterbottom e Olgivie anotam *et* no lugar de *ut*. Mayer ainda esclarece que o passo está irremediavelmente corrompido, e a emenda carrega uma incerteza quanto à extensão do que foi perdido.

3.2 Notas explicativas da tradução

[1]**1.3 causas ... plausíveis.** O termo latino é *probabiles causas*, que, além de "razões plausíveis", possui o sentido técnico de "causa provável", que em filosofia é uma asserção que decorre de um conjunto de premissas admitidas como verdadeiras em um determinado contexto, mas que não necessariamente é verdadeira. Trata-se de destacar mais a verossimilhança das afirmações do que sua efetiva verdade.

[2]**2.1 Catão.** A referência aqui é provavelmente a Catão de Útica, moralista inflexível, republicano convicto e, por isso, grande adversário de César.

[3]**2.1 diziam em privado.** No latim, *dictio*, que pode indicar tanto 'discurso', 'declamação', como 'fala' em sentido geral, por exemplo discussões sobre as estratégias a seguir na defesa de alguma causa (OLD, *s.v.* **dictio** 1,4).

[4]**5.4 árbitro ... encontrado.** Texto corrompido. Pode ser que Apro esteja dizendo que um juiz foi encontrado, aceitando Segundo no papel, ou igualmente que ele não aceite, e que então esteja dizendo que um juiz não pôde ser encontrado.

[5]**5.7 sabedoria.** "Sabedoria", no latim *sapientia*, também pode ter o significado específico de "filosofia". Quintiliano, por exemplo, em um contexto no qual os filósofos eram muito pouco quistos do poder imperial, usa as palavras "filósofo" e "filosofia" em sentido sempre pejorativo; mas quando quer fazer referências positivas, usa "sapiens", "sapientia". Se lido nesse sentido, o trecho aponta para um embate entre retórica e filosofia que vem desde os primórdios de ambas, nas figuras de Sócrates e os sofistas.

[6]**6.2 homem livre, nascido livre.** A especificação é importante para diferenciar os nascidos livres dos escravos libertos, socialmente inferiores.

[7]**6.4 séquito ... pela manhã.** Referência ao ritual diário da *salutatio*, em que dependentes de um cidadão de alta extração social com quem tivessem um vínculo de clientelismo iam cumprimentá-lo (e pedir favores) pela manhã; ver Notas 16 e 44. No caso, a relação se inverte, já que teríamos clientes de alta extração (estavam de toga, o "terno" da época, em comparação com a túnica, um "macacão") indo procurar um orador jovem e pobre.

[8]**7.1 homem novo.** Isto é, um homem oriundo de uma família portadora de cidadania, porém que ainda não produzira nenhum magistrado na hierarquia romana.

[9]**7.1 libertos e funcionários imperiais.** Até o governo de Trajano, era comum os funcionários da burocracia imperial serem ex-escravos libertos pelo imperador (Sirks, 2015, p. 338). Ver Nota 20.

[10]**7.4 povo em túnicas.** Ver Nota 7 acima, para o contraste social entre túnica e toga.

[11]**8.3 disporem.** No latim: *substantia*. Arpe (1940) analisa o sentido dessa palavra em textos clássicos: sobretudo para os estoicos, exprimiria algo palpável, de existência concreta, mas argumenta que, aqui, ela significa *Vorhandensein überhaupt*, "disponibilidade em geral", mesmo que *einer unkörperlichen, geistigen Eigenschaft*, "de uma qualidade incorpórea, espiritual", ou "intelectual" (Arpe, 1940, p. 70).

[12]**8.3 recursos.** Note-se a ambiguidade: *facultas*, usado no latim, pode significar recursos materiais, mas também intelectuais (OLD, *s.v.* **facultas** 2,3).

[13]**9.5 seu próprio deus.** No latim, *suum genium propitiare*, 'propiciar o seu próprio gênio', 'gênio' como a divindade tutelar de um indivíduo.

[14]**10.4 palco trágico.** No original, *coturnum uestrum*, "vosso coturno"; a referência é ao calçado típico dos atores de tragédia, uma figura de linguagem comum para se referir ao estilo elevado ou a temáticas trágicas.

[15]**11.2 lazeres.** Verti *studia* por "lazeres" (OLD, *s.v.* **studium** 4). É difícil saber do que trata essa passagem, essa tradução baseando-se no fato de que trecho provavelmente se refere a um Vatínio que

fazia parte do círculo de Nero e era conhecido por aparência, comportamento e moral extremamente degenerados; esse sujeito aparentemente tinha algum papel de entretenimento na corte, ou era um mero debochado. Ver Mayer (2001, p. 122) e Gudeman (1894, 143).

[16]**11.3 comitivas ... cumprimentarem.** No latim há referência às práticas do *egressus*, *salutatio* e *comitatus*, respectivamente, esperar o patrono sair de casa pela manhã, fazer-lhe a saudação, e acompanhá-lo em comitiva, no caso até o fórum (*deductio*). Naturalmente, quanto maior a comitiva com que um orador fosse visto chegando no fórum e por ali perambulando ao longo do dia (*assectatio*), tanto maior sua importância social e política. Ver as referências Deniaux (2006) e Tatum (2015). Ver ainda a Nota 44.

[17]**12.6 Messala.** Trata-se de Messala Corvino, ancestral do Vipstano Messala que entrará em breve na cena do *Diálogo*. Apro fará várias referências a esse importante orador da República, ora chamando-o de Messala, ora (o que é mais frequente), de Corvino.

[18]**13.3 Pompônio Segundo ... Domício Afro.** Pompônio Segundo, poeta trágico, Domício Afro, orador, ambos da primeira metade do séc. I; ambos atingiram o consulado, mas, curiosamente, no caso do orador Afro, apenas o consulado sufecto (Smith, 1873).

[19]**13.5 *A mim, porém, as doces musas.*** Latim: *me uero dulces [...] Musae*, referência a Verg. *G.*, 2.475, *me uero primum dulces ante omnia Musae.*

[20]**13.6 secretário.** No latim, *libertus*, "liberto"; ver Tac. *Dial.*, 7.1, em que verti *ipsos illos libertos et procuratores* por "aqueles conhecidos libertos e funcionários imperiais". Era comum que tarefas burocráticas da administração imperial fossem executadas por escravos libertos; ver *e.g* Gudeman (1894, p. 104, 163) e Sirks (2015, sec. 5).

[21]**13.6 testamento com garantias.** Mayer (2001, p. 131) comenta que *testamentum pro pignore* aludiria à prática de incluir o imperador como beneficiário de um testamento, a fim de garantir sua execução; ver ainda o verbete *pinus* em Peck (1897) ou Smith et al. (1890), e ainda, especificamente a esta passagem, Gudeman (1894, p. 163).

[22]**16.7 ano platônico ... anos.** Platão teorizara em *Timeu* que os corpos celestes voltariam em algum momento a encontrar-se na mesma posição em que estiveram um dia, marcando uma era cósmica. A duração desse ano platônico era fortemente debatida na Antiguidade, 600, 2.434 ou 2.484, 15.000, 36.000 anos, além da cifra avançada no texto, e o assunto é ainda hoje extremamente intrincado, dados os inúmeros mal-entendidos antigos e modernos entre o ano platônico, o ciclo de vida da fênix e o do *benu* egípcio; ver *e.g.* Van den Broek (1972). De toda forma, essa discussão não tem relação com o movimento de precessão do eixo terrestre, desconhecido à época.

[23]**17.5 congiário.** Não é exatamente a política perene do pão e circo, mas uma distribuição de dinheiro ou víveres da parte do imperador, para marcar algumas celebrações.

[24]**19.2 público daquela época.** Em latim, *prior ille populus*, isto é, especificamente, o público do período republicano.

[25]**19.5 prazos regimentais.** Ver Gudeman (1894, p. 216) para um resumo do que se conhece sobre esses prazos nos procedimentos legais romanos.

[26]**20.1 debilidade [de saúde].** Os editores do texto latino trazem *infirmitate ualetudinis suae*, "debilidade de sua saúde". Zwierlein (1997) pontua, com excelentes argumentos, que Apro sairia do campo da ironia e incidiria na fanfarronice (*scurrilitas*) se desse a entender que Corvino sistematicamente começava seus discursos lamentando seu estado de saúde frágil; seria compreensível, no entanto, que Corvino começasse com uma escusa retórica por não ter capacidades oratórias à altura do caso.

[27]**20.2 frases de efeito.** "Frase de efeito", no latim, *sententiae.* Trata-se de um termo técnico, *color sententiarum.* O termo *color* pode conotar a vivacidade de uma expressão, em especial na retórica

ciceroniana (Causeret, 1886); por outro lado, na retórica senecana, denota a contextualização que se dá a um discurso judicial de modo a relativizar a culpa de um cliente; é como uma desculpa, ou como um atenuante jurídico (Fairweather, 1981).

[28]**20.3 Róscio ou Ambívio Turpião.** Famosos atores cômicos do período republicano (Mayer, 2001, p. 152).

[29]**21.1 no mesmo barco.** No latim, há a expressão estereotipada *in eodem ualetudinario*, "outros na mesma enfermaria" (Gudeman, 1894, p. 228).

[30]**21.5 Caio César.** Caio Júlio César, ou, simplesmente, Júlio César.

[31]**23.1 *rota Fortunæ.*** Frase de efeito muito criticada no discurso *Contra Pisão*, em que Cícero contrapõe a dança de Pisão (nu) em um círculo de bailarinos à sua temeridade em relação à sorte, chamada de "roda da fortuna".

[32]**23.1 *ius verrinum.*** Trocadilho, pode significar tanto "justiça verrínea", em relação a Verres, político extremamente corrupto alvo de Cícero no primeiro processo de sua carreira, quanto "caldo de porco".

[33]**23.1 *esse videatur.*** "Parece que é", expressão com efeito rítmico tão comum nos discursos de Cícero, que desde sua época ele já era notório (e por vezes ironizado) por essa repetição.

[34]**25.4 estilo.** No latim, *species*, "aparência", encaixa-se dentro do conceito mais amplo de *genus*; é como em português, em que um mesmo gênero textual comporta vários diferentes estilos de escrita.

[35]**26.1 toga rústica.** No original, *hirta toga*, já em Quint. *Inst.*, 12.10.7, uma referência à veste (e aos valores) da antiga tradição romana.

[36]**26.8 Gabiniano.** Sexto Júlio Gabibiano, rétor. Como notou Pablo Schwartz em correspondência privada, também em Sen. *Con.*, III praef. 14 alude-se à ideia, considerada risível por Cássio Severo, de que rétores como Céstio ou Latrão estariam sendo mais valorizados do que grandes oradores, do naipe de Messala Corvino e Pasieno.

[37]**28.4 presença de quem.** A princípio, "quem" poderia referir-se a "mulher" ou a "progenitura", o que reflete uma ambiguidade do próprio texto latino.

[38]**32.3 direito romano.** A expressão latina é *ius ciuitatis*, de significado obscuro, possivelmente uma imitação de Cícero em Cic. *Leg.*, 1.14, em que parece ser um sinônimo para *ius ciuile* (Mayer, 2001, p. 189). Gudeman (1894, p. 309) sugere emendar *ius suae ciuitatis*, significando o direito específico da cidade ou província de origem de cada orador. Na dúvida, a tradução *direito romano* significa algo igualmente ambíguo e mal definido. Outras possibilidades seriam *ius huius ciuitatis*, "direito desta cidade", ou seja, de Roma, ou *instituta ciuitatis*, "instituições sociais ou políticas".

[39]**32.6 ⟨*nas oficinas*⟩ *dos rétores*, mas *nas caminhadas da Academia.*** Latim: *rhetorum officinis* (provavelmente) e *Academiae spatiis*, tais como em Cic. *Orat.*, 12.

[40]**34.2 pequenas causas.** Em latim, *iurgium*, uma espécie particular de procedimento legal não litigioso, ou litigioso de menor monta, entre vizinhos de terrenos contíguos (Peck, 1897).

[41]**35.1 *colégios de sem-vergonhices.*** Referência à fala de Crasso em Cic. *de Orat.*, 3.99.

[42]**35.5 dilemas de moças violentadas.** Exemplo típico: em uma mesma noite, um homem estuprou duas mulheres; a lei (fictícia) dá à vítima o direito de escolher entre condenar o estuprador à morte ou forçá-lo ao casamento. Uma escolheu o casamento, outra a condenação à morte. Que fazer?

[43]**36.3 populistas.** No latim, *populares.* Trata-se de uma das principais facções políticas do final do período republicano; ver Nota 51. O termo tinha conotação pejorativa, por isso a escolha de 'populistas' para a tradução.

[44]**37.1 clientes ... patronos.** O clientelismo era uma característica central da sociedade romana; pessoas de classes sociais inferiores podiam esperar proteção jurídica e econômica de membros de classes

superiores, em troca de apoio político na forma inclusive de voto, mas também de acompanhamento ao fórum (chegar com um grande séquito incrementava a autoridade do patrono), de suporte em campanhas eleitorais, de presença e manifestação durante julgamentos, etc. Sobre isso, ver Deniaux (2006) e Tatum (2015).

[45]**38.1 adiamentos.** Em latim, *comperendinatio*, um adiamento judicial de dois dias.

[46]**38.2 Antigamente ... Augusto.** Mayer (2001, p. 107) informa que, na passagem da República para o Principado, as *quaestiones* (processos criminais geralmente importantes, como corrupção eleitoral, assassinato, alta traição, etc.) passaram para a alçada do Senado ou do próprio imperador, ficando as *causae centumuirales* responsáveis por processos civis ordinários, geralmente problemas de herança. Assim, ao mesmo tempo que elas ganham em relevância prática, abarrotando-se de processos, os discursos nelas proferidos perdem em interesse.

[47]**38.2 sobrepacificou.** Se os manuscritos transmitiram corretamente *depacauerat*, então é o único registro existente da palavra. Trata-se de '*pacauerat* (pacificara) completamente, exaustivamente'; considerando o pessimismo de Materno com a situação política, evidenciado em boa parte de seu discurso, cunhei a solução 'sobrepacificou' para dar conta da presumível invenção de Tácito, bem como do efeito irônico de uma "paz excessiva".

[48]**39.1 capas grossas.** Em latim, *paenula*, uma capa grossa para uso em viagens e sob más condições climáticas. Não se sabe do que Materno está falando ao certo; a toga era obrigatória durante julgamentos no fórum, mas Mayer (2001, p. 208) sugere que, na basílica, talvez um relaxamento de costumes tenha tornado o uso dessas capas habitual.

[49]**40.1 lançariam mão, como atores, até mesmo dos ouvidos do povo.** O trecho encontra-se corrompido nos manuscritos, não se podendo saber nem ao certo a extensão do que se perdeu, nem onde começaria. A solução adotada pelo editor (Heubner, 1983) não fica ilesa de criticismo; ver *e.g.* Gudeman (1894, p. 367).

[50]**40.3 povos que se tenham havido.** TLL, IV 679.42 registra o *contenta* do texto latino no sentido de "contente", e esse é o único valor adjetival do vocábulo, originariamente particípio passado de *contineo*, "conter" (TLL, IV 712.45). Aqui, pode-se tratar de adjetivo ou particípio, ainda que nesse caso estejamos falando de uma voz passiva cuja construção mais comum seria *contenta sit*, "se tenha contido" (Ernout e Thomas, 1951, §249); há uma ambiguidade inerente à escolha dessa palavra. Daí a tradução por "haver-se", como "avir-se", que tem um sentido que deveria ser positivo, de "pôr-se em harmonia" (DELP, *s.v.* **avir**), mas que se negativa por carregar subentendida uma situação de tensão ou conflito: "Os maus políticos se haverão com seus eleitores" (DELP, *s.v.* **haver** 7).

[51]**40.4 partidos.** No século final da República, a política romana foi dominada por duas grandes facções, os *populares*, ligados a classes sociais emergentes, e os *optimates*, associados às antigas elites. É muito comum referir-se a elas como "partidos", mas não se deve entender de modo algum que tenham sido partidos políticos institucionalizados, como os atuais; trata-se, antes, de agrupamentos por afinidade ideológica e convergência de interesses sem qualquer organização formal, mas suficientemente bem definidos para polarizarem as disputas políticas em torno de si. Ver ainda Yakobson (2017).

[52]**41.4 acusações de iniciativa própria.** Em Roma a iniciativa de processar um réu poderia ser também de um cidadão (por isso *uoluntaria accusatio*), embora no Principado fosse geralmente do Senado ou do imperador (Gudeman, 1894, p. 378).

Parte III

Análise

Capítulo 4

Os discursos de Apro

O âmago deste capítulo reside na Seção 4.2. Não obstante, será importante para o desenvolvimento da discussão que consideremos a precisão dos argumentos de Apro; por esse motivo, apresento abaixo alguns breves apontamentos sobre a estrutural formal extremamente bem acabada – e tradicional – dos discursos desse orador.

4.1 Características formais

Os dois discursos de Apro são bastante convencionais do ponto de vista da retórica escolar. Para usar um termo mais adequado, no que tange à *elocutio* eles são – como diz Dominik (2007) em relação ao conjunto do *Diálogo* – neociceronianos: corretos enquanto latim do séc. I, periódicos[1], apresentam paralelismos bem equilibrados, sem construções surpreendentes ou inesperadas, e têm começo, meio e fim claramente definidos; há até mesmo uma boa dose de humor em cada um deles[2] e, como em Cícero, uma presença constante de dubletos um tanto circunloquiais, do tipo *nouam et recentem* (Tac. *Dial.*, 6.5), *iuuenes et adulescentes* (Tac. *Dial.*, 7.3), embora no caso de Apro apareçam redundâncias mais flagrantes e mais frequentes.

Aderindo à convenção de julgamento fictício típica das *declamationes*, ambos os discursos iniciam-se parecendo encaminhar uma *controuersia*. No começo de cada um há o emprego prolífico de vocabulário jurídico, e o próprio assunto da conversa é forense: ter (ou não) encontrado um juiz, decidir se apenas um é culpado em meio a outros, não se deixar ser condenado sem antes ser ouvido e defendido, ir para seu primeiro interrogató-

[1]Isto é, encaminham o texto em um fluxo de períodos que se encaixam com subordinações e coordenações, fazendo pouco uso de construções paratáticas.

[2]Em ambos os casos, talvez até mesmo excessiva: em Tac. *Dial.*, 8.3, na invectiva involuntária (ou escondida) contra Éprio Marcelo e Víbio Crispo (como discutimos à página 32, no parágrafo da linha 6), e – se os manuscritos a transmitiram corretamente – na referência de Tac. *Dial.*, 20.1 à crônica reclamação de Messala Corvino quanto à fragilidade de seu estado de saúde; ver a Nota xvii da Seção 3.1 e Zwierlein (1997) para uma discussão desse passo.

rio[3], etc. Entretanto, os dois discursos se encerram assemelhando-se à *suasoria*, exortando seja a deixar a leviandade da poesia, seja a envidar todo o talento e esforço para ilustrar aquela geração com o mais belo dos gêneros discursivos.

A presença de elementos do dito estilo novo, imprevisibilidade, falta de paralelismo, sucintez, certa tentativa de recuperar algo da densidade e da força do latim arcaico, é parcimoniosa. Em Tac. *Dial.*, 7.4 há um particípio *auditos* condensando um *eos* onde para Cícero, arrisco dizer, caberia toda uma subordinada, *quos audissent, eos ...*; é uma assimetria um tanto inusual na prosa, como nota Mayer (2001, p. 109), mas tampouco se repete. Em relação a sentenças (no sentido de Fairweather (1981), discutido à Seção 1.2.2), destaca-se aquela em Tac. *Dial.*, 23.4 sobre a saúde; de resto, o que tiver realmente sido intentado como sentença, é discreto ao ponto de não o parecer.

Insistindo no jargão da retórica, a *dispositio* das falas de Apro é quase uma aplicação de manual escolar, tanto em termos estruturais (como a presença bem marcada das diversas partes do discurso) como do ponto de vista da argumentação. Tac. *Dial.*, 5.4, especificamente, é um exemplo de *enumeratio*[4] que poderia ter sido tirado de um livro-texto, a qual o resto do discurso segue à risca[5]. Quanto à *inuentio*, o uso da tópica é notável, no primeiro discurso, conforme destrincha-se com todo o cuidado a razão especial de por que Materno – mas não outros poetas – seria culpado de se dedicar à poesia, levantando-se as questões de quem era Materno (seus dons natos), de quando deixou a oratória (ainda em tempo de ajudar a muitos), com qual finalidade (para se dedicar a um gênero menor), em que condições (tendo atingido o maior), etc.; no segundo discurso, quando relativiza a antiguidade de certos oradores, apontando em qual sentido, em qual medida, em quais aspectos seriam antigos.

Por fim, embora não tenhamos como avaliar diretamente as qualidades da *memoria* e da *actio* de Apro, fiamo-nos nas impressões de Materno para imaginar que também nesses quesitos o colega excelia: ele não apenas se preparara havia tempos para proferir o discurso (Tac. *Dial.*, 16.3: *manifestu[m] est iam dudum in contrarium accingi*[6]), implicando um grande cuidado com o tratamento dos vários tópicos que iria percorrer (portanto uma grande complexidade do discurso a ser lembrado), como, no que tange ao proferimento, é com estas palavras que sua última peroração é acolhida: *agnosticisne [...] uim et ardorem Apri nostri? quo torrente, quo impetu [...] !*[7] (Tac. *Dial.*, 24.1).

[3]Em latim como em português, o *interrogabo* em Tac. *Dial.*, 16.4 aceita tanto uma acepção corrente de pergunta, como a mais específica de interrogatório (OLD, *s.v.* **interrogo** 2).

[4]Parte do discurso, logo após o exórdio, em que o orador enumera claramente todos os pontos que abordará em seu discurso (Causeret, 1886).

[5]Porém, os manuscritos são lacunares em um dos itens que deveriam constar de uma *enumeratio* perfeita, sendo *uel ad uoluptatem dulcius* (Tac. *Dial.*, 5.4) uma emenda dos editores, incerta, por mais que provável.

[6]*[Está] bastante claro que faz tempo se pôs de prontidão para o contraditório.*

[7]*Percebem a virulência e o ardor do nosso amigo? [...] que voragem, [...] que ímpeto [...] !*

Em suma, nas cinco partições da oratória, se existe algum elemento formal da técnica retórica de Apro que nos surpreende, é justamente a constância, digo mesmo o entusiasmo de sua aderência a preceitos retóricos já bem estabelecidos desde o século anterior, os mesmos, aliás, apregoados pelo próprio Cícero.

4.2 A deficiência sistemática da argumentação

Isso posto, concentremo-nos no conteúdo dos discursos de Apro, os quais estão em estreito intertexto com a *Institutio Oratoria*. É claro que a data dramática do *Diálogo dos Oradores* antecede a publicação da *Institutio* em umas três décadas, de sorte que não podemos dizer que "Apro faz alusão" a Quintiliano. No entanto, Tácito faz. Ao fixar a cena no passado, o autor em parte emula Cícero, que situara seu *De Oratore* trinta e cinco anos antes da data em que de fato escrevia, mas em parte institui uma convenção de distanciamento que, em tese, evitar-lhe-ia demonstrar excessiva parcialidade ou envolvimento nas questões contemporâneas que veladamente comenta[8] (ver *e.g.* Ambrosio (2005, p. 67)), o que é reforçado pela alegação, no prefácio, de que não faria uso de seu *ingenium*, mas somente de sua *memoria* e de *recordatio* (Tac. *Dial.*, 1.3) para narrar o diálogo que teria ouvido.

Não devemos, contudo, tomar esse distanciamento à letra, como se pensado para algum fim que exceda a economia do texto (por exemplo, criar um álibi para criticar em segurança os poderosos), afinal, os paralelos entre o *Diálogo* e a *Institutio* são por vezes tão diretos (como a analogia com os músculos de Nicóstrato, que veremos abaixo, página 123, linha 38), que certamente teriam evidenciado ao romano de fins do primeiro século a contemporaneidade da composição e a agência do autor. Na verdade, o tal afastamento de Tácito é tanto menos credível, quanto mais exato ele afirma que será seu relato; e ele alega total exatidão (Tac. *Dial.*, 1.3: *iisdem nunc numeris iisdemque rationibus persequar, seruato ordine disputationis*[9]).

É por razões literárias, afirmo, e conjugada com a invenção inquestionável do autor, que essa convenção de distanciamento se torna produtiva: primeiro, ela desnorteia nossas expectativas sobre quanto as personagens fictícias estão calcadas nas personalidades históricas[10], de modo a deixar Tácito livre para expor seus oradores ficcionais, em conversa

[8] Neste caso, os intertextos contemporâneos nem sequer quebram a quarta parede; no caso do *Diálogo*, eles são, antes, exemplo daquela quase quebra de que falamos na Nota 56 do Capítulo 1, que Dressler (2013) caracteriza como um trânsito entre o espaço convencional da narrativa e o factual da obra, um borramento da linha que separa vida e arte.

[9] *Eu agora percorra com os mesmos passos e com os mesmos argumentos, mantendo a ordem do debate.*

[10] Quando da publicação, ainda estaria viva parte do público que conhecera os oradores do *Diálogo*; no entanto, o efeito de desnorteamento vale mesmo para essas pessoas, pois Tácito toma o cuidado de situar a cena em um espaço íntimo, frisando que ouvira até *arcana semotae dictionis* (*segredos que diziam em privado* Tac. *Dial.*, 2.1).

privada, a um escrutínio severo do público, sem comprometer a memória e a *dignitas* de seus antigos mestres[11]; segundo, ela aumenta a responsabilidade do leitor na extração de sentidos do texto[12], pois, por um lado, um cenário eivado de intervenções autorais pode esconder a estratégia do autor em cada elemento, por outro, a liberdade recém-conquistada de as personagens divergirem, incidirem em equívocos, discursarem pela parte contrária, etc., previne qualquer didatismo de Tácito. Mesmo que ele tentasse sinalizar, dentro do enredo, algum caminho hermenêutico, não o tomaríamos como tal, justamente pela desconfiança de que ele possa estar fazendo valer, bem nesse ponto, sua ficção de não autoria[13]. Um terceiro efeito é uma ilusão de realismo: como naqueles filmes ou séries em que o diretor não tem medo de matar ou fazer fracassar seu protagonista, o que Tácito estipula com seu alegado afastamento é que ele pode a qualquer momento fazer o mesmo com suas personagens, isto é, que elas estão sob o risco constante de falharem em sua persuasão ou de se desmoralizarem, e que em algum ponto devem mesmo errar – exatamente como na situação real do fórum –, afinal, esses não eram oradores perfeitos, mas competentes *ut nostris temporibus*[14] (Tac. *Dial.*, 1.2); nesse sentido, o distanciamento do autor constitui o que chamaremos de uma *convenção de realismo*, a qual não é menos efetiva por conta de ser claramente ficcional[15].

Uma última dúvida a ser dirimida sobre a possibilidade de alusões entre o *Diálogo* e a *Institutio* é a data de composição desses trabalhos. Brink (1994, p. 275), com argumentos que independem dos trechos que analisaremos neste capítulo[16], aponta (sem chegar a uma conclusão definitiva) para uma data de publicação do *Diálogo dos Oradores* entre 98 e 103 d.C., enquanto a *Institutio Oratoria* é de 96 d.C.. Ora, por mais que os assuntos discutidos

[11] E isso é muito importante no *Diálogo*, pois, como veremos no caso de Apro e Materno, esses oradores apresentarão vulnerabilidades consideráveis. Apro, na Seção 4.2.2, escolhe argumentos que podem funcionar melhor contra suas posições que a favor, e Materno, no Capítulo 5, arrisca-se a ser lido como um homem de enorme ingenuidade. Sobre Messala (que não era professor de Tácito), indicamos na Nota 44 do Capítulo 5, sem neste trabalho analisá-lo a fundo, como possivelmente ele acaba exposto na conversa como detentor de uma visão de mundo abstrusa.

[12] Por certo, isso diminui a responsabilidade do próprio Tácito sobre cada sentido possível, e efetivamente nos impede de cravar qual seja seu posicionamento no debate. Alguns veem nisso um recurso para não se comprometer politicamente (*vide* as discussões na Parte I deste trabalho), mas eu discordo, pois o resultado é que os leitores ficam incitados a analisar com ainda mais atenção todos os vários sentidos cabíveis (e, na dúvida, os incabíveis), pondo-os todos, em algum momento, em destaque. O silêncio de Tácito em orientar a interpretação do *Diálogo* promove uma enorme problematização das questões que levanta, o que não é menos perigoso que tentar respondê-las.

[13] Há um problema clássico da lógica que se aplica ao paradoxo que Tácito cria com seu jogo duplo, ao afirmar que apenas descreve aquilo que deliberadamente nos deixa ver que está escrevendo. Trata-se de determinar o valor de verdade da afirmação *esta afirmação é falsa*.

[14] *Ao menos para os dias de hoje.*

[15] Assim como o fato de sabermos que nenhum ator será realmente ferido durante as filmagens não diminui a tensão que podemos sentir nas cenas de ação, a ficcionalidade do realismo do *Diálogo dos Oradores* não necessariamente diminui o efeito que gerará; tudo depende de o leitor aderir a ela.

[16] Ver Güngerich (1951) para uma análise que se baseia na proximidade entre os discursos de Apro e o texto da *Institutio*; Güngerich é taxativo ao afirmar que Tácito faz uso do texto de Quintiliano (p. 164: *Tacitus den Quintilian benutzt*).

em ambos os textos, e mesmo as imagens que empregam, possam ter sido o senso comum[17] daquela época, a partir do momento em que uma grande autoridade apropria-se de um lugar-comum e o transforma em tema do pensamento organizado, outros autores inseridos no mesmo ambiente intelectual não escapam de entrar em intertexto com ele ao abordarem os mesmos tópicos; no mínimo, o público *suspeitará* da alusão e a estabelecerá à revelia. Somente uma publicação do *Diálogo* anterior à obra de Quintiliano inverteria a direção das referências, hipótese que nenhuma evidência hoje corrobora[18].

Essas constatações esclarecem e legitimam a leitura que faremos das falas de Apro como um expediente por meio do qual Tácito polemiza com Quintiliano e comenta a *Institutio Oratoria*[19]. Veremos que seus argumentos, à primeira vista, aproximam-se bastante de certas passagens da *Institutio*, porém, em uma análise mais fina, sempre desviam, seja qualitativa, seja quantitativamente. Essa *divergência sistemática* da argumentação de Apro com relação à obra de Quintiliano não é fortuita, mas relativiza seu conteúdo moral a partir do seguinte procedimento: a fala de Apro faz alusão a certo preceito da *Institutio*, e ao mesmo tempo traz informações sobre a prática da oratória forense, ou expõe-se a si própria[20], de uma maneira que apenas parcialmente se conforma a esse preceito, como se contrastasse a teoria com sua aplicação prática; as diferenças, melhor dizendo, as insuficiências da realidade em relação à elevação do preceito de Quintiliano são o que chamamos na introdução, no Capítulo 1, de "rugosidades".

Por razões distintas das nossas, Güngerich (1951) esbarrou nesse procedimento, embora sem se dar conta de sua importância para a interpretação da obra[21]. Ao comentar sobre a natureza multifacetada do talento de Nicóstrato, ele diz:

> *Für diese universelle Natur bietet sich auf der agonalen Seite der Paradoxonikes*[22] *als Veranschaulichung dar, und ganz natürlich verdichdet sich an dieser Stelle, wo Quintilian bei der Darstellung seines Ideals, des allseitig befähigten und gebildeten Redners, warm wird, dieser Begriff zu der Person des Nikostratos, den er selbst gesehen hat. [...] Ganz anders bei Tacitus. Hier wird Nikostratos einfach als bedeutender, besonders starker Athlet*

[17] O próprio Quintiliano parece ter sido um dos grandes irradiadores de senso comum retórico do período, ainda que involuntariamente. Com efeito, uma das razões que alega para ter escrito a *Institutio* era justamente desfazer mal-entendidos e concepções equivocadas ou simplificadas que circulariam em notas de aula atribuídas a si, as quais seus alunos, sem sua supervisão ou permissão, teriam tomado ao longo de suas décadas de magistério e distribuído (Quint. *Inst.*, I praef 7).

[18] Além disso, não parece verossímil um ancião do porte de Quintiliano fazer tanta deferência, em seu *magnum opus*, a um *opus minor* de um autor que, então, era quase estreante.

[19] Em uma publicação futura, procurarei mostrar que também os discursos de Messala mantêm um estreito diálogo com o texto de Quintiliano. Ver Nota 44 do Capítulo 5.

[20] Os discursos de Apro têm em si mesmos um valor demonstrativo do que seria a prática forense graças, justamente, ao realismo convencional do *Diálogo*.

[21] Nesse artigo o pesquisador buscava apenas demonstrar que a direção das alusões entre *Diálogo* e *Institutio* é necessariamente da primeira para a segunda obra, o que estabeleceria a precedência da data de publicação do texto de Quintiliano.

[22] Bailly, *s.v.* παραδοξονίκης: vencedor excepcional. Em particular, quem venceu ambas as modalidades de luta e pancrácio.

> *eingeführt, dessen leichtere Übungen, wie Speer- und Diskuswerfen, unwürdig wären, so wie* auditoria *und* theatra *nach Apers Ansicht des Maternus unwürdig sind*[23]. (Güngerich, 1951, p. 161)

Em detalhes: em Quint. *Inst.*, II.8.13-15 recomenda-se que o estudante de oratória se concentre no campo para o qual possuir mais talento, porém, é estabelecido que o orador deve buscar uma polivalência universal se for como um Nicóstrato, que tinha condições para excelir em diversas modalidades esportivas e assim o fez; portanto, o que importa na analogia de Quintiliano é que possuir múltiplos talentos é melhor que um único, e quem os possui deve tentar desenvolvê-los todos.

> *ille [...] exercendi corpora peritus non, si docendum pancratiasten susceperit, pugno ferire uel calce tantum aut nexus modo atque in iis certos aliquos docebit, sed omnia quae sunt eius certaminis. erit qui ex iis aliqua non possit: in id maxime quod poterit incumbet. nam sunt haec duo uitanda prorsus: unum ne temptes quod effici non possit, alterum ne ab eo quod quis optime facit in aliud cui minus est idoneus transferas. at si fuerit qui docebitur ille quem adolescentes senem uidimus Nicostratus, omnibus in eo docendi partibus similiter utetur, efficietque illum qualis hic fuit, luctando pugnandoque, quorum utroque certamine isdem diebus coronabatur, inuictum. et quanto id magis oratoris futuri magistro prouidendum erit!*[24] (Quint. *Inst.*, II.8.13-15)

Já no discurso de Apro, em Tac. *Dial.*, 10.5, Nicóstrato é apenas forte; citá-lo preenche o papel de aludir à passagem da *Institutio* e (sub-repticiamente) lembrar o leitor do ideal contido nela – talvez de forma até mesmo derrisória[25] – ao mesmo tempo que o esvazia, usando a analogia, por sua vez, para desincentivar Materno de cultivar um de seus talentos

[23] *No aspecto agonístico, o* paradoxonikes *manifesta-se como ilustração dessa natureza universal, e nesse ponto, naturalmente, em que Quintiliano se exalta com a apresentação de seu ideal de orador hábil e educado em todas as facetas, tal conceito se materializa na pessoa de Nicóstrato, o qual ele vira pessoalmente. [...] Algo completamente distinto ocorre em Tácito. Aqui, Nicóstrato é introduzido simplesmente como um atleta importante e especialmente forte, de quem exercícios mais leves, como lançamento de dardo e disco, seriam indignos, assim como, na visão de Aper,* auditoria *e* theatra *são indignos de Materno.*

[24] *O especialista em educação física, se aceitar ensinar um praticante de pancrácio, não ensinará a golpear apenas com os punhos e os calcanhares, ou somente imobilizações, e delas alguns tipos, mas tudo o que pertence a essa modalidade. Haverá quem não consiga fazer todos esses exercícios: que se concentre naquilo que melhor conseguir. Afinal, há duas coisas que devem ser evitadas ao máximo: uma, não tentar o que não se pode conseguir, outra, não desviar alguém daquilo que faz melhor para algo a que seja menos apto. Porém, se o aluno for aquele Nicóstrato que vimos já velho, quando adolescentes, aplique a ele igualmente todos as disciplinas de ensino e faça dele um campeão, como aquele foi, na luta e no pugilismo, laureando-se em ambas as modalidades nos mesmos dias. Quanto mais não o deve providenciar o mestre do futuro orador!*
Texto latino extraído de Reinhardt e Winterbottom (2006).

[25] É possível que haja um certo humor ácido na fala de Apro, primeiro por sutilmente relembrar que a prática de esportes era indecente, somente aceita em um lugar libertino como a Grécia (Tac. *Dial.*, 10.5: *in Graecia [...] ubi ludicras quoque artes exercere honestum est*), depois pela maneira como refere-se ao atleta, reduzindo-o à robustez e àqueles bíceps enormes e próprios para a luta (Tac. *Dial.*, 10.5: *immanes illos et ad pugnam natos lacertos*), omitindo o que há de técnica nas artes marciais.

(Tac. *Dial.*, 10.5: *[ut] non paterer immanes [...] lacertos leuitate iaculi aut iactu disci uanescere, sic nunc te [...] ad uera proelia uoco*[26]).

Lembrado do ideal de orador altamente sofisticado, o leitor vê-se diante daquilo que a convenção de realismo do *Diálogo* expõe como a realidade do fórum: a brutalidade praticada pelos *delatores* (subentendida a todo momento ao longo da obra), as limitações intelectuais que o próprio Apro, uma das melhores mentes da época (Tac. *Dial.*, 1.2: *celeberrima tum ingenia fori nostri*), deixa transparecer em meio a seus discursos[27], e a relativa inutilidade das demais faculdades do intelecto, *e.g.* como no caso de Helvídio Prisco, sábio, porém sem treino retórico (Tac. *Dial.*, 5.7: *disertam quidem, sed inexercitatam [...] Heluidii sapientiam*[28]). Assim, Tácito não precisa argumentar pró ou contra Quintiliano com todos os rigores da lógica, nem mesmo assumir um posicionamento claro face ao rétor; é o próprio leitor que, em uma tal encruzilhada, levanta sérios questionamentos sobre a oratória na prática e sua possibilidade de cumprir os ideais éticos e filosóficos que a *Institutio* lhe reserva.

Nesse aspecto, talvez o correto fosse dizer que Tácito permite ou mesmo fomenta a polêmica, mais do que efetivamente polemiza com a teoria retórica apresentada na *Institutio Oratoria*. Entretanto, veremos a partir da próxima seção como esse procedimento que acabamos de analisar se repete com regularidade ao longo dos discursos de Apro, indicando uma estratégia tacitiana que se completa no ato de leitura ativa por parte do público. Sendo uma estratégia, ela deve possuir algum objetivo e, conforme notado acima, esse não deve ter sido o de transferir o ônus da crítica ao leitor como forma de se salvaguardar das consequências políticas de publicar o *Diálogo*; voltaremos à questão dos possíveis objetivos de Tácito na Seção 4.3, ao final do capítulo.

Abaixo, o texto latino da *Institutio Oratoria* será extraído de Reinhardt e Winterbottom (2006) (livro II), Butler (1920) (livros I e III) ou Butler (1922) (livro XII).

[26] *Da mesma forma que eu não deixaria que aqueles bíceps gigantescos [...] murchassem com a leveza do dardo ou no lançamento de disco, eu agora te convoco [...] para as batalhas de verdade.*

[27] Sobre elas, consultar a Seção 4.2.2. Ali, veremos que Apro demonstra conhecimentos de filosofia moral e natural, porém, ou eles não são acurados, ou aparecem mobilizados de maneira frágil. Apro erra na matemática pura e simples e, mais do que não se preocupar com inconsistências geradas como efeito colateral de expedientes retóricos, como sugeriu Luce (1993), erra no agenciamento a seu favor de argumentos baseados nesses conhecimentos. Ora, o próprio Tácito comenta que *plerique opinarentur [...] Aprum ingenio potius et ui naturae quam institutione et litteris famam eloquentiae consecutum* (*muitos fossem da opinião maldosa de que [...] Apro teria conseguido a reputação de eloquente mais pelo talento, também pela sua têmpera natural, do que com uma formação literária*, Tac. *Dial.*, 2.1). Se o narrador atribui a opiniões maldosas essa acusação de ser mais famoso pelo talento do que pela erudição, ele também o faz em relação a Segundo não ter uma fala desenvolta. Em desfavor de Segundo, e consequentemente de Apro, o narrador parece ter razão, já que a eloquência de Segundo produziu em todo o *Diálogo* cinco frases (Tac. *Dial.*, 3.2, 5.1, 5.2, 14.2 e 16.1), todas curtas, a metade de cada uma sendo de adjetivos, nenhuma delas muito direta, três das cinco, perguntas. Por fim, a impressão de que falta um certo verniz à erudição de Apro não é injustificada, já que ele, *imbuído de todo tipo de erudição, mais desprezava que desconhecia as letras* (Tac. *Dial.*, 2.2).

[28] *Sabedoria de Helvídio, articulada de fato, mas sem treino.*

4.2.1 Contraste com Quintiliano

Dentre as várias definições de oratória que Quintiliano revisa, algumas são bem explícitas: *scientia uidendi et agendi in quaestionibus ciuilibus per orationem popularis persuasionis*[29] (Quint. *Inst.*, II.15.19), *dicere persuasibiliter in dubia ciuile materia*[30] (Quint. *Inst.*, II.15.22), *scientia bene dicendi circa ciuiles quaestiones et credibiliter*[31] (Quint. *Inst.*, II.15.36), *scientiae ciuilis pars*[32], até mesmo *eadem ciuilitas*, isto é, "o mesmo que política" (Quint. *Inst.*, II.15.33). A *Institutio* não desconsidera tais definições, antes as sopesa e sumariza em *ars bene dicendi*, não cessando de enfatizar o caráter moral de *bene* como um bem público, portanto político[33]. Em contraste, se em algum momento Apro enaltece a defesa das províncias e dos municípios, dos amigos e dos estrangeiros, na peroração de seu primeiro discurso é taxativo no convite a abandonar quaisquer discussões políticas e a cuidar exclusivamente dos litígios privados e de seu tempo (Tac. *Dial.*, 10.8: *priuatas et nostri saeculi*), evitando fazer oposição a um "adversário superior" (Tac. *Dial.*, 10.7: *aduersarium superiorem*; o imperador?), a não ser no caso permissível em que o exija o etos advocatício[34].

É claro que Quintiliano não negligencia o dever de atuar em causas privadas, sobretudo porque vê na atividade judicial o caráter político da defesa da lei e da justiça (Quint. *Inst.*, XII.7.1: *leges ipsae nihil ualeant, nisi actoris idonea uoce munitae*[35]). Por sinal, uma das justificativas da *Institutio* para que o orador também acuse, é que *qui ratione traduci ad meliora non possunt, solo metu continentur*[36] (Quint. *Inst.*, XII.7.2); a essa passagem, todavia, segue-se uma forte moderação dos ímpetos acusatórios, que jamais deveriam ser motivados por interesses pessoais, sob risco de o orador tornar-se não mais que um salteador (Quint. *Inst.*, XII.7.3: *accusatoriam uitam uiuere et ad deferendos reos praemio duci proximum latrocinio est*[37]). Já Apro não se vexa em dizer que pode usar a oratória para levar medo e terror aos inimigos (Tac. *Dial.*, 5.5: *inimicis metum et terrorem*), e os exemplos que citará (veremos abaixo) negligenciam completamente o alerta sobre as vantagens pessoais oriundas do ato de acusar.

[29] Ciência de enxergar e agir em questões políticas por meio de um discurso de persuasão popular.

[30] Discursar persuasivamente em uma matéria política dúbia.

[31] Ciência de discursar bem e com credibilidade acerca de questões políticas. Lembrar que o "bem dizer" é aqui de caráter concomitantemente técnico e moral.

[32] Disciplina da filosofia política.

[33] Todavia, Quintiliano nega que a política seja tema necessário da oratória a fim de acomodar dentro dela o gênero epidítico.

[34] Tac. *Dial.*, 10.8: *"nobis satis sit priuatas et nostri saeculi controuersias tueri, in quibus si quando necesse sit pro periclitante amico potentiorum aures offendere, et probata sit fides et libertas excusata."* Em português: *"A nós basta que cuidemos de litígios privados e contemporâneos, nos quais, se em algum momento for necessário afrontar a sensibilidade dos poderosos em prol de algum amigo acusado, tanto será aceitável a lealdade, como a liberdade ficará justificada."*

[35] *As próprias leis não teriam nenhum valor, a não ser que munidas da voz apta do advogado.*

[36] *Aqueles que não podem ser induzidos ao melhor pela razão, somente pelo medo serão contidos.*

[37] *Viver uma vida de acusador e denunciar réus motivado pela recompensa é algo próximo do assalto.*

Suponhamos que Apro não tenha sido um *delator*; não há registro documental disso, e, se fosse, seria difícil explicar sua amizade franca com Materno. Dessa forma, é provável que, se ele tivesse inimigos, provavelmente seria por motivo de ter acusado quem merecesse, mas não deixa de ser sintomático que ele queira aterrorizar inimigos *dele*, não os inimigos públicos, da lei e do Estado. Entre o discurso de Apro e a *Institutio* há, portanto, uma inversão do que é principal e do que é secundário na oratória, embora ambos os fatores, o político e o privado, estejam presentes.

Mais preocupante, entretanto, é o fato de que Apro dê como exemplos de sucesso oratório Víbio Crispo e Éprio Marcelo, segundo Mayer (2001, p. 109) notórios *delatores* que fizeram fortuna recebendo uma porcentagem dos bens de réus que condenavam, muitos deles por oposição ao regime político[38]. Lembremos que até o imperador estimava-os com uma certa *reuerentia*: 'reverência', sem dúvida, mas uma palavra do mesmo étimo de *uereor*, que tinha no latim um significado entre a reverência propriamente e o medo[39] (OLD, *s.v.* **reverentia** 1a,d).

Winterbottom (1964) sustenta mesmo que Quintiliano teria impingido tamanha ênfase moral na *Institutio* justamente por causa das práticas abjetas dos *delatores*[40], de modo que é bem provável que esses Crispo e Marcelo tenham feito precisamente aquilo a que Quintiliano disse ser "próximo do assalto". Mas não é só isso que parece estranho com esses exemplos, afinal 200, 300 milhões de sestércios... se o pagamento de um legionário comum era da ordem de 900 sestércios por ano por volta de 70 d.C. (Duncan-Jones, 1994, p. 34), estamos falando de advogados que teriam acumulado, em uma conta grosseira, recursos para pagar um exército de 200 ou 300 mil homens; ou então, teriam mantido cada um algo como 10 legiões (de $\sim$ 5000 soldados cada) por um período de 5 anos.

Sobre acumular riquezas, Quintiliano fala:.

> *nam quis ignorat quin id longe sit honestissimum ac liberalibus disciplinis et illo quem exigimus animo dignissimum non uendere operam nec eleuare tanti beneficii auctoritatem, cum pleraque hoc ipso possint uideri uilia, quod pretium habent? caecis hoc, ut aiunt, satis clarum est, nec quisquam qui sufficientia sibi (modica autem haec sunt) possidebit hunc quaestum sine crimine sordium fecerit.*[41] (Quint. *Inst.*, XII.7.7-9)

[38] A bem da verdade, Quintiliano também cita Víbio Crispo em quatro curtas passagens, nas quais se refere a ele como *iucundus* ou *uenustus* (Quint. *Inst.*, V.13.48, VII.5.15, X.1.119, XII.10.12), algo bastante desconfortável de constatar. Talvez isso se deva à extrema honestidade intelectual da *Institutio*, não deixando de reconhecer um mérito de Crispo apesar de sua atuação como *delator*; também não se podem descartar contingências políticas, já que a *Institutio*, ao contrário da peça *Catão*, deveria ser uma obra "mais segura". Essa explicação daria conta da ausência de Éprio Marcelo no texto de Quintiliano, já que esse orador caiu em desgraça no fim do reinado de Vespasiano, de quem o rétor era dependente.

[39] Por assim dizer, acontece com *reuerentia* o oposto do que ocorre em português com 'temor', que conserva um sentido de admiração em 'temer a Deus'.

[40] Que criaram um verdadeiro "macarthismo" antirrepublicano nas primeiras décadas do Principado.

[41] *Afinal, quem não sabe que de longe o mais digno e o mais apropriado às atividades liberais e àquele espírito que queremos é não vender a sua ajuda e nem diminuir a importância de um tamanho favor, já*

Porém, neste ponto mais uma vez Apro não colide com Quintiliano. Trata-se mais de tangenciá-lo, pois se lemos a *Institutio* detidamente, vemos que a opinião do rétor é, na verdade, bastante nuançada:

> *at si res familiaris amplius aliquid ad usus necessarios exiget, secundum omnium sapientium leges patietur sibi gratiam referri [...] neque enim uideo quae iustior adquirendi ratio quam ex honestissimo labore et ab iis de quibus optime meruerint, quique si nihil inuicem praestent, indigni fuerint defensione. [...] nihil ergo adquirere uolet orator ultra quam satis erit, [...] non enim, quia uenire hoc beneficium non oportet, oportet perire.*[42] (Quint. *Inst.*, XII.7.9-12)

Apro quer exemplos de pessoas de origem humilde que por meio da oratória obtiveram um estrondoso sucesso social e puderam se sustentar da melhor profissão que há, seguindo à risca o preceito que virá a ser de Quintiliano. Para uma sociedade de emergentes[43], porém *minime fauorabilis* (Tac. *Dial.*, 7.1), com as antigas elites ostracizadas, e novos-ricos da Gália e da Hispânia afluindo diuturnamente à Roma do séc. I, eis aí uma narrativa muitíssimo envolvente. Para usar a linguagem dos modernos homens de negócios, Marcelo e Crispo seriam ótimos "*cases* de sucesso", não fosse o detalhe da desmesura de seu patrimônio. Para usar da teoria tópica, o problema não é o *quê*, mas o *como*, em particular o *quanto* do argumento, um deslize notável para quem usa a tópica de forma desenvolta como Apro, segundo vimos na Seção 4.1.

Ademais, todo o resto também parece errado com Crispo e Marcelo.

Eles nasceram na simplicidade, – mesmo na imundice, a se deixar levar pela eloquência de Apro –, sem recursos familiares, nem os financeiros, nem os culturais. No entanto, no proêmio da *Institutio*, Quintiliano declara que a educação do orador deve ser *ab incunabulis*, desde o berço: em Quint. *Inst.*, I.1.4, as amas de leite devem, se possível, ser filósofas[44], se não, apenas de total moralidade e fala escorreita (*ne sit uitiosus sermo nutricibus, quas si fieri posset sapientes Chrysippus optauit [...] et morum quidem in his*

---

que no geral algo pode parecer sem valor justamente pelo fato de ter preço? Como se diz, até os cegos podem ver que uma pessoa que tenha o suficiente para si (o que também não é muito) não auferiria esse tipo de lucro sem dar mostra de baixeza.

[42] *No entanto, se a situação financeira exigir um pouco mais para as necessidades cotidianas, será admissível que se receba uma gratificação, segundo os preceitos de todos os filósofos [...] e, no fim das contas, também não vejo maneira mais justa de ganhar dinheiro que por um trabalho extremamente digno e daqueles de quem for merecido, os quais, se de sua parte não pagassem nada, teriam sido indignos de defesa. [...] Assim, o orador não quererá ganhar nada para além daquilo que seja suficiente [...], afinal, não é porque não convém vender tal favor que convém morrer de fome.*

[43] Emergentes, aliás, como o próprio Quintiliano e o próprio Apro e, talvez, o próprio Tácito.

[44] No latim, *sapientes*. Quintiliano faz uso derrogatório de *philosophus*, substituindo-o por *sapiens* em contextos positivos. A tradução "filósofas" é de Reinhardt e Winterbottom (2006), aqui adotada apenas para evitar a impressão de "sabedoria de vida", já que Quintiliano pedia que as amas fossem realmente instruídas.

haud dubie prior ratio est[45]); em Quint. *Inst.*, I.1.6, os próprios pais é que só servem se forem eruditos (*in parentibus uero quam plurimum esse eruditionis optauerim, nec de patribus tantum loquor*[46]). Muita exigência? *si cui multa uideor exigere, cogitet oratorem institui rem arduam, etiam cum ei formando nihil defuerit*[47] (Quint. *Inst.*, I.1.10). Voltando a Crispo e Marcelo, nenhum dos dois era *moribus egregius* (Tac. *Dial.*, 8.3); ainda que descontemos o fato de que a enorme ênfase moral na educação do orador seja inovação de Quintiliano, a definição de orador como *uir bonus dicendi peritus* era muito anterior, vindo pelo menos desde Catão, o Censor (Quint. *Inst.*, XII.1.1: *[orator] a M. Catone finitur uir bonus dicendi peritus*[48]).

Continuando, um desses *delatores* ainda por cima era de uma aparência completamente desconjuntada (Tac. *Dial.*, 8.3: *habitu [...] corporis contemptus*); ora, não bastasse sabermos o quanto para os antigos ética e estética podiam se equivaler, segundo Quintiliano:

> *ne illos quidem reprehendendos puto qui paulum etiam palaestricis uacauerunt. [...] nomen est idem iis a quibus gestus motusque formantur, ut recta sint brachia, ne indoctae, rusticae manus, ne status indecorus, ne qua in proferendis pedibus inscitia, ne caput oculique ab alia corporis inclinatione dissideant.*[49] (Quint. *Inst.*, I.11.15-16)

Apro elenca as dificuldades e deficiências desses homens a fim de contrastá-las com o poder que conquistaram e, assim, realçar as possibilidades de a oratória elevar um indivíduo. Não obstante, para um público da virada dos sécs. I e II já atento à *Institutio*, para a qual todas essas características seriam incompatíveis com um orador, o resultado pode ser a auto-sabotagem, ponto por ponto, da argumentação de Apro, segundo sejamos adeptos irrestritos da doutrina de Quintiliano, ou, caso contrário, o reflexo dela na prática do fórum, mostrando suas limitações ou inadequações, e evidenciando seu idealismo talvez excessivo. E por mais que Apro diga que Crispo e Marcelo tenham ficado famosos graças à oratória, inexiste no *Diálogo* um único comentário sobre o estilo deles, isso no discurso de um orador extremamente pródigo em apontar defeitos mesmo em Cícero, e não menos facundo em descrever as virtudes do estilo contemporâneo.

Já na dicotomia entre modernos e antigos, Apro e Quintiliano parecem novamente estar de acordo. Pelo menos concordam que *fuerit paene ridiculum malle sermonem quo*

[45] *A fala das amas de leite não deve ser defeituosa, as quais, se possível, Crisipo desejava que fossem filósofas [...] e não há dúvida de que o principal critério em relação a elas é o da moral.*

[46] *Já quanto aos progenitores, gostaria que possuíssem o máximo de educação, e não falo apenas do pai.*

[47] *Se pareço a alguém exigir muito, pense que formar um orador é coisa árdua, mesmo quando nada faltar a sua formação.*

[48] *[O orador] é definido por Marco Catão como um homem bom, perito em discurso.*

[49] *Não creio que devam ser criticados nem mesmo aqueles que passaram um pouco de tempo também com um professor de ginástica. [...] Têm a mesma denominação aqueles que formam os gestos e o movimento, para os antebraços ficarem levantados, as mãos não acabarem rudes sem saber o que fazer, a postura não ser deselegante, não termos insegurança ao mover os pés para frente, e a cabeça e os olhos não se desalinharem em relação à inclinação do corpo.*

locuti sint homines quam quo loquantur[50] (Quint. *Inst.*, I.6.43), *i.e.*, não faz sentido preferir uma linguagem arcaica à habitual, já que, como se explica, o que é a linguagem arcaica senão o habitual de antigamente[51]? A diferença está na ponderação das afirmações, pois, ainda em Quint. *Inst.*, I.6.43-44, Quintiliano lembra que, antes de tudo, é necessário delinear o que seja o habitual, do contrário pode-se acabar considerando bom simplesmente aquilo que seja praticado pela maioria[52]. Na concepção do rétor, *consuetudinem sermonis uocabo consensum eruditorum, sicut uiuendi consensum bonorum*[53] (Quint. *Inst.*, I.6.45). Todo o segundo discurso de Apro, por outro lado, propagandeia uma adaptação conformista à situação contemporânea; mais especificamente, nele as demandas do grande público assumem um papel decisivo na definição do que seja adequado a um discurso; seja por parte dos juízes, Tac. *Dial.*, 20.2: *[iudex] nisi aut cursu argumentorum aut colore sententiarum aut nitore et cultu descriptionum inuitatus et corruptus est, auersatur*[54], seja por parte do público, Tac. *Dial.*, 20.3: *uulgus quoque assistentium et affluens et uagus auditor assueuit iam exigere laetitiam et pulchritudinem orationis*[55]; em suma, *exigitur enim iam ab oratore etiam poeticus decor*[56] (Tac. *Dial.*, 20.5).

Os discursos de Apro, a bem da verdade, quase não sofrem dos vícios que Quintiliano criticaria; como vimos na Seção 4.1, eles são mesmo excelentes exemplos do estilo neociceroniano. Não estão recheados de *sententiae*, nem cobertos de floreios, nem indicam um caráter infantil ou afetado (Quint. *Inst.*, II.5.22: *praedulce illud genus et puerilibus ingeniis [...] gratius, quo proprius est*[57]), embora possa parecer afetação a abundância de dubletos do tipo "feliz e alegre" do texto latino, e a reduzida de particípio no fim de Tac. *Dial.*, 7.4. Por outro lado, os discursos tampouco têm algumas das virtudes indicadas na *Institutio Oratoria*, como a inserção aqui e ali de palavras um pouco mais arcaicas, que dão certa majestade e deleite à elocução tanto quanto os neologismos, se usados moderadamente (Quint. *Inst.*, I.6.39: *uerba a uetustate repetita [...] adferunt*

[50] *Seria quase ridículo preferir a linguagem com que as pessoas falavam àquela com que falam.*

[51] Quint. *Inst.*, I.6.43: *quid est aliud uetus sermo quam uetus loquendi consuetudo?*
Na tradução: *o que é a linguagem arcaica, senão o antigo costume da fala?*

[52] Quint. *Inst.*, I.6.43-44: *necessarium est iudicium, constituendumque in primis id ipsum quid sit quod consuetudinem uocemus. quae si ex eo quod plures faciunt nomen accipiat, periculosissimum dabit praeceptum, non orationi modo, sed (quod maius est) uitae. [...] sic in loquendo, non si quid uitiose multis insederit pro regula sermonis accipiendum erit.*
Em português: *é necessário senso crítico, e deve-se decidir em primeiro lugar o que é que chamamos de costume. Se isso for definido a partir daquilo que muitos fazem, estará preceituando algo extremamente perigoso, não apenas para o discurso, mas (o que é pior) para a vida. [...] Assim, na fala, não deverá ser aceito como parâmetro para a língua um erro que se tenha fixado em muitas pessoas.*

[53] *Chamarei de costume da língua o consenso dos homens eruditos, assim como, da vida, o consenso dos homens bons.*

[54] *Se [o juiz] não acaba entretido e seduzido pela sequência dos argumentos, ou pela nuance das frases de efeito, ou pelo brilho e pelo capricho das descrições, tem repulsa.*

[55] *Também a massa de frequentadores e o ouvinte de passagem, ocasional, já se habituou a pedir por vivacidade e beleza nos discursos*

[56] *Já se exige do orador, portanto, até mesmo um charme poético.*

[57] *Aquele gênero muito melífluo e mais agradável para o talento das crianças, por lhe ser próprio.*

orationi maiestatem aliquam non sine delectatione [...] sed opus est modo[58]).

No mais, Apro não se diz muito interessado em ler os antigos (Tac. *Dial.*, 21.1: *fatebor [...] me in quibusdam antiquorum uix risum, in quibusdam autem uix somnum tenere*[59]), aliás, em contradição com sua própria prática (já que ele aparenta conhecê-los bastante bem), nem mesmo outros mais recentes, exceto nos textos em que houver características modernizantes (Tac. *Dial.*, 21.3: *ex Caelianis orationibus nempe eae placent [...] in quibus nitorem et altitudinem horum temporum agnoscimus*[60]). Quintiliano também tem as suas restrições:

> *duo autem genera maxime cauenda pueris puto. unum, ne quis eos antiquitatis nimius admirator in Gracchorum Catonisque et aliorum similium lectione durescere uelit; fient enim horridi atque ieiuni, nam neque uim eorum adhuc intellectu consequentur et elocutione (quae tum sine dubio erat optima, sed nostris temporibus aliena est) contenti, quod est pessimum, similes sibi magnis uiris uidebuntur. alterum, quod huic diuersum est, ne recentis huius lasciuiae flosculis capti uoluptate praua deleniantur.*[61] (Quint. *Inst.*, II.5.21-22)

O curioso é que, enquanto Apro oscila entre incluir ou não a geração de Cícero entre os antigos, Quintiliano aplica a adjetivação *horridus atque ieiunus* à oratória do século II a.C., mas certamente não aos contemporâneos do Arpinate. Além disso, sua restrição é específica para os estudantes mais novos: *firmis autem iudiciis iamque extra periculum positis, suaserim et antiquos legere [...] et nouos*[62] (Quint. *Inst.*, II.5.23). Apro não apenas não demonstra postura crítica em relação aos modernos, exceto quando tentam emular os antigos, como também não parece reconhecer o valor que a leitura de Catão e dos irmãos Graco teria para os adultos de sua época, ainda que, como Quintiliano, não deixe de reconhecer que esses teriam sido grandes oradores quando vivos.

Em relação à adoção de um estilo que seja também eficaz:

> *quaproter ne illis quidem nimium repugno qui dandum putant nonnihil etiam temporibus et auribus nitidius aliquid et adfectius postulantibus. itaque non solum ad priores Catone Gracchisque, sed ne ad hos quidem ipsos oratorem*

[58] *Vocábulos arcaicos recuperados [...] aportam ao discurso uma certa majestade, não sem deleite [...] mas é necessário medida.*

[59] *Vou [...] confessar que com alguns dos antigo eu mal consigo conter o riso, e com outros, o sono.*

[60] *Dentre os discursos de Célio, os mais interessantes são, seguramente, aqueles nos quais reconhecemos a altivez e o lustro modernos [...].*

[61] *No entanto, considero que os jovens devem ter cuidado sobretudo com dois gêneros. Um, que algum [professor] excessivamente admirador do estilo antigo não queira que eles se endureçam com a leitura dos Gracos e de Catão, e de outros similares; ocorre que eles se tornarão rústicos e débeis, pois ainda não conseguirão entender o que dizem e, o que é o pior, entusiasmados com o estilo (que sem dúvida era ótimo para a época, mas estranho aos nossos tempos), se acharão parecidos com esses grandes homens. Outro, que é oposto a esse, que não se deslumbrem com um prazer degenerado, cativados pelo floreado dessa licenciosidade moderna.*

[62] *Porém, quando tiverem o gosto mais afirmado e estiverem fora de perigo, eu os aconselharia a ler tanto os antigos [...] como os novos.*

> *adligandum puto. atque id fecisse M. Tullium uideo, ut cum plurimum utilitati, tum partem quandam delectationi daret, cum et suam se rem agere diceret, ageret autem maxime litigatoris.*[63] (Quint. *Inst.*, XII.10.45)

Para Apro, o discurso não deve nem mesmo cheirar ao estilo antigo (Tac. *Dial.*, 21.4: *sordes autem illae uerborum et hians compositio et inconditi sensus redolent antiquitatem*[64]); para Quintiliano, o que não se pode é estar amarrado aos antigo. Isso porque, para Apro, um discurso não serve se não deleitar, pois somente assim um juiz lhe daria atenção (ver a citação de Tac. *Dial.*, 20.2, à página 120, linha 26); para Quintiliano, acabamos de ver que o discurso pode inclusive deleitar, mas deve sobretudo persuadir.

Ora, um dos indícios mais marcantes de que as ideias de Apro representam um leve desvio em relação a Quintiliano é o tratamento que cada um dá à eficácia do discurso persuasivo; nenhum dos dois afirma que a persuasão seja um critério de qualidade da oratória, contudo essa questão é bastante delicada na *Institutio*. Em primeiro lugar, se o orador é antes de tudo um homem bom, ele só defenderia causas justas, então como dois oradores poderiam defender lados contrários em um litígio? Depois, se as causas que defendem são justas, por que precisariam de defesa? Não se sustentariam por seu próprio conteúdo?

A resposta reside, entre outros fatores[65], na razão bem concreta de que nem todos os homens são justos, nem todos os homens justos são inteligentes. Se todo júri fosse composto de pessoas virtuosas (portanto justas e inteligentes), não seria em absoluto necessário o trabalho do orador. A oratória, de certa forma, serviria para "enganar" os que não são tão justos, ou não tão inteligentes, a fim de fazer prevalecer o que pareça correto segundo o parecer do orador, ele virtuoso por hipótese, e para tanto Quintiliano admite até mesmo atitudes em princípio não lá muito louváveis, como a mentira.

> *nam et mendacium dicere etiam sapienti aliquando concessum est, et adfectus, si aliter ad aequitatem perduci iudex non poterit, necessario mouebit orator. imperiti enim iudicant et qui frequenter in hoc ipsum fallendi sint, ne errent. nam, si mihi sapientes iudices dentur, sapientium contiones atque omne consilium, nihil inuidia ualeat, nihil gratia, nihil opinio praesumta*

[63] *Por essa razão, não me oponho muito nem mesmo àqueles que pensam que se deva fazer algo também de mais elegante para a ocasião e para o gosto dos ouvinte, e de mais afeito às partes. Assim, creio que o orador não deva se ater nem apenas aos predecessores de Catão e dos Gracos, mas nem sequer a esses próprios. Parece-me que foi isso que fez Marco Túlio, que, se dava espaço principalmente à utilidade, dava ainda algum ao deleite, conforme dizia defender também a sua causa quanto mais defendesse a do litigante.*

[64] *Aquelas impurezas no vocabulário, a composição truncada e os raciocínios desordenados cheiram ao estilo antigo.*

[65] Do ponto de vista epistemológico, o orador não conhece a verdade a não ser através da mediação dos próprios sentidos e do intelecto, de modo que ele nunca defende o que *é* justo, mas o que *parece* justo, e entre uma *causa provável* e o outra causa *mais provável* não há contradição, assim como entre o branco e o mais branco, ou o doce e o mais doce (Quint. *Inst.*, II.17.35-39; XII.1.34). A persuasão caberia, essencialmente, para ressaltar os elementos que façam uma causa parecer mais provável que a causa contrária, segundo o discernimento necessariamente virtuoso do orador.

> *falsique testes, perquam sit exiguus eloquentiae locus et prope in sola delectatione ponatur*[66]*!* (Quint. *Inst.*, II.17.27-28)

(Quintiliano retoma o assunto no livro XII da *Institutio*, entre os passos 33 e 43; ele tratará da defesa dos maus e dos injustos, nem que para mostrar como refutá-las, *quemadmodum remedia melius adhibebit cui nota quae nocent fuerint*[67] (Quint. *Inst.*, XII.1.34).)

Então ninguém se admire que Apro diga sem rodeios que orador deva, por assim dizer, "jogar para a plateia", não apenas no que concerne aos juízes, mas também à multidão que se aglomerava no fórum e tinha bastante influência sobre os julgamentos. O estranho é o modo como formula essa ideia, como se um discurso não tivesse chance de ser efetivo a menos que tornasse o juiz *inuitatus et corruptus* (Tac. *Dial.*, 20.2). Conquanto *inuitatus* seja incerto (Gudeman (1894, p. 220) argumenta pela lição *uitiatus*), temos certeza de *corruptus*, que também não se deve ler como 'corrupto' em língua portuguesa, hoje essencialmente 'político ladrão', mas antes como 'seduzido', em sentido amplo. Ora, mesmo considerando leituras que atenuam o dubleto, como *inuitatus et corruptus*, como Heubner (1983), Mayer (2001) e Winterbottom e Olgivie (1975), dando à passagem o sentido de que o juiz deveria ser "entretido e seduzido", acho difícil escapar da conclusão de que, para Apro, o juiz e os ouvintes devam ser ludibriados, não necessariamente esclarecidos. A *Institutio* não é dúbia, em que pese a sutileza da discussão: *neque enim qui recta uia depulsus est* <u>*reduci ad eam*</u> *nisi alio flexu potest*[68] (Quint. *Inst.*, II.17.29).

Finalmente, falta apontar talvez a maior evidência de intertexto entre o *Diálogo dos Oradores* e a *Institutio Oratoria*, também um dos pontos que ilustra com maior clareza nossa argumentação. É que os músculos de Nicóstrato devem mesmo ter sido bem impressionantes, pois tanto Quintiliano como Tácito, ambos de uma época posterior (Quintiliano, quando jovem, vira-o já bem velho), não deixaram de falar deles em suas obras.

Como já comentamos essa passagem na seção anterior, apenas relembremos que, em Quint. *Inst.*, II.8.13, o estudante deveria ter algum treino nas diversas áreas da oratória, mas especializar-se apenas naquela em que mais tivesse talento. Se ele fosse um prodígio, como Nicóstrato, campeão em modalidades distintas de luta, então deveria especializar-se em todas as áreas em que se sobressaísse. Tivesse Apro podido ler a *Institutio*, tê-la-ia lido por um viés reducionista, pois, para ele, a metáfora é uma exortação a dedicar-se apenas ao exercício judicial, a qual compara – tradição da retórica antiga[69] – à luta.

---

[66] *Pois tanto contar uma mentira em certos momentos é permitido até mesmo ao sábio, como o orador inevitavelmente apelará à emoção, se de outra forma o juiz não puder ser direcionado à equidade. Afinal, são ignorantes os que julgam, os quais muitas vezes precisam ser enganados exatamente para que não errem. Ora, se me dessem juízes sábios, assembleias de sábios e toda a razão, e não vigorasse nenhuma malícia, nenhum favor, nenhum preconceito e falsas testemunhas, como seria pequeno o papel da eloquência, e como ela seria aplicada somente ao deleite!*

[67] *Desse modo, administrará melhor o remédio quem conhecer aquilo que é nocivo.*

[68] *Enfim, quem se afastou do bom caminho não pode ser* <u>*a ele reconduzido*</u> *a não ser por outro desvio.*

[69] Em especial de Cícero; ver os trechos sobre *pugna*, *pugnacitas*, *pugnax* que Causeret (1886) elenca no

Só que Quintiliano destaca diversos gêneros oratórios que ultrapassam o confronto, como o aconselhamento na assembleia popular[70], o elogio público (gênero epidítico) e mesmo alguns gêneros literários, como o historiográfico[71]. Já no entendimento de Apro (e daí o reducionismo), Nicóstrato não ganhou em *vários gêneros* de luta, foi vitorioso em *apenas um gênero* de esporte. Tácito não poderia ter deixado mais claro como Apro e Quintiliano consideram os mesmos fatos, porém com óticas distintas, a de Apro sempre mais estreita.

Quintiliano não menciona outros esportes além da *lucta*[72] e da *pugna*[73] (Quint. *Inst.*, II.8.14), como deveria, se estivesse dizendo "faça isto, não faça aquilo"; quem os cita é Apro: o lançamento de disco e o de lança, justamente para dizer que devem ser evitados (Tac. *Dial.*, 10.5: *non paterer immanes [...] lacertos leuitate iaculi aut iactu disci uanescere*[74]). Não há por que imaginar que o rétor esteja sugerindo algo diferente de "você é bom nisso? faça isso", sobretudo à luz do livro XII da *Institutio*, que versa no capítulo final sobre a velhice do orador, argumentando como ele pode, na verdade, como ele deve encerrar sua carreira no fórum antes da decrepitude (Quint. *Inst.*, XII.11.1: *ne quid peius quam fecerit faciat*[75]) e continuar a ser útil, segundo convém a um homem virtuoso, por outros caminhos, sobretudo pelo ensino (Quint. *Inst.*, XII.11.8: *id uiro bono satis est, docuisse quod scierit*[76]). Exemplo disso é ninguém menos que o respeitabilíssimo Catão, o Censor, que, além de orador, produziu literatura de gênero historiográfico e científico e, já em idade avançada, foi estudar as letras gregas para provar que também os velhos podem aprender o que quiserem (Quint. *Inst.*, XII.11.23: *litteras Graecas aetate iam declinata didicit, ut esset hominibus documento ea quoque percipi posse quae senes concupissent*[77]).

Foi com esse espírito que o próprio Quintiliano resolveu ensinar após retirar-se do fórum[78]. Curiosamente, Materno encaixa-se quase no exato caso desses excertos do livro

índice ao fim de sua obra.

[70]Por mais que em Roma esse tipo participação estivesse restringido, talvez Quintiliano se referisse às assembleias nas províncias e nos municípios, como transparece em Quint. *Inst.*, XII.3.1, as quais continuaram funcionando após a queda da República.

[71]Ver Quint. *Inst.*, II.4, capítulo em que se enumeram os gêneros que o estudante deve estudar; o primeiro considerado digno de ser trabalhado pelo rétor é justamente o historiográfico.

[72]Luta de estilo livre, algo como a luta livre ou a luta greco-romana.

[73]Pugilato, luta com os punhos, algo como o boxe.

[74]*Eu não deixaria que [...] bíceps gigantescos [...] murchassem com a leveza do dardo ou no lançamento de disco.*

[75]*Para que não faça algo pior do que tenha feito.*

[76]*A um homem bom, basta que tenha ensinado o que aprendeu.*

[77]*Aprendeu o grego já em idade avançada, a fim de demonstrar às pessoas que era possível aprender também o que os velhos desejassem.*

[78](Quint. *Inst.*, XII.11.8): *conscius sum mihi, quantum mediocritate ualui, quaeque antea scierim, quaeque operis huiusce gratia potuerim inquirere, candide me atque simpliciter in notitiam eorum, si qui forte cognoscere uoluissent, protulisse.*
Em português: *tenho consciência, quanto a mim, de que, na medida de minha débil capacidade, franca e simplesmente trouxe para o conhecimento daqueles que poderão vir a desejar aprender tudo o que eu sabia antes e o que pude pesquisar graças a esta obra.*

XII (a não ser talvez pela idade, mas não podemos ter certeza), uma vez que *[illi] satis superque sudatum est*[79] nos tribunais (Tac. *Dial.*, 4.2), e que ele possui um senso de dever em relação a si mesmo (e à sociedade, como veremos no Capítulo 5), o qual pretende cumprir após sua aposentadoria do fórum, com a tragédia (Tac. *Dial.*, 3.3: *qu[o]d Maternus sibi debuerit*[80]). Mesmo assim, esse orador enfrenta a oposição determinada de Apro, que insiste em retorná-lo à atividade forense. Apro, por outro lado, que frequenta assíduo debates retóricos, à diferença de Quintiliano preocupa-se, a acreditar em Messala, com controvérsias artificiais sobre as quais a *Institutio* tanto previne (Tac. *Dial.*, 14.4: *[Aper] nondum ab scholasticis controuersiis recessit et otium suum mauult nouorum rhetorum more quam ueterum oratorum consumere*[81]).

Se a *Institutio* tivesse sido publicada na época em que se passa a cena do *Diálogo dos Oradores*, poderíamos concluir, pelos paralelismos entre seu discurso e os principais pontos de Quintiliano, que Apro a teria lido, mas que sua compreensão não teria estado à altura do texto. Ou, muito ao contrário, que Apro simplesmente estaria recalibrando os preceitos da *Institutio Oratoria* em seu ajuste fino, interessado em sua aplicabilidade prática, embora concordasse com eles em linhas gerais. Ou, por fim, que pretendesse – quisesse, talvez fingisse – estar conforme a tais princípios, estando submetido a uma realidade desconfortável à qual eles parecem não se encaixar completamente. Na Seção 4.3, comentaremos como esses diversos pontos de vista acabam por refletir impressões distintas sobre a função de Apro no *Diálogo*.

De qualquer modo, não são fortuitas as semelhanças entre os tópicos tratados por Apro e por Quintiliano, também não se trata da hipótese aventada por Luce (1993), de que os oradores do *Diálogo* estariam interessados em fazer afirmações verossímeis, não necessariamente verdadeiras, a fim de defender o seu ponto de vista o melhor possível. Veremos abaixo desvios doutrinários de Apro, mesmo em campos bastante afastados da retórica e da literatura, que não são necessários para nenhum fim de credibilidade e, ainda, parecem mesmo elaborados de modo a enfraquecer seu discurso.

4.2.2 Problema doutrinário do *Magnus Annus*

Os argumentos de Apro não se embebem apenas de conceitos retóricos em desalinho com a teoria estabelecida por Quintiliano, mas também de conhecimentos de filosofia moral e natural imprecisos, se não equivocados. É importante notar esses problemas de ordem doutrinária, pois eles não se explicam pela hipótese de Apro figurar no *Diálogo* apenas como um instrumento de comentário sobre a suposta inaplicabilidade dos ideais

[79] *Esforço mais que suficiente foi por [ele] envidado.*

[80] O que Materno devia a si mesmo.

[81] *[Apro] ainda não retirou das controvérsias escolares e gosta mais de gastar o sem tempo livre ao modo dos rétores modernos do que ao dos antigos oradores.*

de Quintiliano[82]; daí a importância de ressaltá-los em nossa análise: eles parecem indicar que Apro está realmente cometendo deslizes, invocando tópicos filosóficos de modo que, segundo veremos, é até mesmo contraproducente. Isso pode advir de uma postura deliberada de Tácito, seja ela uma estratégia de enfraquecer suas teses (partido que toma, por exemplo, Mayer (2001)), ou, no mínimo, uma recusa em ajudá-lo, *i.e.*, uma atitude por parte do autor de deixar sua personagem livre mesmo para incidir em erros (Dressler, 2013), aspecto da economia da obra que ajudaria a caracterizar sua convenção de realismo, como vimos no início da Seção 4.2. Sem mais, o objetivo desta seção não é fazer um mapeamento exaustivo dos tópicos filosóficos encontrados no *Diálogo dos Oradores*, mas apenas ilustrar como sua divergência sistemática em relação a Quintiliano pode, face a outras doutrinas filosóficas, configurar-se em uma verdadeira *deficiência* sistemática.

Efetivamente, Mayer (2001, p. 101) já havia notado como o argumento em Tac. *Dial.*, 5.5, de que tudo na vida deve ser direcionado à *utilitas*, fica manco sem a ponderação que os moralistas faziam da *honestas*. Esse pesquisador lembra que discussão semelhante está presente no *De Oratore*, e também em Quint. *Inst.*, XII.11.29 (*magnos modica quoque eloquentia parit fructus ac, si quis haec studia utilitate sola metiatur, paene illi perfectae par est*[83]), em que Quintiliano afirma que *se* a utilidade fosse a única régua com que medir a oratória, então não haveria muita diferença entre uma eloquência modesta e aquela do orador ideal que o rétor se propõe a formar.

Mas o ponto que quero destacar é ainda mais precário. Trata-se do argumento astronômico que Apro usa no começo de seu segundo discurso, em Tac. *Dial.*, 16.7, a fim de relativizar a antiguidade de oradores como Demóstenes. Platão teorizara em *Timeu* que os corpos celestes voltariam em algum momento a encontrar-se na mesma posição em que já haviam estado um dia, marcando uma era cósmica[84]; Apro compara a duração do *magnus et uerus annus* com os 365 dias do ano ordinário, a fim de demonstrar que o período de uma vida humana não pode ser considerado longo face ao passar dos séculos e à duração da eternidade, e conclui que, nesse escala de tempo cósmica, seus contemporâneos e os de Demóstenes não teriam surgido apenas em um mesmo ano, mas também em um mesmo mês.

A duração desse ano platônico era fortemente debatida na Antiguidade; havia hipóteses de 600, 2.434 ou 2.484, 15 mil, 36 mil anos, além da cifra mencionada no texto, 12.954 anos, curiosamente muito próxima da metade do período de precessão equinocial aceito hoje.

[82] Ainda sobre a tensão entre o *Diálogo* e a *Institutio Oratoria*, Luce (1993, p. 17) informa que muitos críticos veem não em Apro, mas em Messala um instrumento para Tácito polemizar com Quintiliano.

[83] *Uma eloquência mediana também produz grandes frutos, e, se alguém medir essa disciplina apenas por sua utilidade, ela estará quase à altura de sua versão de excelência.*

[84] Isso não tem a ver *a priori* com o movimento de precessão dos equinócios, descoberto em 129 a.C. (dois séculos após Platão), com período aproximado de (sabemos hoje) 26 mil anos, ou 36 mil anos, segundo astrônomos do século II a.C.

No entanto, essa é uma discussão extremamente intrincada, e para piorar, ocorreram entre estudiosos antigos e modernos inúmeros mal-entendidos entre o ano platônico, o ciclo de vida da fênix, e o do *benu* egípcio; para um tratamento mais completo do assunto, remeto a Van den Broek (1972, cap. 5).

Van den Broek (1972) informa ainda que o Grande Ano teria um significado cósmico relacionado a grandes eventos históricos: seu verão deveria vir acompanhado de uma grande conflagração mundial, e seu inverno de grandes inundações; talvez seu fim marcasse a volta da humanidade à *Aetas Aurea*. Não raro, os cataclismos teriam interpretação política: o começo do inverno mais recente, para Beroso, coincidiria com a morte de Alexandre (Van den Broek, 1972, p. 91), e na mesma referência, p. 98, discute-se como Platão teria relacionado, no livro VIII da *Politeia*, a decadência política de aristocracia em timocracia[85] à passagem inexorável do Grande Ano.

Pôr em dúvida as definições de antigo e moderno foi de uma grande perspicácia e, para mim em um primeiro momento, foi eficaz. Ocorre que essa eficácia prescindia de qualquer necessidade de quantificar tão precisamente o Grande Ano, bastando aludir ao conceito. Apro o fez ao estimar a época dos outros oradores: estes viveram há uns mil e trezentos, aqueles há não mais que uns trezentos anos (Tac. *Dial.*, 16.5-6); bastaria, portanto, afirmar que o ano platônico encerraria algumas centenas ou milhares de anos solares. É verdade que, dentre os números discutidos pelos antigos, o adotado por Apro tem a seu favor a chancela de Cícero, em *Hortênsio*[86]; entretanto, não é o próprio Apro quem, em seu segundo discurso, pondera que Cícero, afinal, notoriamente incidia em deslizes? E se Cícero pôde ser tão ruim assim até mesmo na poesia (Tac. *Dial.*, 21.6), por que ele haveria de ser mais credível que outras autoridades disponíveis em uma área tão afastada das letras quanto a astronomia?

A duração assumida por Apro mina seu argumento (mas somente para os que se dedicarem a verificar os cálculos!). Ora, para um ano cósmico de 12.954 anos, os 1.300 anos solares que separam as gerações de Apro e de Ulisses cabem *quase* em um mesmo mês cósmico (de 1.080 anos), mês esse que ainda incluiria Demóstenes (400 anos anterior à cena do *Diálogo*), de modo que a diferenciação que Apro propõe entre antigos e modernos, Ulisses em um grupo, Demóstenes e os seus contemporâneos em outro, faria quantitativamente tão pouco sentido quanto aquela que ele critica, que considera Demóstenes antigo[87]. Mais ainda: qualitativamente, se o mês platônico fosse de uns 1.080 anos, como o dado de Apro implica, então a diferença de mil anos entre Demóstenes e Ulisses, que calculamos do

[85] Aristocracia: o governo dos melhores; timocracia: o governos dos mais ambiciosos.

[86] Obra hoje perdida; a informação de que Cícero mencionara nela o Grande Ano vem do próprio Apro.

[87] A título de exemplo, com um Grande Ano de 2.484 anos comuns, os 300 anos entre Apro e Demóstenes equivaleriam a um mês e meio, de modo que eles ainda poderiam muito bem estar na mesma estação, enquanto, nesse caso, os 1.300 entre Apro e Ulisses corresponderiam a mais de 6 meses, seria como passar do alto verão ao inverno mais profundo!

texto, poderia resultar em que eles sim estivessem ambos em um mesmo mês platônico, um bem no começo e outro bem no fim, mas os contemporâneos de Apro em um mês distinto, subvertendo o argumento ao traçar uma fronteira entre os contemporâneos de Apro e seus antecessores cujo critério seria objetivo, quantificável!

Séculos solares													
XII	XI	X	IX	VIII	VII	VI	V	IV	III	II	I a.C.	I d.C.	II
Ul.								De.			Cíc.	*Dial.*	
T.	**Áries**											**Peixes**	
Meses do Grande Ano? (versão 12.954 anos)													

Figura 4.2.1: Correspondência entre a cronologia solar convencional e aquela do Grande Ano, supondo o ano platônico como tendo aproximadamente 13 mil anos e considerando que o trânsito do equinócio da constelação de Áries para Peixes ocorreu por volta do consulado de Cícero. A era anterior a Áries é Touro (T.). Ul.: Ulisses; De.: Demóstenes; Cíc.: Cícero; *Dial.*: *Diálogo* (entre a cena e a publicação).

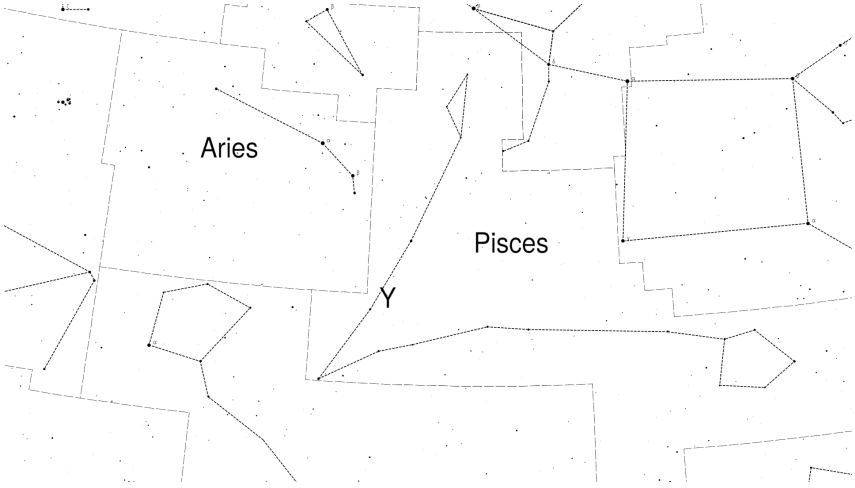
Para reforçar tal fronteira, era difundida na Antiguidade a ideia de que o período de Demóstenes e Alexandre teria um significado cósmico especial, como vimos, ao marcar o fim da era de liberdade dos gregos, iniciada com a vitória sobre Troia um milênio antes. Além disso, os gregos talvez relacionassem a passagem dos meses cósmicos ao trânsito do equinócio de primavera pelas doze constelações do zodíaco[88]; ora, o equinócio transitou de Áries para Peixes, segundo critérios atuais, por volta do consulado de Cícero[89]. É bem verdade que os antigos não se baseavam nas definições da IAU (International Astronomical Union), e eu desconheço os limites entre constelações que eles adotavam, se é que os havia; em todo caso, na Figura 4.2.2 adiante poderemos observar a posição do equinócio em relação às constelações (cujo desenho permanece o mesmo) e constatar que, se Apro viveu claramente na era de Peixes, e Ulisses na de Áries, a situação de Demóstenes é muito mais difícil de discernir.

Tendo sido educado como um cidadão romano de alto estrato social[90], Tácito plausivelmente estava a par dessas teorias, portanto é verossímil que ele esteja conscientemente aludindo a elas, pondo-as ao contrário na boca de Apro, da mesma forma como fez com os preceitos da *Institutio Oratoria*. Apro quer dizer que o ano platônico evidencia a pro-

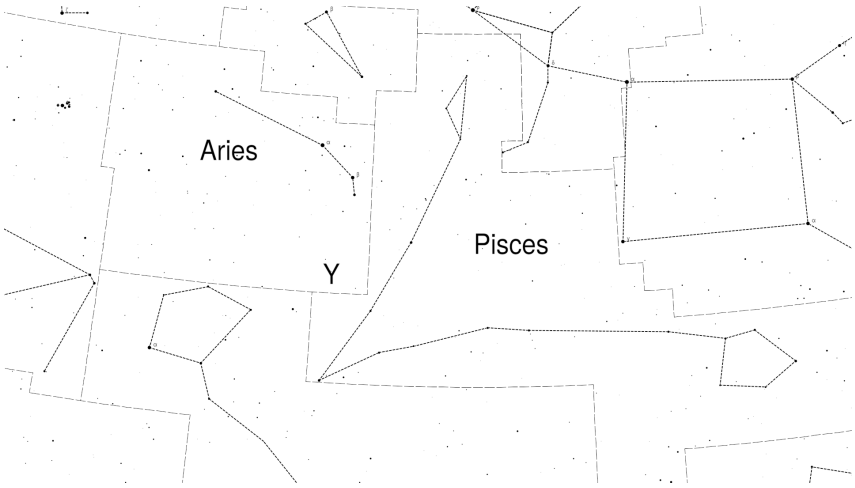
[88] Algo que *não* ocorre, como se sabe hoje. Mesmo os períodos em que o equinócio fica em cada constelação por onde passa não são similares.
A informação de que os gregos relacionariam as eras zodiacais com os meses do Grande Ano apenas foi obtida em livros esotéricos, mas não consegui localizá-la em nenhuma fonte acadêmica ou antiga. Isso não necessariamente enfraquece meu argumento, uma vez que, com ou sem relação com o Grande Ano, a passagem do equinócio pelo zodíaco era um marcador de temporalidade importante no mundo grego.

[89] Na verdade um pouco antes, em 67 a.C., o que deveria dar um novo significado às siglas a.C. e d.C. (essa observação é, originalmente, de Adriano Scatolin).

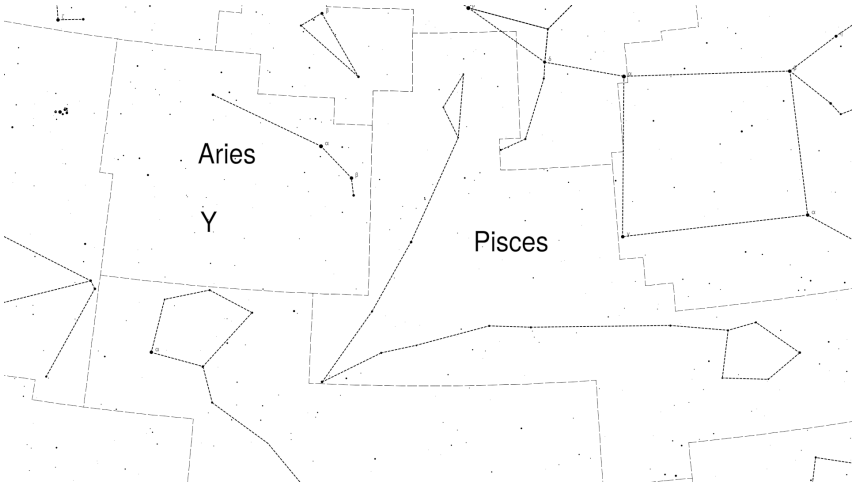
[90] Além disso, Tácito cita em Tac. *Ann.*, VI.28 uma suposta aparição da fênix, no Egito, em 34 d.C.; isso demonstra que ele tinha algum interesse em assuntos pelo menos relacionados ao Grande Ano.



(a) 75 d.C. Cena do *Diálogo*.



(b) 335 a.C. Alexandre conquista a Grécia.



(c) 1200 a.C. Guerra de Troia?

Figura 4.2.2: Cartas estelares mostrando, em diversas datas, a posição do equinócio de primavera ♈ (Y no mapa) em relação ao zodíaco. Notar que os contornos das constelações são *modernos*, definidos pela IAU, portanto as figuras devem ser tomadas meramente como ilustrativas da dificuldade de separar, pelo argumento do Grande Ano, uma era que seria de Ulisses de uma outra que seria, ao mesmo tempo, de Demóstenes e Apro.

ximidade entre seus contemporâneos e Demóstenes, e acabaria dizendo que eles estão, na verdade, em épocas fundamentalmente distintas. Sob essa ótica, aliás, talvez a fronteira objetiva entre as épocas de que falamos acima não seja tanto a de um tempo cronológico, ainda que cósmico – afinal, mesmo Demóstenes e Cícero estariam em meses diferentes (enquanto no texto eles aparecem como análogos igualmente antigos ou não antigos) –, mas a fronteira do tempo político, separando os oradores entre aqueles de um regime de liberdades públicas e aqueles de uma tirania, separando Demóstenes de todos os que o sucederam na Grécia após a conquista macedônica, separando o republicano Cícero de todos os que o sucederam na Roma do Principado. Pela política ou pelo cosmos, tanto Cícero como Demóstenes provam-se, no enredo do *Diálogo*, elementos de transição, obstruindo a tentativa de Apro de capturá-los para um campo bem definido, dos "modernos".

Os discursos de Apro são precisos demais, seja na divisão dos argumentos, seja no uso da teoria tópica, até mesmo na quantificação dos próprios números, para que nos autorizemos a pensar que alguma coisa esteja neles por acaso. Não fosse isso, o alerta do narrador em Tac. *Dial.*, 2.1, quanto à formação literária de Apro, e a observação de Materno em Tac. *Dial.*, 16.3, de que os discursos estavam preparados havia muito tempo, não nos permitem tomar levianamente os argumentos apresentados, nem sequer aquilo que, talvez por ser considerado um mero detalhe, ainda não tenha chamado a atenção de outros intérpretes, como a duração do *Magnus Annus* – tanto quanto eu saiba, este é o primeiro trabalho a explorar o tópico. Os defeitos da argumentação de Apro, portanto, são significativos em sentido literário, são produtores de significado, tema que discutiremos na próxima seção.

4.3 Tácito realiza um programa retórico

Tácito está sempre dizendo sem dizer, e o método que utiliza no *Diálogo dos Oradores* para comentar a *Institutio* é deixar Apro discursar "livre", ou melhor, sem que saibamos exatamente até que ponto o que fala é artifício do autor ou reprodução do que uma personalidade histórica ou personagem tipificada – se não o próprio Apro, uma assemelhada a Apro, um orador-advogado típico da época – diria ou disse. Sabemos, no entanto, que há estratégia em fazer figurarem no *Diálogo* certas falas e não outras (e em publicar esse *Diálogo* e não outro), daí dizermos que Tácito comenta, ou polemiza, ou debate a *Institutio*, e não apenas que nos dá material para fazê-lo.

Mas o que ele pretende com isso?

Será que ele quer deixar Apro cometer deslizes livremente para ironizar esses oradores profissionais que atuam como advogados no fórum? Ora, Apro era de fato muito bem articulado e preparara-se havia longo tempo para o debate (Tac. *Dial.*, 16.3: *ipse satis manifestus est iam dudum in contrarium accingi*[91]); no entanto, dados os problemas argumentativos que levantamos, essa longa preparação somente reforçaria sua hipotética falta de intimidade com matérias mais fundamentais ou intelectualizadas. Ademais, se Tácito é partidário dos preceitos de Quintiliano, a divergência sistemática de Apro equivaleria, em sua visão, a uma constante incursão no *erro*, o que desmoralizaria esse orador.

Pode ser.

Não obstante, também pode ser que Apro não seja ironizado, mas ironize os oradores-advogados. Da mesma maneira como mostramos, no início da Seção 4.2, que a menção a Nicóstrato inevitavelmente leva o público a pensar na *Institutio Oratoria*, o comentário de Materno sobre Apro discursar pela parte contrária sem necessariamente concordar com ela (Tac. *Dial.*, 24.2: *ac ne ipse quidem ita sentit, sed [...] sumpsit sibi contra dicendi partes*[92]) ativa nossa lembrança de Antônio no *De Oratore*, independentemente de uma mudança de posição de Apro – cuja expectativa é gerada pela de Antônio[93] – não se confirmar; é, de fato, lícito pensar que Apro poderia ser uma emulação escondida de Antônio, ainda mais, pois uma referência extremamente direta a ele (e a Crasso) ocorrera já no prefácio do *Diálogo*, quando Tácito afirmara que Apro mais desprezava que desconhecia as letras (Tac. *Dial.*, 2.2: *contemnebat potius litteras quam nesciebat*); no preâmbulo do livro II de seu diálogo, Cícero diz:

> *magna [...] opinio fuit L. Crassum non plus attigisse doctrinae quam quantum prima illa puerili institutione potuisset, M. autem Antonium omnino omnis eruditionis expertem atque ignarum fuisse; erantque multi qui, quamquam nequaquam ita se rem habere arbitrarentur, tamen, quo facilius nos incensos studio discendi a doctrina deterrerent, libenter id quod dixi de illis oratoribus praedicarent*[94] *[...]. sed fuit hoc in utroque eorum, ut Crassus non tam existimari uellet non didicisse quam illa despicere et nostrorum homi-*

[91] *Ele mesmo deixou bastante claro que faz tempo se pôs de prontidão para o contraditório.*

[92] *Nem mesmo ele pensa desse jeito, ele só tomou para si [...] discursar pela parte contrária.*

[93] No *De Oratore*, Antônio discursara contra Crasso ludicamente, para "roubar seus alunos"; em seguida, muda de posição e concorda com o amigo. No Capítulo 5, Seção 5.3, abordaremos com mais detalhes essa mudança de posição.

[94] Esse trecho do *De Oratore* é interessante também por destacar a operação de um *fatiche*. De acordo com Cícero, havia a crença comum de que grandes oradores da época não possuiriam uma formação intelectual profunda, a qual ele diz ser falsa. Porém, ela é de certa forma verdadeira, pois, segundo Cic. *de Orat.*, II.4, tanto um discurso aparentemente desprovido de elementos eruditos seria melhor aceito pelo povo, que manter tal aparência era de fato uma estratégia persuasiva de Crasso e Antônio. Cícero diz que muitos reafirmavam essa crença sem acreditar em absoluto nela, entendendo que a preocupação dessas pessoas era evitar que ele desenvolvesse uma afetação de intelectualismo excessivo, justamente para que, na visão delas, viesse a ser um bom orador. Para usar o vocabulário de Latour, é como se ele compreendesse (Antônio e Crasso certamente compreendiam) que as pessoas até acreditavam na crença, ainda que muitas não ingenuamente, mas como *fatiche*, e por isso a "crença" funcionava.

> *num in omni genere prudentiam Graecis anteferre; Antonius autem probabiliorem hoc populo orationem fore censebat suam, si omnino didicisse numquam putaretur; atque ita se uterque grauiorem fore, si alter contemnere, alter ne nosse quidem Graecos uideretur*[95]. (Cic. *de Orat.*, II.1-2;4)

O intertexto desse trecho com Tac. *Dial.*, 2.1-2 é óbvio e não carece de maior comentário.

Assim, torna-se verossímil que Apro esteja realmente discursando pela parte contrária, sem, no entanto, chancelá-la, e se isso for verdade, o trecho em que descreve as origens de Éprio Marcelo e Víbio Crispo, em Tac. *Dial.*, 8.1-3 (o qual já víramos, ao final da Seção 1.2.2, página 32, que contém uma invectiva contra esses *delatores*) passa a ser atribuível ao *ingenium* de Apro (dentro da convenção de realismo da obra), não apenas de Tácito! Junte-se a isso a possível zombaria sobre o estado de saúde de Messala Corvino, em Tac. *Dial.*, 20.1, a qual Zwierlein (1997) argumenta ser uma glossa intrusiva errada[96], tanto ela se caracterizaria como uma fanfarronice (*scurrilitas*), e temos o Apro oposto àquele que discernimos à página 131, no parágrafo da linha 13, que era vítima, e não perpetrador da ironia tacitiana.

Essas conclusões contraditórias, que dependem de pequenas variações sobre como interpretamos os elementos do enredo para que se invertam completamente, não devem nos surpreender de modo algum. O *Diálogo dos Oradores*, tomado como uma obra ensimesmada, é mesmo aporético[97]. Por esse motivo, não analisaremos mais o texto em si, neste final de capítulo, mas apenas chamaremos a atenção a um efeito retórico conseguido por Tácito.

Assim sendo, veremos no Capítulo 5 que, pelo menos no que tange a Materno, ler o *Diálogo dos Oradores* em paralelo com o *Fedro* de Platão pode vir a ser extremamente produtivo. É bem verdade que ali encontraremos evidências que fazem do possível intertexto entre falas de Materno e de Sócrates uma *causa provável*, mas mesmo aqui vale a pena inquirirmos o que o diálogo platônico pode nos aportar para melhor apreciarmos o de Tácito, nem que seja para que especulemos, sem compromisso, sobre como um público

[95] *Havia a crença disseminada de que Lúcio Crasso não teria adquirido conhecimentos retóricos para além do que obtivera na educação primária, e que Marco Antônio, por sua vez, era desprovido e total desconhecedor de toda cultura erudita; e havia muitos que, ainda que de nenhuma maneira acreditassem que a situação fosse essa, viriam prontamente dizer isso que falei sobre esses oradores, a fim de com mais facilidade desincentivarem a nós, entusiasmados com os estudos, de aprendermos da retórica [...]. Porém, o que ocorria com eles dois era que Crasso pretendia ser considerado não como quem não tivesse estudado, mas como quem desprezasse essas coisas e em todos os aspectos preferisse o senso comum do nosso povo à Grécia; e Antônio julgava que um discurso seu tornar-se-ia mais verossímil para o povo sobretudo se achassem que ele nunca estudara, e que assim ambos viriam a ter mais respeitabilidade, se um parecesse que desprezava os gregos, e outro que nem sequer os conhecia.*
Texto latino extraído de Kumaniecki (1995).

[96] Ver ainda a Nota xvii do Capítulo 3.

[97] Lembremo-nos da Nota 13 acima: graças às convenções literárias que Tácito adota no texto, grande parte das questões abertas pelas relações entre seus elementos equivalem ao problema clássico da lógica de saber se o enunciado *esta afirmação é falsa* é verdadeiro.

exposto à tríade *Fedro*, *De Oratore* e *Diálogo dos Oradores* poderia reagir às ambiguidades de Apro.

Ora, uma ideia muito cara a Sócrates, e que consta no *Fedro*, é que as técnicas precisam estar informadas pelo conhecimento de mundo, e que o conhecimento vem do diálogo, tanto de conversas banais (ἀδολεσχίαι), como de discussões mais elevadas, especulativas (μετεωρολογίαι), portanto as grandes técnicas – dentre elas a arte retórica – não podem prescindir da pesquisa por meio do diálogo entre pessoas.

> πᾶσαι ὅσαι μεγάλαι τῶν τεχνῶν προσδέονται ἀδολεσχίας καὶ μετεωρολογίας φύσεως πέρι· τὸ γὰρ ὑψηλόνουν τοῦτο καὶ πάντῃ τελεσιουργὸν ἔοικεν ἐντεῦθέν τοθεν εἰσιέναι. ὅ καὶ Περικλῆς πρὸς τῷ εὐφυὴς εἶναι ἐκτήσατο· προσπεσὼν γὰρ οἶμαι τοιούτῳ ὄντι Ἀναξαγόρᾳ, μετεωρολογίας ἐμπλησθεὶς καὶ ἐπὶ φύσιν νοῦ τε καὶ ἀνοίας ἀφικόμενος, ὧν δὴ πέρι τὸν πολὺν λόγον ἐποιεῖτο Ἀναξαγόρας, ἐντεῦθεν εἵλκυσεν ἐπὶ τὴν τῶν λόγων τέχνην τὸ πρόσφορον αὐτῇ.[98] (Plat. *Phaedrus*, 269e-270a)

Naturalmente, surge daí uma discussão sobre a escrita (a partir de Plat. *Phaedrus*, 274b), afinal, a ela falta uma característica essencial para a aquisição do conhecimento, que é a capacidade de dialogar. Em Plat. *Phaedrus*, 274c-275b, por exemplo, Sócrates narra um conto egípcio em que o deus Amon ensina que a escrita (inventada por Tot) não é um instrumento de conhecimento e nem de memória, mas somente de recordação; isto é, escrever é muito bom para relembrar aquilo que já aprendemos pelo diálogo e, pela memória, absorvemos. O grande problema, completa Sócrates, é que a escrita é inerte. Se perguntamos para um texto sobre algo que ele disse, responderá exatamente com as mesmas palavras que não havíamos entendido direito; se o invectivarmos e o injustiçarmos (ou seja, se discordarmos, ou tirarmos dele conclusões espúrias), ele tampouco nos corrige e se defende.

> δεινὸν γάρ που, ὦ Φαῖδρε, τοῦτ' ἔχει γραφή, καὶ ὡς ἀληθῶς ὅμοιον ζωγραφίᾳ. καὶ γὰρ τὰ ἐκείνης ἔκγονα ἕστηκε μὲν ὡς ζῶντα, ἐὰν δ' ἀνέρῃ τι, σεμνῶς πάνυ σιγᾷ. ταὐτὸν δὲ καὶ οἱ λόγοι: δόξαις μὲν ἂν ὥς τι φρονοῦντας αὐτοὺς λέγειν, ἐὰν δέ τι ἔρῃ τῶν λεγομένων βουλόμενος μαθεῖν, ἕν τι σημαίνει μόνον ταὐτὸν ἀεί. ὅταν δὲ ἅπαξ γραφῇ, κυλινδεῖται μὲν πανταχοῦ πᾶς λόγος ὁμοίως παρὰ τοῖς ἐπαΐουσιν, ὡς δ' αὔτως παρ' οἷς οὐδὲν προσήκει, καὶ οὐκ ἐπίσταται λέγειν οἷς δεῖ τε καὶ μή. πλημμελούμενος δὲ καὶ οὐκ ἐν δίκῃ λοιδορηθεὶς τοῦ πατρὸς ἀεὶ δεῖται βοηθοῦ, αὐτὸς γὰρ οὔτ' ἀμύνασθαι οὔτε βοηθῆσαι δυνατὸς αὐτῷ.[99] (Plat. *Phaedrus*, 275d-275e)

[98] *Toda e qualquer técnica importante necessita, adicionalmente, de conversa e de especulação sobre a natureza, pois é de algum lugar delas que surge a elevação do espírito e a capacidade de levar as coisas a cabo. Isso também Péricles tinha à disposição, para além da sua natureza talentosa, ao ter topado, penso, com Anaxágoras (que era bem desse tipo), imbuído-se de especulação, e ter abordado a natureza da mente e da falta de pensamento, assuntos dos quais Anaxágoras muito falava, do que trouxe para a técnica do discurso o que lhe era apropriado.*
Texto grego extraído de Yunis (2011). Nas demais citações do *Fedro* nesta seção, a edição crítica será a mesma.

[99] *De certo modo, Fedro, a escrita tem essa estranheza, que na verdade é igual à pintura. Com efeito,*

Que tipo de discurso, então, vale a pena aprendermos? A resposta é taxativa:

> ὃς μετ' ἐπιστήμης γράφεται ἐν τῇ τοῦ μανθάνοντος ψυχῇ, δυνατὸς μὲν ἀμῦναι ἑαυτῷ, ἐπιστήμων δὲ λέγειν τε καὶ σιγᾶν πρὸς οὓς δεῖ.[100] (Plat. *Phaedrus*, 276a)

Aquele que se escreve não no papel (nem no papiro), mas na mente, através do conhecimento sistematizado que se adquire por meio do estudo, o que na filosofia socrática é chamado episteme (ἐπιστήμη)[101]. É claro que esse é o discurso vivo da pessoa que aprendeu (Plat. *Phaedrus*, 276a: τὸν τοῦ εἰδότος λόγον [...] ἔμπυχον), do qual o escrito no papel é um mero reflexo (εἴδωλον).

Isso gera um problema inusitado para os oradores, mas de extrema relevância para os *escritores*. A retórica antiga preocupava-se sobretudo com a produção de discursos orais, de modo que pouquíssima teoria há sobre gêneros que sejam fundamentalmente escritos, como a historiografia. Ambrosio (2005), em seu Capítulo II, estuda como os exórdios das obras historiográficas cumpriam a função de trazer para o texto a *fides* e a *auctoritas* do escritor, que, de resto, deveria assumir uma postura de neutralidade em relação aos acontecimentos narrados; oralmente, a própria pessoa do orador, sua presença física, voz e postura, dão ao que se diz a credibilidade que, na origem, é do orador. Uma questão relacionada a essa é como trazer para a escrita aquelas habilidades que, segundo Sócrates, o discurso precisa ter para: dizer ou calar a quem deva; explicar com outras palavras aquilo que não ficou claro; defender-se, se atacado; e corrigir quem dele extrair conclusões impertinentes.

Desconheço se houve na Antiguidade algum tratamento sistemático dessas questões, entretanto, nós sabemos que há uma série de recursos que podem ser usados para amenizar as supostas insuficiências da palavra escrita. Existe a linguagem cifrada, os hermetismos e o jargão especializado, que fazem com que um texto somente se revele a uma comunidade de iniciados que tenha adquirido, por outros meios, os conhecimentos necessários para fazer bom uso do discurso escrito (pensem, por exemplo, em um moderno artigo de análise matemática), existe a literatura engajada, que produz gêneros de ficção que debatem questões sociais ou políticas sem assumir a responsabilidade de se apresentar como

---

as suas criações se apresentam como seres vivos, mas se lhes perguntas algo, solenemente se calam por completo. O mesmo também com as palavras: se, como se elas conscientemente expressassem as suas opiniões, questionas algo do que dizem, a fim de entender, revelam sempre a mesma e única coisa. E tão logo tenhas escrito, toda palavra passa a circular de um lado a outro, da mesma forma para os que lhe dão ouvidos como para aqueles que não prestam nenhuma atenção, sem saber falar àqueles que seja ou não preciso; injustiçadas e ultrajadas em um tribunal, necessitam sempre do socorro do seu pai, pois elas mesmas não podem nem se defender nem se socorrer.

[100] *Aquele que se escreve por meio do estudo sistemático na mente do estudante, capaz por um lado de proteger a si mesmo, e por outro sabendo sistematicamente tanto falar como silenciar diante de quem seja preciso.*

[101] Em oposição, por exemplo, ao conhecimento da experiência prática, a empiria (ἐμπειρία).

um discurso teórico sobre a verdade, e há o estilo: uma escrita "difícil", muito intrincada ou excessivamente lacônica, pode não revelar nenhum sentido, a menos que o leitor comprometa energia e atenção suficientes, esforço que, no melhor caso, pode garantir que nenhuma interpretação se faça sobre ele que não tenha sido cuidadosamente analisada, e que, no pior, pelo menos dissuade os pouco interessados.

É tentador imaginar que Tácito possa estar experimentando técnicas de uma retórica escrita a fim de superar as dificuldades interpostas por Sócrates, fazendo com que também aquilo que é grafado no papel, de algum modo, imprima-se na mente do leitor (ἐν τῇ ψυχῇ γράφεσθαι). Costumamos achar que o melhor texto seja aquele que é o mais claro possível, mas talvez isso somente se verifique quando o empregamos enquanto instrumento de recordação para os que já sabem; para a descoberta, a melhor forma de escrever talvez seja a que levante dúvidas, as melhores e mais numerosas, pois a dúvida enseja o diálogo, nem que seja do leitor consigo mesmo, através de outros conhecimentos que já possua e de outros textos dos quais se recorde. Tácito, um homem que estava transitando da oralidade para a escrita conforme abandonava o fórum para dedicar-se à historiografia[102] – aliás em boa medida como sua personagem Materno[103] –, deve ter lidado com uma série de questões acerca da expressividade do estilo e dos possíveis sentidos de suas publicações que provavelmente não lhe sobrevinham quando preparava ações judiciais que sustentaria em pessoa. Se a hipótese que levanto não corresponde ao que ele teria intentado, no mínimo posso garantir que, no que concerne à crítica moderna, foi o que de fato conseguiu. Para nosso enorme benefício, é claro.

[102]Breitenbach (2010) argumenta que Tácito aproveita do *Diálogo dos Oradores* para declarar sua intenção de abandonar a atividade forense e passar a se dedicar ao gênero historiográfico: (p. 161): *die Hinwendung des Curiatius Maternus zur Dichtung wird also nachgerade sokratisch mit der ursprünglichen Einheit von Dichtung und Rhetorik begründet. Die auffallende Parellele in der Biographie des Tacitus, seine eigene Hinwendung zur Historiographie, der der Dichtung am nächsten stehenden Literaturform, lässt wenigstens die Vermutung zu, dass Tacitus im* Dialogus de Oratoribus *über das Verhältnis der verschiedenen literarischen Gattungen reflektiert und sich so selbst einen bunten Reigen von Spielarten der* eloquentia *eröffnet.*
A mudança de Curiácio Materno em direção à poesia é assim justificada, de modo quase socrático, com a unidade original entre poesia e retórica. O paralelo marcante na biografia de Tácito, sua própria mudança em direção à historiografia, gênero literário que mais se aproxima da poesia, permite, no mínimo, a suposição de que Tácito, no Diálogo dos Oradores, *reflete sobre a relação entre os diversos gêneros literários e assim franqueia para si próprio uma série multicolor de variações da* eloquentia.

[103]Materno deixava o fórum para dedicar-se às tragédias; entretanto, especula-se que a tragédia romana do séc. I possa ter sido um gênero escrito, elaborado para ser lido, não encenado. Leo (1878, p. 158): *istae uero non sunt tragoediae, sed declamationes ad tragoediae amussim compositae et in actus deductae. [...] nimirium a prioribus Romanorum tragicis Seneca et in eligendis argumentis et in tractandis ita discessit, utriusque rei causam ut in studiis rhetoricis sitam esse eluceat.*
Essas, na verdade, não são tragédias, mas declamações compostas em forma de tragédia. [...] não admira, Sêneca se afastou a tal ponto dos trágicos romanos anteriores, tanto na escolha como no tratamento dos enredos, que fica claro que a causa de ambos os fatos está nos estudos retóricos.

Capítulo 5

Questões abertas sobre Materno

5.1 Materno, o sofista?

A Antiguidade nos legou registros de possíveis três senadores romanos do séc. I chamados Curiácio Materno (Barnes, 1981). Além do *Diálogo*, há um fragmento da base de uma estátua inscrito com o nome de um Marco Cornélio Nigrino Curiácio Materno, nativo da Líria, Bética (aproximadamente a atual Andaluzia), governador da Mésia (nos Bálcãs) e da Síria, que fora *adlectum inter praetorios*, ou seja, recebera o grau de pretor. Há, por fim, a fonte que revela a execução de um Materno, que teria ocorrido em 91 d.C., por discursar "contra tiranos". Trata-se de uma única frase em um resumo feito por João Xilifino da *História Romana* de Dião Cássio:

> Μάτερνον δὲ σοφιστήν, ὅτι κατὰ τυράννων εἴπέ τι ἀσκῶν, ἀπέκτεινε.[1] (Dio., 67.12.5) Xilifino.

A mesma passagem, resumida por Zonaras, nem sequer nomeia o sofista:

> καὶ σοφιστήν τινα ὅτι ἀσκῶν μελέτην κατὰ τυράννων συνεγράψατο, θανάτῳ ἐκόλασε.[2] (Dio., 67.12.5) Zonaras.

O resto do passo revela alguns detalhes do clima de paranoia e de como o príncipe agia em processos semelhantes:

[1] *E a um sofista Materno, por ter falado algo contra tiranos em um exercício, [Domiciano] pôs à morte.* Sobre a edição do texto, aqui na epítome de Xilifino, ver a Nota 3.

[2] *E a um certo sofista, pois resolvera redigir como exercício uma declamação contra tiranos, puniu com a morte.* Trecho baseado na epítome de Zonaras, que consta nos manuscritos B e C^C; ver Kragelund (2012, n. 34).

> συνεγίνετο δὲ καὶ αὐτὸς τοῖς κατηγορήσουσι καὶ τοῖς καταμαρτυρήσουσι, καὶ συνέπλαττε καὶ συνετίθει πάνθ' ὅσα λεχθῆναι ἔδει, καὶ πολλάκις καὶ ταῖς δεσμώταις κατὰ μόνας ἐλάλει, τὰ δεσμὰ αὐτῶν ἐν ταῖς χερσὶ κατέχων· οὔτε γὰρ ἄλλοις τὰ λεχθησόμενα ἐπίστευε, καὶ ἐκεῖνους καὶ δεδεμένους ἐδεδίει.[3] (Dio., 67.12.5) Xilifino.

Embora Barnes (1981) cogite a possibilidade de identificar qualquer um desses três Maternos com outro, e mesmo os três deles como uma mesma pessoa, Syme (1985) considera improvável que Cornélio Nigrino seja o Curiácio Materno do *Diálogo*, nem mesmo pai ou filho adotivo dele; pela análise do nome e de registros consulares romanos, estima que Nigrino tenha sido, na realidade, filho de uma Curiácia, suposta irmã de nosso orador e dramaturgo Curiácio (Syme, 1985, p. 193)

Restaria, portanto, avaliar se o Materno do *Diálogo* é o mesmo citado por Dião. Quanto à confiabilidade dessa fonte, primeiro é importante ter em mente que a *História Romana* foi composta no início do séc. III, talvez uns 150 anos após a execução que menciona; depois, o trecho em análise, no livro 67, não sobreviveu à passagem do tempo, sendo o texto de que dispomos baseado nos epítomes de Zonaras e de Xifilino, datadas do séc. XI e notórias por suas imprecisões. Segundo Xilifino, por exemplo, Agrícola teria sido assassinado por Domiciano (Dio., 66.20.3), enquanto o genro desse general, o próprio Tácito, em primeira mão (inclusive descrevendo em detalhes o último dia e o velório de seu sogro; ver Tac. *Ag.*, 43), nos diz que ele teria vivido o resto de sua longa vida em paz e teria homenageado Domiciano em seu testamento; Tácito ainda considera o sogro feliz por não ter visto as atrocidades que ocorreriam posteriormente a sua morte (Tac. *Ag.*, 45.3), no final do reinado desse imperador.

Por outro lado, essa diferença no tocante a Agrícola indica que Dião não deve ter tido contato com os *opera minora* de Tácito – como vimos na Seção 1.2, a transmissão dessas obras deve ter sido precária já na Antiguidade, indicando sua saída de circulação prematura. Assim, podemos no mínimo considerar a *História Romana* e o *Diálogo* como fontes independentes[4]. Isso é bom, pois aumenta de uma linha para uma linha e algumas entrelinhas o total de evidências de que um Materno, senador romano do séc. I, teria sido executado por Domiciano, por expressar-se "contra tiranos". Tais evidências quase são suficientes para nos convencer da veracidade do fato, dada a gravidade de se executar um senador importante.

[3] *Ele [o príncipe] também se mancomunava com os acusadores e as testemunhas de acusação, combinando e ajustando tudo quanto precisasse ser dito, e muitas vezes conversava com os prisioneiros em privado, segurando as amarras em suas próprias mãos; pois também não confiava a outros o que viria a ser dito, temendo aos primeiros mesmo acorrentados.*
O texto das citações baseadas em Xilifino é aquele estabelecido por Dindorf (1864), o qual coincide com Foster (1914); tais edições encontram-se disponíveis por meio do Projeto Perseus.

[4] Em acréscimo, há pesquisas indicando que as leituras e posteriores epítomes que Xilifino e Zonaras fizeram da *História Romana* também podem ser tomadas como independentes, mesmo que Zonaras tenha utilizado o trabalho de Xilifino como auxílio (Kragelund, 2012, p. 502 e n. 35).

As dúvidas remanescentes sobre identificar esse Materno executado com o nosso Curiácio foram satisfatoriamente dirimidas por Kragelund (2012). Em suma, o pesquisador aborda as objeções de que **1.** Tácito não oferece evidências positivas sobre Materno ter encontrado um fim trágico, apenas indicando, por meio de convenções de gênero, que Curiácio encararia seu momento derradeiro (possivelmente motivado pela política) logo após a cena do *Diálogo* (ver Seção 5.2 adiante); **2.** o Materno de Tácito era um senador, o de Dião, um sofista, posições sociais inconciliáveis na Roma do primeiro século; **3.** o Materno de Dião morre por volta de 15 anos após os eventos que interessam ao *Diálogo dos Oradores*, ao passo que as convenções de gênero de que falamos acima sugerem uma morte próxima; e **4.** a natureza do crime alegado em um e outro caso aparenta ser diferente, pois no *Diálogo* temos uma tragédia recitada, e na *História*, a nítida impressão de uma declamação escrita ou proferida.

A isso responde: **1.** as convenções literárias mobilizadas por Tácito sugerem muito insistentemente que Materno aproximava-se da morte (como Crasso, no *De Oratore*, e Sócrates, no *Banquete*, e Helvídio Prisco, citado no próprio *Diálogo*), além disso, a pouca contextualização que Tácito oferece em seu preâmbulo indica que os acontecimentos de 75 d.C. ainda deveriam ser amplamente lembrados no início do séc. II, portanto devem ter tido consequências severas; **2.** no grego de Dião (séc. III), a palavra σοφιστής, 'sofista', não tinha o mesmo valor depreciativo de 150 anos antes e referia-se àqueles que possuíam excelência retórica e amplos conhecimentos literários e filosóficos, portanto era aplicável a um senador[5]; a isso acrescento que a acusação poderia muito bem ter feito uso da tática de atribuir ao senador um comportamento *típico de sofista* (aliás, o que se fez contra Sócrates), comportamento que por si só seria escandaloso e que poderia ter motivado um equívoco, por parte de Dião, entre acusações de parecer ou de ser um sofista; **3.** era muito comum que processos contra senadores de oposição durassem anos, mesmo décadas; e **4.** os manuscritos remanescentes encontram-se muito danificados na passagem que explica o processo contra o sofista Materno, alguns trazendo como motivo ter redigido uma declamação em prosa (μελέτην συνεγράψατο, Zonaras), outros ter falado algo (εἴπέ τι, Xilifino), mas em ambos os casos no que parece ter sido um ambiente lúdico ou escolar, compatível com a *declamatio* (ἀσκῶν aparece tanto em Zonaras como em Xilifino[6]). Ora, Curiácio Materno começara a colecionar problemas ao *recitar* sua tragédia em uma *recitatio* (o que pode explicar a impressão que o grego ἀσκῶν passa de que o crime ocorreu em uma seção de *declamatio*), antes, portanto, de publicá-la por escrito, de modo que ele poderia estar sendo acusado tanto de falar como de escrever, se não de ambos. Em vista de tamanhas incertezas, por fim, não se poderia tomar como decisiva a

[5]Na linguagem de Dião, o próprio Cícero fora um sofista, poeta, filósofo, rétor, compositor (Dio., 46.21.4), ou seja, "tudo que não presta", para ouvidos romanos.

[6]Ver Bailly, *s.v.* **ἀσκέω** II, 'praticar', 'treinar' uma técnica ou arte, 'exercitar-se' nela.

precisão marcada no epítome de Zonaras, e apenas nele, quanto à escrita ter sido em prosa e não em poesia (συγγράφειν em oposição a ποιεῖν, ver Bailly, *s.v.* **συγγράφω** I.1; essa mesma referência também registra o uso, embora raro, de συγγράφω para a poesia, o que nos demove ainda mais de ler Zonaras como uma descrição decisivamente precisa).

Kragelund (2012) conclui que é bastante provável que o Materno do *Diálogo* seja aquele 'sofista' executado; e ainda, que ele tenha sido mais um desses casos muito comuns de pensadores que caem em desgraça sob um regime autoritário e, posteriormente à queda desse regime, acabam reabilitados no meio cultural da sociedade em que viveram. Tal é a hipótese que assumimos neste trabalho.

5.2 Testamento de Materno, testamento de Sócrates?

Essa hipótese não é de pouca consequência. Com efeito, estabelecer que Materno viria a perder a vida se não logo após a cena do texto, pelo menos por conta de um processo que estava para começar imediatamente, insere o *Diálogo dos Oradores* em uma tradição literária em que a personagem principal de um diálogo está prestes a morrer. No *De Oratore*, por exemplo, Crasso, Antônio e Cévola, bem como os jovens Cota e Sulpício, reunidos no retiro de Crasso durante os jogos de 91 a.C.[7], põem-se a falar de retórica justamente para relaxar da discussão tensa que tiveram no dia anterior, sobre a deterioração da situação política em Roma, o que, em desfavor de Crasso e de seus aliados, resultaria na Guerra Social (91 a.C. a 88 a.C.); Crasso, que na cena do *De Oratore* já dava sinais de preocupação com sua saúde, morreria naquele mesmo ano.

Antes da conversa, no entanto, essas personagens passeiam pelo retiro e decidem sentar-se à sombra de um plátano, divertindo-se com a ideia de imitar o que fizeram Sócrates e Fedro na obra de Platão intitulada *Fedro* (Cic. *de Orat.*, I.28), que dentre outros temas tratava também de retórica. Ora, o *Fedro* é um dos diálogos platônicos em que se fala do ciclo de vida e de morte e imortalidade da alma, terminando, justamente, com uma prece de Sócrates sobre o que esperar da vida:

> ΣΩΚΡΑΤΗΣ: ὦ φίλε Πάν τε καὶ ἄλλοι ὅσοι τῇδε θεοί, δοίητέ μοι καλῷ γενέσθαι τἄνδοθεν· ἔξωθεν δὲ ὅσα ἔχω, τοῖς ἐντὸς εἶναί μοι φίλια. πλούσιον δὲ νομίζοιμι τὸν σοφόν· τὸ δὲ χρυσοῦ πλῆθος εἴν μοι ὅσον μήτε φέρειν μήτε ἄγειν δύναιτο ἄλλος ἢ ὁ σώφρων.[8] (Plat. *Phaedrus*, 279b-c)

[7] Durante a celebração dos jogos não havia sessões do Senado, dando aos senadores a oportunidade de afastarem-se de Roma para descansar.

[8] *SÓCRATES: Ó caro Pã e igualmente outros deuses quantos forem, concedei-me que o que é de dentro tenha chegado a ser belo, e quanto eu tenha que é de fora seja-me caro ao de dentro. Que eu considere rico o sábio, e o montante de riquezas quanto eu possua que ninguém possa recolher nem levar consigo*

Isso nos lembra que Materno também faz uma espécie de prece, uma volição de fim de vida, arrisco dizer que um testamento, ao final de seu primeiro discurso:

> "me uero dulces *[...]* Musae*, remotum a sollicitudinibus et curis et necessitate cotidie aliquid contra animum faciendi, in illa sacra illosque fontis ferant. nec insanum ultra et lubricum forum famamque †fallacem† trepidus experiar [...], nec plus habeam quam quod possim cui uelim relinquere quandoque [enim fatalis et] meus dies ueniet, statuarque tumulo non maestus et atrox, sed hilaris et coronatus, et pro memoria mei nec consulat quisquam nec roget.*[9] " (Tac. *Dial.*, 13.5-6)

Não há aí alguma semelhança entre as duas falas? Por certo, não encontramos um intertexto próximo entre as passagens, como aqueles que temos notado ao longo deste trabalho entre o *Diálogo* e a *Institutio Oratoria*, nem tampouco entre o *Diálogo* e o *De Oratore*, já extensamente mapeados (Keeline, 2018); na realidade, há mesmo algum distanciamento, à medida que Materno centra sua quase prece no caso particular de sua renúncia ao fórum. Quanto à fala de Sócrates, está presente o idiomatismo φέρειν ... ἄγειν, o qual possuiu equivalência no latim já do séc. I a.C., *ferre ... agere*, ou *portari ... agi* (Bailly, *s.v.* **ἄγω** IV.2); trata-se de levar, conduzir objetos (*fero* ou *porto*, φέρω) e pessoas ou animais (*ago*, ἄγω), dando a ideia de 'reunir e manter posses', conforme a imagem do sujeito que leva consigo uma caravana de pessoas, animais e coisas que tem como propriedade[10]. Materno não apenas não emula o idiomatismo, como ainda se utiliza de um verbo que dá a ideia contrária à de 'levar consigo' quando fala do quanto deve possuir de bens materiais: *relinquere*, 'deixar'.

Não obstante, do ponto de vista temático há um paralelo instigante entre os dois trechos: imprecação a Pã, deus dos bosques e das florestas, e às outras divindades da localidade (Sócrates e Fedro passeavam em meio à natureza, longe dos muros de Atenas), ou às musas que levarão aos *nemora et luci* que Materno tanto deseja (Tac. *Dial.*, 12.1); preocupação em tornar-se bom na alma, no caso de Sócrates (καλῷ γενέσθαι τὰ ἔνδοθεν), e de não mais agir *contra animum* no caso de Materno; adequação dos bens exteriores aos interiores (τὰ ἔξωθεν τοῖς ἐντός εἶναι φίλια) para um, *nec insanum et lubricum forum famamque fallacem trepidus experiar* para o outro, tendo em conta que era usando da

---

senão o comedido.

Texto grego extraído da edição crítica de Yunis (2011).

[9] "A mim, porém, as doces musas *[...] levem às suas grutas e aos seus santuários, afastado das atribulações e das preocupações e da necessidade de todo dia fazer algo a contragosto. E mais: que eu não me afobe a provar do fórum doentio e traiçoeiro e da fama enganadora [...], que eu não possua mais que aquilo que possa deixar a quem quiser no momento em que chegar a minha hora, que no túmulo minha estátua não seja pesarosa nem severa, mas alegre e enfeitada, e pela minha memória que ninguém proponha nem vote homenagens públicas."*

[10] Em outros contextos, ἄγειν ... φέρειν também poderia ser usado para a ideia de saque de cidades atacadas (Bailly, *s.v.* **ἄγω** IV.2).

lucrosa eloquentia forense (Tac. *Dial.*, 12.2) que os oradores do tempo de Materno enriqueciam[11]; e por último esse despojamento em relação aos bens materiais, de contentar-se com o pouco que se guarda para o uso cotidiano geral, que tanto é o que somente uma pessoa moderada acumula (μήτε φέρειν μήτε ἄγειν δύναιτο ἄλλος ἢ ὁ σώφρων), quanto aquilo que se pode deixar, quando for a hora, a quem quiser (*cui uelim relinquere quandoque meus dies ueniet*).

De fato, há até mesmo bons motivos para que o intertexto seja discreto[12]; segundo discutiremos à frente, é do interesse de Tácito que a alusão de Tac. *Dial.*, 13.5-6 ao testamento de Sócrates em Plat. *Phaedrus*, 279b-c seja uma possibilidade em aberto, não um dado irrefutável. Contudo, mesmo que o autor se esforce para dificultar a demonstração da *veritas* do jogo alusivo, que dizer de sua *probabilitas*?

É fundamental considerar que o público leitor do *Diálogo* conhecia o trabalho de Cícero – ao qual Tácito alude com insistência –, que por sua vez, como vimos, cita nominalmente o *Fedro*; se Sócrates era o modelo de homem íntegro que, como Materno estava inclinado a fazer, escolhe a virtude sobre a vida – e veremos abaixo que esse é o caso no *De Oratore* –, não seria razoável que o leitor romano do *Diálogo dos Oradores* se perguntasse se o texto em mãos não estaria fazendo alguma alusão ao *Fedro*, dada a correlação de temas e o próprio fato de ambos os discursos terminarem em uma espécie de testamento? E ainda: não é mais verossímil imaginar que pelo menos alguns leitores romanos poderiam, no mínimo, se recordar de um dos textos ao lerem o outro, do que o contrário? Sobre a *probabilitas* de uma interpretação, é tudo que digo.

Resta, no entanto, que se o público do *Diálogo* era de leitores habituados a desconfiar – daqueles que escrutinam um texto em busca de significados ocultos –, as próprias regras do jogo entre *hermenêutica da suspeita* e *poética da conspiração* de que falamos na Parte I deste trabalho fariam com que Tácito precisasse integrar em sua estratégia discursiva não apenas as alusões efetivamente feitas, mas também tudo aquilo que, de alguma maneira, pudesse parecer alusivo ou significante. Torna-se menos importante decidir se as duas volições estão em um intertexto especialmente pretendido pelo autor do que entender como o sentido da fala de Materno se altera em contraste ou não com a de Sócrates, sobretudo porque o ponto que estamos discutindo é especialmente sensível ao ângulo pelo qual o analisamos.

[11] O passo traz ainda *nec incertus futuri testamentum pro pignore scribam.* Se se tratar, conforme comentado na Nota de Tradução 21, de incluir o imperador – a quem Materno possivelmente atacara em sua tragédia – como beneficiário de seu testamento a fim de garantir sua correta execução, estaremos diante de outra das incompatibilidades entre o que se tem de material e de espiritual que Materno quer evitar.

[12] Em termos de discrição, este caso não supera a partida de Cévola ao fim do primeiro dia de discursos no *De Oratore*, que emula a da personagem Céfalo n'*A República* de Platão, segundo informa-nos o próprio Cícero em Cic. *Att.*, 4.16.3.

Tomado isoladamente, o testamento de Materno assemelhar-se-ia a um projeto pessoal de bem viver, em particular um alinhado a tendências estoicas. Com efeito, concluímos que a tragédia de Materno deveria ter um forte cunho político por conta de se intitular *Catão* e, justamente, ter "mexido com os nervos de gente poderosa" (Tac. *Dial.*, 2.1), a ponto de seus amigos quererem convencê-lo a torná-la mais "segura" (Tac. *Dial.*, 3.2), além de sua condenação por "falar contra tiranos" (caso Dião esteja falando de nosso Curiácio); entretanto, o teor de seus discursos indica antes uma pessoa que se retira da vida pública: *nemora uero et luci et secretum ipsum [...] tantam mihi afferunt uoluptatem, ut inter praecipuos carminum fructus numerem quod [...] secedit animus in loca pura atque innocentia fruiturque sedibus sacris*[13] (Tac. *Dial.*, 12.1); *ne fortunam quidem uatum et illud felix contubernium comparare timuerim cum inquieta et anxia oratorum uita [...] malo securum et quietum Vergilii secessum*[14] (Tac. *Dial.*, 13.1).

Secretum, *secessum*, *secedit*, todas palavras ligadas à ideia de 'distanciamento', 'isolamento', e na fala de Materno ligadas a *uoluptas*, 'prazer', *securum*, 'seguro', *quietum* 'tranquilo', ao passo que a *oratorum uita* é *inquieta et anxia*. Pode-se objetar que não é da vida pública em geral que Materno deseja afastar-se, mas apenas da atividade judicial. Ocorre que ele também diz *nec comitatus istos et egressus aut frequentiam salutantium concupisco*[15] (Tac. *Dial.*, 11.3). Ora, a *salutatio*, o *egressus* e o acompanhamento em seus trajetos por um grande *comitatus* de *clientes* eram elementos basilares da autoridade de um *patronus*, portanto relevantes não apenas para sua atuação como orador no sentido forense, mas também para seu peso político (Rutledge, 2007). Renunciar a eles implicava, na prática, em abdicar das relações de clientelismo que viabilizavam boa parte das oportunidades de participação política de um cidadão romano pelos meios institucionais, como disputas no fórum e no Senado, as quais continuaram sendo importantes durante o Principado, sobretudo, no caso das últimas, ao longo do primeiro século (Sirks, 2015).

Isso não significa, todavia, que outras maneiras de participação política não institucionais devam ser descartadas, em especial as contestatórias, que são também as mais perigosas. A contradição entre o recolhimento que Materno diz querer e sua militância moral é tão evidente, que Apro não se contém e o interpela (e eu parafraseio): "está aparente que você agiu de caso pensado", *meditatus uideris elegisse personam notabilem et cum auctoritate dicturam*[16] (Tac. *Dial.*, 10.6), "pare com essa desculpa de querer

[13] *Para ser franco, os bosques, as florestas sagradas e o próprio isolamento [...] dão-me tanto prazer, que eu enumeraria como uma das principais recompensas da poesia o fato de que [...] o espírito se distancia para lugares imaculados, inocentes, e desfruta de moradas santas.*

[14] *Eu não temeria comparar sequer a fortuna dos poetas e o seu fecundo círculo com a vida irrequieta e aflita dos oradores [...] prefiro o distanciamento seguro e tranquilo de Virgílio.*

[15] *Não desejo essas comitivas me esperando sair de manhã para me cumprimentarem.* No texto latino grifamos algo que se perdeu na tradução: trata-se da *salutatio*, do *egressus* e do *comitatus*; ver as Notas 16 e 44 da Seção 3.2, bem como as referências Deniaux (2006) e Tatum (2015).

[16] *Parece que planejaste escolher uma personalidade notável, que se manifestaria com autoridade.*

paz e tranquilidade", *tolle igitur quietis et securitatis excusationem cum tibi sumas aduersarium superiorem*[17] (Tac. *Dial.*, 10.7). É inquestionável que Materno está criando problemas com pessoas mais poderosas que ele e usando de um *exemplum* autoritativo, como Catão, para polemizar com elas.

Entretanto, Materno não apenas não intenciona mudar de postura, como nem sequer cogita se desculpar (Tac. *Dial.*, 3.3: *leges tu quid Maternus sibi debuerit, et agosces quae audisti. quod si qua omisit Cato, sequenti recitatione Thyestes dicet*[18]); aos conselhos de Apro de como se explicar da maneira mais convincente, ele responde: *nam statum cuiusque ac securitatem melius innocentia tuetur quam eloquentia*[19] (Tac. *Dial.*, 11.4). Ora, tomada à letra, essa afirmação é chocante de tão ingênua! Como se não bastasse o exemplo recente de Helvídio Prisco (executado a mando de Vespasiano provavelmente em 73 d.C., depois de ter sido exilado duas vezes ao longo da vida (Chisholm, 1911, vol. 13, p. 255)), que mereceu uma citação no próprio *Diálogo* por ter tido sua sabedoria bem articulada, mas com pouco treino, derrotada por Éprio Marcelo (Tac. *Dial.*, 5.7), também o *De Oratore* dá demonstrações de como a inocência *per se* é insuficiente para garantir que os inocentes sejam inocentados. Há o caso de Público Rutílio (Cic. *de Orat.*, I.229-230), que ordenara a Cota que o defendesse de modo estoico, por assim dizer, e não retórico, e teve o mesmo fim que Sócrates.

> *"imitatus est [P. Rutilius] homo Romanus et consularis ueterem illum Socraten, qui, cum omnium sapientissimus esset sanetissimeque uixisset, ita in iudicio capitis pro se ipse dixit, ut non supplex aut reus, sed magister aut dominus uideretur esse iudicum. quin etiam, cum ei scriptam orationem disertissimus orator Lysias attulisset, quam si ei uideretur edisceret ut ea pro se in iudicio uteretur, non inuitus legit et commode scriptam esse dixit. 'sed,' inquit, 'ut si mihi calceos Sicyonios attulisses, non uterer, quamuis essent habiles atque apti ad pedem, quia non essent uiriles', sic illam orationem disertam sibi et oratoriam uideri, fortem et uirilem non uideri."*
>
> *"[...] cuius responso iudices sic exarserunt, ut capitis hominem innocentissimum condemnarent. qui quidem si absolutus esset, quod mehercule, etiamsi nihil ad nos pertinet, tamen propter eius ingenii magnitudinem uellem, quonam modo istos philosophos ferre possemus, qui, nunc cum ille damnatus est nullam aliam ob culpam nisi propter dicendi inscientiam, tamen a se oportere dicunt peti praecepta dicendi? quibuscum ego non pugno utrum sit melius aut uerius, tantum dico et aliud illud esse atque hoc, et hoc sine illo summum esse posse.*[20]*"* (Cic. *de Orat.*, I.231–233)

[17] *Chega, então, da desculpa da tranquilidade e da segurança quando te fores tomar um adversário mais forte.* Para a leitura de *tolle excusationem* no sentido de 'parar de dar uma desculpa', ver OLD, *s.v.* **tollo** 12a, 14c,d.

[18] *Tu vais ler algo que Materno devia a si mesmo, e vais reconhecer aquilo que ouviste. E se Catão omitiu alguma coisa, no próximo recital Tiestes é quem dirá.*

[19] *Ora, a posição e a segurança das pessoas são mais bem resguardadas pela inocência que pela eloquência.*

[20] *"[Público Rutílio,] um homem romano e ex-cônsul, emulou o velho Sócrates, o qual, tendo sido o*

Essas palavras de Marco Antônio – de Cícero, na verdade – poderiam pesar muito mais contra a opção de salvaguardar-se pela *innocentia*, não pela *eloquentia*, não fosse o contraponto que Materno pontua, de a eloquência de Cícero não lhe ter sido de melhor serviço que a inocência de Sócrates: *nec bene famam eloquentiae Cicero tali exitu pensauit*[21] (Tac. *Dial.*, 40.4). Materno não está menos preocupado consigo do que supunham seus amigos, *tamquam in eo tragoediae argumento sui oblitus tantum Catonem cogitasset*[22] (Tac. *Dial.*, 2.1), ele está, antes, mais consciente que eles quanto à inefetividade da retórica em proteger quem for declarar aquilo que ele pretende vir a público dizer. E já que ele insiste em não abrir mão de sua liberdade de expressão, *quid Maternus sibi debuerit*[23] (Tac. *Dial.*, 3.3), e como o que não tem remédio remediado está, torna-se cabível ler Tac. *Dial.*, 11.4 não como um sinal de ingenuidade, mas de aceitação corajosa da consequência capital de suas recitações.

Também a conclusão do passo dá margem a tal leitura, pois em *nec uereor ne mihi umquam uerba in senatu nisi pro alterius discrimine facienda sint*[24] (Tac. *Dial.*, 3.3) há uma ambiguidade: Materno talvez não tema ter que se defender no Senado por conta de achar que, sendo inocente, nunca será seriamente acusado, ou então pode não ter esse receio simplesmente por não se importar mais com o veredito. Com efeito, o *status* de *exemplum* e a paz de espírito, a *securitas* estoica (OLD, *s.v.* **securitas** 1a,1c), são mesmo melhor defendidos pela inocência que pela eloquência naquilo que, por força de expressão, chamamos de julgamento da História.

Tranquilidade diante da perspectiva da morte, ainda mais quando ela vem como preço de uma adesão estrita à virtude, é algo que, sem dúvida, relembra o próprio Sócrates. Se Materno emula o exemplo socrático nessa atitude quase faceira frente ao perigo, é tanto mais plausível que o faça nas palavras de seu testamento em Tac. *Dial.*, 13.5-6. Ora,

---

mais sábio de todos e vivido da maneira mais correta, discursou em sua defesa por conta própria, em um julgamento capital, de modo a não parecer que fosse um réu suplicante, mas um professor ou um senhor dos jurados. Mais ainda, quando Lísias, orador extremamente articulado, levou-lhe um discurso por escrito para que ele decorasse, se bem lhe parecesse, e o utilizasse como defesa no julgamento, leu-o de boa vontade e disse que fora escrito de modo conveniente. 'Porém,' falou, 'assim como se me tivesses trazido calçados de Sicião não os usaria, pois não seriam viris, por mais práticos e adequados aos pés que fossem', aquele discurso lhe pareceu articulado e técnico, mas não pareceu forte e viril."

"[...] Os jurados se exasperaram tanto com sua resposta, que condenaram à morte um homem absolutamente inocente. Ainda que ele tivesse sido absolvido – algo que, mesmo em nada nos cabendo, eu certamente gostaria, face à magnitude de sua inteligência – de que modo poderíamos tolerar esses filósofos que vêm dizer que é a eles que se devem perguntar os preceitos da oratória, agora que Sócrates foi condenado por nenhuma outra culpa senão a de não saber discursar? Não discuto com eles o que seja o melhor ou o mais verdadeiro, apenas digo que tanto o primeiro é diferente do segundo, como o segundo pode consumar-se sem o primeiro."

Texto latino extraído de Kumaniecki (1995); a mesma edição fornecerá as citações do *De Oratore* abaixo.

[21] *Nem Cícero compensou direito a reputação da sua eloquência com o fim que teve.*

[22] *Como se, absorto de si no enredo daquela tragédia, se tivesse preocupado apenas com Catão.*

[23] *Algo que Materno devia a si mesmo.*

[24] *E não tenho receio de que algum dia deva fazer um discurso no Senado que não seja no julgamento de terceiros.*

como discutimos a partir da linha 35 da página 142, essas palavras são particularmente sensíveis à ótica com que se leem, se em alusão ou não ao testamento de Sócrates em Plat. *Phaedrus*, 279b-c.

Até aqui, vimos que, tomadas *per se*, elas dão ao primeiro discurso de Materno (Tac. *Dial.*, 11.1-13.5) um tom pessoal, interessado no bem viver e abstinente de disputas políticas, o que inclusive é reforçado na conclusão do segundo discurso, em Tac. *Dial.*, 36.1-41.5, cuja peroração é: *nunc, quoniam nemo eodem tempore assequi potest magnam famam et magnam quietem, bono saeculi sui quisque citra obtrectatione alterius utatur*[25] (Tac. *Dial.*, 41.5). Entretanto, se assim for, a disparidade entre o que Materno diz querer e o que ele efetivamente obterá agindo da maneira que age força-nos a lhe atribuir um grau de ingenuidade que seria desconcertante para qualquer orador com um currículo como o dele, que venceu Vatínio em uma importante disputa que lhe rendeu fama (Tac. *Dial.*, 11.2: *ingredi famam auspicatus sum cum [...] Vatinii potentiam fregi*) e amealhou enormes riquezas e clientes graças aos sucessos de sua carreira profissional (Tac. *Dial.*, 11.3: *aera et imagines [...] in domum meam irruperunt*).

Por outro lado, se lermos o testamento de Materno em paralelo ao de Sócrates, risco que Tácito assume – ou que pelo menos deveria contabilizar em sua estratégia discursiva –, então se nos revela um programa não pessoal, mas público, não de afastamento, mas de envolvimento político com a denúncia do vício, com a defesa da moralidade e com persuasão por meio do exemplo, talvez até mais que por meio da poesia. Eis que se reconciliam as intenções declaradas de Materno em seu primeiro discurso com o argumento dramático, resgatando a personagem de uma pecha de credulidade que lhe cai mal e recompensando-a com a imagem audaz de quem empenha a própria vida em um projeto virtuoso.

Aliás, a tenuidade do suposto intertexto pode ser explicada justamente pelo imperativo de fazê-lo discreto, em parte por decoro, para evitar que uma desmesura da comparação comprometesse a *auctoritas* do autor (afinal, Tácito alega que vai repetir fielmente palavras que ouviu (Tac. *Dial.*, 1.3), e não haveria por que um senador romano com inclinações poéticas ficar se comparando explicitamente a Sócrates), em parte porque uma identificação muito direta poria os que perseguiram Materno em pé de igualdade com os que condenaram Sócrates ou Rutílio, algo bem pouco lisonjeiro, *scelerati [...] pestiferi ciues supplicioque digni* (Cic. *de Orat.*, I.230), o que poderia ter para o autor o custo penoso de render inimizades. E mais: um intertexto inequívoco daria a impressão de que era consciente que Materno emulava o exemplo socrático; ora, para Tácito e seus leitores em 102 d.C. talvez estivesse claro que a situação se teria encaminhado dessa maneira

[25] *Agora, dado que ninguém pode buscar ao mesmo tempo uma grande fama e um grande sossego, que cada um usufrua das oportunidades da sua geração sem detratar a do outro.*

(sobretudo em vista de uma real execução do Materno histórico), mas em 75 d.C., com o processo apenas no começo, não é garantido que aqueles oradores entendessem com precisão os contornos que o problema viria a assumir.

Sem querer entrar por uma psicologia que aqui não cabe, os indivíduos não são predeterminados por uma personalidade que possuam como dado inicial, mas vão se descobrindo, se revelando e mesmo se construindo ao longo das situações que enfrentam e das decisões que tomam. O Materno histórico de 75 d.C. poderia achar realmente que a maledicência contra si "não ia dar em nada" (Tac. *Dial.*, 41.4: *cum clementia cognoscentis obuiam periclitantibus eat*[26]) e por isso recitava suas tragédias – e enunciava suas frases de efeito como aquela da inocência e da eloquência em Tac. *Dial.*, 11.4 – de modo um tanto descuidado. Isso não exclui que, após 15 anos de perseguição política seguida da reafirmação de sua postura, ele não se tenha consumado em um verdadeiro Sócrates.

Seja como for, independentemente do problema relativo à alusão a Plat. *Phaedrus*, 279b-c ou à emulação de Sócrates e Sulpício, esse trecho que temos chamado de testamento de Materno, Tac. *Dial.*, 13.5-6, é interessante sob outro aspecto: a possibilidade que oferece de transitar entre o tempo dramático e o tempo da publicação. Não seria a única utilização que o autor faz desse expediente no texto; conforme discutimos na Seção 1.2.3 (em particular no parágrafo da linha 36 da página 34), a não risada de Tácito com o gracejo que os oradores fazem em Tac. *Dial.*, 42, sobre denunciarem-se mutuamente, pode ser uma projeção do homem de 102 d.C. sobre o rapaz de 75 d.C.; mas ela não precisa ser, e de fato o texto faz sentido mesmo que não seja. Porém, se for, resulta em uma quebra muito expressiva da quarta parede na qual se vislumbra o futuro do enredo: Tácito não ri porque a piada vai perder a graça depois que uma denúncia for realmente feita e levar a uma condenação à morte[27].

Do mesmo jeito, se no decurso de seu primeiro discurso Materno fala do que já fez e do que ainda almeja fazer na vida, é natural que perore dizendo o que quer da morte, pelo menos o que quer naquele momento do ano de 75 d.C.. Todavia, escrito em 102 d.C., o mesmo trecho pode ser lido como um verdadeiro epitáfio, prenunciando o destino que o orador ainda vai cumprir. Já que ambas as interpretações são possíveis, podemos encarar o Materno do *Diálogo* como uma personagem em transformação, que se desenvolve em um arco narrativo que dura da cena de 75 d.C. até sua provável execução em 91 d.C.; tal arco conter-se-ia completamente no enredo do texto, tendo tanto seu princípio como seu fim fixados em Tac. *Dial.*, 13.5-6, um pela leitura sincrônica, outro pela diacrônica; ou, em uma chave interpretativa complementar, um pela leitura isolada do testamento, outro por sua leitura emulativa.

[26] *Se a clemência do inquiridor vai em socorro aos acusados.*

[27] Ver Williams (1978, p. 49) para uma listagem de instâncias de transitividade temporal no *Diálogo*.

É importante ter em mente o caráter dinâmico da presença de Materno no *Diálogo dos Oradores*, pois isso nos ajudará a compreender as muitas incompatibilidades entre seus primeiro e segundo discursos, aparentes ou não[28], as quais têm ao longo da fortuna crítica da obra ensejado as mais diversas propostas interpretativas.

5.3 Materno falou com seu δαίμων?

Veremos neste trecho final do trabalho que talvez seja com relação a Materno que devamos fazer maior uso da ideia de fatiche. Há variáveis demais relativas a essa personagem que estão indeterminadas, e que com toda a probabilidade continuarão assim, a menos que haja algum novo achado arqueológico ou filológico. Uma das obscuridades mais intrigantes do *Diálogo* ronda a lacuna logo após Tac. *Dial.*, 35.5: ainda que atualmente não se discuta a identificação da fala que segue como o final de um segundo discurso de Materno (ver Seção 1.2, em especial a partir da linha 20 da página 22), permanece a pergunta: do tom a até mesmo os ideais, por que tudo nesse discurso parece tão distinto do primeiro?

> *Klingner (1932, 151-69), Keyssner (1936, 94-115), and Barwick (1954, 27) see a split in Maternus and Tacitus between the intellect and emotions, which respectively long for the conflicting desires of peace and freedom. Michel (1962, 56-60) reads the concluding words of Maternus as referring only to an ideal principate that does not exist. Williams (1978, 40-2) argues that Maternus at the beginning of the* Dialogus *is referring to events in 75, while the Maternus at the end refers to the political climate in 102 (for a good refutation of this argument*[29]*, see Luce 1993, 22-3). Winterbottom (2001, 151-2) accounts for Maternus' change in tone by suggesting that the earlier, dissident Maternus was added after the death of Domitian*[30] *to give the work some "political bite". Mayer (2001, 17, 43-4) contends that we should read Maternus' words at face value, maintaining that the adversarial nature of the speeches may*

[28]Para um bom resumo das inconsistências entre as afirmações dos discursos, o contexto histórico e o argumento dramático (em particular as ações de Materno), ver a Nota 16 de Strunk (2010).

[29]Em minha opinião, Luce é inconvincente. O autor *find[s] it difficult to believe a priori that the* Dialogus *suffers from the sort of chronological schizophrenia that Williams describes* (Luce, 1993, p. 23). Ora, temos visto que a transitividade entre o tempo dramático e o contemporâneo, a qual Luce desqualifica como esquizofrenia, é, antes, uma característica marcante do *Diálogo*, que realça a autoralidade de Tácito e reforça o caráter artístico da obra. O resto da "refutação" segue o entendimento errôneo de separar de maneira excessivamente rígida os Maternos e os tempos a que se referem, como se no primeiro discurso ele estivesse falando somente de 75 d.C., e no segundo somente de 102 d.C.; já sabemos que a passagem de um tempo a outro é mais sutil que isso.

[30]Tal argumento não se baseia em nenhuma evidência filológica, é apenas uma tentativa ousada – até mesmo de aparência absurda, o autor admite (Winterbottom, 2001, p. 152) – para tentar resolver a dissonância entre os discursos. Ainda assim, a sugestão de que o texto de que dispomos seja uma colagem de versões diferentes do *Diálogo* parecer-me-ia melhor aproveitada se supusermos que foi o segundo Materno quem foi adicionado *a posteriori*, visto como seu primeiro discurso está tão bem costurado ao de Apro (ele responde quase ponto por ponto às colocações do colega), e que em todo o caso não sabemos exatamente como sua segunda fala deveria se encaixar no resto do enredo, por conta da lacuna.

> *account for changes in tone. "Irony" he writes "seems out of place". [...] Levene (2004, 157-200, esp. 186) recognizes the ironic reading, but seems to avoid coming down on either side of the debate in favor of focusing on how Maternus develops the contours of literary history*[31]. (Strunk, 2010, n. 11)

Um século de pesquisa não tem sido capaz de exaurir a questão; pela pluralidade das soluções levantadas e por certa plausibilidade de cada uma – a rigor, até da de Winterbottom (2001) –, ela parece mesmo inesgotável. Entretanto, por mais que explicações extratextuais sejam interessantes, costuma acontecer no *Diálogo* que aquelas que se atêm à economia interna da obra acabam por fornecer leituras especialmente ricas, a exemplo da análise de Dressler (2013) sobre a não risada de Tácito ao final do debate, antes vista como um mero índice de refinamento literário.

Reitz-Joosse (2014) também não se contentou em aceitar a denúncia mútua entre os oradores como um simples gracejo, mas explicou o funcionamento dessa ironia jocosa e com isso ajudou a consolidar o entendimento que temos do caráter ansiogênico da cena dentro do cubículo de Materno; ela ainda entende que Apro e Messala não sejam interlocutores completamente confiáveis (Reitz-Joosse, 2014, p. 119), e que a "denúncia" exerceria um papel de garantir o silêncio dos participantes sobre o que fora tratado na conversa. Na mesma linha, Strunk (2010) atribui a mudança de atitude de Materno à renitente defesa que Apro estaria fazendo do Principado, confirmando em seu segundo discurso (Tac. *Dial.*, 16.4-23.6, intercalado, portanto, entre os dois de Materno) suas convicções "pró-regime"; ele a atribui também à chegada súbita de Messala (Tac. *Dial.*, 14.1), cujos parentes (a saber, Marco Régulo, famoso *delator*) não deveriam ser diretamente atacados. Assim, Materno teria ficado com uma progressiva sensação de encurralamento, até não ter alternativa senão passar da expressão aberta de seus posicionamentos a uma estratégia de crítica velada.

A possibilidade de que o medo e a salvaguarda da própria segurança sejam o fator crucial que motiva a alteração de registro nos discursos de Materno merece ser investigada, afinal a autocensura (ou pelo menos a afetação de autocensura) é um elemento central da estratégia de Sócrates no *Fedro*, em que ele chega a cobrir a própria cabeça com um lenço, a fim de que não pudessem identificá-lo enquanto dizia coisas com as quais não

[31] Obras referenciadas por Strunk (2010):
Barwick (1954) K. Barwick, *Der* Dialogus de Oratoribus *des Tacitus: Motive und Zeit seiner Entstehung*, De Gruyter, 1954
Keyssner (1936) K. Keyssner, Betrachtungen zum *Dialogus* als Kunstwerk und Bekenntis, *Würzburger Studien* 9 (1936), pp. 94–116
Klingner (1932) F. Klinger, Tacitus, *Die Antike* 8 (1932), pp. 151–169
Levene (2004) D. Levene, Tacitus' *Dialogus* as Literary History, *TAPA* 134 (2004), pp. 157–200
Michel (1962) A. Michel, *Le* Dialogue des Orateurs *de Tacite et la philosophie de Cicéron*, Klincksieck, 1962 (Études et commentaires)
As demais obras citadas encontram-se na bibliografia ao fim deste trabalho.

concordava, alegando não as conhecer direito (Plat. *Phaedrus*, 237a); também no *De Oratore* ela está de certo modo presente, conforme Antônio "muda de opinião" por uma questão de decoro, como veremos à frente.

Ademais, conquanto tenhamos afastado as suspeitas de Reitz-Joosse e Strunk sobre Apro na página 38 (Seção 2.1.1, linha 13), a chegada de Messala pode sim ter sido uma fonte suplementar de tensão na cena. Em primeiro lugar, é significativo que, dentre todos os oradores próximos à prática da *delatio*, Tácito tenha escolhido para figurar na obra justamente o irmão de seu arqui-inimigo. Segundo, no gênero dialógico chegadas inesperadas no meio do enredo constituem um código para 'incômodo': Alcibíades já começa a causar constrangimentos a Sócrates antes mesmo de tomar a palavra n'*O Banquete*, e no *De Oratore* a entrada de novas personagens – que talvez aportassem notícias urgentes vindas de Roma – é assim descrita:

> *postero igitur die quam illa erant acta, hora fere secunda, cum etiam tum in lecto Crassus esset et apud eum Sulpicius sederet, Antonius autem inambularet cum Cotta in porticu, repente eo Q. Catulus senex cum C. Iulio fratre uenit. quod ubi audiuit, commotus Crassus surrexit omnesque admirati maiorem aliquam esse causam eorum aduentus suspicati sunt.*[32] (Cic. *de Orat.*, II.12)

Voltando ao diálogo platônico, não há propriamente uma personagem que adentre a cena; Sócrates, todavia, que ao que tudo indica estava mais interessado em praticar do que em discutir o amor com Fedro (Plat. *Phaedrus*, 234d), acha por bem refazer sua primeira fala contra o Amor, tendo sido alertado por seu δαίμων[33]: se uma divindade ouvisse-o discursar contra um deus e não entendesse que na verdade se tratava apenas de uma paráfrase de Lísias, ele poderia ser punido (Plat. *Phaedrus*, 242b-243d). Claro que nesse caso o temor de Sócrates é uma brincadeira (ele passa toda a conversa com Fedro fazendo gracejos); os dois discursos *in utramque partem* são passos de um estratagema argumentativo. Revisitemo-lo:

1. Fedro recita um discurso de Lísias contra o Amor, em que se defende ser melhor ceder ao não amante que ao amante (Plat. *Phaedrus*, 230e-234c).

2. Sócrates atenta que Lísias não definira o Amor; ainda assim, utilizando a definição implicitamente usada pelo orador, deduz persuasivamente que, de fato, é melhor ceder ao não amante (Plat. *Phaedrus*, 237b-241d).

[32] *No dia seguinte ao que se dera aquilo tudo [primeiros discursos], por volta das 8 da manhã, quando Crasso ainda estava na cama e ao seu pé sentava-se Sulpício, ao passo que Antônio e Cota andavam pelo vestíbulo de um lado para outro, de repente chega ali o velho Quinto Cátulo com seu irmão Caio Júlio. Quando o escutou, Crasso levantou-se afobado, e todos, surpreendidos, suspeitaram que houvesse um motivo de força maior para a vinda deles.*

[33] O δαίμων pode ser entendido como a voz interna que reflete a consciência de Sócrates, imaginada com um espírito autônomo que o aconselha. Eis outro exemplo de fatiche.

3. Sócrates repara que essa definição é obtusa (Plat. *Phaedrus*, 242d-243a). Pareceria que as pessoas que falam sobre o amor como no primeiro discurso foram educadas ἐν ναύταις, entre marinheiros (Plat. *Phaedrus*, 243c).

4. Partindo de uma definição mais ampla, ele chega à conclusão contrária: é melhor ceder ao amante que ao não amante (pelo menos na maioria dos casos) (Plat. *Phaedrus*, 244a-257b).

5. Segue-se uma discussão não sobre o amor, mas sobre a própria retórica e sua dependência da experiência de mundo e da filosofia com a verdade para que se produzam discursos verdadeiros (Plat. *Phaedrus*, 257c-279b).

Já no *De Oratore*, a presença dos discursos *in utramque partem* de Antônio não carrega nenhuma conexão com as tensões – neste caso muito reais – vividas pelas personagens. Aqui, trata-se de uma estratégia mais do próprio Cícero que de seu avatar dentro do enredo: no livro I Crasso defendera que o orador deveria ser um sábio, filósofo e estadista versado em todas as ciências, enquanto Antônio defende que o melhor a fazer é ele se concentrar em ser apenas um técnico em retórica, o que Crasso qualificará de *operarius* do fórum (Cic. *de Orat.*, I.263). No livro II, Antônio retoma a palavra e faz um discurso adotando por completo o ideal do orador filósofo; eis o que ele realmente pensa, declara. A razão de ter polemizado com Crasso no primeiro discurso não fora outra, conta, senão a de disputar a admiração dos estudantes Cota e Sulpício e "roubá-los" de Crasso; com a chegada de Cátulo e César, ele entende ser mais adequado abandonar a atitude polemista, por assim dizer agonística, e dizer a sério o que pensa.

> *"heri enim", inquit, "hoc mihi proposueram, ut, si te refellissem, hos a te discipulos abducerem; nunc, Catulo audiente et Caesare, videor debere non tam pugnare tecum, quam quid ipse sentiam dicere.*[34]*"* (Cic. *de Orat.*, II.40).

Como reparou Adriano Scatolin em correspondência privada, o fato de que Antônio renega o discurso do primeiro livro não apaga um outro fato: a despeito da orfandade, os argumentos em prol do orador operário permanecem com a mesma consistência, tanto é, que Cota e Sulpício, jovens brilhantes, haviam terminado aquele dia pasmados, em franca dúvida sobre qual das duas orientações o orador em formação deve seguir (Cic. *de Orat.*, I.262). Como não se refutam os argumentos a favor do orador operário, ambas as *partes* resultam mais complementares que antagônicas: Cícero estaria dando um roteiro para os estudantes que, embora aplicados, não possuíssem o talento necessário para ascender ao grau de orador filósofo, sem com isso abrir mão de um ideal mais elevado para os que o

[34] *"Ora", diz, "ontem tinha em vista que, se te refutasse, roubar-te-ia esses alunos; agora, na presença de Cátulo e de César, parece-me que devo menos pelejar contigo, que dizer aquilo que eu realmente penso."*

possuam (e em particular para si mesmo). No *Fedro*, o discurso contra o amor tampouco deixa de funcionar como suplemento, ao explorar as consequências do caso excepcional em que a paixão torna-se deletéria.

Assim, há diversas razões retóricas que nada têm a ver com o medo ou a censura, embora utilizem-se desses fatores como artifício, as quais podem motivar uma alteração de tom, de ponto de vista, ou mesmo de partido em um conjunto de discursos cujo objetivo persuasivo continue o mesmo. Vale perguntar se esse também não é o caso de Materno, uma vez que é difícil entender como ele pode ser um homem incomodado com o *status quo* da oratória – com o *status quo* geral de sua sociedade – e que por isso tenta de alguma maneira reposicionar-se (de modo seja ingênuo, afastando-se dos assuntos públicos para dedicar-se a um projeto pessoal, seja corajoso, fazendo da própria vida um exemplo público), e ao mesmo tempo concluir sua participação no *Diálogo* com uma nota supostamente tão fatalista, tão conformista quanto:

> *"quid enim opus est longis in Senatu sententiis cum optimi cito consentiant? quid multis apud populum contionibus cum de re publica non imperiti et multi deliberent, sed sapientissimus et unus? quid uoluntariis accusationibus cum tam raro et tam parce peccetur? quid inuidiosis et excedentibus modum defensionibus cum clementia cognoscentis obuiam periclitantibus eat?*[35]*"* (Tac. *Dial.*, 41.4)

Ora, Materno deixou a oratória, mas a retórica não deixou Materno. Enquanto na presença apenas de Segundo e Apro, ele se deixa falar sobre questões pessoais, quase como prestando contas de sua vida aos amigos; fala de seus mal-estares, de suas conquistas, de seus desejos íntimos, de seus projetos futuros, como a peça *Tiestes*, faz seu testamento. Uma vez que Messala chega e comenta que havia muito ele meditava sobre quais seriam as causas do que acredita ser a decadência da oratória, *quas mecum ipse plerumque conquiro*[36] (Tac. *Dial.*, 15.2), não apenas em Roma, mas também na Grécia (Tac. *Dial.*, 15.3), o interesse de Materno muda subitamente, e ele passa a demonstrar uma quase fixação na proposta de discutir essas causas.

Tanto ele se apressa a promover tal debate, que atropela o colóquio de Messala com Segundo e já se põe a falar por este e por si: *pro duobus promitto*, diz que exporá o que pensa ser causa dessa decadência, se Messala também o fizer (Tac. *Dial.*, 16.3). E promete mais: Apro defenderá que não há decadência, e em seguida ele e Messala falarão pela parte contrária, como se em equipe:

[35] *"Afinal, para que servem os longos pareceres no Senado se os senadores prestamente entram em acordo? Para que as muitas assembleias populares se delibera sobre os assuntos públicos não a multidão de ignorantes, mas um único e supremo sábio? Para que as acusações de iniciativa própria se são tão raras e insignificantes as faltas? Para que as defesas sobremaneira maliciosas se a clemência do inquiridor vai em socorro aos acusados?"*

[36] *Nas quais geralmente fico pensando eu comigo mesmo.*

> *"et ego et Secundus exsequemur eas partes quas intellexerimus te non tam omisisse quam nobis reliquisse. Aprum enim solere dissentire et tu paulo ante dixisti et ipse satis manifestus est iam dudum in contrarium accingi, nec aequo animo perferre hanc nostram pro antiquorum laude concordiam.*[37] *"* (Tac. *Dial.*, 16.3)

Apro faz o que é esperado e critica os antigos; mas Materno não quer que Messala lhe dê o troco falando bem dos antigos, ele insiste que o combinado não seja alterado, e que a discussão foque nas causas da decadência:

> *"tuum tamen, Messalla, promissum immutasse non debet, neque enim defensorem antiquorum exigimus nec quemquam nostrum, quamquam modo laudati sumus, iis quos insectatus est Aper comparamus. [...] igitur exprome nobis non laudationem antiquorum [...], sed causas cur in tantum ab eloquentia eorum recesserimus [...].*[38] *"* (Tac. *Dial.*, 24.2-3)

Perceba-se como Materno cuidadosamente pede que Messala evite centrar sua réplica na defesa de indivíduos[39], esforça-se para induzir o debate ao campo de causas sistêmicas, e impede-o de enveredar por um levantamento de talentos particulares.

Fato mais marcante, contudo, é que Messala até visa ao roteiro acordado de início ((Tac. *Dial.*, 25.1): *sequar praescriptam a te, Materne, formam*[40]), mas em pouco tempo começa a pender para a invectiva contra os adeptos do estilo moderno: *at ego non uerebor nominare singulos, quo facilius propositis exemplis appareat quibus gradibus fracta sit et deminuta eloquentia*[41] (Tac. *Dial.*, 26.8). A intervenção de Materno é incisiva:

> *"parce" inquit Maternus "et potius exsolue promissum. neque enim hoc colligi desideramus, disertiores esse antiquos, quod apud me quidem in confesso est, sed causas exquirimus quas te solitum tractares paulo ante aisti, plane mitior et eloquentiae temporum nostrorum minus iratus, antequam te Aper offenderet maiores tuos lacessendo."*
>
> *"non sum" inquit "offensus Apri mei disputatione, nec uos offendi decebit, si quid forte aures uestras perstringat, cum sciatis hanc esse eius modi sermonum legem, iudicium animi citra damnum affectus proferre."* [continua]

[37] *"[T]anto eu como Segundo vamos desenvolver as partes que entendermos não que omitiste, mas de que abriste mão para nós. E, é fato, que Apro costuma discordar, tanto tu acabaste de dizer, como ele mesmo deixou bastante claro que faz tempo se pôs de prontidão para o contraditório, e que não vai ficar suportando impassível esta nossa união em favor dos méritos dos antigos."*

[38] *"Contudo, o que combinamos, Messala, não precisa mudar, afinal não solicitamos um defensor dos antigos, nem comparamos qualquer um de nós, ainda que tenhamos sido elogiados há pouco, àqueles que Apro esteve perseguindo. [...] Por isso, expõe-nos não um elogio aos antigos [...], mas as causas de termos nos afastado em tão larga medida da sua eloquência [...]."*

[39] Provavelmente de seu irmão Régulo, citado havia pouco por Apro em Tac. *Dial.*, 15.1 (*oblitus et tuae et fratris tui eloquentiae neminem hoc tempore oratorem esse contenderes*).

[40] *Vou seguir o roteiro que prescreveste, Materno.*

[41] *Eu, porém, não vou ter receio de nomear indivíduos a fim de que transpareça mais facilmente dos exemplos dados em que grau está debilitada e diminuída a eloquência.*

> *"perge" inquit Maternus "et cum de antiquis loquaris, utere antiqua libertate, a qua uel magis degenerauimus quam ab eloquentia.*[42] *"* (Tac. *Dial.*, 27.1-3)

Ele finalmente consegue o que quer, e Messala profere a primeira parte de seu discurso em Tac. *Dial.*, 28.1-32.7. Mas nem isso é suficiente para Materno, que quer atiçar ainda mais as críticas do interlocutor à oratória contemporânea:

> *et Maternus "mihi quidem" inquit "susceptum a te munus adeo peregisse nondum uideris ut inchoasse tantum et uelut uestigia ac liniamenta quaedam ostendisse uidearis. [...] cetera exspecto, ut quem ad modum ex te didici quid aut illi scierint aut nos nesciamus, ita hoc quoque cognoscam: quibus exercitationibus iuuenes iam et forum ingressuri confirmare et alere ingenia sua soliti sint. neque enim solum arte et scientia, sed longe magis facultate et usu eloquentiam contineri nec tu, puto, abnues et hi significare uultu uidentur.*[43] *"* (Tac. *Dial.*, 33.1-3)

Não temos mais dúvidas do peso da mão de Materno no rumo do debate. Ele tratara de obter uma promessa de Messala, e aqui já se repete na insistência de que ela seja cumprida. Essas não são atitudes de quem está receoso, melindrado, com uma sensação progressiva de encurralamento, hipótese que se fez acima. Materno parece, ao contrário, muito à vontade para dirigir a conversa segundo suas próprias intenções; ele incita Messala a tratar das causas objetivas da suposta decadência e cuida de balizar a discussão sempre que ela dá indicações de desviar de rota[44].

Há *ingenium* na condução do diálogo.

---

[42] *"Poupa-nos," diz Materno, "e antes cumpre o que foi combinado. Também não precisamos chegar à conclusão de que os antigos falavam com mais destreza, o que pelo menos para mim está bem estabelecido, mas estamos examinando causas que ainda agora disseste estares habituado a tratar, claramente mais brando e menos irritado com a eloquência atual antes de Apro te ofender atacando os teus ancestrais."*
"Não me ofendi", diz, "com a discussão do meu querido Apro, e não vos convém deixar-se ofender se por acaso algo crispar os vossos ouvidos, já que vocês sabem que é esta a norma em conversas deste tipo, proferir as suas convicções a despeito do dano às sensibilidades."
"Prossegue," diz Materno, "e quando falares dos antigos, usa da antiga liberdade, da qual decaímos talvez mais do que da eloquência."

[43] *E fala Materno: "Para mim, de tal forma até agora não pareces ter cumprido o dever que assumiste, que dás a impressão de apenas ter começado e como que esboçado alguns traços e contornos. [...] estou esperando algo mais, do modo como aprendi contigo o que eles sabiam e o que nós não sabemos, quero entender também com quais exercícios os jovens já a ponto de ingressarem no fórum costumavam fortalecer e nutrir os seus talentos. Afinal, que não é somente de técnica e conhecimento, porém muito mais de capacidade e prática que a eloquência depende, penso que tu não negarás, bem como estes aqui aparentam estar indicando com o rosto."*

[44] Na próxima seção vamos analisar o desfecho da participação de Materno no *Diálogo*. Entretanto, cabe notar que, diante de um público que entendesse a noção de decadência enquanto *fatiche*, segundo vimos nas Seções 2.1.1 e 2.2 do Capítulo 2, Materno pode estar urdindo uma armadilha para Messala, que acaba caindo no ridículo de fornecer explicações concretas, até bastante específicas, para algo que no fundo é um não fenômeno, e assim revela a falta de refinamento de sua compreensão sobre o que estava sendo debatido. É claro que Quintiliano fala dos mesmos problemas (criação por escravos sem educação, ambientes escolares desorganizados, excessiva simplificação das teorias, etc.), mas, segundo veremos em uma publicação futura, na *Institutio* esses são fatores de prejuízo para a formação individual de um jovem, não causas de um processo social, sistêmico, como a suposta decadência. Tenho a impressão de que, se

5.4 A pedra angular

Pelo que vimos na seção anterior, podemos descartar aquelas interpretações que se baseiam no suposto nervosismo ou medo de Materno a fim de entender a mudança de tom de seus discursos, cujas afirmações seriam primeiro francas, depois sub-reptícias, irônicas, ou de duplo sentido.

No começo da cena, Materno está falando com seus amigos – insisto, amigos – e com a chegada de Messala, que talvez tenha mesmo gerado um incômodo, ele muda o registro de sua elocução porque mudara a audiência: apesar da troca de afabilidades, Messala não é um interlocutor tão benevolente quanto Apro, nem que seja pelo fato de Messala não ser tão íntimo (ao contrário, ele era íntimo de interlocutores minimamente fiáveis, como seu meio-irmão *delator*). Com Apro e Segundo, Materno pode se dar o luxo de discordar por "esporte" (isto é, pela prática lúdica da polêmica), e ainda por cima ironizá-los repetidas vezes. Messala, no entanto, precisa ser ganho, ou, pelo menos, a posição de Materno precisa parecer-lhe justificada.

Isso não significa que a cena não fosse tensa. Ela era. Mas também há nela um elemento de alívio cômico, que é Materno, única das personagens do *Diálogo* em real perigo, ser ao mesmo tempo o único, dentre os que discursam, que está realmente sereno. Ele sorri diante do semblante sério de Apro (Tac. *Dial.*, 11.1: *Aper acrius ut solebat et intento ore, remissus et subridens Maternus [...] inquit*), e toca sem nenhuma inibição nas feridas de Messala (Tac. *Dial.*, 27.1: *[Messala] minus iratus [erat] antequam [illum] Aper offenderet, maiores [s]uos lacessendo*). Eis um cenário que ecoa – uma vez mais no que tange a Materno em seu cubículo – a morte de Sócrates, o qual famosamente foi a pessoa mais tranquila ao redor de seu leito no dia em que tomou cicuta, tendo inclusive ficado um tanto desconfortável com a exasperação dos demais presentes e pedido para as mulheres se retirarem, pois elas estavam perturbando a conversa ao não conseguirem conter o choro (Plat. *Phaedo*, 117d-e).

A partir dessa chave de leitura, até me surpreendo que o rumo das falas de Materno na segunda metade do *Diálogo* possa ter sido entendido como uma capitulação. Ora, o encaminhamento que Tácito dá à conclusão da obra parece, até aqui, cuidadosamente pensado para enaltecer a personagem antes mesmo que ela indique sua posição final sobre a tal decadência da oratória; não faz sentido, portanto, ler seu segundo discurso de forma que a apequene. Quem discursa contra tiranos e paga com a vida não terá escondido sua mensagem em entrelinhas, nem será um meio-irmão de Marco Régulo que o fará acovardar-se e confessar uma opinião que não tem.

Tácito usa os discursos de Apro como expediente para polemizar com a *Institutio*, usa o de Messala como recurso para polemizar não com a obra, mas com uma certa leitura simplista que se pode fazer dela. Esse tema, infelizmente, não será aqui tratado.

Assim, se Curiácio nos direciona para a discussão específica das causas da decadência da oratória, é para esse campo que devemos nos mover, pois é ali que ele quer disputar o embate final com seus colegas. Com efeito, ele demarca uma posição diametralmente oposta à de Messala no que tange aos pontos pivotais de sua argumentação, os quais, como veremos, são o individualismo, o moralismo e o conservadorismo.

Resumamos. Para Vipstano Messala, a decadência, todos sabem, é um problema moral. Os vícios começam em Roma e logo se espalham pelas províncias; eles vêm desde o útero materno[45] (Tac. *Dial.*, 29.3). Antes, as crianças eram educadas por mães virtuosas; hoje, por escravos de fala e hábitos viciosos (Tac. *Dial.*, 28.1-29.4). Além disso, não há mais interesse pelo conhecimento, enquanto nos antigos percebe-se o domínio das diversas ciências, da filosofia e do conhecimento da natureza humana. Não basta a informação *ad hoc*, mas uma efetiva formação nos vários campos do saber (Tac. *Dial.*, 30.1-32.6). Depois da instrução doméstica, o adolescente do passado procurava algum dos oradores mais bem reputados, a fim de passar pelo *tirocinium fori*[46]. Sobretudo, os estudantes adquiriam uma experiência prática que envolvia os reais riscos da oratória; eis a melhor maneira de se preparar para a carreira de orador (Tac. *Dial.*, 34.1-7). Já hoje, nas escolas de retórica, esse "ginásio do descaramento" (Tac. *Dial.*, 35.1), os estudantes aprendem com um rétor sem experiência forense, e nelas não há nenhum risco, pois os jovens praticam a declamação entre si mesmos; para piorar, os temas das suasórias e controvérsias são absurdos, não guardam nenhuma semelhança com os casos reais do fórum (Tac. *Dial.*, 35.1-5).

Resumamos ainda mais: o problema é moral e individual. Os indivíduos são incapazes de uma grande eloquência porque, por preguiça e imoralidade, escolhem uma formação rasa. Messala é claramente saudosista, e consequência inescapável de sua atribuição da decadência aos novos hábitos é que ela só poderia ser revertida com uma volta ao passado, pelo menos em termos da educação do orador; sob esse aspecto, é sintomática a lembrança do édito de Crasso e Domício ordenando o fechamento das escolas de retórica (Tac. *Dial.*, 35.1) como uma medida voltada a preservar a educação oratória.

Para Materno, no entanto, o combustível que a eloquência queima para brilhar é a paz social (Tac. *Dial.*, 36.1). Na falta de um poder moderador representado pelo *princeps*, e dependendo de feitos discursivos para crescer nos cargos públicos e em *status*,

[45] Curioso notar como Messala enxerga a causa da decadência como anterior ao berço – *ab incunabulis*, como diria Quintiliano –, mas originária do próprio útero. Considerando ainda a menção à origem estrangeira dos colegas (Tac. *Dial.*, 28.3: *uestra uobis notiora sunt, ego de urbe [...] loquar*), imagino se não haveria traço de algum sentimento aparentado ao racismo ou ao etnocentrismo em sua visão decadentista da Roma do séc. I. Ver adiante a Nota 48.

[46] O *tirocinium fori* era um "estágio" que o estudante fazia com um orador de carreira bem estabelecida, acompanhando-o no fórum, nas assembleias, no Senado (com restrições) e nas reuniões privadas em que se preparavam as causas a serem debatidas. O jovem Tácito, no enredo do *Diálogo*, está cumprindo seu *tirocinium fori* com Apro e Segundo.

os oradores de antes eram incentivados ao litígio, e nem poderiam escapar a essa lógica, pois era constante o perigo de serem obrigados a defender-se discursando em público (Tac. *Dial.*, 36.2-37.3). Além disso, a matéria que os antigos tinham para trabalhar era mais interessante, pois as questões em jogo eram realmente importantes. A paz, ele diz, é melhor que a guerra, mas é esta última que produz os melhores guerreiros (Tac. *Dial.*, 37.4-8). Nada obstante, a forma moderna dos julgamentos, cada vez mais regrados e com menos público – já que as matérias tratadas no fórum seriam de menor interesse popular –, também contribuiu para o apaziguamento da oratória, que precisa da audiência para reverberar (Tac. *Dial.*, 38.1-39.5).

Materno está mobilizando questões sistêmicas para explicar a decadência, ou melhor, a relativa diminuição da importância social da oratória (já que ele não faz referência às qualidades técnicas dos discursos, apenas à falta de impacto de sua recepção). Ele também questiona o quanto se deveria querer voltar à situação anterior: a fértil matéria prima que tiveram os antigos não valeu a pena do caos republicano (Tac. *Dial.*, 37.6). A oratória não favorece a paz e o comedimento, ao contrário, ela é oriunda de uma situação de anomia a que os tolos chamam 'liberdade' (Tac. *Dial.*, 40.2). A eloquência não vinga em sociedades mais organizadas, por isso vicejou na Roma antiga, sem resolver seus problemas, e ainda hoje persiste em algum grau. O ideal seria que ela fosse desnecessária, por falta de injustiças, vícios e dissensos a serem debelados; ela é de fato desnecessária em uma situação em que partes litigantes em questões políticas e judiciais buscam o acordo, e o governo é de um único sábio (Tac. *Dial.*, 40.1-41.4).

Tanto Materno não crê que a decadência seja culpa de indivíduos de moral corrompida, que, segundo ele, os oradores de hoje teriam o mesmo lustro que os do passado, tivessem vivido na situação passada; e isso nem é algo a ser desejado: cada geração deve saber viver o seu tempo (Tac. *Dial.*, 41.4-5). Não há como compatibilizar essa opinião com Messala, pois se as pessoas fossem incapazes de uma boa oratória por culpa individual (de origem ética e consecução formativa), não seria um contexto mais propício à oratória que faria delas grandes oradores[47]. Temos, então, um enorme indício não apenas de que Materno não padece de certo reacionarismo que acomete Messala, porém de que se lhe opõe.

A tensão entre os dois homens não exala mais do cenário somente, nem se atenua pelo segundo discurso, mas fica posta a nu pela mesma retórica que nos quis convencer que ofereceria visões complementares (Tac. *Dial.*, 16.3: *partes quas [te...] nobis reliquisse*). Se um deles, como bom romano, enxerga a tradição romana como um ideal imaculado (e des-

[47] A menos que reduzamos a visão de Messala a um certo número de estudantes preguiçosos; mas então o argumento se desmonta, pois nada indica que também não os tenha havido na época de Cícero, sendo natural eles não terem tido seus nomes notabilizados para as gerações posteriores. Pouco importa para a qualidade de uma arte que tenha artistas medíocres, conquanto continue tendo os excelentes.

conta uma possível fraqueza da oratória romana em indivíduos talvez não tão romanos[48]), o outro não poupa críticas à organização política e social de Roma, chegando a relativizar sua suposta excelência por meio do contraste com povos geralmente considerados bárbaros, como "persas e outros" (Tac. *Dial.*, 40.3).

E já que tocamos no assunto, qual é afinal a posição de Materno sobre o regime político de Roma, que sob o Principado teria se assemelhado cada vez mais ao desses povos?

Grande parte da dificuldade em responder parece oriunda de uma fixação não dos antigos, mas da crítica moderna, na oposição entre República e Principado. Não cabe aqui passar em revista as visões dos próprios romanos sobre o assunto, se é que eles consideravam o Principado de meados do séc. I como algo a mais que uma versão por assim dizer otimizada da antiga República – mote, aliás, da propaganda imperial (ver Nota 11 da Seção 2.1.1). O que quero, ao relembrar tal questão, é avançar a tese final deste trabalho – também a mais arriscada – e propor que Materno defende um projeto político que supera dicotomias como *República* × *Principado*, ou *autocracia* × *democracia* (já que os atenienses vêm à baila em Tac. *Dial.*, 40.3); isso, em favor de um regime de inspiração platônica, de um *regime da verdade*, e não da opinião, mesmo que opinião provável, seja ela de muitos, de poucos, ou de um único.

É claro que essa proposta se lastreia, em parte, nas numerosas alusões que o *Diálogo* faz a Sócrates e aos diálogos platônicos, bem como ao *De Oratore*, quando Cícero polemiza com eles. Não é revelador que o discurso de Messala, no ponto exato em que dispensa a formação de um filósofo em prol da de oradores pragmáticos, emule com tanta explicitude a fala de Antônio bem na passagem em que critica o texto de Platão, o qual, querendo discursar sobre a boa constituição de sua cidade, acabara propondo a fundação de uma completamente nova?

Citemos Antônio:

> *"acuto homine nobis opus est, et natura usuque callido, qui sagaciter peruestiget quid sui ciues iique homines quibus aliquid dicendo persuadere uelit cogitent, sentiant, opinentur, expectent. tenat oportet uenas cuiusque generis, aetatis, ordinis, et eorum apud quos aliquid aget aut erit acturus mentes sensusque degustet; philosophorum autem libros reseruet sibi ad huiusce modi Tusculani requiem atque otium, ne, si quando ei dicendum erit de iustitia et fide, mutuetur a Platone, qui, cum haec exprimenda uerbis arbitraretur,*

[48]Retomando a Nota 45, é sugestivo que os textos de retórica que nos chegaram do séc. I sejam de um possível gaulês (Tácito) e de hispanos, Quintiliano e Sêneca (esse, talvez, de ancestralidade romana); também sabemos da tendência de Sêneca de favorecer oradores ibéricos em sua coletânea de declamações (*vide e.g.* Bennett (2007) e Griffin (1972)). Sendo a própria retórica considerada de extração grega, bem como a declamação e as escolas de rétores, é de se perguntar se o círculos de declamação – a que Messala atribui a maior das culpas pela decadência da oratória – não teriam sido vistos pelos "romanos de origem" como ambientes típicos de estrangeiros, de "romanos novos".

> *nouam quandam finxit in libris ciuitatem, usque eo illa quae dicenda de iustitia putabat a uitae consuetudine et a ciuitatum moribus abhorrebant.*[49] *"* (Cic. *de Orat.*, I.223-4)

E Messala:

> *"in his artibus exercitationibusque uersatus orator, siue apud infestos, siue apud cupidos, siue apud inuidentes, siue apud tristes, siue apud timentes dicendum habuerit, tenebit uenas animorum et, prout cuiusque natura postulabit, adhibebit manum et temperabit orationem, parato omni instrumento et ad omnem usum reposito. [...]"*
>
> *"neque enim sapientem informamus neque Stoicorum comitem, sed eum qui quasdam artes haurire, omnes libare debet.*[50] *"* (Tac. *Dial.*, 31.4;7)

Mas, e sobretudo, a proposta busca se ater à economia interna do *Diálogo dos Oradores*. Materno já havia sinalizado que seu interesse político-social estava na *Aetas Aurea*, não na República, o que ele mesmo admite parecer um tanto utópico (Tac. *Dial.*, 12.5: *haec fabulosa nimis et composita uidentur*):

> *"nam lucrosae huius et sanguinantis eloquentiae usus recens et ex malis moribus natus atque, ut tu dicebas, Aper, in locum teli repertus. ceterum, felix illud et, ut in more nostro loquar, aureum saeculum, et oratorum et criminum inops, poetis et uatibus abundabat qui bene facta canerent, non qui male admissa defenderet. nec ullis aut gloria maior aut augustior honor, primum apud deos, quorum proferre responsa et interesse epulis ferebantur, deinde apud illos dis genitos sacrosque reges, inter quos neminem causidicum, sed Orphea et Linum ac, si introspicere altius uelis, ipsum Apollinem accepimus.*[51] *"* (Tac. *Dial.*, 12.2-4)

A classificação como recente do uso lucrativo e sanguinolento da eloquência, sendo que a oratória forense retoricamente informada já existia havia mais de dois séculos, não deve

[49] *"Precisamos de um homem perspicaz, calejado pela natureza e pela experiência, que investigue com sagacidade o que os seus concidadãos e as pessoas a quem quiser convencer com seus discursos pensam, sentem, opinam, desejam. Ele deve tomar o pulso de cada etnia, idade, ordem, e degustar das ideias e das concepções daqueles diante de quem advoga ou for advogar; já os escritos dos filósofos, que os guarde para si, para momentos privados de ócio e descanso como este, a fim de não fazer como Platão, se alguma hora tiver que discursar sobre a justiça e a honestidade, o qual, quando lhe aprouve expressar-se sobre essas coisas, fundou nos seus escritos toda uma nova sociedade, a tal ponto aquilo que achava que deveria ser dito sobre a justiça diferia do modo de vida e dos valores das sociedades."*

[50] *"Um orador versado nessas ciências e práticas, ao ter de discursar para um público hostil ou parcial ou invejoso ou infeliz ou temeroso, tomará o pulso dos ânimos e, dependendo do que a natureza de cada um demandar, administrará a dose e moderará o discurso, com todo o instrumental preparado e pronto para toda aplicação. [...]"*
"Afinal, não estamos formando um filósofo, nem tampouco um correligionário dos estoicos, mas alguém que deve explorar algumas ciências, e degustar de todas."

[51] *"Já a prática recente dessa eloquência lucrativa e sanguinolenta nasceu dos maus costumes e, como tu, Apro, dizias, encontrou-se no lugar das armas. De resto, aquela geração fecunda, o século de ouro, como costumamos dizer, desprovida tanto de oradores como de acusações, abundava em poetas e vates que cantassem as boas ações, não que defendessem as admitidas a contragosto. A ninguém maior glória ou honras mais elevadas, primeiro, junto aos deuses, de quem, se dizia, anunciavam os oráculos e tomavam parte nos banquetes, depois junto àqueles reis consagrados, filhos de deuses, dentre os quais não ouvimos falar de nenhum advogado, mas de Orfeu e Lino e, se quiseres olhar mais a fundo, do próprio Apolo."*

provocar estranheza; é Apro quem involuntariamente fornece a saída hermenêutica, tendo relativizado as noções de antigo e moderno em seu segundo discurso, algo que discutimos, não sem certa profundidade, na Seção 4.2.2.

Essa observação, inclusive, joga uma nova luz sobre aquilo que Materno entende por liberdade, pois quando critica a oratória desenfreada que atirara a República no caos, ele pontua que *os tolos [a] chamam de liberdade* (Tac. *Dial.*, 40.2 *quam stulti libertatem uocant*). No entanto, no colóquio com Messala, pede-lhe: "quando falares dos antigos, usa da antiga liberdade, da qual decaímos talvez mais do que da eloquência" (Tac. *Dial.*, 27.3: *cum de antiquis loquaris, utere antiqua libertate, a qua uel magis degenerauimus quam ab eloquentia*); de que antiguidade se está falando? Messala crê que é a do séc. I a.C., pois não apenas já descartara a relativização de Apro (Tac. *Dial.*, 25.1-2: *neque enim diu contra dicendum est Apro [...], tamquam parum proprie antiqui uocarentur*), como ainda avisa que, na continuação, seu discurso poderá ser agressivo (Tac. *Dial.*, 27.2: *quid forte aures uestras perstringat, [...] iudicium animi citra damnum affectus proferre*). Messala deveria ter levado a cronologia de Apro mais a sério, porque acaba não lhe caindo muito bem tomar por liberdade a violência da oratória republicana, e depois ter que ouvir que eram os tolos que a chamavam assim.

Finalmente, é importante enfatizar que as falas finais de Materno não evidenciam apenas uma crítica ao regime republicano, mas <u>também</u> ao Principado. Seu descontentamento com a Roma imperial já se evidenciava no primeiro discurso e na recitação de tragédias plausivelmente políticas; no segundo, há uma série de possíveis pequenas ironias, como a paz excessiva de Augusto (Tac. *Dial.*, 38.2: *depacauerat*), a referência a povos bárbaros que podem ter se contentado, mas podem ter sido contidos (o latim permite a ambiguidade!) por regimes autocráticos (Tac. *Dial.*, 40.3: *contenta fuerit*), o próprio fato de serem eles o exemplo de calma social, e a própria confissão em Tac. *Dial.*, 41.1 de que, se a oratória forense é sinônimo de problema, que houvesse ainda um fórum ativo em Roma era prova de que os problemas daquela sociedade persistiam:

> *"sic quoque quod superest antiquis oratoribus forum non emendatae nec usque ad uotum compositae ciuitatis argumentum est. quis enim nos aduocat nisi aut nocens aut miser? quod municipium in clientelam nostram uenit, nisi quod aut uicinus populus aut domestica discordia agitat? quam prouinciam tuemur nisi spoliatam uexatamque?*[52] *"* (Tac. *Dial.*, 41.1-2)

Diante da constatação de que em uma sociedade bem constituída o orador é tão inútil quanto um médico para pessoas saudáveis (Tac. *Dial.*, 41.3), o que ainda estaria fazendo a oratória em Roma, se o imperador tivesse realmente organizado a política?

[52] *"Do mesmo modo, o fórum sobreviver aos antigos oradores não é sinal de uma sociedade perfeita e, até onde se queira, organizada. Afinal, quem nos procura senão os culpados ou os desgraçados? Que município fica sob a nossa proteção senão um atormentado por um povo vizinho ou pela discórdia interna? De que província cuidamos senão das espoliadas e devastadas?"*

> *"quid enim opus est longis in Senatu sententiis cum optimi cito consentiant? quid multis apud populum contionibus*[53] *cum de re publica non imperiti et multi deliberent, sed sapientissimus et unus? quid uoluntariis accusationibus cum tam raro et tam parce peccetur? quid inuidiosis et excedentibus modum defensionibus cum clementia cognoscentis obuiam periclitantibus eat?*[54]*"* (Tac. *Dial.*, 41.4)

Ora, essa é a exata citação que fizemos na Seção 5.3, à página 152, que não poucos estudiosos viram como conformista, fatalista. Entretanto, a partir da leitura que estamos fazendo, até mesmo a expressão *sapientissimus et unus* agora parece crítica. Como alguém pode ser sábio sendo sozinho? Pelo menos no paradigma socrático, isso não poderia ocorrer, uma vez que a pesquisa de Sócrates pela verdade tanto era feita tendo por método o diálogo, que sua filosofia amiúde se chamou διαλεκτική.

Então Materno não está falando de uma realidade em que vivia em 75 d.C. sob o governo de Vespasiano[55], e, dada a possível ironia do *sapientissimus et unus*, provavelmente tampouco se trata de uma quebra da quarta parede a fim de elogiar o governo de Trajano, em 102 d.C., como às vezes se aventa na pesquisa moderna; pelo mesmo motivo podemos descartar que seja referência a um Principado ideal que ainda não exista, outra ideia que já circulou. Materno está, em concordância com suas elocuções anteriores, questionando um regime político da opinião, da aparência de verdade mas não da verdade, pouco importa se organizado como uma república de assembleias ou uma autocracia. Afinal, por que pensar que uma querela entre sistemas de governo seria suficiente para motivar um orador-filósofo como Materno? A Grécia não os teve vários? Nem por isso se deixou de lamentar a perda de sua liberdade, quando conquistada.

Igualmente, para Tácito – aliás como para grande parte da tradição clássica acerca da oratória – o que importa não é *República* × *Principado*, mas a tensão entre *retórica* e *verdade*, bem como as implicações morais, políticas e filosóficas dessa dicotomia. Tal questão, tão central para o pensamento da Antiguidade greco-romana, não poderia mesmo ter faltado nessa obra prima do debate retórico (e político) que é o *Diálogo dos Oradores*.

Explorá-la a contento, porém, é matéria para uma monografia bem maior que esta.

---

[53] Sobre permanência das assembleias do povo e da plebe romanos durante o Principado, ver Sirks (2015). No geral, elas desapareceram ao longo do séc. I, e já estavam extintas no séc. II. No entanto, outros tipos de reuniões de cidadãos, como conselhos municipais locais (*curiae*) continuaram existindo.

[54] *"Afinal, para que servem os longos pareceres no Senado se os senadores prestamente entram em acordo? Para que as muitas assembleias populares se delibera sobre os assuntos públicos não a multidão de ignorantes, mas um único e supremo sábio? Para que as acusações de iniciativa própria se são tão raras e insignificantes as faltas? Para que as defesas sobremaneira maliciosas se a clemência do inquiridor vai em socorro aos acusados?"*

[55] O *cum* do passo citado não introduz orações adverbiais temporais; ver Allen e Greenough (2017, §520, §542) para *cum* introduzindo prótese, da qual a apódose é, neste caso, a questão *quid opus est*.

Conclusão e perspectivas

Neste trabalho apresentamos uma tradução do *Diálogo dos Oradores*, de Tácito, que procurou ser fluente, respeitadora do tom e das figuras do texto latino, atenta ao jargão da retórica e portadora de comentários e de um certo aparato crítico mínimo, que permitisse ao leitor de língua portuguesa fruí-la não apenas em sua forma dialógica de estilo neociceroniano, mas também no fundo histórico e teórico em que se insere de debates retóricos e políticos do Principado do primeiro século. A tradução do *Diálogo* foi precedida por uma introdução ao contexto de publicação da obra e sua transmissão, bem como por uma revisão de sua fortuna crítica e do equipamento conceitual mobilizado. Em especial, buscamos entender como o texto poderia fazer sentido para seu público leitor, aculturado em uma tradição retórica específica e acostumado a uma certa exigência de leitura, de precisar ativamente buscar os possíveis sentidos do texto.

Dessas considerações e da análise da obra, vimos que Tácito se vale de estratégias intertextuais (sobretudo, envolvendo a *Institutio Oratoria* de Quintiliano, o *Fedro* de Platão e o *De Oratore*, de Cícero) de criação de sentido, a fim de debater o exercício da oratória nos regimes políticos experimentados por Roma; no jargão de Vasconcellos (2001), é como se o *Diálogo dos Oradores* fosse uma peça literária de segunda ordem, relativa a essa literatura preexistente que citamos. O autor emprega suas personagens Apro e Messala para polemizar com o conteúdo moral-programático da *Institutio*– seja no que tange à prática forense de seu tempo, seja à educação do orador –, e de Materno, a fim de problematizar regimes políticos – não apenas Principado, ou apenas República – em que a retórica e a vida forense assumem papeis preponderantes.

Ademais, o *Diálogo* é desenhado a partir de convenções retóricas que o tornam extremamente ambíguo, além de permitirem à voz do autor – seu posicionamento explícito ou implícito nos debates que enceta – evadir-se irrecuperavelmente do texto, algo que reforça a responsabilidade do leitor quanto à extração de seus sentidos e põe em especial evidência seu papel de copartícipe no estabelecimento desses sentidos (de resto, fato inerente à leitura de qualquer texto). Diante da crítica que Sócrates faz no *Fedro* à retórica e, em particular, à escrita, cujo pressuposto é a inércia do texto diante do leitor, vislumbramos a possibilidade de que o emprego desses dispositivos por Tácito seja uma tentativa de re-

alizar um programa retórico que equipe os gêneros escritos de recursos que lhes permitam alguma forma de interação entre o texto e o público, assim como ocorre na oralidade entre os interlocutores de um diálogo.

Neste trabalho, ainda lançamos algumas bases para reflexões sobre o próprio fazer filológico. Notadamente, definimos o objeto de estudo da filologia como um *fatiche*, fixando um marco de trabalho que nos permite encarar tal ciência como uma atividade experimental, laboratorial, ideia que ainda não foi explorada a contento, nem do ponto de vista teórico, nem das possibilidades práticas que se nos abrem. Exemplo de futura aplicação poderá ser um estudo hermenêutico de Messala a partir da leitura de sua personagem como portadora de certo reacionarismo, em parte notando a maneira como seus discursos retomam a *Institutio*, em parte pela forma como professa seus valores (e como organiza suas ironias). Falta uma caracterização mais precisa do que seria esse reacionarismo e de como efetivamente se configuraria dentro do enredo do *Diálogo*, além, é claro, de entender seu papel dentro da economia da obra; nesse sentido, aportes da moderna recepção crítica virão a ser fundamentais.

Senão, as conclusões que obtivemos motivam uma pesquisa mais aprofundada sobre como a tradição retórica antiga, e também o pensamento político da Antiguidade, abordaram as implicações mútuas entre duas dicotomias: *verdade* $\times$ *retórica* de um lado, e do outro *democracia* $\times$ *autoritarismo*. Essa certamente será uma investigação de fôlego, que não coube em um trabalho dedicado apenas a Tácito.

Finalmente, agora sim concentrando-nos em Tácito, a experiência de tradução com o *Diálogo*, as soluções encontradas e o entendimento do estilo do autor, bem como as informações que levantamos ao estudar o intrincado funcionamento dessa obra, justificam novas traduções de seus escritos.

Referências Bibliográficas

Referências antigas

[Cic. *Att.*] Cícero: *Epistulae ad Atticum*

[Cic. *de Orat.*] Cícero: *De Oratore*

[Cic. *Leg.*] Cícero: *De Legibus*

[Cic. *Orat.*] Cícero: *Orator*

[Dio.] Dião Cássio: *Ῥωμαϊκὴ Ἱστορία*

[Plat. *Phaedo*] Platão: *Φαίδων*

[Plat. *Phaedrus*] Platão: *Φαῖδρος*

[Plin. *Ep.*] Plínio: *Epistulae*

[Quint. *Inst.*] Quintiliano: *Institutio Oratoria*

[Sen. *Con.*] Sêneca: *Controuersiae*

[Suet. *Cal.*] Suetônio: *Caligula*

[Tac. *Ag.*] Tácito: *Agricola*

[Tac. *Ann.*] Tácito: *Annales*

[Tac. *Dial.*] Tácito: *Dialogus de Oratoribus*

[Verg. *G.*] Virgílio: *Georgicae*

Edições críticas, comentários e traduções

[Arici 1959] Arici, A. (ed.): *Tacito. Dialogo Degli Oratori, Germania, Agricola.* UTET, 1959 (Classici Latini)

[Avellar e Rezende 2014] Avellar, J. (ed.) ; Rezende, A. (ed.): *Tático. Diálogo dos Oradores.* Autêntica, 2014 (Coleção Clássica)

[Bailey 1987] Bailey, D. (ed.): *M. Tulli Ciceronis Epistulae ad Atticum. I Libri I–VIII.* Teubner, 1987 (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana)

[Bornecque e Goelzer 1906] Bornecque, H. (ed.) ; Goelzer, H. (ed.): *Tacite. Dialogues des Orateurs.* Les Belles Lettres, 1906 (Collection Budé)

[Burnet 1903] Burnet, J. (ed.): *Plato. Platonis Opera.* Oxford University Press, 1903 (Oxford Classical Texts)

[Butler 1920] Butler, H. (ed.): *Quintilian. The Institutio Oratoria. I Books 1, 2, 3.* Willian Heinemann and G. P. Putnam's Sons, 1920 (The Loeb Classical Library)

[Butler 1922] Butler, H. (ed.): *Quintilian. The Institutio Oratoria. IV Books 10, 11, 12.* Willian Heinemann and G. P. Putnam's Sons, 1922 (The Loeb Classical Library)

[Dindorf 1864] Dindorf, L. (ed.): *Dionis Cassii Cocceiani Historia Romana. Διώνος Κασσίου Κοκκηϊανοὺ Ῥωμαϊκὴ Ἱστορία.* Teubner, 1864 (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana)

[Foster 1914] Foster, H. (ed.): *Cassius Dio Cocceianus. Historia Romana.* The MacMillan Co., 1914 (Loeb Classical Library)

[Gudeman 1894] Gudeman, A. (ed.): *P. Cornelii Taciti Dialogus de Oratoribus.* Ginn & Company, 1894

[Heubner 1983] Heubner, H. (ed.): *Cornelii Taciti libri qui supersunt. II Dialogus de Oratoribus.* De Gruyter, 1983 (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana)

[Kumaniecki 1995] Kumaniecki, K. (ed.): *M. Tulli Ciceronis scripta quae manserunt omnia. III De Oratore.* De Gruyter, 1995 (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana)

[Mayer 2001] Mayer, R. (ed.): *Tacitus. Dialogus de Oratoribus.* Cambridge University Press, 2001 (Cambridge Latin and Greek Classics)

[Page e Rouse 1914] Page, T. (ed.) ; Rouse, W. (ed.): *Tacitus. Dialogus, Agricola, Germania.* The MacMillam Co., 1914 (The Loeb Classical Library)

[Reinhardt e Winterbottom 2006] Reinhardt, T. (ed.) ; Winterbottom, M. (ed.): *Quintilian. Institutio Oratoria. Book II.* Oxford University Press, 2006

[Requejo 1981] Requejo, J. (ed.): *Tácito. Agrícola, Germania, Diálogo Sobre Los Oradores.* Editorial Gredos, 1981 (Biblioteca Clásica Gredos)

[da Silva 1974] Silva, A. da (ed.): *Tático. Obras menores.* Horizonte, 1974

[Winterbottom e Olgivie 1975] Winterbottom, M. (ed.) ; Olgivie, R. (ed.): *P. Cornelii Taciti opera minora.* Oxford Clarendon Press, 1975 (Oxford Classical Texts)

[Yunis 2011] Yunis, H. (ed.): *Plato. Phaedrus.* Cambridge University Press, 2011 (Cambridge Greek and Latin Classics)

Referências Modernas

[Allen e Greenough 2017] Allen, J. ; Greenough, J. ; Greenough, J. (ed.) ; Howard, A. (ed.) ; Kittredge, G. (ed.) ; d'Ooge, B. (ed.): *New Latin grammar for schools and colleges.* Martino Fine Books, 2017

[Ambrosio 2005] Ambrosio, R.: *De rationibus exordiendi: os princípios da história em Roma.* Humanitas, 2005

[Arpe 1940] Arpe, C.: *Substantia. Philologus* 94 (1940), pp. 65–78

[Machado de Assis 2004] Assis, J. Machado de: *O velho Senado.* Senado Federal, 2004 (Edições do Senado Federal)

[Bailly] Bailly, A. ; Greco, G. (ed.): *Dictionnaire grec-français.* French & European Pubns, 2020

[Barnes 1981] Barnes, T.: Curiatius Maternus. *Hermes* 109 (1981), vol. 3, pp. 382–384

[Beard 1993] Beard, M.: *Looking (harder) for Roman myth: Dumézil, declamation and the problems of definition.* pp. 44–64. Graf, F. (ed.): *Mythos in mythenloser Gesellschaft: das Paradeigma Roms*, De Gruyter, 1993 (Colloquia Raurica)

[Bennett 2007] Bennett, B.: Spanish declaimers in the elder Seneca. *Advances in the History of Rhetoric* 10 (2007), vol. 1, pp. 1–17

[Van den Berg 2014a] Berg, C. Van den: Intratext, declamation and dramatic argument in Tacitus' Dialogus de Oratoribus. *The Classical Quarterly* 64 (2014), vol. 1, pp. 298–315

[Van den Berg 2014b] Berg, C. Van den: *The world of Tacitus'* Dialogus de Oratoribus. Cambridge University Press, 2014

[Bloomer 2007] Bloomer, W.: *Roman Declamation: The Elder Seneca and Quintilian.* pp. 297–306. Dominik, W. (ed.) ; Hall, J. (ed.): *A companion to Roman rhetoric*, Blackwell, 2007 (Blackwell companions to the Ancient World)

[Bordwell e Thompson 2013] Bordwell, D. ; Thompson, K.: *A arte do cinema: uma introdução.* Editora da Unicamp, 2013

[Breitenbach 2010] Breitenbach, A.: Sokrates und Curiatius Maternus. Zur Bedeutung von Platons *Symposion* für den taciteischen *Dialogus de Oratoribus. Museum Helveticum* 67 (2010), vol. 3, pp. 146–163

[Brink 1993] Brink, C.: History in the *Dialogus de Oratoribus* and Tacitus the historian: a new approach to an old source. *Hermes* 121 (1993), pp. 335–349

[Brink 1994] Brink, C.: Can Tacitus' *Dialogus* be dated? Evidence and historical conclusions. *Harvard Studies in Classical Philology* 96 (1994), pp. 251–280

[Van den Broek 1972] Broek, R. Van den: *The Myth of the Phoenix: According to Classical and Early Christian Traditions.* E. J. Brill, 1972

[Buzelin 2005] Buzelin, H.: Unexpected allies. *The Translator* 11 (2005), vol. 2, pp. 193–218

[Cardoso 2020] Cardoso, I.: *Theatrum mundi*: filologia e imitação. *Classica* 33 (2020), vol. 2, pp. 121–149

[Chisholm 1911] Chisholm, H. (ed.): *Encyclopaedia Britannica.* Cambridge University Press, 1911

[Causeret 1886] Causeret, C.: *Étude sur la langue de la rhétorique et de la critique littéraire dans Cicéron.* Cambridge University Press, 1886

[DELP] *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa.* Companhia Editora Nacional, 2008

[Deniaux 2006] Deniaux, E.: *Patronage.* pp. 401–420. In: Morstein-Marx, R. (ed.) ; Rosenstein, N. (ed.): *A companion to Roman Republic*, Blackwell, 2006 (Blackwell companions to the Ancient World)

[Devine e Stephens 2006] Devine, A. ; Stephens, L.: *Latin Word Order – structured meaning and information.* Oxford University Press, 2006

[Dominik 2007] Dominik, W.: *Tacitus and Pliny on oratory.* pp. 323–338. Dominik, W. (ed.) ; Hall, J. (ed.): *A companion to Roman rhetoric*, Blackwell, 2007 (Blackwell companions to the Ancient World)

[Dominik e Hall 2007] Dominik, W. (ed.) ; Hall, J. (ed.): *A companion to Roman rhetoric*. Blackwell, 2007 (Blackwell companions to the Ancient World)

[Dressler 2013] Dressler, A.: Poetics of conspiracy and hermeneutics of suspicion in Tacitus' *Dialogus de Oratoribus*. *Classical Antiquity* 32 (2013), vol. 1, pp. 1–34

[Duncan-Jones 1994] Duncan-Jones, R.: *Money and Government in the Roman Empire*. Cambridge University Press, 1994

[Ernout e Thomas 1951] Ernout, A. ; Thomas, F.: *Syntaxe latine*. Librairie C. Klincksieck, 1951

[Fairweather 1981] Fairweather, J.: *Seneca the Elder*. Cambridge University Press, 1981 (Cambridge Classical Studies)

[Gillis 1972] Gillis, D.: The speaker of 36-40.1 in the *Dialogus*. *Latomus* 31 (1972), vol. 2, pp. 512–518

[Grebe 2004] Grebe, S.: Augustus' divine authority and Vergil's *Aeneid*. *Vergilius* 50 (2004), pp. 35–62

[Griffin 1972] Griffin, M.: The elder Seneca and Spain. *The Journal of Roman Studies* 62 (1972), pp. 1–19

[Gunderson 2009] Gunderson, E. (ed.): *The Cambridge companion to the ancient rhetoric*. Cambridge University Press, 2009

[Güngerich 1951] Güngerich, R.: Der *Dialogus* des Tacitus und Quintilians *Institutio Oratoria*. *Classical Philology* 46 (1951), vol. 3, pp. 159–164

[Güngerich 1980] Güngerich, R.: *Kommentar zum Dialogus des Tacitus*. Vandenhoeck & Ruprecht, 1980

[Häussler 1986] Häussler, R.: Aktuelle Probleme der *Dialogus*-Rezeption: Echtheitserweise und Lückenumgang. *Philologus* 130 (1986), vol. 1-2, pp. 69–95

[Hess 1900] Hess, R.: *Zur Deutung der Begriffe: sententia, divisio, color bei Seneca*. Gustav Eichstädt, 1900

[Ibbetson 2015] Ibbetson, D.: *Sources of law from the Republic to the Dominate*. pp. 25–44. In: Johnston, D. (ed.): *The Cambridge companion to Roman law*, Cambridge University Press, 2015

[Inghilleri 2005] Inghilleri, M.: The sociology of Bourdieu and the construction of the 'object' in Translation and Interpreting Studies. *The Translator* 11 (2005), vol. 2, pp. 125–145

[Jakobson 1960] Jakobson, R.: *Linguistics and Poetics.* pp. 350–377. Sebeok, T. (ed.): *Style in Language*, The Technology Press of MIT and John Wiley & Sons, Inc., 1960

[Keeline 2018] Keeline, T.: *Tacitus: Dialogus de Cicerone?* pp. 223–276. In: *The reception of Cicero in the early Roman empire: the rhetorical schoolroom and the creation of a cultural legend*, Cambridge University Press, 2018

[Kragelund 2012] Kragelund, P.: Tacitus, Dio and the "sophist" Maternus. *Historia: Zeitschrift für alte Geschichte* 61 (2012), vol. 4, pp. 495–506

[Köhnken 1973] Köhnken, A.: Das Problem der Ironie bei Tacitus. *Museum Helveticum* 30 (1973), pp. 32–54

[Latour 2021] Latour, B.: *Sobre o culto moderno dos deuses fatiches.* Editora Unesp, 2021

[Leo 1878] Leo, F. (ed.): *L. Annaei Senecae Tragoediae.* Berolini, 1878

[Lévy 2003] Lévy, C.: *Le "lieu commun" de la décadence de l'éloquence romaine chez Sénèque le Père et Tacite.* pp. 237–247. In: Bonnafous, S. (ed.): *Argumentation et discours politique: antiquité grecque et latine, révolution française, monde contemporain*, Presses Universitaires de Rennes, 2003

[Luce 1993] Luce, T.: *Reading and response in the Dialogus.* pp. 11–38. Luce, T. (ed.) ; Woodman, A. (ed.): *Tacitus and the Tacitean Tradition*, Princeton University Press, 1993 (Princeton Legacy Library)

[Marouzeau 1922–53] Marouzeau, J.: *L'ordre des mots dans la phrase latine. I–IV.* Ed. Champion, 1922–53

[Montefusco 1986] Montefusco, L.: *La dottrina degli status nella retorica greca e romana.* Olms-Weidmann, 1986

[Murgia 1978] Murgia, C.: *Loci conclamati* in the minor works of Tacitus. *California Studies in Classical Antiquity* 11 (1978), pp. 159–178

[Murgia 1979] Murgia, C.: The length of the lacuna in Tacitus' *Dialogus. California Studies in Classical Antiquity* 12 (1979), pp. 221–240

[Nicolet 1976] Nicolet, C.: *Le métier de citoyen dans la Rome républicaine.* Éditions Gallimard, 1976

[OLD] Glare, P. (ed.): *Oxford Latin Dictionary.* Oxford University Press, 1968–82

[Peck 1897] Peck, H.: *Harper's Dictionary of Classical Literature and Antiquities.* Harper & Brothers, 1897

[Possanza 1995] Possanza, M.: A crux in Tacitus *Dialogus* 5.3–4. *Phoenix* 49 (1995), pp. 131–139

[Reinhardt 2003] Reinhardt, T.: *Cicero. Topica.* Oxford University Press, 2003 (Oxford Classical Monographs)

[Reitz-Joosse 2014] Reitz-Joosse, B.: Denouncing one's friends: the ending of Tacitus' *Dialogus. Mnemosyne* 67 (2014), pp. 115–121

[Rutledge 2007] Rutledge, S.: *Oratory and politics in the Empire.* pp. 109–121. Dominik, W. (ed.) ; Hall, J. (ed.): *A companion to Roman rhetoric*, Blackwell, 2007 (Blackwell companions to the Ancient World)

[Sirks 2015] Sirks, A.: *Public Law.* pp. 332–352. In: Johnston, D. (ed.): *The Cambridge companion to Roman law*, Cambridge University Press, 2015

[Smith 1873] Smith, W.: *A dictionary of Greek and Roman biography and mythology.* Spottiswoode and Co., 1873

[Smith et al. 1890] Smith, W. (ed.) ; Wayte, W. (ed.) ; Marindin, G. E. (ed.): *Dictionary of Greek and Roman Antiquities.* John Murray, 1890

[Strunk 2010] Strunk, T.: Offending the powerful: Tacitus' *Dialogus de Oratoribus* and safe criticism. *Mnemosyne* 63 (2010), vol. 2, pp. 241–267

[Stuart 1909] Stuart, D.: *Tacitus. The Agricola.* Macmillan, 1909

[Syme 1957] Syme, R.: The Friend of Tacitus. *The Journal of Roman Studies* 47 (1957), vol. 1/2, pp. 131–135

[Syme 1958] Syme, R.: *Tacitus. I–II.* Oxford Clarendon Press, 1958

[Syme 1985] Syme, R.: The paternity of polyonymous consuls. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 61 (1985), pp. 191–198

[Tatum 2015] Tatum, W.: *The practice of politics and the unpredictable dynamics of clout in the Roman Republic.* pp. 257–273. In: Hammer, D. (ed.): *A companion to Greek Democracy and Roman Republic*, Blackwell, 2015 (Blackwell companions to the Ancient World)

[TLL] *Thesaurus Linguae Latinae.* Munique, 1900–

[Vasconcellos 2001] Vasconcellos, P. de: *Efeitos intertextuais na* Eneida *de Virgílio.* Humanitas, 2001

[Williams 1978] Williams, G.: *Change and decline: Roman literature in the early empire.* University of California Press, 1978 (Sather Classical Lectures)

[Winterbottom 1964] Winterbottom, M.: Quintilian and the *Vir Bonus. The Journal of Roman Studies* 54 (1964), pp. 90–97

[Winterbottom 2001] Winterbottom, M.: *Returning to Tacitus'* Dialogus. pp. 137–155. In: Wooten, C. (ed.): *The orator in action and theory in Greece and Rome*, Brill, 2001 (Mnemosyne, Supplements)

[Yakobson 2017] Yakobson, A.: optimates, populares. In: *Oxford Classical Dictionary* 22 (2017). – URL `https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-4578`

[Zwierlein 1997] Zwierlein, O.: Die chronische Unpässlichkeit des Messalla Corvinus. *Hermes* 125 (1997), vol. 1, pp. 85–91